

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES**



**O Museu de S. Roque no Limiar do Século XXI:
Nova Reprogramação Museológica**

VOL. I

Isabel Maria Teixeira Faria de Ferreira Guedes

MESTRADO EM MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

2006

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**O Museu de S. Roque no Limiar do Século XXI:
Nova Reprogramação Museológica**

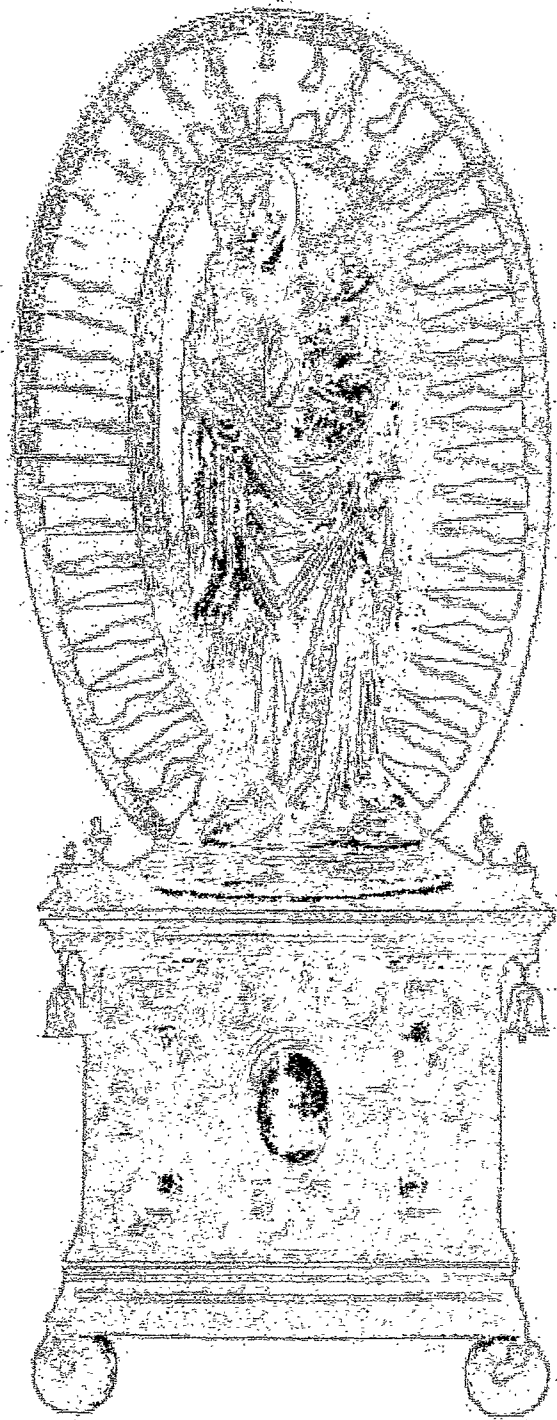
VOL. I

Isabel Maria Teixeira Faria de Ferreira Guedes

MESTRADO EM MUSEOLOGIA E MUSEOGRAFIA

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Fernando António Baptista Pereira
e pelo Prof. Escultor Carlos Amado

2006



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a minha enorme gratidão é dirigida aos meus orientadores: Professor Doutor Fernando António Baptista Pereira e Professor Escultor Carlos Amado, Coordenador do Mestrado em Museologia e Museografia da Faculdade de Belas-Artes, cuja orientação estimulante e exigente tornou possível a elaboração da presente tese. Pelo incondicional e paciente acompanhamento em todas as fases deste trabalho desde os momentos iniciais da pesquisa até à conclusão desta dissertação. Não deixarei de exprimir igualmente a minha ilimitada admiração pela grande sabedoria destes professores, cujo rigor aliado às qualidades humanas estiveram sempre presentes em todos os momentos em que a hesitação e a dúvida se instalaram no meu espírito, ao longo deste desafio. Não posso deixar de referir as palavras de encorajamento e motivação aliadas à pertinência dos comentários críticos. Ser-me-á permitido referir a grande amizade existente entre orientadores e orientanda nunca posta em causa e que conjuntamente com a inegável competência das suas orientações me leva a expressar os meus maiores agradecimentos e a minha profunda gratidão.

A segunda palavra de gratidão vai, seguidamente, para os Professores do Mestrado em Museologia e Museografia da Faculdade das Belas-Artes, ano lectivo de 2002/2003, pela competência e sabedoria transmitida, em particular ao Mestre Lagoa Henriques a minha profunda gratidão pela re-educação do meu modo de “ver” e “ler” as obras de arte, bem como, pelas inesquecíveis palavras, amizade e apoio, os meus maiores agradecimentos.

Aos que gentilmente nos concederam as entrevistas: Prof^ª. Doutora Maria João Madeira Rodrigues, Dr. Nuno Vassallo e Silva, Dra. Teresa Freitas Morna, Eng. Luís Elias Casanovas e Designer Cruz de Carvalho, importantíssimos testemunhos, que desta forma contribuíram para uma melhor compreensão e apreensão do património artístico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, envolvendo agora novas realidades museológicas e museográficas.

À Dra. Maria Helena Oliveira, Secretária-Geral da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, pela rara afabilidade e simpatia com que sempre me recebeu, pela oportunidade que me foi concedida de pesquisa e aprendizagem, pela abertura plural de perspectivas no campo

da museologia e museografia, não podendo deixar de exprimir uma enorme admiração pela sua competência e qualidades humanas, manifestando a minha profunda gratidão.

Igualmente, a minha profunda gratidão é dirigida à Dra. Teresa Freitas Morna, Conservadora do Museu de São Roque pelo incondicional apoio e disponibilidade manifestados desde sempre. Não posso deixar de referir que, para além do estímulo e incentivo transmitidos, o seu precioso apoio técnico, experiência e aconselhamento, tornaram possíveis a elaboração da presente tese, o que me leva a expressar os meus maiores agradecimentos.

Ao Dr. António Meira Marques Rodrigues, Técnico Superior do Museu de São Roque pelo enorme apoio técnico e conhecimentos partilhados ao longo deste trabalho, em especial durante toda a fase de pesquisa, dando um contributo inestimável para a elaboração desta dissertação.

Às administrativas Fátima Rodrigues e Elisabete Moreno da mesma instituição pela simpatia e disponibilidade na obtenção de elementos para a conclusão deste trabalho.

Ao Departamento de Audio-Visuais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa na pessoa da Dra. Maria José Luz pela enorme simpatia e apoio na digitalização de imagens, trabalho impecavelmente realizado pelo Sr. Carlos Sousa.

À Dra. Clarisse Santos pelo enorme apoio e precioso aconselhamento na tradução do Resumo desta dissertação.

Ao Arquitecto Felipe Lima pela amabilidade e disponibilização das plantas do projecto de ampliação e remodelação do Museu de S. Roque.

À Designer gráfica Céu Duarte pela enorme simpatia e disponibilidade na elaboração das plantas respeitantes ao nosso projecto museográfico, uma preciosa colaboração que tornou possível a conclusão da presente tese.

À Carla Quintã pelo valioso apoio e disponibilidade na gravação de imagens.

À Elsa Pedrosa, funcionária da Secretaria da Faculdade de Belas-Artes pela enorme simpatia e eficiência na forma como dirigiu o nosso processo de dissertação.

Às Prof.^{as} Doutoras Inês Ornellas e Castro e Maria José Palla pelo grande apoio e inesquecíveis palavras de encorajamento durante a consecução deste trabalho.

Aos meus estimados colegas de Mestrado, que mais de perto me acompanharam e apoiaram, Teresa Madeira, Luís Baptista Peixoto, Francisco Nepomuceno e Dora Fernandes.

Aos amigos de longa data sempre presentes, apoiando-me e encorajando-me ao longo da elaboração da presente tese (perdoem-me que me esqueça agora dos títulos académicos) Filomena Pinto, Manuel Lacerda, José Manuel Oliveira Gonçalves e ainda Vasco Cabral da Câmara, Isabel Ferreira, Ana Correia Pinto e Maria Manuel Casal Ribeiro.

À minha Mãe, a melhor Mãe do mundo, por todo o apoio e amor, que tornaram possíveis a conclusão deste trabalho, ao meu irmão por todo o apoio e encorajamento transmitidos.

À memória de meu pai
À minha mãe, ao meu irmão

ÍNDICE GERAL

VOL. I – O Museu de S. Roque no Limiar do Século XXI – Nova Reprogramação Museológica

Resumo	p. 3
Abstract	p. 4
Introdução	p. 5

PARTE I

Breve Historial do Museu de S. Roque: o património museológico e a instituição	p. 9
CAPÍTULO 1 – A história do “sítio” de S. Roque – a Ermida, a Igreja e Casa Professa, a Santa Casa da Misericórdia.	p. 10
CAPÍTULO 2 – 2. 1. – A constituição das colecções artísticas.	p. 18
2. 2. – O estudo das colecções.	p. 21
CAPÍTULO 3 – A valorização do património: conservação e restauro do imóvel e das colecções.	p. 27
CAPÍTULO 4 – A evolução institucional da entidade museológica até ao presente.	p. 54

PARTE II

O Museu de S. Roque – Diagnóstico da sua evolução museológica e museográfica	p. 61
CAPÍTULO 1 – Principais momentos históricos da instituição e da apresentação museográfica.	p. 62
CAPÍTULO 2 – O Museu segundo os seus anteriores e actuais responsáveis.	p. 71
CAPÍTULO 3 – A Igreja de S. Roque e a sua importância patrimonial e museológica.	p. 84
CAPÍTULO 4 – Diagnóstico e avaliação do Museu na actualidade.	p. 111
4. 1. – Distribuição e caracterização dos espaços	p. 111
4. 1. 1. – Espaços públicos	p. 111
4. 1. 2. – Áreas reservadas	p. 115
4.1. 3. – Acessibilidades	p. 117
4. 2. 1. – Infra-estruturas	p. 118

4. 2. 2. – Sistemas de segurança	p. 118
4. 3. – As colecções	p. 119
4. 3. 1. – Inventário e documentação	p. 121
4. 3. 2. – Política de incorporação	p. 122
4. 3. 3. – Conservação das colecções	p. 123
4. 4. – Exposição, Divulgação e Comunicação	p. 123
4. 4. 1. – A exposição permanente e o discurso expositivo	p. 123
4. 4. 2. – O Serviço Educativo	p. 125
4. 4. 3. – Recursos humanos	p. 127
4. 4. 4. – Públicos	p. 127

PARTE III

Reprogramação do Museu de S. Roque.	p. 128
CAPÍTULO 1 – A razão de ser do Museu. Missão e Objectivos.	p. 129
CAPÍTULO 2 – Vocação, público-alvo e funções museológicas.	p. 132
CAPÍTULO 3 – Análise da proposta de ampliação e remodelação em curso e definição de novos pressupostos programáticos.	p. 139
CAPÍTULO 4 – Nova proposta de especialização.	p. 143
1. – Proposta de Ampliação do Museu.	p. 143
CAPÍTULO 5 – Programação do discurso expositivo.	p. 149
Conclusão	p. 248
Bibliografia	p. 251

Anexos

VOL. II – Plantas

Resumo

A presente dissertação de mestrado debruça-se sobre uma proposta de reprogramação e redefinição dos espaços expositivos do Museu de S. Roque, tendo em conta a sua vocação e a pluralidade inerente ao próprio acervo, entendido como um notável repositório de arte móvel, conservando uma das mais importantes colecções de arte a nível nacional, integradas num edifício com características muito peculiares, a antiga Casa Professa da Companhia de Jesus com a sua notável Igreja. O Museu, com cerca de cem anos de existência, sempre procurou ultrapassar as limitações inerentes às diferentes épocas, adaptando o discurso expositivo às restrições impostas pelo espaço existente. Assim, o trabalho que nos propomos elaborar aborda uma proposta de requalificação do Museu de S. Roque em edifício histórico, integrado no conjunto arquitectónico da Igreja de S. Roque, classificada como Monumento Nacional desde 1910, equacionando com este projecto a preservação das características originais do Museu, não descurando o seu valor histórico, artístico, patrimonial e simbólico. A multiplicidade tipológica e funcional do seu acervo encontra-se traduzida em colecções de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Iluminura e Têxteis, que se distinguem como testemunhos da sucessiva presença de três instituições: a Irmandade de S. Roque, a Companhia de Jesus na Igreja e Casa Professa de S. Roque e a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Pelos motivos referidos, e sendo o Museu um local de fruição e lazer, mas também de educação e aprendizagem, deverá ser entendido como um espaço cultural de excepção, em que a contextualização e valorização dos espécimes que o integram espelhará a própria identidade da instituição. Com base em novos critérios museológicos e museográficos, procuraremos apresentar soluções que permitam a realização de uma reestruturação física e programática, pensada em função de uma instituição moderna e operante. Nos novos espaços do Museu de S. Roque, a heterogeneidade das colecções permitirá o cruzamento de leituras e informações de carácter histórico e artístico, elucidando de forma clara a diversidade do espólio conservado entre os séculos XVI e XVIII.

Palavras – Chave: Ermida de S. Roque, Jesuítas, Misericórdia de Lisboa, Igreja de S. Roque, Capela de S. João Baptista, Arte Sacra, Museu, Reprogramação e Discurso Expositivo.

Abstract

This dissertation for the master degree is about the reprogramming and the redefinition of the exhibition spaces of St. Roch Museum, taking into consideration its vocation and the plurality of its collections which are a remarkable repository of mobile art, one of the most important in Portugal, integrated in a building with very peculiar characteristics, the old Professed House of the Society of Jesus and its Church. About one hundred years old, the Museum has always endeavoured to go beyond the limits of the different epochs, by adapting the exhibition discourse to the restrictions of the existing space. So the work we intend to carry out is a proposal for the requalification of St. Roch Museum, a historic building integrated in the architectural complex of St. Roch Church, classified as national monument since 1910, equalizing with this project the preservation of the original characteristics of the museum, without neglecting its historic, artistic, patrimonial and symbolic value. The typological and functional multiplicity of its collections presents itself in painting, sculpture, goldsmithery, illuminations and textiles, that testify the presence of successive institutions such as the Brotherhood of St. Roch, the Society of Jesus in St. Roch Church and Professed House and the Misericórdia of Lisbon (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa). Owing to this, as it is a place of fruition and learning as well, the museum should be understood as an exceptional site of culture in which the contextualization and the valorization of its specimen reflect the very identity of this museum. Based on new concepts of museology and museography we intend to present solutions that will allow a physical and programmatic re-structuration, adapted to a modern operative institution. In the new spaces of St. Roch Museum the heterogeneity of its collections will enable the crossing of reading and information of historic and artistic character, making clear the presentation of the diversity of the pieces kept between the 16 th and the 18 th centuries.

Key words: St. Roch Chapel, Jesuits, Misericórdia of Lisbon (Santa Casa da Misericórdia de Lisboa), St. Roch Church, St. John the Baptist Chapel, Sacred Art, Museum, Reprogramming and Exhibition Discourse.

INTRODUÇÃO

O Museu de S. Roque foi inaugurado a 11 de Janeiro de 1905 por Suas Majestades o Rei Dom Carlos e a Rainha Dona Amélia, com o propósito de expor e dar a conhecer ao público a vasta e relevante colecção de alfaias e paramentos setecentistas, de origem italiana, pertencentes ao Tesouro da Capela de S. João Baptista. Encontra-se, ontem e hoje, este Museu inserido numa das principais zonas históricas da cidade e, simultaneamente, num eixo turístico-cultural que abrange outros museus e monumentos históricos com semelhante valor cultural.

Poder-se-á afirmar que, desde a sua fundação até aos dias de hoje, o Museu de S. Roque manteve inalterada a sua vocação original, que o reconhecia como mero repositório de arte religiosa aqui apresentada, ilustrando, pelas valiosas peças de carácter histórico e artístico, a grandiosa doação da Capela de S. João Baptista e seu Tesouro à Companhia de Jesus, demonstrativa da magnificência e do gosto aprimorado que definiu a época opulenta de D. João V, igualmente com outros admiráveis espécimes, reflexo da profícua acção missionária dos jesuítas, concretizada pelas intensas trocas comerciais ocorridas durante o século XVII. Todo um acervo artístico herdado dos Irmãos de Santo Inácio de Loyola, notáveis testemunhos do passado, que foram, pelas vicissitudes da História, juntar-se aos acumulados com particular empenho pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa durante cinco séculos de existência.

A multiplicidade tipológica e funcional do acervo do Museu encontra-se traduzida na diversidade das suas colecções, designadamente de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Iluminura e Têxteis, que se distinguem como testemunhos da presença da Companhia de Jesus na Igreja e Casa Professa de S. Roque, por sua vez herdeira da Ermida de S. Roque, fundada nos inícios de quinhentos. O Museu, ao longo de cerca de cem anos, procurou ultrapassar as limitações inerentes às diferentes épocas e às distintas origens dos espólios reunidos, adaptando o discurso expositivo às restrições impostas pelo espaço existente.

Face ao exposto, consideramos como prioridade a ampliação e redefinição dos espaços expositivos do Museu de S. Roque, tendo em conta a sua vocação e a pluralidade inerente ao próprio acervo, entendido como admirável repositório de arte móvel, conservando uma das mais importantes colecções de arte a nível nacional, integradas num edifício com

características muito peculiares, a antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, sendo igualmente este Museu um caso particular, por incorporar no seu percurso museológico uma obra arquitectónica de referência.

Assim, a presente dissertação que nos propusemos elaborar, intitulada “O Museu de S. Roque no Limiar do Século XXI: Nova Reprogramação Museológica”, pensa numa requalificação do Museu de S. Roque em edifício histórico, integrado no conjunto arquitectónico da Igreja de S. Roque, classificada como Monumento Nacional desde 1910, equacionando com esta proposta a preservação das características originais do Museu, não descurando o valor histórico, artístico, patrimonial e simbólico desta instituição.

Pelos motivos referidos, e sendo o Museu um local único de fruição e deslumbramento, com responsabilidade na salvaguarda, estudo e divulgação do património cultural, deverá ser entendido como um espaço cultural de excepção, em que a contextualização e valorização dos espécimes que o integram espelhará a própria identidade da instituição. Entendemos, deste modo, que o Museu de S. Roque é efectivamente um dos mais importantes museus de arte a nível nacional, pela qualidade e raridade do seu acervo, reunido num espaço com características muito particulares.

É esse o ponto de partida da nossa dissertação: que esta proposta possa constituir uma mais valia para um renovado Museu de S. Roque, preconizando a sua ampliação e redefinição da área expositiva, à luz dos novos critérios museológicos. Que este projecto possa constituir uma clara e elucidativa redefinição museológica, à luz do século XXI.

Assim, nas páginas que se seguem procuraremos apresentar soluções que permitam a realização de uma melhoria na reestruturação física e programática, pensada em função de uma instituição que se afirma moderna e actuante. Interessa-nos compreender de que modo o Museu foi pensado enquanto espaço de fruição estética, enquanto espaço de estudo das artes e enquanto espaço de memória que ele próprio representa. No novo Museu de S. Roque, a heterogeneidade das colecções permitirá o cruzamento de leituras e informações de carácter histórico e artístico, elucidando de forma clara a multiplicidade do espólio conservado entre os séculos XVI e XVIII.

A metodologia de investigação para o presente trabalho obedeceu a uma perspectivação do objecto de estudo segundo três vectores fundamentais. Na primeira fase da

investigação, procurámos obter um suporte teórico-prático, através das entrevistas informais realizadas aos anteriores e actuais responsáveis do Museu de S. Roque, considerando estas relevantes para o entendimento do Museu enquanto instrumento de comunicação e designadamente no âmbito de um Museu de Arte Religiosa incorporando raras e valiosas colecções de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Têxteis e Iluminura. Na segunda fase da investigação, e a partir dos resultados inicialmente obtidos com a reflexão teórico-prática produzida, procedemos a uma pormenorizada pesquisa bibliográfica e de arquivo, tendo presente os respectivos enquadramentos históricos e artísticos relativos à origem e evolução desta instituição e do seu acervo. Na última fase, a metodologia adoptada para atingir o nosso principal objectivo encontrou os seus fundamentos numa análise "in loco" relativamente às realidades museológicas em questão. Para tal, foram empreendidas sucessivas observações nos espaços expositivos e áreas reservadas deste museu, procedendo-se ao estudo da organização espacial do imóvel e potencialização do mesmo numa nova proposta de reprogramação.

No que concerne à estruturação da dissertação, entendemos como essencial uma organização repartida em três partes: a Parte I foi destinada à apresentação da instituição museal e sua evolução histórica, abordando ainda a constituição das colecções artísticas e seu estudo, incluímos igualmente um capítulo abordando a valorização do seu património móvel e imóvel. Na Parte II procurámos desenvolver um diagnóstico detalhado do actual Museu e sua evolução museológica e sobretudo museográfica, integrando uma exposição abreviada da política seguida pelos seus anteriores e actuais responsáveis. Por último, uma análise ao projecto de ampliação e remodelação em curso e a nossa proposta de reprogramação do Museu de S. Roque, que justifica e dá o título à presente dissertação.

No que diz respeito à Bibliografia, optámos por ordenar alfabeticamente toda a bibliografia geral, excluindo as fontes manuscritas e impressas e os Catálogos de Exposições ordenados cronologicamente.

Por fim, gostaríamos de referir que no Volume I deste trabalho foram integrados em anexo, os quadros específicos relativos aos restauros referidos no Capítulo 3 da Parte I, a transcrição integral das entrevistas abordadas no Capítulo 2 da Parte II desta dissertação e as fotos de anteriores arranjos do Museu. No Volume II foram incluídas as plantas do

actual Museu, tanto aquelas que dizem respeito ao futuro projecto de ampliação, como as que pertencem à nossa proposta.

PARTE I

Breve Historial do Museu de S. Roque: o património museológico e a instituição

CAPÍTULO 1 – A história do “sítio” de S. Roque – a Ermida, a Igreja e Casa Professa, a Santa Casa da Misericórdia.

A história de S. Roque – Ermida, Igreja e Casa Professa

Situado numa das sete colinas de Lisboa, o Largo Trindade Coelho, antigo Largo da Misericórdia, era, no início do século XVI, um extenso olival, que, pelas suas características geográficas, favorecia a defesa da cidade e onde se construiu a Torre de Álvaro Pais¹. Era também local de enterramento das vítimas da peste trazida por uma nau veneziana, propagando a doença com tal violência sendo uma das mais cruéis epidemias que até então houve em Portugal². Este facto levou o Rei e a sua corte a sair da capital, para residir temporariamente em Almeirim.

Tinham chegado ao nosso país rumores de muitos milagres atribuídos ao corpo de S. Roque, depositado em Veneza, ou concedidos a muitos devotos, o que levou o Rei D. Manuel a solicitar à Senhora de Veneza uma relíquia salvadora dos enfermos que em Portugal lutavam contra o terrível flagelo.

Quando chegou ao nosso país a tão desejada relíquia do Santo, realizou-se, por essa ocasião, um grandioso cortejo para a conduzir ao outeiro, exactamente onde ficava o cemitério das vítimas, já fora dos muros da cidade³.

Foi precisamente nesse lugar que, em 1506, se ergueu uma Ermida sob a invocação de S. Roque⁴. Foi a fidalguia e o povo a edificarem o pequeno templo, cuja sagração pelo Bispo D. Duarte foi a 25 de Fevereiro de 1515⁵.

¹ A Torre de Álvaro Pais era a oitava porta da cidade. Também conhecida como “Porta do Condestável ou “Postigo do Carmo” e mais tarde “Postigo de S. Roque”, por conservar no alto do arco uma imagem do santo até 1755. Cf. *Resumo Histórico da origem da Ermida de S. Roque e da sua Irmandade na Cidade de Lisboa*, Lisboa, 1869, p. 3. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1999, p. 11. Teresa Freitas Morna “A Ermida de S. Roque – Testemunhos Históricos e Artísticos” in *Catálogo A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 9, 10. Do mesmo autor: “O Museu de São Roque - 100 Anos de História 1905-2005” in *Catálogo 100 Anos – Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 11.

² No ano de 1505 deflagrou em Portugal uma das maiores epidemias de peste, espalhando-se este mortífero surto por todo o país.

³ Em 1373 o Rei D. Fernando mandou cercar a cidade de Lisboa com muros e altas torres – 38 portas e 77 torres. Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1999, p.52.

A construção da Ermida foi orientada conforme a tradição medieval, de Oeste para Este, e a porta principal dava para a actual rua de S. Pedro de Alcântara: a cabeceira da Ermida coincidia com a actual Capela de S. Roque⁶, e a porta com o local onde hoje se situa a Capela-Mor. No “*Adro da Peste*”, que pertencia à Ermida foi consagrado a 24 de Maio de 1527 pelo Bispo D. Ambrósio, existia uma lápide que testemunhou o facto, e que actualmente está depositada num corredor do edificio da Misericórdia de Lisboa, antiga galeria da Casa Professa de S. Roque⁷.

No interior da Igreja, no soalho em madeira, e na zona central existem ainda ossadas das vítimas da peste, visto que o cemitério existente na altura foi conservado no espaço interior da Igreja⁸.

Quando a obra da Ermida terminou, ficou instituída a Irmandade de S. Roque⁹ com os seus próprios estatutos, tradições, culto e manutenção da actual Capela de S. Roque, e ficaram como titulares pessoas reais, fidalgos e povo.

Alguns anos mais tarde, no reinado de D. João III, os primeiros padres da Companhia de Jesus entravam em Portugal, trazidos por D. Pedro de Mascarenhas, embaixador da Corte Portuguesa em Roma, no ano de 1540. No mesmo ano, chegam também os Padres Simão

⁴ *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas De Lisboa*, Tomo I, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, Oficinas da Gráfica Santelmo, Ano de M. CM. L., p. 217.

⁵ Cf. Teresa Freitas Morna, “A Ermida de S. Roque – Testemunhos históricos e artísticos” in *A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 10. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 12.

⁶ A nova reconstrução da Capela de S. Roque data de 1567. Cf. Baltazar Telles, *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal*, Lisboa, 1647. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 12.

⁷ Cf. Teresa Freitas Morna, “A Ermida de S. Roque – Testemunhos históricos e artísticos” in *A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 10. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 12.

⁸ Durante a intervenção na Igreja de S. Roque foi detectado um conjunto de 18 enterramentos que se presume possa ter pertencido ao antigo cemitério da Ermida de S. Roque. Cf. Maria M. Ramalho, Miguel Soromenho, Ana Nunes, Catarina Serpa, Ana Luísa Santos, Claudia Umbelino, “Da antiga Ermida à Igreja e Casa Professa de S. Roque: Alguns vestígios arqueológicos e antropológicos” in *Catálogo A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 10.

⁹ A Irmandade de S. Roque foi fundada em 1525 – 1527, dotada de bula papal concedida pelo Papa Gregório XIII a 8 de Março de 1583. Cf. *Resumo Histórico da origem da Ermida de S. Roque e da sua Irmandade na Cidade de Lisboa*, Lisboa, 1869, p. 8. Ver ainda: Teresa Freitas Morna, “A Ermida de S. Roque – Testemunhos Históricos e Artísticos” in *Catálogo A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p.10. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 12.

Rodrigues de Azevedo e Francisco Xavier¹⁰, que, hospedados no Hospital de Todos-os-Santos, na Praça do Rossio, se dedicaram aos enfermos ao mesmo tempo que pregavam e doutrinavam. O sítio onde se encontrava a Ermida era uma zona alta e ampla, permitindo juntar grande número de pessoas, acrescido com o movimento da expansão marítima e com a contribuição dos padres residentes no Colégio de Santo Antão¹¹.

Instituída em 1534, a Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola envolvia várias actividades e a fundação de Igrejas, Casas Professas e Colégios, tudo isto favorecendo a implantação da Igreja e Casa Professa de S. Roque, acções muito bem aceites por D. João III.

A construção da Igreja de S. Roque chegou a gerar grandes dificuldades, pelo facto de os Irmãos da Confraria de S. Roque se oporem à cedência da Ermida e “*Adro da Peste*” para a construção da Igreja. Conta-se¹², que se sugeriu a sua construção no Campo de Santa Clara, ideia logo apoiada pela Confraria de S. Roque, pois assim lhes convinha. Conforme a Crónica da Companhia de Jesus¹³, valeu a intervenção de Helena de Mascarenhas, embaixatriz, que por habitar defronte da porta principal do Carmo, nas “*casas do arco*” situadas na zona do “*Postigo de S. Roque*”, que desejava a instalação dos Padres da Companhia de Jesus próximo da sua residência. Segundo Baltazar Telles, “o sítio que aos padres mais contentava e para onde parece que uma inclinação oculta e inspiração fatal os chamava era o da Ermida de São Roque. Ajudava-os a este tácito impulso parecer-lhes que seria mais fácil a sua compra para o templo e para a Casa”¹⁴.

Estabelecido como definitivo o local da antiga Ermida, foi D. Pedro de Mascarenhas, estribeiro-mor, junto dos Irmãos da Confraria para acerto dos seus interesses. Entretanto,

¹⁰ O padre Simão Rodrigues de Azevedo, fundador da Companhia de Jesus em Portugal e companheiro de Inácio de Loyola, falecido em 1579, encontra-se sepultado em S. Roque, conforme testemunha a lápide existente na zona próxima da sacristia. Francisco Xavier viria a pregar a fé católica em terras do Oriente, tendo sido por isso sepultado em Goa. Cf. *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas De Lisboa*, Tomo I, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, Oficinas da Gráfica Santelmo, Ano de M. CM. L., p. 371. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 52.

¹¹ O Colégio de Santo Antão em Lisboa foi fundado a 18 de Outubro de 1553, no edifício do actual Hospital de S. José. Cf. Teresa Freitas Morna “Os Jesuítas e a Arte” in *Catálogo O Púlpito e a Imagem – os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 13.

¹² Cf. Joaquim da Costa Lima, “São Roque e os seus Artistas” in *Separata da Revista Municipal*, Lisboa, 1953, p. 8.

¹³ Baltazar Telles, *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal*, Lisboa, 1647.

¹⁴ Idem, *ibidem*. Ver também: Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 12.

a Companhia de Jesus comprometeu-se a construir à sua custa outra capela no futuro templo, para o culto de S. Roque. Mais tarde, a nova capela foi reconstruída em 1567 e ainda que os padres jesuítas pretendessem mudar a evocação da Igreja, D. João III decidiu manter a sua designação, que perpetua até hoje¹⁵.

Assim, no dia 1 de Outubro de 1553, a Companhia de Jesus tomou posse da pequena Ermida¹⁶, com toda a solenidade e com a presença real, foi rezada missa pelo Provincial da Ordem dos Jesuítas, Padre Jerónimo Nadal, o sermão foi dito pelo padre Francisco de Borja, mais tarde S. Francisco de Borja, que pela primeira vez pregava em Portugal¹⁷ e cujo nome fica assim para sempre ligado à fundação da Igreja e Casa Professa de S. Roque. “Deram vulto ao acto, com a sua presença, o rei D. João III, o príncipe D. João e o Infante D. Luís que então ouviram o famoso Duque de Gandia, S. Francisco de Borja, que, pela primeira vez, pregava em Portugal”¹⁸.

Depois de um curto período de tempo, D. João III quis edificar uma nova igreja com moldes mais amplos e sumptuosos, concebendo três naves, projecto esse desde logo desaprovado pela Companhia de Jesus, cujas normas anti-reformistas sustentavam conceitos de simplicidade e funcionalidade na estrutura das suas construções.

Passa um período de mais ou menos dois anos para se concretizar o plano do novo templo e a primeira pedra é lançada em 1555, pelo padre jesuíta Nunes Barreto, Patriarca da Etiópia. A sua edificação irá redefinir a organização urbanística do bairro, que se chamará Bairro Alto de S. Roque¹⁹.

Baltasar Telles descreve assim esta evolução: “as oliveiras se transformaram em casas, os serrados desabitados se mudaram em edificios grandiosos, cheios de gente nobre e fidalgos ilustres que assemelham uma nova cidade. Fica toda esta povoação fora dos muros de Lisboa, posto que contígua e por muita parte continua com ela. É este bairro, se

¹⁵ O Compromisso da Irmandade de S. Roque foi redigido a 1 de Março de 1628 e aprovado a 27 de Agosto de 1631.

¹⁶ Cf. *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas De Lisboa*, Tomo I, Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa, Oficinas da Gráfica Santelmo, Ano de M. CM. L., p. 220.

¹⁷ Cf. Armando de Lucena, “Igreja de S. Roque e Museu de Arte Sacra”, Separata da obra *A Arte Sacra em Portugal*, p. 109.

¹⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁹ Cf. Baltazar Telles, *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal*, Lisboa, 1647. Ver também para este assunto: Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – subsidios para a sua história*, Typografia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1902, p. 180. Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 13.

não o mais frequentado ao menos o mais gabado; o sítio mais alto da cidade, mais descoberto ao norte, mais lavado de ventos e mais purificado de ares...as ruas são mui largas e mui bem lançadas e de todas a mais formosa e mais larga e por próprio nome rua larga é aquela que leva à casa de São Roque, e de uma Ermida e de três ou quatro casas térreas hoje se vê uma tão grande povoação”²⁰.

Entre 1557 e 1575, pensa-se ter sido Afonso Álvares, arquitecto régio, o principal responsável pela construção da Igreja até à cornija interior. Após esta data, a prossecução da obra parece ter sido da incumbência de Baltazar Álvares²¹.

Afonso Álvares pensa inicialmente numa igreja de três naves, como eram habitualmente as igrejas conventuais²². Seria a solução tradicional. Mas, já a igreja estava a meio, quando se toma a decisão de a fazer de nave única, com capelas laterais, com ainda hoje se conserva.

A Igreja de S. Roque inscreve-se dentro de um modelo inspirado nas disposições do Concílio de Trento, a que corresponde um programa, ditado por um conjunto de regras austeras relativamente à construção de edifícios jesuítos. Um programa baseado em princípios de simplicidade e utilidade²³. “O primeiro princípio regulando a elevação de estabelecimentos jesuítos irá ser o de utilidade: as construções planificadas devem ser simples, salubres, adaptadas ao fim requerido e isentas de luxos e exageros considerados transitórios”²⁴. O desenho da Igreja mostra um espaço de carácter homogéneo e funcional, de linhas austeras e sóbrias, próprias do “estilo chão”²⁵. Segundo o estudo de

²⁰ Cf. Baltazar Telles, *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, Lisboa, 1647. Ver também: Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 13.

²¹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 18. Ver ainda sobre este assunto: Miguel Soromenho, “Classicismo, italianismo e “estilo chão”. O ciclo Filipino” in *História da Arte Portuguesa*, Vol. II, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999, p. 383. Vitor Serrão, “A Igreja do Espírito Santo de Évora e a Génese do “Estilo Chão””, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, p. 209.

²² Ver sobre este assunto: José Eduardo Horta Correia, “Arquitectura – Maneirismo e “estilo chão””, *A História da Arte em Portugal*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 100, 102.

²³ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p.8. Ver ainda: J. H. Pais da Silva, *Estudos sobre o Maneirismo*, Imprensa Universitária n.º 29, Editorial Estampa, Lisboa, 1986, p. 210. Paulo Pereira, “A Arquitectura Jesuíta – Primeiras Fundações” in Revista “*Oceanos*” n.º12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro, 1992, p. 105.

²⁴ Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 8.

²⁵ Cf. George Kubler, *A Arquitectura Portuguesa Chã, Entre as Especiarias e os Diamantes 1521 – 1706*, Editora Vega, Lisboa, 1969, p. 63. Ver ainda sobre este assunto: José Eduardo Horta Correia, “Arquitectura

Paulo Pereira sobre a Arquitectura Jesuítica, “Se a Companhia buscava nas suas construções simplicidade e economia, parece ver em S. Roque inteiramente conseguidos os seus propósitos. Eis o modo “chão” da arquitectura criando um espaço unificado, um espaço facilmente *inteligível e linear*, numa demonstração da evolução da arquitectura portuguesa de uma prática “monumental”, tipologicamente alicerçada nas “hallenkirchen” (às quais poucos exemplos fogem), para uma arquitectura de *utilidade e função*, melhor dizendo, para uma arquitectura de programação”²⁶.

A Igreja é composta de uma só nave, capela-mor pouco profunda, claramente visível de qualquer ponto, transepto inscrito e a existência de tribunas e galerias sobre as capelas laterais. Assim se define a planta de S. Roque. A edificação da Igreja desenvolve-se no sentido Norte-Sul e não Leste-Oeste, como originalmente se direccionava, de acordo com a orientação tradicional das igrejas desde a idade média²⁷. Por esse motivo, a capela-mor da Ermida ficou posicionada como capela lateral²⁸. A topografia não permitiria provavelmente outra solução senão a que foi adoptada.

Quando está concluída, é, juntamente com a Igreja do Espírito Santo de Évora, o primeiro modelo autóctone que os Jesuítas desenvolveram em Portugal. É, no fundo, uma Igreja de tipo “aula congregacional”, em que o povo junto ao centro é entendido como um conjunto de alunos e os púlpitos situados numa posição tal que abrangem todo o auditório, reunindo assim as condições ideais para o funcionamento e participação dos fiéis.

Maneirismo e “estilo chão””, *A História da Arte em Portugal*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 93. Paulo Pereira, “A Arquitectura Jesuítica – Primeiras Fundações” in Revista “*Oceanos*” n.º12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses Novembro, 1992, p. 105. Fernando António Baptista Pereira, “Arquitectura Chã e Ornamentação Interior nas Igrejas Portuguesas do Oriente (Séculos XVII-XVIII)” in Catálogo *Os Construtores do Oriente Português*, Ciclo de Exposições Memórias do Oriente, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1998, pp. 168, 170, 171 e 172. Vitor Serrão, “A Igreja do Espírito Santo de Évora e a Génese do “Estilo Chão””, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, p. 207.

²⁶ Paulo Pereira, “A Arquitectura Jesuítica – Primeiras Fundações” in Revista *Oceanos* n.º12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro, 1992, p. 105.

²⁷ Abandona-se a orientação a nascente que fora uma constante ao longo das épocas paleocristã e medieval. Cf. Maria Isabel Rocha Roque, *Altar Cristão, Evolução até à Reforma Católica*, Coleção TESES, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2004, p. 131.

²⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 13.

No programa que os Jesuítas iam progressivamente realizando²⁹, emerge o tipo ideal de Igreja da Companhia, alcançando este modelo perfeito para as suas funções, o que é de facto, um acto de grande precocidade na arte portuguesa. Assim, no território português, as construções que irão caracterizar uma arquitectura jesuítica, serão os templos do Espírito Santo de Évora (1567-1574), S. Roque de Lisboa (1565-1573) e S. Paulo de Braga (1567-1588)³⁰. Inauguram o tipo de igrejas amplas e sólidas, com ou sem capelas laterais, que conservam do transepto apenas um pequeno vestígio. A vasta área, que se adapta a uma função missionária, conservará um grande dinamismo e constituirá um modelo, inúmeras vezes repetido³¹.

Segundo Paulo Pereira, “O espaço interior articulava-se por intermédio do eixo dos púlpitos, denunciando a sua importância crescente da prédica no seio de uma renovação católica e do papel por esta desempenhado na praxis da Companhia de Jesus. As preocupações em tornar a nave num *auditório* estão assim bem patentes neste programa. A retórica ganhava importância enquanto a celebração religiosa ou a procissão podiam ser contempladas como um espectáculo em si mesmo a partir das “tribunas” ou varandas da nave (...) Por outro lado, a Companhia de Jesus enquanto ordem activa “no século”, fornecia uma consciência de “labor” que se exprimia na própria traça das suas casas. (...) Os acessos são facilitados por passagens múltiplas, concedendo ao conjunto a marca de uma sempre inédita e urgente busca de funcionalidade e eficiência”³².

A Igreja de S. Roque, considerada como um magnífico exemplo de “património integral”³³, por ter conservado praticamente inalterada a sua arquitectura original³⁴, bem

²⁹ Cf. J. H. Pais da Silva, *Páginas da História da Arte*, Vol. II, Imprensa Universitária n° 54, Editorial Estampa, Lisboa, 1986, p. 141.

³⁰ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 10.

³¹ Idem, *ibidem*.

³² Paulo Pereira, “A Arquitectura Jesuíta – Primeiras Fundações” in Revista “*Oceanos*” n°12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Novembro, 1992, p. 105.

³³ A Igreja de S. Roque distingue-se como um exemplo de “património integral” por pouco ter sofrido com o terremoto de 1755, bem como o seu valioso património não ter sido disperso com a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, por este já se encontrar na posse da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Cf. Teresa Freitas Morna, “Os Jesuítas e a Arte” in Catálogo *O Púlpito e a Imagem – Os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 21.

³⁴ A Igreja jesuítica de S. Roque encontra-se até aos dias de hoje pouco alterada no que diz respeito à sua configuração original, tanto na sua estrutura arquitectónica como na ornamentação interior, tal se deve ao facto de pouco ter sofrido com o terremoto de 1755, que apenas destruiu parte da fachada e da Capela de Santo António. Para um esclarecimento aprofundado das obras ocorridas no interior da Igreja de S. Roque.

como a própria ornamentação interior, conseguiu preservar ao longo de duzentos anos um riquíssimo património, reunido na Igreja e Casa Professa de S. Roque até 1759, quando da expulsão da Companhia de Jesus do território português³⁵. O valioso espólio deixado pelos padres jesuítas tornou-se então pertença de outra instituição.

Em 1768, decorridos nove anos após a expulsão da Companhia de Jesus de Portugal, por alvará decretado por D. José I, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa toma posse da Igreja e Casa Professa de S. Roque, herdando, para além das antigas instalações de S. Roque, todos os bens dos jesuítas e das confrarias a que pertenciam algumas capelas da Igreja³⁶. A Misericórdia de Lisboa, secular instituição e justa herdeira deste valioso espólio histórico e artístico, tem vindo a demonstrar, desde o início da sua fundação, particular empenho na preservação do seu acervo cultural e artístico³⁷.

Cf. António Cesar Mena Júnior, *Memoria Justificativa e Descritiva das Obras Executadas na Egreja de S. Roque de Lisboa*, Lisboa, 1894.

³⁵ Cf. José Sarmento de Matos, "Cronologia da Companhia de Jesus" in Revista *Oceanos* n° 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1992, p. 43.

³⁶ Cf. Teresa Freitas Morna, "Os Jesuítas e a Arte" in Catálogo *O Púlpito e a Imagem – Os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 40. Ver ainda sobre este assunto: Joaquim Veríssimo Serrão, *A Misericórdia de Lisboa – Quinhentos Anos de História*, Livros Horizonte, Lisboa, 1998, pp. 226, 228, 230, 236, 237.

³⁷ Cf. Teresa Freitas Morna, "Os Jesuítas e a Arte" in Catálogo *O Púlpito e a Imagem – Os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 22.

CAPÍTULO 2 – 2. 1. – A constituição das colecções artísticas

A Companhia de Jesus desempenhou um importante papel quando da sua missão na Ásia e na América, com tão vastas repercussões que, uma nova arte, influenciada pelos templos da Companhia, desponta em várias partes da Índia e do Brasil criando formas de miscigenação artística de incontestável originalidade. Entre 1560 e 1775, a Companhia orienta a construção da Igreja e participa na sua decoração. Para o seu espólio, reúne, dos diversos pontos do Oriente e da América, peças de diferentes categorias, num espírito e gosto eclético, a partir das quais se dá início à constituição de uma colecção de objectos com características semelhantes, com fins de culto ou de adorno³⁸

Mais tarde, o património aumenta progressivamente, ao longo de duzentos anos, com a instituição de capelas dentro do próprio corpo da Igreja, até colecções completas de paramentos e alfaias litúrgicas.

A história de S. Roque sofre uma mudança, quando, como vimos, em 1768, D. José I faz a doação da Igreja e Casa Professa à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Ao fundo jesuítico vem associar-se o espólio da Misericórdia de Lisboa. É dentro deste contexto que o Museu de S. Roque deve ser entendido³⁹. Todas as peças que incorporam as colecções recolhidas são parte integrante do Monumento e da sua história⁴⁰.

As colecções que constituem o património artístico associado à Igreja de S. Roque, cobrem um período de mais de três séculos de história, quer associado ao antigo fundo jesuítico, quer associada à Capela de S. João Baptista, fundada por D. João V, quer, mais recentemente, relacionada com a Misericórdia de Lisboa todas elas são de importância, histórica, artística e social incontestável⁴¹.

³⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de São Roque – Pintura, Pratas, Tecidos*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, s/p.

³⁹ Idem, *ibidem*.

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁴¹ Idem, *ibidem*. Ver ainda: Teresa Freitas Morna Catálogo “O Museu de São Roque - 100 Anos de História 1905-2005” in Catálogo *100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 10, 11.

As colecções foram divididas em quatro grupos:

I – O primeiro grupo é constituído por peças relativas à Ermida. Dele fazem parte quatro quadros sobre “A vida de S. Roque”⁴², pintados na década de 1520 e atribuídos a Cristovão Dutreque⁴³, sobreviventes da antiga ermida manuelina⁴⁴. Pertencem também a este conjunto, a escultura quinhentista de S. Roque, em pedra policromada, que encimava o arco da muralha fernandina e duas lápides que testemunham a consagração da pequena ermida em 1515 e a consagração do adro da mesma em 1527.

II – O segundo grupo é constituído pelo Fundo Jesuítico: apresenta um conjunto de pinturas e peças de ourivesaria provenientes da Igreja de S. Roque. Destacam-se os dois retratos de D. João III e D. Catarina⁴⁵, atribuídos ao pintor Cristovão Lopes⁴⁶. As duas composições “Cristo entre os Santos Mártires” e “A Virgem entre as Santas Virgens”, de Fernão Gomes e Diogo Teixeira, que cobriam anteriormente os dois altares das relíquias da Igreja⁴⁷. No que respeita à ourivesaria, sobressai uma belíssima imagem em prata de Nossa Senhora com o Menino, lavrada na Baviera do século XVI, e um precioso cofre com as relíquias de S. João de Brito em prata dourada e branca, executado em Augsburg e oferecido à Companhia de Jesus por D. Pedro II.

⁴² Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *O Mestre da Lenda de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1973, s/p.

⁴³ Cf. Fernando António Baptista Pereira, “O Retábulo da Ermida de S. Roque” in *Imagens e Histórias de Devoção. Espaço, Tempo e Narrativa na Pintura Portuguesa do Renascimento (1450-1550)*, Tese Doutoral, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001, pp. 402-404.

⁴⁴ Cf. Nuno Vassallo e Silva “Museu de S. Roque” in *A Sétima Colina- Roteiro Histórico e Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 67. Ver ainda: Joaquim Oliveira Caetano, “Roque e as suas imagens” in *Catálogo A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, pp. 37 e 39.

⁴⁵ Ver sobre estas pinturas: AneMarie Jordan – Gschwend, “IV – O Retrato Áulico e Burguês – Retrato de D. João III, Retrato de D. Catarina de Áustria” in *Catálogo A Pintura Maneirista em Portugal – Arte no Tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995.

⁴⁶ Essa atribuição tem sido alvo de discussão recente mas mantemos, de momento, a atribuição anterior.

⁴⁷ Cf. Nuno Vassallo e Silva, “Museu de S. Roque” in *A Sétima Colina- Roteiro Histórico e Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 68.

Este pequeno conjunto de peças evoca as grandes festas celebradas em Lisboa, aquando da vinda das relíquias que, D. João de Borja, embaixador de Filipe II em 1588⁴⁸, doou à Igreja de S. Roque⁴⁹.

III – O terceiro grupo é composto por objectos relativos à Capela de S. João Baptista, executada no final do reinado de D. João V. As peças, provenientes do Tesouro da Capela, formam um conjunto muito homogéneo, constituído por paramentos, pratas, bronzes, roupas brancas eclesiásticas e livros sagrados. A execução e manufatura de todos estes espécimes é de origem italiana. Da colecção fazem parte um par de tocheiros em prata dourada e bronze, executados na oficina de Giuseppe Gagliardi e um frontal de altar em lápis-lazuli e prata concebido por António Arrighi⁵⁰. A Maquete da Capela, com data de 1742-44, é um valioso documento para o estudo da arquitectura em Portugal no reinado de D. João V⁵¹.

IV – Do quarto grupo destacam-se um reduzido número de pinturas e peças de ourivesaria, que documentam a história da Misericórdia desde a fundação até aos finais do século XVIII. É de salientar a tábua de Garcia Fernandes, intitulado o “Casamento de D. Manuel” (1541), proveniente do antigo retábulo da Capela-Mor da Conceição Velha, sede da Misericórdia de 1534 a 1755. Também duas raríssimas bandeiras do período de D. João V, que testemunham o acompanhamento dos condenados pelos irmãos da Santa Casa⁵².

⁴⁸ Manuel de Campos, *Relação do Solene recebimento que se fez em Lisboa às santas relíquias que se levaram à igreja da companhia de Jesus*, Lisboa, 1588.

⁴⁹ Cf. Nuno Vassallo e Silva, “Museu de S. Roque” in *A Sétima Colina- Roteiro Histórico e Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 68.

⁵⁰ Ver sobre este assunto: Jennifer Montagu, *Gold, Silver & Bronze: Metal Sculpture of the Roman Baroque*, New Haven and London, Yale University Press, 1996.

⁵¹ Cf. Nuno Vassallo e Silva, “Museu de S. Roque” in *A Sétima Colina- Roteiro Histórico e Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 68. Ver também: Teresa Freitas Morna Catálogo “O Museu de São Roque 100 Anos de História 1905-2005” in *Catálogo 100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 13.

⁵² Cf. Nuno Vassallo e Silva, “Museu de S. Roque” in *A Sétima Colina- Roteiro Histórico e Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 68.

2. 2. O estudo das colecções

Dada a importância das peças que constituem o acervo artístico do Museu de S. Roque, tem esta instituição desenvolvido, ao longo do tempo, estudos na área da investigação, classificação e catalogação das colecções, contribuindo desta forma para um maior esclarecimento e divulgação de um património cultural e artístico⁵³ de incontestável valor.

A publicação da obra "*A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque*", de Sousa Viterbo e Rodrigo Vicente de Almeida, foi o primeiro estudo sobre peças pertencentes ao acervo do Museu de S. Roque, por ocasião do quarto centenário da fundação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que se celebrou a 15 de Agosto de 1898. A edição deste catálogo deu a conhecer ao público uma obra única na história da arte do século XVIII em Portugal⁵⁴.

Ao longo dos seus cem anos, o Museu de S. Roque ganhou cada vez mais notoriedade como Museu de Arte Sacra. São reflexo disso, algumas publicações acompanhadas de artigos históricos e de ilustrações fotográficas, correspondendo assim aos interesses culturais do público e dos visitantes do Museu em particular.

Na década de 1930 é editado um guia ilustrado *Portugal – A Arte: os Monumentos: a Paisagem: os Costumes: as Curiosidades*, com um fascículo dedicado a S. Roque e ao seu Museu, da autoria de Jorge Cid, editado de 1933⁵⁵. As fotografias nele contidas são da autoria de M. Cardoso.

Mais tarde, em 1933, foi traduzida para a língua portuguesa uma importante obra relativa a S. Roque, intitulada *The Treasure of São Roque* da autoria de W. Telfer⁵⁶. Foi encarregado desta tradução o escritor e tradutor Fernando Pessoa, conforme o

⁵³ A falta de interesse pela defesa, salvaguarda e divulgação do património artístico em Portugal foi alertada pelo Conde Raczyński aquando da publicação *Les Arts en Portugal*, editada em Paris em 1848. Esta sensibilização para a valorização do património artístico e cultural veio a sortir efeitos, testemunhados através de inúmeras acções de divulgação levadas a cabo pela meritosa instituição da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Atanazi Raczyński, *Les Arts en Portugal*, Jules Renouard, Paris, 1848.

⁵⁴ Sousa Viterbo, Rodrigo Vicente D'Almeida, *A Capella de S. João Baptista erecta na Egreja de S. Roque* (reedição), Livros Horizonte, Lisboa, 1997, p. II, III.

⁵⁵ Jorge Cid, *Portugal – A Arte: os Monumentos: a Paisagem: os Costumes: as Curiosidades*, Portucalense Editora, Lda – Barcelos, 1933, p. 5.

⁵⁶ W. Telfer, *The Treasure of São Roque, A Sidelight on the Counter – Reformation*, London, 1932.

registro na Sessão de 9 de Fevereiro de 1933 da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa:

*“O Senhor Provedor comunicou haver adquirido para o arquivo o livro *The Treasure of São Roque* de W. Telfer, publicado em Inglaterra, julgando da máxima conveniência para elucidação da história da Igreja da Misericórdia, que fosse traduzido para a língua portuguesa por pessoa competente.*

O Conselho resolveu que fosse encarregado dessa tradução o Senhor Fernando Pessoa, tradutor oficial do Ministério das Finanças, com a remuneração especial de Escudos 2.500\$00”. (Fl 399)

Ainda no mesmo ano, foi proposto o fornecimento de tomos do album *Portugal*, com textos em português, francês e inglês, acompanhados de gravuras da Igreja e Museu de S. Roque, segundo a informação da Sessão de 23 de Março de 1933 da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa:

“Presente uma carta de C. de Oliveira, Limitada, propondo o fornecimento de tomos do album Portugal com 16 páginas de texto em português, francês e inglês e 24 estampas de ocogravura reproduzindo aspectos da Igreja de S. Roque e do Museu, ao preço de Escudos 8\$00 cada exemplar. O Conselho resolveu que se fizesse uma contra-proposta para o fornecimento de mil exemplares a Escudos 7\$00 cada.” (Fls 424 e 425)

Alguns anos mais tarde, em 1937, publica-se, no país, o *Guia de Portugal Artístico*, coordenação de M. Costa Ramalho⁵⁷, contendo o IV volume duas monografias: *A Capela de S. João Baptista na Igreja de S. Roque*, da autoria do Dr. Serafim Leite e *O Museu de Arte Sacra da Misericórdia de Lisboa*, da autoria do Dr. José da Silva Ramos, ao tempo Provedor da Santa Casa.

Algumas Deliberações de Mesa desta época que dizem respeito ao Museu:

“Museu – O Conselho resolveu, como receita e propaganda das preciosidades artísticas que se encontram no Museu da Misericórdia, autorizar o Senhor Provedor a contratar a impressão de albuns e bilhetes postais dos objectos expostos” (Livro 26, Del. 6ª, 10. 03.1932);

⁵⁷ M. Costa Ramalho, *Guia de Portugal Artístico*, vol. IV, Livraria Portugália, Lisboa, 1937.

“Museu – O Conselho resolveu que no Museu da Misericórdia seja gratuita a entrada às quintas-feiras e domingos, a exemplo do que se pratica em outros Museus da capital” (Livro 26, Del. 1ª, 24.11.1932);

“Museu – O Conselho resolveu, devido à morte do Dr. Jorge Cid, encarregado da direcção do Museu de Arte Sacra de S. Roque, que os serviços do Museu fiquem subordinados provisoriamente à 1ª Repartição – Secretaria” (Livro 28, Del. 1ª, 09.01.1936).

“Guia de Portugal Artístico – aquisição de 1.000 exemplares – A Administração cede, por empréstimo, as fotografias a adquirir 1.000 exemplares para serem vendidos no Museu aos visitantes” (Livro 29, Del. 1ª, 26.08.1937).

Uma Comissão Administrativa e Revisora da Misericórdia, de nomeação governamental, nomeada pela Portaria de 03.12.1941, que vigorou durante um ano, no tocante à Igreja e ao Museu de S. Roque, refere o seguinte:

“Museu e Igreja de S. Roque – A Comissão aprova a realização de algumas obras para aproveitamento de espaços e propõe-se a publicação de um catálogo” (Livro 32, Del. 4ª, 0309.1942).

Durante a década de 1950 foram tomadas medidas no que respeita ao estudo histórico e artístico das colecções pertencentes à Igreja e Museu de S. Roque. Procurou-se igualmente colaborar com outras instituições, no sentido fornecer todos os elementos necessários para investigação e estudo do acervo artístico em questão. Segundo o registo da Sessão de 21 de Novembro de 1959 da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa:

Igreja e Museu de S. Roque. Imagens.

Deliberado pedir a um perito do Museu de Arte Antiga que venha observar as imagens existentes em dependências da Igreja, sem colocação adequada, a fim de que as que tiverem reconhecido valor artístico passem a figurar no Museu, decidindo-se oportunamente o destino a dar às restantes.

Museu de S. Roque. Capela de S. João Baptista.

O Prof. Lipinsky, Vice-Presidente do Instituto “Opera Sancti Egidii”, com sede em Roma, pretende que lhe sejam fornecidos diversos elementos para escrever um artigo sobre argenteria romana da época do Papa Benedicto XIV relativos à Capela de S.

João Baptista e respectivo tesouro. Para tanto, deverão ser remetidos para Itália um exemplar do catálogo do Museu e do livro sobre a Capela, de Sousa Viterbo, e perto de 30 fotografias englobando todas as peças de prata dourada da Capela. Foi deliberado adjudicar este trabalho ao fotógrafo Mário Novais (fotografias a preto e branco) e autorizar a respectiva despesa máxima no valor de 4.500\$00. (Fl 207 v)

Ainda, no mesmo ano, por solicitação do público, foi pedida a autorização para a edição de exemplares do album *Portugal-Lisboa, S. Roque e o seu Museu*, conforme o registo na Sessão de 13 de Novembro de 1959

“Museu de S. Roque: a fim de satisfazer os muitos pedidos de visitantes, de uma lembrança do Museu, ficou deliberado adquirir, pedida a necessária autorização ministerial para a despesa, à Portucalense Editora, 500 exemplares do Album “Portugal-Lisboa, S. Roque e o seu Museu”, a 10\$00 cada com desconto de 30%”. (Fl 202)

Na década de 1960, por iniciativa da Conservadora Prof.^a Dr.^a Maria João Madeira Rodrigues, promoveram-se uma série de trabalhos de divulgação das colecções pertencentes ao acervo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que serão referidos ao longo deste trabalho.

Quando da inauguração da nova remodelação do Museu de S. Roque, a 2 de Julho de 1968, esta iniciativa contou com a publicação de um catálogo, que teve a valiosa colaboração da Fundação Gulbenkian.

Durante os anos 80, procedeu-se igualmente à edição de novas publicações, com especial destaque para a edição do catálogo *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções na Igreja de S. Roque*, da autoria de Maria João Madeira Rodrigues, com versões em francês e inglês, publicado em 1986⁵⁸.

Realizaram-se também exposições temporárias, como por exemplo a primeira exposição dos *Sinais dos Expostos*, que decorreu no Museu de S. Roque (Del. 2.^a, Sessão 19 de 12.05.1987), acompanhada de catálogo, um trabalho conjunto do Museu e do Arquivo Histórico da SCML⁵⁹.

⁵⁸ Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções na Igreja de S. Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1986.

⁵⁹ Catálogo *Sinais dos Expostos*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1987.

Das edições publicadas durante este período, salientam-se *A Igreja de S. Roque* em Julho de 1980, os *Cadernos de Conservação – Arquitectura, Igreja e Casa Professa de S. Roque*, vol I, *Cadernos de Conservação – Arquitectura, Património edificado da Misericórdia de Lisboa*, vol. II, ambos em Julho de 1988, também no mesmo ano, a publicação de *Metals e Tecidos*, sobre o acervo da Capela de S. João Baptista.

Na década de 1990 e já no século XXI, com o objectivo de divulgar ao público as colecções existentes no Museu, realizaram-se anualmente exposições temporárias temáticas, acompanhadas da publicação dos respectivos catálogos, os quais formam a “Colecção do Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa”, com oito volumes, edição Santa Casa da Misericórdia de Lisboa:

Vol I - *Azulejos – Painéis do Século XVI ao Século XX* em 1994

Vol II - *Fundo Musical – Século XVI ao Século XIX* em 1995

Vol III - *Esplendor e Devoção - Os Relicários de S. Roque* em 1998

Vol IV - *Ourivesaria e Iluminura – Século XIV ao Século XX* em 1998

Vol V - *Colecção de Pintura da Misericórdia de Lisboa – Séculos XVI a XX*, tomo I (1520-1700), tomo II (1700-1998) em 1998

Vol VI - *Escultura – Século XVI ao Século XVIII – Colecção de Escultura da Misericórdia de Lisboa* em 2000

Vol VII - *O Tecto da Igreja de S. Roque – História, Conservação e Restauro* em 2002

Vol. VIII - *Colecção Rodrigues Alves – Uma Herança da Misericórdia de Lisboa* em 2003

Destacam-se, igualmente, outros catálogos de exposições, incidindo sobre aspectos particulares das colecções ou da história das instituições que se sucederam no local:

- *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo Pintor André Reinoso*, com autoria de Victor Serrão, de 1993
- *No Caminho do Japão – Arte Oriental nas Colecções da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, coordenação de Nuno Vassalo e Silva, de 1993

- *Frontais de Altar Seiscentistas da Igreja de S. Roque*, textos de Nuno Vassalo e Silva e Filomena Brito, de 1994
- *Natividade em S. Roque*, coordenação de Nuno Vassalo e Silva, de 1994
- *Mater Misericordiae – Simbolismo e Representação da Virgem da Misericórdia*, coordenação de Nuno Vassalo e Silva, de 1995
- *A Herança de Raluchantim*, coordenação científica de Nuno Vassalo e Silva, edição com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, de 1996
- *O Púlpito e a Imagem – Os Jesuítas e a Arte*, coordenação de Nuno Vassalo e Silva, edição com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, de 1996
- *Rendas Barrocas em Portugal – Coleção da Capela de S. João Baptista*, autora Maria Filomena Brito, de 1997
- *A Capela de S. João Baptista Erecta na Igreja de S. Roque*, autores Sousa Viterbo e Vicente de Almeida, Reedição da obra editada pela Misericórdia de Lisboa, por ocasião do IV Centenário da sua fundação em 1898, edição de 1997
- *Garcia Fernandes – Um Pintor do Renascimento Eleitor da Misericórdia de Lisboa*, autor(s) Joaquim Oliveira Caetano, edição com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, de 1998
- *A Ermida Manuelina de S. Roque*, autor(s) Alexandre Pais, de 1999
- *Roteiro da Igreja de S. Roque*, texto de Maria Filomena Brito, de 1999
- *Os Expostos da Roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, de 2001
- *Os Jogos Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Ao Serviço das Boas Causas*, de 2004
- *100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, de 2005

CAPÍTULO 3 – A valorização do património: conservação e restauro do imóvel e das colecções

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, instituição que se caracteriza pela sua acção benemérita no campo da acção social e cultural, tem manifestado o maior interesse na conservação e salvaguarda do seu valioso e heterogéneo Património Histórico e Artístico, ao longo de mais de 500 anos de existência⁶⁰. Assim, procuraremos testemunhar os principais trabalhos em matéria de recuperação, conservação e restauro realizados na Igreja e Museu de S. Roque, com o objectivo de restituir a integridade cultural do seu património móvel e imóvel. Deste modo, apresentaremos as acções levadas a cabo na Igreja e no Museu, no âmbito da conservação e restauro, a partir de 1875.

As primeiras intervenções de beneficiação e restauro

A primeira notícia apresentada em Acta de Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, na época do então Provedor D. António José Luís de Saldanha de Oliveira Jusarte Figueiredo e Sousa, Marquês de Rio Maior (1869-1888), diz respeito à reabilitação e conservação da Igreja Jesuítica, numa nota datada de 10 de Junho de 1875, referindo “Que se mande reconstruir o altar mór da egreja da Miz.^a segundo o orçamento apresentado, sendo o custo pelo orçamento, de quatrocentos mil reis”⁶¹. Em Agosto do mesmo ano foi aprovado em acta da Mesa da Santa Casa, a execução de restauros na Capela do Santíssimo, designadamente no altar, que recebeu um retoque a ouro fino, assim como estofar e encarnar a imagem de Nossa Senhora dos Anjos que se encontra no seu interior, sendo estes trabalhos entregues a António da

⁶⁰ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶¹ *Livro de Actas da SCML*, n.º 10, Sessão da Mesa de 10.06.1875, fl 177, Arquivo Histórico/Biblioteca da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

Cruz Xavier Leiria⁶². Segundo uma outra notícia, em finais de 1875, foram reparados os sinos da torre da Igreja⁶³.

Em 1877, realizaram-se trabalhos de conservação em peças de ourivesaria designadamente, a limpeza de uma pequena banquetta, sacras e cruz de prata, sendo esta tarefa entregue ao ourives Bernardino de Sena Antunes Ribeiro⁶⁴. No mesmo ano é feita referência ao pagamento a “um contínuo João Eliziário de Macedo dois mil reis para tratar do arranjo e limpeza das alampadas e toda a prata pertencente à igreja desta Santa Casa”⁶⁵. No ano seguinte, verificou-se a referência de um pagamento pelos restauros feitos a paramentos e roupas para a Igreja da Misericórdia, sem estar referido quem realizou este trabalho⁶⁶.

Posteriormente, foram realizadas importantes intervenções nas pinturas sobre cobre designadamente, “Martírio de Santo André” e “Martírio de Santa Catarina”, sendo este trabalho executado pelo pintor João António Gomes, retirando-se uma espessa camada de gorduras que ocultava as pinturas⁶⁷. Em 1884, foram realizados restauros em 34 pinturas pertencentes ao acervo de S. Roque, incorporadas na Sacristia da Igreja, este trabalho foi encomendado ao pintor Joaquim Gregório Nunes Prieto⁶⁸.

⁶² *Livro de Actas da SCML*, nº 10, S. M. de 10.08.1875, fl. 204. A. H./Bibl. Da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶³ *Livro de Actas da SCML*, nº 10, S. M. de 30.10.1875, fl. 236. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶⁴ *Livro de Actas da SCML*, nº 11, S. M. de 02.05.1877, fl. 201. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶⁵ *Livro de Actas da SCML* nº 11, S. M. de 14.02.1877, fl. 10. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶⁶ *Livro de Actas da SCML* nº 12, S. M. de 31.01.1878, fl. 17. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶⁷ *Livro de Actas da SCML* nº 12, S. M. de 27.10.1879, fl. 82 e 83. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶⁸ *Livro de Actas da SCML* nº 13, S. M. de 15.01.1884, fl. 33. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e

No ano seguinte, pelo mesmo pintor foram restauradas uma série de pinturas do acervo de S. Roque nomeadamente, “Santo António com o Menino”, “A Imposição da Casula a Santo Ildefonso” da autoria de Bento Coelho da Silveira, “Morte de Santa Teresa de Jesus”, “Morte de Santa Rita de Cássia”, “Santa Catarina”, “S. Conrado”, “S. Luís” e “Os Mártires da Calábria”. Para além dos trabalhos acima designados, restauraram-se seis pinturas não discriminadas. Foram ainda recuperadas quatro importantes pinturas pertencentes ao altar-mor da Igreja de S. Roque, “Circuncisão”, “Visitação”, “Anunciação” e “Adoração dos Magos”, nestas últimas os restauros incluíram re-entelagem das peças⁶⁹.

Na época do Provedor Dr. Tomás de Carvalho (1889-1897) encontrámos registos de diversos restauros, entre eles numa conhecida pintura da Misericórdia de Lisboa “O Casamento de D. Manuel” também designado por alguns autores “O Casamento de Santo Aleixo”, trabalho realizado por Joaquim Prieto⁷⁰. Posteriormente, executou-se o restauro das duas pinturas laterais da Capela de S. Francisco Xavier, tarefa que esteve a cargo do mesmo pintor⁷¹.

Encontra-se igualmente mencionado o restauro de três pinturas da Igreja de S. Roque, efectuado pelo pintor Joaquim Prieto, pela importância de 54\$000 réis, tendo sido louvada a qualidade do seu trabalho e os escassos honorários⁷². Foi igualmente alvo de recuperação e encadernação o “Compromisso Iluminado da Santa Casa da

2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 56.

⁶⁹ *Livro de Actas da SCML* nº 13, S. M. de 23.11.1885, fl. 70. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷⁰ *Livro de Actas da SCML* nº 13, S. M. de 06.02.1889, fl. 165. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷¹ *Livro de Actas da SCML* nº 14, S. M. de 12.09.1889, fl. 19 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷² *Livro de Actas da SCML* nº 15, S. M. de 10.07.1890, fl. 5. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

Misericórdia de Lisboa” um dos mais importantes documentos desta Instituição⁷³, conforme o registo descrito: “A expensas do Sr. António Augusto de Carvalho Monteiro é mandado restaurar em Paris o compromisso original em pergaminho datado de 1520”.

Foram igualmente realizadas algumas recuperações no espaço da Igreja de S. Roque nomeadamente, na Capela de S. João Baptista, sendo restaurados dois confessionários entalhados, em raiz de nogueira, bem como desenvolvidas providências para se requerem fundos para “reparações precisas na Capella e no thezouro”⁷⁴. As obras no telhado e arrecadação da Capela de S. João Baptista seriam posteriormente aprovadas⁷⁵.

Intervenções de conservação e restauro no âmbito da apresentação pública do Tesouro da Capela de S. João Baptista

No mandato do Provedor Conselheiro António Augusto Pereira de Miranda (1897-1922), foram tomadas importantes iniciativas e diligências relativas à primeira apresentação pública do Tesouro da Capela de S. João Baptista no espaço da Sacristia da Igreja de S. Roque. Deste modo, em officio dirigido ao Ministério do Reino foi pedido que “por intervenção das Obras Públicas se façam algumas obras de adaptação na Igreja de S. Roque de maneira que as preciosidades da Capela de S. João Baptista possam estar patentes todos os dias”⁷⁶. Assim, foram efectuadas importantes obras de

⁷³ *Livro de Actas n° 15*, S. M. de 23.10.1890, fl. 8 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷⁴ *Livro de Actas da SCML n° 15 A*, S. M. de 30.05.1893 fl. 92. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷⁵ *Livro de Actas da SCML n° 15 A*, S. M. de 30.06.1893 fl. 93. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷⁶ *Livro de Actas da SCML n° 15 A*, S. M. de 11.12.1897 fl. 249. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e

recuperação na Sacristia da Igreja⁷⁷, notando-se já alguma preocupação em termos de conservação dos espécimes expostos. Desta forma, é referida a aquisição de um ventilador destinado à “casa onde está instalada a exposição dos objectos da Capella de S. João Baptista”⁷⁸.

Posteriormente, outros trabalhos de recuperação foram executados no espaço da Igreja de S. Roque, sendo solicitado ao Ministro das Obras Públicas que este restauro ficasse a cargo do Estado⁷⁹.

Em finais de 1904, efectuou-se a limpeza e restauro em peças de ourivesaria nomeadamente, no par de tocheiros da Capela de S. João Baptista, com o objectivo de uma renovada instalação e apresentação destas valiosas peças, que seriam expostas no futuro Museu de S. Roque, inaugurado a 11 de Janeiro de 1905⁸⁰.

Entre 1922 e 1939, assume o cargo de Provedor da Misericórdia de Lisboa o Dr. José da Silva Ramos, uma direcção que se evidenciou pelas relevantes acções de restauro levadas a cabo pela firma “Leitão & Leitão”, com a finalidade de restaurar diversas peças em prata pertencentes à Colecção da Capela de S. João Baptista, danificados quando das invasões francesas⁸¹. Efectivamente, temos notícia do regresso à Misericórdia de Lisboa em Outubro de 1808, de valiosas peças pertencentes à Capela

2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷⁷ *Livro de Actas da SCML* n° 15 A, S. M. de 06.06.1898, fl. 268 e 268 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 58.

⁷⁸ *Livro de Actas da SCML* n° 15 A, S. M. de 15.10.1898, fl. 254 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 59.

⁷⁹ *Livro de Actas da SCML* n° 16, S. M. de 06.02.1902, fl.184 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 59.

⁸⁰ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 59.

⁸¹ *Livro de Actas da SCML* n° 20, S. M. de 24.02.1927, fl. 435. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 59.

de S. João Baptista, remetidas anteriormente à Casa da Moeda. Pensa-se terem sido alvo de restauro as peças abaixo designadas⁸²:

“1 Vaso com sua tampa de prata dourada. 2 Tocheiros grandes de prata d’ourada, com as bases de bronze dourado. 1 Frontal de prata com guarnições de bronze. 1 Caixa de hostias com sua tampa e chapa d’entro. 2 Galhetas com seu prato. 1 Purificador com tampa e prato. 1 jarro com bacia. 1 Thuribulo e naveta e colher. 1 Palmatoria. 1 campainha. 1 apagador. 2 Sacras. 1 Banqueta com sua cruzinha. 2 Castiçais para credência. 4 Relicarios grandes. 1 Frontal de lapiz-lazulo, tudo de prata dourada. 2 Lampadas com guarnições de bronze ede prata”. Este documento da Casa da Moeda termina deste modo: “Por aviso de 7 de Outubro de 1808, se mandou entregar estas peças ao Administrador da Capella de S. João Baptista”.

Posteriormente, sob a proposta de Jorge Cid, então Conservador do Museu de S. Roque foi realizado o restauro e emolduramento da conhecida pintura do século XVI “O Casamento de Santo Aleixo”, trabalho executado pela Oficina de Tratamento da Superintendência da Inspecção Geral dos Museus⁸³.

Após a morte do então Provedor Dr. José da Silva Ramos ocorrida em 1939, Pedro da Cunha e Santos, responsável pelo Museu, apresenta em relatório datado de 3 de Outubro de 1940, referindo as mais importantes acções durante o cargo exercido, nas quais se incluem trabalhos de conservação e restauro na Igreja e Museu⁸⁴.

Durante este período foram realizadas diversas obras, no âmbito da conservação e restauro, sendo assim recuperado o espaço da Igreja de S. Roque, salientam-se as seguintes acções⁸⁵: a retirada de madeiras antigas que cobriam os pavimentos das

⁸² *Documento n° 1131*, Livro 12, Registo Geral, 1802 a 1818, fl 97, Casa da Moeda, Lisboa. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, pp. 59 e 60.

⁸³ *Livro de Actas da SCML n° 24*, S. M. de 16.08.1934, p. 322. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 60.

⁸⁴ *Processo n° 465*, Correspondência Ano Civil 1940 a 1941, Igreja de S. Roque, Arquivo Histórico/Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 60.

⁸⁵ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 60.

capelas, pondo a descoberto as cantarias. Procedeu-se igualmente a algumas reparações, especialmente na Capela de S. Roque. Na Capela de S. João Baptista foram fixadas faixas de metal ao nível do pavimento. Também, a Capela de Presépio que se encontrava obstruída por um altar em madeira pintada, foi colocada à vista.

Uma outra acção de relevo no âmbito da conservação foi a instalação da iluminação geral da Igreja, que incluiu igualmente a das capelas, transformando e beneficiando a atmosfera do templo⁸⁶.

No mesmo relatório são igualmente referidas recuperações em pinturas do Museu, não especificando em quais, mas alertando para a necessidade de “uma beneficiação que se torna urgente....Refiro-me à conservação das pinturas do tecto da igreja e dos Quadros da Vida de Santo Ignacio de Loiola que superiormente a rodeiam”⁸⁷. O grandioso restauro deste conjunto de pinturas e de outras pertencentes à Igreja, viria a ser executado entre 1958 e 1962, pelo Mestre Marino Guandalini, conforme discriminaremos mais adiante.

Em Janeiro de 1940 foi alvo de reparação o órgão setecentista da Igreja, sendo o trabalho efectuado pela firma João A. P. Sampaio⁸⁸.

Intervenções de beneficiação e restauro após 1950

Durante o curto mandato do Provedor Dr. António de Sousa Madeira Pinto entre 1956 e 1957, foram realizadas obras na Igreja de S. Roque, constando em deliberação de Mesa o “conserto do telhado e obras de grande reparação (...) obras no telhado (...) a efectuar por administração directa”, bem como um pedido de autorização ministerial para as obras gerais de recuperação do edifício, a serem executadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que havia já estudado o respectivo

⁸⁶ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 61.

⁸⁷ Idem, *ibidem*.

⁸⁸ *Livro de Actas da SCML* n° 27, S. M. de 11.01.1940, fl. 454. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 61.

orçamento⁸⁹. Foram igualmente alvo de restauro, duas importantes pinturas pertencentes ao Museu, os retratos de “D. João III” e de “D. Catarina de Áustria”, trabalhos realizados pela Oficina de Restauro do Museu de Arte Antiga⁹⁰.

O Provedor Dr. José Guilherme de Mello e Castro (1957-1963) deu continuidade aos trabalhos de conservação e restauro em curso no mandato anterior, empenhando-se na recuperação do património móvel e imóvel da Santa Casa da Misericórdia⁹¹.

Encontra-se registada em Dezembro de 1957, uma acção de restauro numa pintura de grandes dimensões pertencente à Igreja “Santo Inácio de Loyola entre os Doutores”, esta tela terá sido danificada quando das obras da Igreja, tendo sido recuperada na oficina do Museu das Janelas Verdes, por ter ficado em “deplorável estado de conservação” conforme a deliberação, que acrescenta o seguinte: “...pedir que a mesma oficina faça o estudo da conveniência, possibilidades e estimativa do restauro *de todos os quadros da Igreja e Sacristia de S. Roque, devendo o orçamento ser feito separadamente para os daquela e os desta*”⁹².

No seguimento do programa de obras gerais dos edifícios da Misericórdia de Lisboa, existe registo de obras de recuperação efectuadas na Igreja de S. Roque em 1958⁹³ e 1962⁹⁴.

⁸⁹ Livro de Actas da SCML nº 39, S. M. de 09.05.1956, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 61.

⁹⁰ Livro de Actas da SCML nº 38, S. M. de 21.02.1956, fl.234 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 61.

⁹¹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 61.

⁹² Livro de Actas da SCML nº 41, S. M. de 28.12.1957, fl. 21 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 61 e 62.

⁹³ Livro de Actas da SCML nº 42, S. M. de 30.12.1958, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

⁹⁴ Livro de Actas da SCML nº 46, S. M. de 06.09.1962, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

Igualmente na mesma data, foi realizada uma renovação na instalação eléctrica da Igreja e Museu de S. Roque⁹⁵.

Durante o mandato do Provedor Dr. Mello e Castro foi levada a cabo a primeira grande campanha no âmbito da conservação e restauro, sendo recuperadas inúmeras pinturas pertencentes ao património da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa⁹⁶.

Estes consideráveis trabalhos de recuperação, conservação e restauro incluíram pinturas pertencentes à Igreja, Sacristia e Museu de S. Roque, bem como no Convento de S. Pedro de Alcântara e alguns espaços mais significativos da Misericórdia de Lisboa⁹⁷.

Os restauros das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, decorreram entre 1959 e 1962, sendo o trabalho entregue ao Mestre italiano Marino Guandalini, à excepção de três telas recuperadas na oficina de restauro do Museu de Arte Antiga⁹⁸. Com formatura em Desenho e Pintura na Accademia di Belle Arti, Marino Guandalini, frequentou em Roma o Laboratório de restauros do Vaticano e executou importantes trabalhos de decoração em igrejas de Roma, Milão e Palermo. Trabalhou como restaurador em pinturas de grandes mestres do Renascimento, na Itália e na Hungria. Restaurou a Igreja Delle Grazie e começou a restaurar a “Ceia” de Leonardo da Vinci, trabalho que teve de interromper pelo início da guerra. Veio para

⁹⁵ Livro de Actas da SCML nº 46, S. M. de 17.08.1962, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

⁹⁶ Livro de Actas da SCML nº 42, S. M. de 06.02.1959. Livro de Actas da SCML nº 43, S. M. de 02.09.1959. Livro de Actas da SCML nº 44, S. M. de 09.03.1960, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

⁹⁷ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

⁹⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, p. 2. Ver também: Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

Portugal em Janeiro de 1956 e trabalhou durante ano e meio na oficina de restauro do Museu de Arte Antiga⁹⁹.

Em 1959, encontram-se registadas as duas primeiras prestações relativas a uma parte do restauro das pinturas da Igreja e Museu de S. Roque¹⁰⁰ por Marino Guandalini, Mestre em restauro de pintura.

Efectivamente, o Museu de S. Roque guarda nos seus arquivos, um projecto de publicação que trata estes importantes trabalhos de forma científica, mencionando os relatórios dos referidos restauros. Este vasto estudo desenvolve de forma detalhada os trabalhos de conservação e tratamento da globalidade das pinturas¹⁰¹, estudo que mais adiante desenvolveremos, descrevendo de forma técnica o tipo de restauro executado em cada pintura. Organizado em 1963, pela Professora Doutora Maria João Madeira Rodrigues, então Conservadora – estagiária no Museu Nacional de Arte Antiga, prestando apoio técnico e científico ao Museu de S. Roque¹⁰², aborda problemas de ordem geral, de âmbito estético e histórico, tratando também de uma forma objectiva as dificuldades de ordem técnica no domínio do restaurador.

Segundo esta análise¹⁰³ “o tratamento de pinturas é um problema complexo que arrasta, na tentativa da sua solução pequenas dificuldades de ordem diversa”. Reflecte ainda sobre a obra de arte num museu e sobre o papel científico e de educação social a que o Conservador deve atender com o máximo da sua competência. As operações a que se sujeita uma pintura devem exigir um rigor científico, sem o qual, o restauro pode prejudicar e até alterar a obra de arte¹⁰⁴.

⁹⁹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, s/p.

¹⁰⁰ *Livro de Actas da SCML* n.º 42, S. M. de 29.04.1959, fl. 179 v. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

¹⁰¹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 62.

¹⁰² *Idem, ibidem*, p. 63.

¹⁰³ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, p. 4.

¹⁰⁴ *Idem, ibidem*.

De facto, é evidente o empenho desta Provedoria na concretização das obras de restauro do património da Misericórdia de Lisboa, demonstrando manifesta preocupação em divulgar os trabalhos executados, sendo elaborado ainda em 1963 “uma monografia sobre trabalhos de restauro e remodelação...”¹⁰⁵, edição esta que não se concretizou por razões desconhecidas.

Neste estudo encontram-se mencionados restauros em 61 pinturas da Igreja, incluindo a série de 20 telas “Vida de Santo Inácio de Loyola” do século XVII, posicionada ao nível das galerias e coro alto de S. Roque¹⁰⁶. Na Sacristia foram igualmente recuperadas 59 telas, incluindo dois notáveis conjuntos seiscentistas “Vida de S. Francisco Xavier” e “Passos da Vida de Santo Inácio de Loyola”¹⁰⁷. Foram ainda recuperadas as quatro tábuas do século XVI representando a “Lenda de S. Roque”¹⁰⁸.

Intervenções nos espaços arquitectónicos de S. Roque e no seu acervo

No período entre 1964 e 1973 o Dr. António Maria de Mendonça Lino Neto assume o cargo de Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa¹⁰⁹.

¹⁰⁵ Livro de Actas da SCML nº 46, S. M. de 27.04.1963, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 63.

¹⁰⁶ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, p. 14. Ver ainda: Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 63.

¹⁰⁷ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, pp. 20 e 21. Ver ainda: Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 63.

¹⁰⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, p. 18. Ver ainda: Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 63.

¹⁰⁹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

Em 1964, foram recuperados os têxteis e paramentos pertencentes à Coleção da Capela de S. João Baptista, trabalho realizado pela Oficina de Restauro do Museu Nacional de Arte Antiga¹¹⁰, tendo o acompanhado técnico de Maria João Madeira Rodrigues que assumiria o lugar de Conservadora do Museu em Janeiro de 1965¹¹¹.

Maria João Madeira Rodrigues desenvolveu uma profícua acção durante um longo período como Conservadora do Museu, levando a cabo uma importante remodelação dos espaços museológicos, baseando-se num inovador programa, executado em 1968¹¹². É igualmente notável todo o conjunto de acções ao nível da conservação e beneficiação do património imóvel da Misericórdia nomeadamente, no que se refere às obras de consolidação e recuperação da arquitectura da Igreja e Casa Professa de S. Roque¹¹³.

Deste modo, durante o mandato do Provedor Eng. Alfredo Bruto da Costa (1974-1980), assinala-se uma Deliberação de Mesa de 1978, que refere ter “sido entregue ao Governo projecto de Decreto-Lei em que se prevê, designadamente, a definição do Museu de S. Roque como serviço distinto”, mencionando ainda que “a Conservadora do Património Artístico deverá habilitar a Administração com uma listagem de obras necessárias, para que a Comissão Administrativa de Obras possa elaborar um plano de obras plurianual”¹¹⁴. No seguimento desta proposta, a Conservadora em funções terá elaborado um officio chamando a atenção para a necessidade de obras na Igreja e Museu de S. Roque¹¹⁵.

¹¹⁰ *Livro de Actas da SCML* n° 46, S. M. de 17.01.1964. Livro de Actas da SCML n° 47, S. M. de 12.11.1964, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

¹¹¹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

¹¹² *Idem, ibidem.*

¹¹³ *Idem, ibidem.*

¹¹⁴ *Livro de Actas da SCML* n° 64, S. M. de 09.08.1978, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

¹¹⁵ *Officio n° 14/73*, Museu de S. Roque, de 06.01.1973. Arquivo do Museu de S. Roque. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

Sucedeu como Provedor o Dr. Pedro António Bracourt Pestana de Vasconcelos (1980-1983), dando continuidade ao trabalho já encetado pela Conservadora Maria João Madeira Rodrigues, no que respeita à necessidade de obras na Igreja, sendo estas de grande importância, decorridas entre 1980 e 1988¹¹⁶, conforme adiante indicaremos.

Por iniciativa da Professora Doutora Maria João Madeira Rodrigues, então Conservadora e Assessora para o Património Arquitectónico e Artístico do Museu e Igreja, foi realizado o restauro da série de pinturas do século XVI “Vida de S. Roque”, sendo recuperada uma das tábuas deste conjunto “Miraculização do Cardeal Inglês e Apresentação ao Papa” no Instituto José de Figueiredo¹¹⁷. No âmbito das diversas acções de conservação e restauro, efectuou-se igualmente a recuperação dos frescos seiscentistas da Sacristia da Igreja, tarefa a cargo da empresa Henrique de Sousa¹¹⁸.

A partir dos anos 80, o Museu começou a organizar os seus planos de obras de recuperação e restauro, sob a forma de Programas de biénio, planeando e sistematizando trabalhos e acções a executar no Museu e Igreja¹¹⁹.

Assim, em 1980 iniciam-se importantes trabalhos de beneficiação geral da Igreja, sob a direcção da Conservadora Maria João Madeira Rodrigues, sendo estes trabalhos baseados na estruturação bianual aprovada em Deliberações de Mesa, tendo-se prolongado até 1986, constando numa publicação a descrição destes trabalhos¹²⁰.

¹¹⁶ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

¹¹⁷ *Livro de Actas da SCML* n.º 70, S. M. 21.07.1981, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

¹¹⁸ *Livro de Actas* n.º 72, S. M. de 20.07.1982, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

¹¹⁹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

¹²⁰ A descrição destes trabalhos encontra-se em: *Arquitectura – Igreja e Casa Professa de S. Roque*, Caderno de Conservação I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1988. Ver também: Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 64.

Em 1984, o Arquitecto José Augusto Barbosa Colen realizou um importante e detalhado Estudo relativo à conservação do madeiramento da cobertura da Igreja de S. Roque – Lisboa, sendo executada posteriormente, em 1985, uma relevante e considerável empreitada para o tratamento da cobertura da Igreja¹²¹.

Na Capela de S. João Baptista foram executados trabalhos de recuperação internos, através do marceneiro em funções no Museu¹²². Deste modo, foi realizada a limpeza e o tratamento dos mármore, consolidação das partes metálicas, consolidação e pequeno restauro do painel de embutidos em raiz de nogueira e marfim, junto ao altar da Capela. Foram igualmente efectuados trabalhos de consolidação e recuperação da talha dourada e limpeza nas Capelas de Santo António e da Sagrada Família¹²³.

Durante o mandato do Provedor Dr. João Joaquim Gomes (1983-1986) foi dada especial atenção aos problemas relacionados com as estruturas e apoios da Igreja de S. Roque, por serem perceptíveis fissuras e desvios estruturais, tendo sido realizado, por encomenda, o levantamento fotogramétrico integral da Igreja, efectuado pela firma “Estereofoto”¹²⁴. Este levantamento, finalizado em 1984, constituiu uma importantíssima base de trabalho para as futuras obras de consolidação das fundações e estruturas deste edifício¹²⁵.

O mandato do Provedor Dr. José Damasceno de Campos (1986-1987) salientou-se “a aprovação superior das regras referentes às atribuições da oficina de marcenaria do Museu”¹²⁶, reconhecendo desta forma, uma meritória prática exercida pelo marceneiro do Museu. Foram efectuados na época, trabalhos de recuperação, limpeza

¹²¹ Livro de Actas da SCML n° 77, S. M. de 09.04.1985, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 66.

¹²² Livro de Actas da SCML n° 73, S. M. de 11.01.1983, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 66.

¹²³ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 66.

¹²⁴ Idem, *ibidem*.

¹²⁵ Idem, *ibidem*.

¹²⁶ Livro de Actas da SCML n° 81, S. M. de 23.06.87, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 66.

de restauro em peças de madeira, nomeadamente, nos arcazes em madeiras exóticas da Sacristia e ainda nas balaustradas em pau-santo das capelas e bancos da Igreja e em mobiliário de estilo¹²⁷.

O Padre Dr. Victor José Melícias Lopes assume o cargo de Provedor em 1988, estendendo o seu mandato até 1992. É digna de nota, a aprovação de um plano de obras nos espaços da Igreja e Museu, para o ano de 1989, “estudando a eventual inclusão nos programas comunitários de Recuperação do Património Arquitectónico, pelo Instituto Português do Património Cultural”¹²⁸. Estas obras de beneficiação seriam realizadas pela firma “Comprojecto – Projectos e Construções, Lda.”, em 1991, tendo continuidade no ano seguinte¹²⁹.

Ao nível das recuperações desenvolvidas no templo de S. Roque salienta-se a remodelação da iluminação da Igreja, projecto acompanhado pela Conservadora Maria João Madeira Rodrigues até ao final de 1990, altura em que cessa funções do seu longo e meritório cargo¹³⁰.

Durante este período, ainda que provisoriamente sem um Conservador no Museu, foi dado seguimento às acções de conservação e restauro do património da Santa Casa da Misericórdia¹³¹. Deste modo, executaram-se obras de conservação e pintura de marmoreados no guarda-vento e portas de acesso exterior e interior da Igreja e ainda a conservação e limpeza da capela da Nossa Senhora da Piedade, trabalho efectuado pela firma “Arterestauro”¹³².

¹²⁷ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 66.

¹²⁸ *Livro de Actas da SCML* n.º 87, S. M. de 23.04.1991, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 66 e 67.

¹²⁹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 67.

¹³⁰ Idem, *ibidem*.

¹³¹ Idem, *ibidem*.

¹³² *Livro de Actas da SCML* n.º 87, S. M. de 15.10.1991, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 67.

Foi igualmente realizado o tratamento da pintura “Jesus entre os Doutores”, pertencente ao retábulo central da Capela da Sagrada Família¹³³ e a recuperação da pintura sobre madeira “Nossa Senhora da Misericórdia”, pertença do Museu de S. Roque¹³⁴.

Conservação e valorização do património de S. Roque nos anos 90

Em 1992, a Dra. Fernanda Mota Pinto ingressa como Provedora da Santa Casa da Misericórdia, dando seguimento ao projecto de obras na Igreja e Museu já iniciado pela firma “Comprojecto – Projectos e Construções, Lda.”¹³⁵.

Em Dezembro de 1992, assume o cargo de Conservador do Museu de S. Roque Nuno Vassallo e Silva, que inicia uma relevante remodelação e modernização dos espaços expositivos, desenvolvendo ao mesmo tempo acções no campo da conservação e restauro, valorizando, desta forma, o considerável acervo artístico da Misericórdia de Lisboa¹³⁶.

A exposição “Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa – 1992-1995”¹³⁷, realizada em 1995 na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de S. Roque, testemunha as acções desenvolvidas no âmbito da conservação e

¹³³ Livro de Actas da SCML nº 87, S. M. de 30.07.1991, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 67.

¹³⁴ Livro de Actas da SCML nº 87, S. M. de 28.02.1991, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 67.

¹³⁵ Acta de Sessão da Mesa da SCML nº 729, 21.05.92, A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 67 e 68.

¹³⁶ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 68.

¹³⁷ Esta Exposição foi acompanhada de *Catálogo Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa – 1992-1995*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995. Ver ainda: Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 68.

restauro, orientadas pelo então Conservador ao longo de 4 anos. O texto introdutório da exposição menciona as beneficiações realizadas: “A exposição que agora apresentamos testemunha, em pouco menos de quatro dezenas de obras seleccionadas, as 168 intervenções de conservação e restauro do património cultural da Misericórdia de Lisboa entre 1992-1995. Neste número não se contabilizam os pequenos trabalhos de conservação e prevenção que no dia-a-dia são realizados, evitando futuras intervenções mais profundas e onerosas. Pinturas, esculturas, obras em prata, documentos, têxteis e azulejaria sofreram significativas beneficiações neste período com vista à sua preservação e usufruto no futuro”¹³⁸.

No domínio destas acções de recuperação, destaca-se a parceria entre a Misericórdia de Lisboa e a Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra, que executou importantes trabalhos de restauro do património azulejar da Santa Casa¹³⁹. Deste modo, destacamos os trabalhos de restauro mais relevantes: recuperação das esculturas seiscentistas de “S. Francisco Xavier” e de “Santo Inácio de Loyola”, “S. Joaquim” e “Sant’ Ana”, da mesma época, o busto –relicário de “S. Francisco de Borja” e o busto –relicário de “S. Estanislau”, igualmente do século XVII; esculturas com a representação da “Virgem com o Menino” e cinco imagens de “Cristo” em marfim datadas dos séculos XVII e XVIII; “Estante de Missal” do século XVII; duas “Bandeiras da Misericórdia”, pinturas a óleo sobre tela executadas nos séculos XVII e XVIII, “S. Pedro de Alcântara” e sete pinturas representando “Ex-Votos” datadas do século XVIII; pinturas seiscentistas de “S. Francisco Xavier” e “S. Conrado”¹⁴⁰.

Foram igualmente efectuadas intervenções de recuperação em mobiliário artístico, nomeadamente, nos arcazes da Sacristia, datados do início do século XVII e na balaustrada da Capela da Sagrada Família, trabalhos realizados pela oficina de marcenaria do Museu¹⁴¹.

Foram também intervencionadas peças de ourivesaria: Coroa da imagem de “Nossa Senhora da Doutrina” do século XVII, Galhetas e Salva da Colecção da Capela de S.

¹³⁸ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 68.

¹³⁹ Idem, *ibidem*, p. 69.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁴¹ Idem, *ibidem*.

João Baptista, datadas do século XVIII¹⁴². Foram ainda restaurados importantes documentos: “Bula Julius Antonius, enviada a D. Jorge de Almeida, Bispo de Lisboa”, do século XVI, “Compromisso impresso da Misericórdia de Lisboa”, datado do século XVII, “Autêntica das Relíquias de Santa Úrsula” com selo pendente, do século XVI, “Carta de Rudolpho Segundo autenticando as Sagradas Relíquias de D. João de Borja” da mesma época e “Breviarium Bracarense” datado do século XVIII¹⁴³. Foram igualmente recuperados alguns têxteis, nomeadamente, um conjunto de “Frontais de Altar” e um “Paramento” completo datado do século XVII¹⁴⁴.

Pela relevância e extensão destes restauros, salientamos algumas peças de particular interesse, considerando a sua importância histórica e estética: entre as 66 peças recuperadas, foi incorporada a Colecção de Arte Oriental na sua quase globalidade, como objectivo de ser apresentada em exposição temporária¹⁴⁵. Salienta-se igualmente o restauro de uma “Banqueta” em prata, do século XVIII-XIX, da Misericórdia de Lisboa, a “Bacia de lava-pés” em prata, do século XVII, a “Concha Baptismal” em prata, do século XVIII, o “Bastão do Provedor” em prata, séculos XVI-XVIII, a escultura quinhentista em prata “Nossa Senhora com o Menino”, a escultura em pedra de “S. João Evangelista”, do século XVI, o “Paramento Oriental” completo, seiscentista, as pinturas maneiristas “A Virgem em Glória rodeada de Santas”, “Cristo em Glória rodeado de Santos”, “Cerimónia do Lava-pés” e “Cristo no Horto”¹⁴⁶, sendo todos estes restauros efectuados em 1993.

No mesmo ano, efectuou-se a desinfestação integral da Igreja, áreas anexas e capelas, travando deste modo, a deterioração causada por parasitas e fungos, que se alastrava por todas estas áreas, estendendo-se à madeira de suporte do tecto¹⁴⁷. Realizaram-se

¹⁴² Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 69.

¹⁴³ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 69 e 70.

¹⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 70.

¹⁴⁷ Idem, *ibidem*.

ainda, acções de conservação e limpeza do pavimento em mármore da Sacristia da Igreja de S. Roque¹⁴⁸.

Ao longo de 1994, foi realizado o projecto e posteriormente instalada a iluminação da Sacristia de S. Roque, sob a orientação técnica do especialista Eng. Victor Vajão¹⁴⁹. Foram ainda recuperadas 18 peças pertencentes ao acervo do Museu, de que se distinguem o conjunto de 11 “Frontais de Altar” bordados a ouro e seda, do século XVII e o “Presépio-Oratório em prata e bronze da mesma época”¹⁵⁰.

Durante o ano de 1995, salientamos os restauros efectuados em 53 obras de arte da Igreja e Museu, de que distinguimos as seguintes: as pinturas do século XVII “S. Francisco Xavier baptizando infiéis” e “Santos Mártires da Calábria”; as esculturas em terracota, representando “S. Joaquim” e “Sant’Ana” ambas de cerca de 1700 e a escultura representando “Santo Agostinho” em madeira dourada e policromada, datada do século XVII¹⁵¹. Foi ainda intervencionada a tapeçaria flamenga seiscentista “A Oferenda ao Deus Desconhecido (História de César Augusto)”¹⁵².

Ainda no mesmo ano e durante o mandato da Provedora Dra. Maria Fernanda Mota Pinto, é aprovado em Sessão de Mesa o importante e notável “Projecto de Recuperação e Restauro da Igreja de S. Roque”, adjudicado ao Arquitecto Pedro Dias Rodrigues¹⁵³.

Posteriormente, já em 1996, durante o mandato da Provedora Dra. Maria do Carmo Romão, é dado início ao referido projecto de recuperação e restauro dos espaços arquitectónicos de S. Roque¹⁵⁴. A realização deste projecto, de grande complexidade técnica, contou com a participação de diversas instituições e serviços, tanto a nível interno como externo, designadamente, o Adjunto da Mesa, a Secretaria-Geral, o Conservador do Museu, o Gabinete de Fundos Estruturais da SCML, o Departamento

¹⁴⁸ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 70.

¹⁴⁹ *Idem, ibidem.*

¹⁵⁰ *Idem, ibidem.*

¹⁵¹ *Idem, ibidem.*

¹⁵² *Idem, ibidem.*

¹⁵³ *Idem, ibidem*, p. 72.

¹⁵⁴ *Idem, ibidem.*

de Obras da SCML, o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), a Universidade de Coimbra e o Museu Nacional do Azulejo¹⁵⁵.

Esta notável empreitada de recuperação, consolidação e restauro da Igreja de S. Roque decorreu entre Junho de 1997 e finais de 1998, sendo este trabalho executado pela empresa “H.C.I. – Construções, S.A.” e orientado pelo Conservador do Museu Dr. Nuno Vassallo e Silva, sendo igualmente a empreitada acompanhada e fiscalizada pelo Departamento de Obras da SCML¹⁵⁶.

Depois de um aprofundado estudo, no que diz respeito ao estado de conservação e estabilidade das estruturas da Igreja, considerou-se que seria absolutamente prioritária uma intervenção de vulto neste conjunto arquitectónico¹⁵⁷. As acções de recuperação, consolidação e restauro tiveram como objectivo reforçar a estrutura arquitectónica do edifício, que demonstrava problemas de estabilidade, com desnivelamentos detectados em alvenarias ao nível do pavimento, paredes e tectos da Igreja e áreas anexas, fissuras, infiltrações e diversas deteriorações¹⁵⁸.

Este grandioso projecto compreendeu os seguintes trabalhos: “Reforço e assentamento das fundações da Igreja com microestacas. Refechamento de fendas em alvenarias e cantarias. Reforço de travamentos de paredes. Reparação e limpeza de cantarias interiores e exteriores. Reconstrução da cobertura e caixilharia da galeria. Protecção envolvente do edifício contra a entrada de pombos. Reforços e travamentos de asnas na cobertura da Igreja e nas coberturas da zona das capelas laterais. Tratamento dos torreões e da torre sineira. Tratamento de imunização contra agentes exteriores e contra incêndio das estruturas em madeira. Tratamento das galerias da tribuna e de todas as fachadas da Igreja. Recuperação, levantamento e assentamento

¹⁵⁵ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 72.

¹⁵⁶ *Acta da Sessão de Mesa da SCML n.º 939, 22.05.1997. Acta da Sessão de Mesa da SCML n.º 1349, 18.08.1998*. A. H./Bibl. da SCML. Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 72.

¹⁵⁷ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 72.

¹⁵⁸ Idem, *ibidem*.

de coberturas. Conservação, restauro e recolocação de azulejos dos painéis do subcoro da Igreja”¹⁵⁹.

No decurso da obra de reforço das fundações da Igreja, foram descobertas no subsolo, criptas e ossadas, tendo-se desenvolvido neste sentido um aturado estudo e pesquisa arqueológica pelos técnicos do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e da Universidade de Coimbra, considerando-se de grande importância o achado das primitivas fundações da Ermida manuelina de S. Roque, datadas do início do século XVI.¹⁶⁰

Durante o ano de 1996 foram recuperadas diversas peças pertencentes ao património artístico da Misericórdia de Lisboa, designadamente as pinturas “Transladação de Santo Inácio de Loyola”, “Alegoria de Maria de Médicis”, a tábua quinhentista da série de S. Roque “Estadia em Piacenza e retiro na floresta” e ainda “Santo Inácio de Loyola”¹⁶¹. Foram igualmente intervencionadas as esculturas “Sant’Ana” e “S. Joaquim” em madeira policromada e a imagem em gesso representando a “Rainha D. Leonor”¹⁶².

No seguimento das acções de beneficiação e restauro já realizadas, foram fomentadas entre 1997 e 1998, pelo Conservador Nuno Vassallo e Silva, relevantes intervenções de recuperação e restauro em peças pertencentes à Igreja e Museu de S. Roque¹⁶³. Deste modo, em 1997 foram intervencionados 50 relicários, em materiais preciosos, datados entre os séculos XVI e XVIII, com o objectivo de serem apresentados na Exposição Esplendor e Devoção: os Relicários de S. Roque, realizada no ano seguinte¹⁶⁴.

Ao longo de 1998 foram efectuados diversos restauros em pinturas da Igreja e Museu, nomeadamente, “S. Francisco Xavier despedindo-se do rei D. João III antes da partida para a Índia”, “S. Francisco Xavier em audiência com o Papa antes da partida para a Índia”, obras incorporadas na Capela de S. Francisco Xavier e a pintura

¹⁵⁹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo *100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 72

¹⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 73.

¹⁶¹ Idem, *ibidem*.

¹⁶² Idem, *ibidem*.

¹⁶³ Idem, *ibidem*.

¹⁶⁴ Idem, *ibidem*.

representando uma “Crucificação”¹⁶⁵. Foi igualmente recuperada a “Maquete da Capela de S. João Baptista” e a peça “Pia de água benta” executada em madeira e materiais preciosos¹⁶⁶.

Durante o ano de 1999 foram levados a cabo algumas intervenções pontuais, nomeadamente, o “Véu de Esquife que cobriu o corpo de S. Francisco Xavier”, as pinturas representando o “Calvário” e o “Martírio de S. Sebastião”, um conjunto de fragmentos cerâmicos a fim de serem apresentados na Exposição “A Ermida Manuelina de S. Roque” e a recuperação da escultura da “Rainha D. Leonor” em gesso, da autoria de Álvaro de Brée¹⁶⁷.

Intervenções recentes: 2000 - 2005

O restauro da pintura quinhentista do tecto da Igreja de S. Roque ocorreu sob a coordenação técnica da Conservadora do Museu Dra. Teresa Freitas Morna, que assumiu o cargo no ano 2000. Esta significativa intervenção decorreu entre Dezembro de 2000 e Junho de 2001, sendo responsável pela obra a empresa “Junqueira 220”, tendo a coordenação técnica da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais/Direcção Regional de Lisboa e o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian¹⁶⁸. Este relevante restauro foi tema de uma Exposição realizada em Julho de 2002, acompanhado de uma edição de Catálogo, abordando estudos de natureza histórica, técnica e científica¹⁶⁹.

A pintura do tecto de S. Roque sofreu já inúmeras intervenções na sua extensão que, em muitos casos substituíram a sua pintura original, pensa-se, no entanto, que o seu

¹⁶⁵ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo *100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 73.

¹⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 73 e 74.

¹⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 74.

¹⁶⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁶⁹ Esta Exposição realizada em 2002 foi acompanhada de Catálogo intitulado *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002. Ver ainda: Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo *100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 74.

desenho se manteve¹⁷⁰. O maior desses restauros ocorreu na década de 1860, decidindo-se, na sessão de Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a 15 de Março do mesmo ano, a execução de trabalhos de restauro no telhado e no madeiramento do tecto que se apresentava em estado de avançada deterioração¹⁷¹.

Entre Maio de 1862 e Fevereiro de 1863, dirigido por José Maria de Salles, com a colaboração de José Faustino Botelho e António Januário Correia, foi executado o restauro, cuja inscrição comemorativa está colocada junto ao arco da Capela-Mor. Salles foi pintor das obras da Ajuda, era professor de ornato e autor de obras religiosas com prestígio na época¹⁷². O seu trabalho foi de grande importância, pois abrange o refazer completo da parte junto à fachada que havia sofrido com o terremoto de 1755 e que danificou a cimalha da Igreja¹⁷³. A representação do painel “*Cristo em casa de Marta*”, ainda que envolva o mesmo tema, foi totalmente remodelado; algumas tábuas foram substituídas sofrendo modificações nas zonas decorativas¹⁷⁴. Este restauro, que hoje se põe em dúvida, foi na época do agrado da Comissão de pintores, que deu um parecer sobre o trabalho:

*“Os Professores da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa abaixo assignados tendo sido convidados pelo Ex. mo Intendente das Obras Públicas, para examinarem, com authorização do Ex. mo Marquez Vice inspector da mesma Academia, o tecto da Igreja de São Roque, pertencente á Santa Caza da Mizericordia da referida Cidade, novamente restaurado sob a direcção e trabalho do artista José Maria de Salles, e de seus ajudantes; - declaram, para constar onde preciso fôr, que approvam a dita restauração, não só porque o mesmo artista seguiu com exacção o antigo plano da obra, mas porque melhorou e aperfeiçoou a execução della, tornando-a mais valiosa na correcção do desenho, e harmonia do colorido”*¹⁷⁵.

¹⁷⁰ Cf. Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002, p. 27.

¹⁷¹ Idem, *ibidem*.

¹⁷² Idem, *ibidem*, p. 29.

¹⁷³ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁵ Biblioteca Nacional, Reservados, Códice 449. Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Museu de S. Roque/Santa

No século XX efectuou-se outra intervenção, conforme o registo assinalado por outros artífices na cornija da Igreja: “Este teto foi restaorado de Agosto 1957 a Março de 1958 / Vital José Martinho, Izedorio de Castro Fernandes e Artore Silva”, que se supõe não tenha sido benéfico para a pintura deste tecto e que na sequência desta obra gerou grande polémica entre a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais responsável pela obra¹⁷⁶.

Segundo os estudos feitos sobre o restauro do tecto da Igreja de S. Roque, publicados no Catálogo “*O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*”, os resultados das intervenções de 1957/58 não foram satisfatórios¹⁷⁷. De facto, o aspecto do tecto antes do restauro efectuado em 2001, mostrava-se obscurecido, muito diferente da pintura original¹⁷⁸.

Em 1998, após o diagnóstico do estado do tecto feito pela DGEMN, foi lançado concurso para a realização das obras de conservação e restauro, sendo aceite a proposta apresentada pela firma Junqueira 220¹⁷⁹.

Os trabalhos de restauro iniciaram-se em finais de 2000 e ficaram concluídos em Junho de 2001. Nesta obra a DGEMN teve a preocupação de manter intactos os testemunhos das várias épocas em que o monumento foi intervencionado¹⁸⁰.

Igualmente, no ano de 2000, foi recuperada a escultura manuelina de “S. Roque” em pedra policromada, do início do século XVI¹⁸¹. Ainda no mesmo ano, foram restaurados 25 espécimes de escultura, pertencentes ao acervo do Museu, a fim de serem apresentados na Exposição Escultura Votiva na Acção da Contra-Reforma, das quais se destacam: “Menino Jesus de Malines”, em madeira policromada, datado do século XVI, imagem do “Menino Jesus Salvador do Mundo” em madeira

Casa da Misericórdia de Lisboa, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VII, Lisboa, 2002. p. 29.

¹⁷⁶ Cf. Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Museu de S. Roque/Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VII, Lisboa, 2002, p. 29 e 30.

¹⁷⁷ Idem, *ibidem*, p. 32.

¹⁷⁸ Idem, *ibidem*.

¹⁷⁹ Idem, *ibidem*, p. 10.

¹⁸⁰ Idem, *ibidem*.

¹⁸¹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in Catálogo *100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 74.

policromada e prata, pertencente ao século XVIII, duas imagens representando “S. Libório” e “S. Brás” em madeira policromada, dos séculos XVII-XVIII e “Nossa Senhora da Piedade” em madeira policromada, datada do século XVIII¹⁸². No mesmo ano, foi igualmente executado o restauro das madeiras e pintura decorativa do guarda-vento e portas da entrada da Igreja¹⁸³.

No ano de 2002, foi instalado um sistema de iluminação no tecto da Igreja, com projectores dotados de filtro com protecção ultra-violeta, assegurando deste modo, uma apropriada conservação das pinturas, trabalho executado com o patrocínio da Philips e o apoio da DGEMN¹⁸⁴. Em 2003, foram colocados estores tipo Screen em todas as janelas das galerias da Igreja, com o objectivo de agilizar a preservação do referido tecto¹⁸⁵.

Durante o ano de 2002, assume o cargo de Provedora a Dra. Maria José Nogueira Pinto, em cujo mandato se destacam diversas intervenções no âmbito da conservação e restauro, trabalhos esses, coordenados pela Conservadora Teresa Morna: consolidação e restauro da Capela de S. Francisco Xavier, deteriorada por antigas infiltrações, restauro dos sinos da torre da Igreja em bronze, dos séculos XVII e XVIII¹⁸⁶. Ainda, intervenções de conservação, resguardo e organização em 1400 espécimes da “Colecção Rodrigues Alves” (1910-1967), constituída por trabalhos gráficos, ilustrações, desenhos e pinturas da autoria de João Rodrigues Alves e outros autores¹⁸⁷ oferecida à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 2001¹⁸⁸. Foi dada continuidade a estas intervenções, no ano seguinte, com o apoio da Rede Portuguesa de Museus¹⁸⁹.

¹⁸² Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 74.

¹⁸³ Idem, *ibidem*, p. 76.

¹⁸⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁸ Cf. Teresa Freitas Morna “Cinco Séculos de Heranças, Legados e Doações” in *Catálogo Colecção Rodrigues Alves – Uma Herança da Misericórdia de Lisboa*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VIII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2003, p. 67.

¹⁸⁹ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 76.

Deste modo, em 2003 foram realizadas novas acções de conservação e resguardo da “Colecção Rodrigues Alves”, sendo recuperados 24 trabalhos em suporte de papel e cartão, com a finalidade de serem apresentados numa exposição do Museu¹⁹⁰. Foram resguardados com passe-partouts cerca de 300 trabalhos pertencentes a esta Colecção, organizados e conservados num móvel especialmente adquirido para o efeito¹⁹¹.

No decorrer de 2004, salientamos o restauro do par de “Estátuas-lampadário” em estanho, do início do século XX, pertencente à antiga sala de extracções da Lotaria¹⁹². Estas peças encontravam-se muito deterioradas, sendo a sua recuperação feita no âmbito da Exposição Os Jogos Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Ao Serviço das Boas Causas¹⁹³. No que respeita à ourivesaria, efectuou-se a limpeza de uma “Banqueta” em prata, procedente do Hospital Ortopédico de Sant’Ana, incorporada no acervo do Museu¹⁹⁴.

Para finalizar, salientamos o restauro do tecto em estuque da sala principal do Museu, um baixo-relevo policromado, representando as armas da Santa Casa, datado do século XIX¹⁹⁵. Ainda, o restauro de peças de mobiliário artístico do Museu, efectuado pelo marceneiro em funções¹⁹⁶.

Actualmente encontra-se em fase de preparação uma considerável campanha de beneficiações e restauros do acervo artístico do Museu de S. Roque, no âmbito do importante projecto de ampliação e remodelação do Museu, que incidirá particularmente na recuperação de espécimes até hoje não restaurados ou alvo de restauros antigos, em que se distinguem as Colecções de Têxteis e Metais da Capela de S. João Baptista¹⁹⁷.

Com esta apreciável campanha de restauros, traduzida na sua quase totalidade de obras de arte recuperadas, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa expressa o seu

¹⁹⁰ Cf. Maria Filomena Brito, “Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005” in *Catálogo 100 anos Museu de São Roque, 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 76.

¹⁹¹ *Idem, ibidem.*

¹⁹² *Idem, ibidem.*

¹⁹³ *Idem, ibidem.*

¹⁹⁴ *Idem, ibidem.*

¹⁹⁵ *Idem, ibidem.*

¹⁹⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁹⁷ *Idem, ibidem.*

empenho em valorizar e salvaguardar o grandioso património artístico em seu poder desde há mais quinhentos anos.

CAPÍTULO 4 – A evolução institucional da entidade museológica até ao presente

Quando em Agosto de 1898 se inaugurou o Museu do Tesouro da Capela de S. João Baptista, para apresentação pública das alfaias e paramentos, a quantidade das peças, a superabundância na exposição sobrepôs-se a uma noção de qualidade, resultando, por consequência, uma exposição deficiente, encontrando-se muitos objectos em situação de difícil observação e quase impossibilitados de serem estudados.

Em Janeiro de 1905, com a primeira ampliação do Museu de S. Roque, instalado na antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, os problemas de conservação começavam já a fazer parte das preocupações de quem organizava as colecções. Segundo os critérios museográficos da época, pretendeu-se uma ampla apresentação das peças. Assim, os paramentos foram colocados em vitrines, com expositores inspirados no mobiliário seiscentista, e em que a sobrecarga na apresentação era já de certo modo contida, mas ainda era vocacionada, sobretudo para a fruição estética dos objectos.

Após 1927, verifica-se uma considerável melhoria na exposição, com a reorganização levada a efeito, em que o Museu foi dotado de novas salas. Os espaços foram organizados com grandes vitrines, de difícil acesso, mas que resguardavam bem os objectos. Também nesta época, os critérios museológicos influenciaram consideravelmente a exposição, ainda que domine uma “característica monumental” na concepção do espaço e das vitrines.

Desde 1964 que a Conservadora Maria João Madeira Rodrigues deu início a um processo de remodelação e valorização das colecções, com a colaboração do Arquitecto Fernando Peres Guimarães, patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian, uma reforma elaborada dentro das modernas correntes museológicas e museográficas¹⁹⁸, pois segundo o seu conceito: “sendo o Museu, por definição, um edifício concebido ou adaptado para abrigar colecções de objectos com fins de exame, estudo, valorização e educação, portanto todo o estabelecimento permanente criado com fim de estudar, valorizar, conservar por diversos meios, e essencialmente expor, para deleite e educação de um

¹⁹⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1968, p. 3.

público, colecções de objectos de interesse artístico, histórico, científico ou técnico, foi planificado um programa que informasse um projecto de remodelação”.

Esta nova reestruturação adoptou interessantes soluções museográficas, totalmente inovadoras para a época. No entender da sua Conservadora, S. Roque constitui “um todo homogéneo”, as suas colecções constituem um património artístico ligado à Igreja de S. Roque, e cobrem um período de mais de três séculos de história, quer ligada ao Fundo Jesuítico, quer ligada à Capela de S. João Baptista fundada por D. João V, quer mais recentemente relacionada com a Misericórdia de Lisboa, são de incontestável valor histórico, artístico e social¹⁹⁹.

Procurou-se reclassificar o Museu, não como um museu específico de Arte Sacra, mas num sentido mais abrangente e ao mesmo tempo mais actualizado, segundo a Conservadora Maria João Madeira Rodrigues o considera²⁰⁰: como “Museu de Monumento que a Igreja de S. Roque representa”. As colecções foram divididas e agrupadas seguindo um critério que engloba uma ordem cronológica, uma ordem histórica e uma valorização específica das peças. Apresentar essas colecções, reunidas de um modo coerente, para que a visita ao museu seja de fácil compreensão para o visitante.

O novo ordenamento dividiu as colecções em dois grandes grupos:

- Objectos provenientes do Tesouro da Capela de S. João Baptista, grupo homogéneo constituído por peças de paramentaria, pratas, bronzes, roupas brancas eclesiásticas e livros sagrados.
- Objectos relacionados com a Igreja de S. Roque, considerando o Fundo Jesuítico e o Fundo da Misericórdia de Lisboa, grupo heterogéneo constituído por paramentos, pratas, mobiliário, pintura e manuscritos.

¹⁹⁹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1968, p. 3.

²⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 4.

Para a exposição foram preparadas duas grandes salas ligadas por uma galeria e duas outras salas mais pequenas. Foram recuperadas as salas contíguas à Igreja, onde se colocou uma amostra da colecção ligada ao Fundo Jesuítico e à Misericórdia de Lisboa.

O primeiro andar do Museu foi destinado abrigar a colecção do século XVIII. Nesta área, a falta de espaço condicionou a apresentação das peças, procurando-se mostrar as mais representativas, a partir das quais se viria a estruturar toda a articulação do Museu.

Na instalação destas duas áreas foram adoptados os seguintes critérios:

- As salas da zona ocidental da Igreja, pela sua arquitectura particular, limitaram a exposição. Todos os materiais utilizados foram escolhidos de forma a não comprometer a harmonia do espaço.
- Nas salas da zona oriental, a exposição das peças do Tesouro da Capela de S. João Baptista, condicionadas pela falta de espaço, foram dispostas segundo padrões de qualidade. Nesta área procurou-se tirar partido do edifício, de características neo-clássicas, introduzindo na apresentação dos objectos uma harmonia de tons neutros.

O espaço da galeria de exposições temporárias, antigo Tesouro da Igreja, foi recuperado na ocasião para o Museu, onde foi apresentado um pequeno conjunto de obras carismáticas da Misericórdia de Lisboa, espaço que mais tarde veio a ser abandonado por terem surgido problemas relacionados com infiltrações de águas que punham em perigo as obras de arte.

Em 1993, a exposição permanente do Museu foi alvo de uma nova remodelação, com a orientação e projecto do Conservador Nuno Vassalo e Silva e do Arquitecto João Bento de Almeida. Uma nova disposição museográfica, ocupando as salas do primeiro piso da antiga Casa Professa, apresenta quatro núcleos distintos:

- “Misericórdia de Lisboa”
- “Ermida e Lenda de S. Roque”
- “Culto e Imagem na Expansão Jesuítica”
- “Capela de S. João Baptista”

O primeiro núcleo apresenta reduzido número de pinturas e peças de ourivesaria, que documentam a história da Misericórdia desde a fundação até aos finais do século XVIII. Destaca-se a tábua de Garcia Fernandes, “Casamento de D. Manuel” (1541), proveniente do antigo retábulo da Capela-Mor da Conceição Velha, sede da Misericórdia de 1534 a 1755. Ainda, duas raríssimas bandeiras da época de D. João V, que testemunham o acompanhamento dos condenados à morte pelos irmãos da Santa Casa.

O segundo núcleo do Museu inclui quatro quadros “Vida de S. Roque”, de autor desconhecido, pintados cerca de 1520, sobreviventes da antiga ermida manuelina. Duas esculturas em madeira policromada, representando S. Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier, cerca de 1600 fazem igualmente parte deste grupo.

O terceiro núcleo, “Culto e Imagem na Expansão Jesuítica”, exhibe um conjunto de pinturas e peças de ourivesaria, apresentadas em painéis e vitrines amovíveis, provenientes da Igreja de S. Roque e que há muito se encontravam nas reservas do Museu.

No início da sala, em cujo tecto estão representadas as armas da Misericórdia de Lisboa, pintadas no reinado de D. Maria I, distinguem-se os retratos de D. João III e D. Catarina, do pintor Cristóvão Lopes, que se encontravam até ao século passado na entrada da Igreja. Incorporam também este núcleo, duas grandes pinturas expostas ao fundo da galeria “Cristo entra os Santos Mártires” e “A Virgem entre as Santas Virgens”, de Fernão Gomes e Diogo Teixeira, ladeiam uma imagem em prata dourada de “Nossa Senhora com o Menino”, lavrada na Baviera no século XVI.

No que respeita à ourivesaria é de salientar a preciosa “Arca-relicário de S. João de Brito”, em prata branca de dourada, executada em Augsburg, entre 1694 e 1698.

No núcleo pertencente à “Capela de S. João Baptista” encontram-se expostas as principais alfaias e paramentos desta colecção, de manufactura italiana. Destacam-se

ainda, o par de tocheiros em prata dourada e bronze, executados na oficina do mestre Giuseppe Gagliardi e o frontal de altar, da autoria de António Arrighi, ourives romano de D. João V. Inclui igualmente este núcleo, a maqueta da Capela, de 1742-44, um importante testemunho para o estudo da arquitectura do século XVIII em Portugal.

O espaço contíguo à Sacristia, chamado Museu II, que na época da Conservadora Maria João Madeira Rodrigues abrigava parte das colecções, foi reabilitado e utilizado para apresentação de exposições temporárias.

A partir do ano 2000, com a direcção da Dr^a. Teresa Morna, actual Conservadora do Museu, verifica-se um novo ordenamento dos núcleos. Preenchendo a mesma área que a programação anterior, as colecções dispõem-se em três grupos:

- "Ermida de S. Roque"
- "Companhia de Jesus"
- "Capela de S. João Baptista"

A reestruturação anterior, levada a cabo pelo Conservador Nuno Vassallo e Silva, apresentava em exposição permanente quatro núcleos distintos, um dos quais incluía importantes peças ilustrativas da história da Misericórdia

Em consequência da última remodelação, foi retirada a representação do património da Misericórdia de Lisboa. Sendo este núcleo extinto, devido às más condições de conservação em que se encontravam as peças expostas, após serem detectadas inúmeras deteriorações, designadamente em objectos de prata e outros, provenientes dos materiais de que eram feitas as vitrines.

Embora o espaço museológico de S. Roque apresente bastantes limitações, nos três núcleos actualmente expostos "Ermida de S. Roque", "Companhia de Jesus" e "Capela de S. João Baptista" encontram-se representados valiosos espécimes, testemunhos únicos da herança jesuítica, abrangendo um leque artístico e tipológico dos séculos XVI ao XVIII. Igualmente, tem sido dada continuidade anual, desde 2000, ao programa de exposições temporárias na galeria junto à Igreja, denominada Museu II.

CRONOLOGIA

1898 – Em 21 de Agosto são exibidas pela primeira vez peças pertencentes ao Tesouro da Capela de S. João Baptista, na Sacristia da Igreja de S. Roque.

1905 – Em 11 de Janeiro é inaugurado o Museu da Capela de S. João Baptista, instalado numa sala da antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, onde anteriormente se realizavam as extracções da Lotaria, ocupando o cargo de Conservador o Sr. Francisco Ribeiro da Cunha.

1927 – Realização do projecto de ampliação, aumentando a área de exposição do Museu com duas novas salas.

1931 – Inauguração do renovado espaço do Museu, com a modernização do espaço de exposição permanente. Contou com a presença do Presidente da República, sendo Conservador o Dr. Jorge Cid.

1964 – É nomeada Conservadora do Museu a Prof. Dr^a. Maria João Madeira Rodrigues.

1968 – Em 2 de Julho abertura ao público do novo espaço de exposição permanente do Museu, a reestruturação e coordenação deste projecto esteve a cargo da Conservadora Prof. Dr^a. Maria João Madeira Rodrigues e do Arq. Fernando Peres Guimarães. Inauguração do Museu II, um novo espaço destinado a exhibir peças ligadas ao Fundo Jesuítico e à Misericórdia de Lisboa.

1991 – É nomeada por um período de cerca de um ano (oito meses) a Conservadora a Dr^a. Matilde de Sousa Franco.

1992 – É nomeado Conservador o Dr. Nuno Vassalo e Silva.

1993 – Nova remodelação do espaço de exposição permanente do Museu, coordenada pelo Conservador Dr. Nuno Vassalo e Silva com o projecto do Arq. João Bento de Almeida. Reabertura do espaço chamado - Museu II, para exposições temporárias.

2000 – É nomeada a actual Conservadora Dr^a Teresa Freitas Morna.

PARTE II

O Museu de S. Roque – Diagnóstico da sua evolução museológica e museográfica

CAPÍTULO 1 – Principais momentos históricos da instituição e da apresentação museográfica

As celebrações do 400º aniversário da Misericórdia de Lisboa, em 1898, e as comemorações da chegada de Vasco da Gama à Índia, no mesmo ano, foram, como dissemos, assinaladas com a primeira apresentação pública de alfaias e paramentos pertencentes ao Tesouro da Capela de S. João Baptista²⁰¹. (Foto nº 1 em anexo)

Para esse efeito foi adaptado o reduzido espaço da Sacristia da Igreja de S. Roque, com o objectivo de se exhibir as principais peças da colecção²⁰²: “Desejava o provedor que, por ocasião do quarto centenario da fundação da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, que se celebrou em 15 de agosto de 1898, se podesse fazer exposição publica do thesouro da Capella de S. João Baptista, erecta na Egreja de S. Roque d’esta Santa Casa. Para esse fim foi destinada a sachristia da Egreja, devidamente apropriada, e finalmente n’aquelle dia, 15 de agosto, foi aberta ao publico a exposição, sendo visitada por milhares de pessoas, durante alguns dias”.

Para elaborar um rigoroso estudo e catalogação de todo o espólio da Capela, foi contactado Francisco Marques de Sousa Viterbo, que, assistido pelo Prof. Rodrigo Vicente D’Almeida, Director da Biblioteca Real da Ajuda, reuniram toda a documentação respeitante às encomendas feitas por D. João V a Roma. Este trabalho conjunto deu origem à edição do catálogo “A Capella de S. João Baptista – Erecta na Egreja de S. Roque”²⁰³, tendo a publicação da notícia histórica e descritiva da Capela a colaboração de Francisco Ribeiro da Cunha, futuro Conservador do Museu: “O Exº. Sr. Francisco Ribeiro da Cunha, entusiasmado por ver realizado o seu pensamento dominante, lembrou a conveniencia de simultaneamente ser publicada uma noticia historica e descriptiva da Capella de S. João Baptista e seu thesouro. Concordou a administração com a idéa, e ainda d’esta vez teve a boa sorte de conseguir que o erudito e notavel litterato o Exº. Sr. Dr. Sousa Viterbo tomasse à sua conta a feitura

²⁰¹ Cf. Nuno Vassallo e Silva, “Museu de S. Roque”, in *A Sétima Colina, Roteiro Histórico – Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 66. Ver ainda: Teresa Freitas Morna, Catálogo “O Museu de São Roque 100 Anos de História 1905-2005” in *Catálogo 100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 18.

²⁰² Cf. Francisco Sousa Viterbo, Rodrigo Vicente D’Almeida, *A Capella de S. João Baptista – Erecta na Egreja de S. Roque* (reedição), Livros Horizonte, Lisboa, p. 12.

²⁰³ Idem, *ibidem*.

de obra tão importante, coadjuvando-o até o ultimo dia da sua vida o official da Real Bibliotheca da Ajuda, Rodrigo Vicente d'Almeida". O registo fotografico esteve a cargo do fotografo Bobone, que foi autorizado a fotografar as peças mais importantes do Tesouro²⁰⁴, tendo sido este importante acontecimento registado em Acta: "*Fotografias (Bobone) – O fotógrafo Bobone é autorizado a fotografar as alfaias e mais objectos pertencentes à Capela de S. João Baptista, tendo a Santa Casa uma contrapartida de 20% sobre a venda de cada exemplar*" (Livro 18, 29-09-1898).

A exposição pública destas peças raras veio despertar o interesse e a curiosidade da Rainha D. Amélia, que interessada, logo solicitou, através de protocolo, o acesso, para estudo, das várias peças do Tesouro da Capela de S. João Baptista, que foram indicadas pelo Professor Enrique Casanova. Conforme a Acta de Mesa:

Sessão de 4 de Fevereiro de 1899

"Tendo o veador de S. M. a Rainha D. Amélia, conde de Sabugosa, dirigindo-se por escrito à Administração pedindo para serem facultadas à mesma augusta Senhora por algum tempo certos objectos do Thesouro da Capella de S. João Baptista, que sejam apontados pelo professor Casanova, resolveu a Administração que esses objectos possam ser sucessivamente facultados mediante documento do mesmo Ex. mo veador". (Fls 4 e 5)

As limitadas dimensões da Sacristia e a enorme abundância de peças de que se compõe o Tesouro da Capela de S. João Baptista, levaram a Administração da Misericórdia a promover o alargamento do Museu, criando-lhe novas e mais amplas instalações, adaptando-as às modernas exigências museológicas, no intuito de melhor acautelar os objectos expostos e facilitar a sua observação, devolvendo-lhes assim a sua dignidade estética. Foi então, que a Mesa da Santa Casa da Misericórdia decidiu ocupar o espaço da antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, anexo à Igreja, e onde desde 1783, se procedia à extracção da Lotaria Nacional.

A Mesa, presidida por António Augusto Pereira de Miranda, programou uma exposição permanente das obras mais importantes pertencentes ao Tesouro da referida Capela. Com a disponibilização desta nova área, foram necessárias algumas

²⁰⁴ Cf. Teresa Freitas Morna, Catálogo "O Museu de São Roque 100 Anos de História 1905-2005" in Catálogo *100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 23.

remodelações no edifício, nomeadamente na fachada principal, que estiveram a cargo do Arq. Adães Bermudes.

A apresentação seguiu os critérios museográficos da época, em moldes mais amplos, as peças foram exibidas em sumptuosos expositores, inspirados no mobiliário seiscentista, mais vocacionados para a fruição estética dos objectos. Assim, a 11 de Janeiro de 1905, é solenemente inaugurado o Museu do Tesouro da Capela de S. João Baptista, com as presenças de SS Majestades o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia. (Foto nº 2 em anexo)

Este facto foi noticiado e descrito de forma elogiosa pelas publicações da época²⁰⁵, conforme nos relata a Ilustração Portuguesa de 23 de Janeiro de 1905: *“Abriu ao público esta exposição, que, mercê dos cuidados do sr. Conselheiro Pereira de Miranda, se instalou nas dependencias da Mizericordia, e que, devido ao bom gosto e a grande somma de trabalho do sr. Francisco Ribeiro da Cunha, se apresenta d’uma bem surprehendente maneira. Não ha duvida que um superior criterio presidiu á disposição das joias magnificentes que restam do nosso passado opulento, e não se pôde hesitar em felicitar tanto o sr. Ministro das obras publicas como o sr. Ribeiro da Cunha pelo resultado dos seus esforços”*. O acontecimento foi igualmente registado em Acta na Sessão de 16 de Janeiro de 1905:

“Tendo sido solenemente inaugurado, no dia 11 do corrente mês, o Museu do Thesouro da Capella de S. João Baptista em uma sala que para esse fim mandou construir a Administração da Santa Casa, e reconhecendo esta os importantíssimos serviços que para a realização de tal empreendimento tem prestado com o maior desinteresse e abnegação e por vezes com larga generosidade o Exmº. Sr. Francisco Ribeiro da Cunha, resolveu lançar em Acta desta sua sessão um voto de louvor e profundo agradecimento por tão valiosos serviços, pedindo ao mesmo Senhor para aceitar o cargo de Conservador do referido museu que com tanto amor e competência organizou, devendo entregar-se-lhe uma cópia desta acta”.

Livro de Actas nº 20 a fls 29 e 30

²⁰⁵ A inauguração do Museu do Tesouro da Capela de S. João Baptista foi noticiada pelas seguintes publicações da época: “A Exposição de Alfaias da capella de S. João Baptista de S. Roque” in *Ilustração Portuguesa*, 23 de Janeiro de 1905. “O thesouro da capella de S. João Baptista – A sua exposição permanente” in *Diário de Notícias*, nº 14 051, 11 de Janeiro de 1905. “Visita à capella de S. João Baptista” in *O Século*, nº 8 275, 12 de Janeiro de 1905.

A inauguração do Museu permitiu a integração de numerosas peças desta vasta colecção, que devido à exiguidade do espaço se encontravam em reservas, e também no caso de outras, que se conservavam noutras instituições como o Baldaquino italiano do século XVIII, que desde 1892 se encontrava na Academia Real das Belas Artes.

Segundo as disposições da Mesa da Santa Casa da Misericórdia, o espaço ocupado pelo Museu, onde se procedia, desde 1783, à extracção da Lotaria Nacional, foi transferido para a área do antigo pátio da cisterna, tendo o facto sido registado em Acta na Sessão extraordinária de 19 de Janeiro de 1905:

“Os serviços prestados a este pio estabelecimento pelo seu actual provedor o Exm^o. Sr. Conselheiro António Augusto Pereira de Miranda, são tantos e de tal ordem, e revelam tão improbo trabalho e tamanha competência, que só uma grande força de vontade aliada a uma dedicação pouco vulgar, justificam.

Enumeralos seria tarefa difícil; basta especialisar alguns, para se ajuizar, de prompto, da sua vantagem e importancia.

Entre eles figura em primeiro lugar a construção da nova sala de loterias, obra de architectura simples, mas elegante, e com a capacidade e condições precisas para serviço tão importante – a sala destinada para a exposição do Tesouro da Capela de S. João Baptista, confiado à guarda da Santa Casa, inaugurado no dia 11 do corrente com a assistência de SS. Majestades, thesouro que era quase desconhecido por falta de instalação condigna”. (Livro de Actas nº 20, Afls 31)

Em 1927, a Misericórdia de Lisboa, imbuída pelo espírito de “renovação nacional” deixado pela Revolução de 28 de Maio do ano anterior, leva a cabo uma política de acção cultural, que envolveu um conjunto de obras desta instituição. A remodelação do Museu de Arte Sacra de S. Roque, contou com a ampliação e modernização do espaço destinado à exposição permanente, incluindo duas novas salas para apresentação do espólio da Capela de S. João Baptista e exibição de outras obras de arte que até então não tinham sido expostas.

A inauguração deste espaço teve lugar em 1931 (Fotos nº 3 a nº 5 em anexo). Segundo um conjunto de actas deste período:

“Museu – O Sr. Provedor propôs que fosse encarregado um fotógrafo de tirar fotografias do Museu e dos objectos mais notáveis nele contidos, para futura venda ao público, a fim de constituir receita para a sua manutenção. O Conselho resolveu aprovar esta proposta e encarregar o fotógrafo Marques de Abreu, do Porto, da execução destes trabalhos”. (Livro 25, Del. 2ª. 29.01.1931);

“Museu, novas instalações – Com a presença de Sua Excelência o Senhor Presidente da República que se dignou presidir, com a assistência de Suas Excelências os Senhores Presidente do Ministério e Ministro do Interior, bem como de outras entidades oficiais, inauguraram-se as novas instalações do Museu (...)”. (Livro 25, Del.1ª, 20.08.1931).

Durante a década de 40, a actividade do Museu foi pouco significativa, apenas algumas colaborações em visitas de estudo com escolas e liceus. Contudo, o Museu foi alvo de uma nova remodelação realizada por Pedro da Cunha Santos, entre 1937 e 1940. (Fotos nº 6 a nº 10 em anexo) É de salientar o despacho ministerial sobre a superintendência do Museu:

“Despacho ministerial – Superintendência do Museu – A Mesa ficou ciente do despacho ministerial de 18 do corrente que aprovou o deliberado na sessão do mês em curso, sobre a imputação do Oficial Maior de Superintendência na guarda e conservação do Museu, serviços estes em que será coadjuvado pelo Chefe de Secção a que estiver atribuído o património”. (Livro 32, Del. 2ª., 20.05.1943). Deste modo, a direcção do Museu ficou subordinada a um Chefe de Sessão durante um largo período de tempo. Na década de 50 não há qualquer alusão a actividades do Museu.

Durante o mandato do Provedor Dr. José Guilherme de Mello e Castro, nos anos 60, foi nomeada uma comissão para concretizar uma reforma interna do Museu e elaborar uma monografia sobre trabalhos de restauro. Conforme a Acta da Sessão de 27 de Abril de 1963:

Monografia sobre o restauro de pintura da Santa Casa e inventário do património artístico.

“Considerando que se encontra concluído o volumoso trabalho de restauro dos quadros existentes na Igreja de S. Roque, Museu e S. Pedro de Alcântara, efectuado pela oficina de Restauro do Museu de Arte Antiga e, sobretudo, por Marino

Guandalini, sob a orientação do Senhor Doutor Mário Carmona, considerando que convém preparar uma monografia descritiva e pormenorizada dos trabalhos produzidos, considerando, ainda, que é da maior conveniência e utilidade a organização, conforme as normas de museologia, do inventário de todo o património artístico da Santa Casa, trabalho a que não pode dedicar-se o Senhor Doutor Mário Carmona, por falta de tempo, considerando que é do maior interesse a publicação de um novo catálogo para o Museu e Igreja de S. Roque, deliberado +propor superiormente que seja encarregada a Senhora Doutora Maria João Madeira Rodrigues, Licenciada em Ciências Histórico-Filosóficas, Conservadora - estagiária do Museu de Arte Antiga, do seguinte: a) Preparação, no prazo de dois meses, em colaboração com o Senhor Doutor Mário Carmona, Senhor Guandalini e Oficina de Restauro do Museu de Arte Antiga de uma monografia sobre os trabalhos de restauro de pintura. b) Elaboração, em contacto com o Museu de Arte Antiga e Senhor Doutor Mário Carmona, do inventário artístico do Museu e Igreja de S. Roque e Capela e demais obras d'arte de S. Pedro de Alcântara. O prazo provável para a realização deste trabalho será fixado dentro de seis meses. c) Preparação de um catálogo para o Museu e Igreja de S. Roque. d) Acompanhar os trabalhos, em curso, de restauro dos paramentos, remodelação da iluminação do Museu e Igreja e outros. e) Elaboração de proposta sobre arranjo interno do Museu, nos espaços actuais e com o mínimo de dispêndio. Os trabalhos decorreriam pelo período de um ano, a contar de quinze de Abril e, findo este prazo, seriam apreciados antes de prosseguirem. A remuneração relativa ao mesmo período de tempo seria de trinta mil escudos, a liquidar em prestações mensais de dois mil e quinhentos escudos". (FL 144 v)

A década de 60 foi marcada por uma política de acção cultural levada a cabo pelo Provedor Dr. Lino Neto, que se distinguiu pelo seu interesse nesta área e que com seu empenhamento, deu grande impulso à renovação que se realizou nesse período. A documentação da época faz referência ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian à grande remodelação do Museu realizada nesta altura. (Fotos nº 11 a nº 14 em anexo)

Conforme a Acta:

“Subsídios concedidos pela Fundação Calouste Gulbenkian para obra de ampliação e remodelação do Museu de S. Roque e publicação do respectivo catálogo”. (Del. 25ª, Sessão 7 de 17.02.1966)

“Inauguração de novas instalações do Museu de S. Roque (02-07-1968)” (Del. 1ª, Sessão 28 de 11.07.1968).

Nesta fase, a Conservadora Maria João Madeira Rodrigues, encetou um processo de remodelação e valorização das colecções do Museu, introduzindo novos padrões museográficos, “uma obra de integração dentro das actuais correntes museológicas e museográficas”²⁰⁶. Um cuidadoso projecto conduzido pelo Arq. Fernando Peres Guimarães, que constitui não só uma transformação quantitativa, mas também de qualificação e hierarquização de espaços, que no seu conjunto significam uma parcela importante da História portuguesa. A Profª. Drª. Maria João Madeira Rodrigues propõe um novo conceito para o Museu de S. Roque²⁰⁷:

“Definição de um lugar físico que:

- *Restitua na sua integridade a implantação a antiga Casa Professa da Companhia de Jesus.*
- *Explicita nas suas colecções as diversas influências presentes na área, isto é, cumpre a função de Museu de Arte mas também as funções de Museu de Monumento*
- *Companhia de Jesus e Museu da Misericórdia de Lisboa.*
- *Desenvolva acções paralelas de extensão cultural que torne acessível a um público cada vez mais vasto a importância da sua mensagem”*.

A nova reestruturação foi inaugurada a 2 de Julho de 1968, acompanhada da publicação de um catálogo e contou com a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian. Ao mesmo tempo, abriu ao público o Museu II, instalado junto à Sacristia da Igreja, onde se exibiram peças da colecção ligadas ao fundo Jesuítico e à Misericórdia de Lisboa²⁰⁸. (Fotos nº15 e nº 16 em anexo)

²⁰⁶ Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1968, p. 3.

²⁰⁷ Maria João Madeira Rodrigues, *Arquitectura - Igreja e Casa Professa de S. Roque*, Cadernos de Conservação I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988. pp. 28 e 29.

²⁰⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *Museu de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1968, p. 3.

Na década de 80, durante o mandato do Provedor Dr. Pedro Pestana de Vasconcelos, foram tomadas medidas para protecção das instalações da Igreja e Museu pela então Administração da Santa Casa da Misericórdia. Conforme relato das Deliberações de Mesa: *“Aquisição de um sistema anti-roubo e intrusão para a Igreja e Museu”* (Del. 5ª, Sessão 47 de 26.11.1980) e ainda a *“Instalação no Museu e Igreja e em outros serviços e estabelecimentos de um sistema de detecção e alarme contra roubos e intrusão”* (Del. 1ª, Sessão 18 de 12.05.1981; Del. 2ª, Sessão 19 de 19.05.1981).

É durante este período que se faz uma primeira referência à futura ampliação do Museu (Del. 20ª, Sessão 6 de 10.02.1983). As Deliberações de Mesa mencionam que, atendendo ao progressivo aumento pelas manifestações culturais levadas a cabo pelo Museu, foi decidido o *“maior aproveitamento cultural e artístico daquela área através da Secretaria Geral”* (Del. 2ª, Sessão 17 de 06.05.1986; Del. 5ª da Sessão 48 de 16.12.1986).

Procedeu-se igualmente ao levantamento arquitectónico e artístico do património edificado da SCML (Del. 11ª, Sessão 46 de 02.12.1986).

Durante o mandato do Provedor Padre Dr. Victor Melícias realizaram-se eventos culturais com o objectivo de divulgar o património cultural da Santa Casa, nomeadamente com a organização de exposições, conferências e edição de publicações. Algumas Deliberações referem:

“Definição do património cultural a cargo da equipa técnica do Museu de S. Roque” (Del. 5ª, Sessão 15 de 12.04.1988).

No início do ano de 1991 toma posse como Provedora da Santa Casa a Drª Maria Fernanda Mota Pinto. No mesmo ano é nomeada Conservadora do Museu a Drª Matilde de Sousa Franco, a qual exerceu funções durante oito meses.

Em 1992, o Dr. Nuno Vassallo e Silva assume as funções de Conservador do Museu. Desempenhou com grande dinamismo e diligência esta actividade, no que respeita à inventariação e divulgação das colecções, na realização de exposições temporárias assim como no intercâmbio cultural com outras entidades. Em 1993 é efectuada uma renovação da exposição permanente. (Fotos nº 17 a nº 21 em anexo)

É também recuperado o espaço contíguo à Sacristia da Igreja para realização de exposições temporárias, um projecto que contou com o apoio técnico do Eng. Luís

Casnovas e com o Arq. João Bento de Almeida, passando a chamar-se Museu II. Foi igualmente organizado o primeiro e completo inventário fotográfico das colecções. São ainda realizadas importantes intervenções no âmbito da conservação e restauro da Igreja de S. Roque, nomeadamente a consolidações das fundações da Igreja, com a colaboração do IPPAR. Igualmente, é feito o estudo do projecto para uma futura ampliação do Museu.

O Conservador Dr. Nuno Vassallo e Silva distinguiu-se pela obra de valorização do Museu de S. Roque, que concretizou com exposições de alto nível artístico e a publicação de catálogos que comprovam a riqueza do património da Santa Casa²⁰⁹.

²⁰⁹ Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, *A Misericórdia de Lisboa, Quinhentos Anos de História*, Livros Horizonte, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, p. 569.

CAPÍTULO 2 – O Museu segundo os seus anteriores e actuais responsáveis

Este capítulo estruturar-se-á a partir das entrevistas realizadas a dois antigos Conservadores do Museu de S. Roque, Professora Maria João Madeira Rodrigues e Dr. Nuno Vassallo e Silva e à actual Conservadora Dra. Teresa Freitas Morna e ainda a dois profissionais que estiveram de certa forma envolvidos em projectos relativos ao Museu, o Eng. Elias Casanovas e o Designer Cruz de Carvalho. (Consultar questionários e entrevistas em anexo)

A Professora Maria João Madeira Rodrigues foi Conservadora no Museu de S. Roque desde 1964 até 1989/90. Durante esse período exerceu também funções de Conservadora do Património Artístico e Arquitectónico da Misericórdia de Lisboa, sendo também assessora do Provedor da Misericórdia, acumulou o cargo que exercia no Museu com o de docência na Escola Superior de Belas – Artes e na Faculdade de Arquitectura.

O espaço de S. Roque, no entender da antiga Conservadora Maria João é um local único e com características muito especiais como comentou nesta entrevista:

“O Museu de S. Roque é um espaço privilegiado, com Artes Ornamentais, Pintura, Escultura, Ourivesaria. Temos um espaço cultural que é todo um espaço museológico, transborda para a área que o circunda. O espaço de S. Roque vai reflectir-se muito no bairro alto, foi ordenador da parte urbanística”. Comenta ainda as características especiais de um Museu de Arte:

“As exigências próprias dos museus de arte são múltiplas, entre elas:

O edifício onde está instalado

As colecções que conserva

O público que o visita”

O problema de apresentação das obras de arte é sempre visto e relacionado com o ambiente arquitectónico, em que salienta: “toda a obra a expor deve harmonizar-se com o ambiente”.

E ainda comenta como é importante valorizar a arquitectura, para que esta possa servir de suporte às peças apresentadas: “O valor estético e artístico pode ser, quer por integração, quer por contraste. Por exemplo, no Museu II, um espaço que criei dentro do núcleo do

Museu, junto à Sacristia, destinado à apresentação de colecções de arte portuguesa, as paredes estavam em contraste como os paramentos, que são ao mesmo tempo peças muito fortes, em termos visuais, e frágeis fisicamente. cada objecto tem uma natureza específica e afectiva, por isso, é muito importante valorizar a arquitectura para servir de suporte e neste caso a força da arquitectura suportava as peças. O tratamento das paredes e o tecto de abóbada de aresta viva estavam em harmonia contrastante com os objectos”.

A antiga Conservadora salienta a importância de uma correcta apresentação museográfica, em que o visitante tenha sempre presente um fio condutor: “A organização de um museu é harmonizar-se, sentir os objectos. A atenção do visitante tem de ser estimulada, não deve ser banalizadora, pois o acto criador é por natureza sedutor. Um museu é um processo de sedução, em que o visitante tem de ser conduzido e seduzido”.

Considera a Capela de S. João Baptista uma jóia arquitectónica, que pelo seu valor estético e artístico deverá ser considerada parte do Museu: “o caso específico da Capela de S. João Baptista constitui só por si um museu. O seu valor estético e artístico é de tal forma *violento* que faz automaticamente parte do museu”.

Fez ainda uma avaliação do Museu e do programa por ela desenvolvido: “O programa defendido e desenvolvido por mim em 1964 de fazer o chamado Museu de Monumento, tendo como eixo a Igreja de S. Roque, inicio de todo o processo. Como espaço múltiplo não omiti a Misericórdia, mas não a coloquei no centro, porque os caminhos indicam mais para a Companhia de Jesus. A meu ver, Museu e Igreja devem ser chamados de Espaço Cultural de S. Roque”.

O projecto de remodelação realizado pela então Conservadora desde 1964, uma obra notável, considerada na época dentro das mais modernas correntes museológicas e museográficas, foi sem dúvida da maior importância para a história da museografia portuguesa. Comenta a razão das opções que tomou e o que para ela foi primordial no desenvolvimento deste projecto: “Antes de tudo conservar, pôr as colecções em bom estado de conservação, depois considerar o espaço disponível. Para esse efeito, dotou-se o Museu de um espaço chamado Museu II, que abrigasse parte da amostragem de origem portuguesa. A ideia foi tentar ganhar espaço com esse núcleo. No Museu I optou-se por apresentar pintura seiscentista: retratos de D. João III e D. Catarina. Ainda, uma sala

vocacionada à interpretação de influências testemunhadas pelas pinturas “Casamento de Santo Aleixo” e “Passos da Vida de S. Roque”.

Uma das acções desenvolvidas no Museu pela Prof. Maria João, com a finalidade de valorizar as peças, foi a exposição em “roulement” ou em rotação. Através deste sistema de rotatividade das obras da colecção, era possível tomar conhecimento de grande parte do acervo, que era numeroso e de grande qualidade, contribuindo também para a protecção das peças de uma excessiva exposição à luz.

Explicou ainda as opções que tomou para uma correcta apresentação das peças: “Antes de ser Conservadora, os paramentos estavam amontoados dentro das vitrines, assim, optou-se por fazer uma exposição qualitativa. Na exposição, a preocupação máxima foi a sobriedade, as peças precisavam de “respirar”, se o “roulement” estiver organizado, é relativamente fácil de se concretizar e é bom para as obras de arte”.

A Prof. Maria João comentou a forma como o Museu deveria ser entendido: “O Museu tinha de ser entendido, não como uma sala de visitas, mas como um centro de investigação, e houve um esforço, para que tudo o que lá está, tivesse sido alvo de estudo, senão tudo, pelo menos lançar as bases da investigação”.

Em seu entender, um conhecimento profundo do acervo é absolutamente essencial para a valorização dos objectos e seu discurso museológico: “Quem faz o museu é quem conhece as peças, a história não é uma história factual, é um historial de criação artística. Não se pode tornar um museu banal, há que fazer sobressair os objectos e valorizar a forma como são vistos pelo público”.

Descreve-nos deste modo, as várias etapas deste seu projecto: “As salas remodeladas foram aquelas que estavam disponíveis para exposição, ou seja, aquelas que iriam acolher o museu. Os trabalhos de recuperação consistiram no descascar completamente das paredes, na determinação e consolidação das estruturas, e fazer os respectivos acabamentos, tudo claro, sempre com grandes restrições orçamentais. Por volta de 1965 foi feita uma exposição experimental, cujo tema de estudo era o Museu de S. Roque. A exposição ocupou somente a sala grande, onde foi pendurado o baldaquino, após a sua respectiva recuperação”.

Quanto aos materiais utilizados na remodelação das salas de exposição, como a antiga Conservadora evidenciou, prevalecia a maior sobriedade e relativamente à cor aplicada

também, sendo utilizada uma cor neutra, que sugeria um espírito neo-clássico. O material escolhido para forrar as paredes foi veludo mate, num tom especialmente encomendado para fugir à ideia de ser um escrínio, mas que suportasse as peças.

E conforme salientou a importância do uso dos materiais na apresentação museográfica das peças: “No meu entender os museus devem usar materiais correntes, sem luxos. Por isso, na apresentação das peças foi importante retirar a ideia de vê-las e entendê-las como jóias, como elementos de ostentação, pois não são jóias, são antes de mais obras de arte, por isso, quanto mais sóbrio é o ambiente, melhor”.

O Designer Cruz de Carvalho foi um dos principais colaboradores que integrou a equipe no projecto de remodelação do Museu coordenado pela Conservadora Maria João Madeira Rodrigues de que também fez parte o Arquitecto Fernando Peres Guimarães.

A sua intervenção neste projecto constou na criação de suportes para algumas pequenas peças no interior de vitrines, o material utilizado foi o acrílico, que segundo a sua opinião, “é um material que não interfere com os objectos, porque é transparente e não tem a rigidez do metal, também por isso não causa reacções químicas em contacto com outros materiais, é neutro e tanto quanto se sabe inofensivo e ao mesmo tempo discreto”.

Se fizesse este tipo de intervenção actualmente continuaria a propor esta mesma opção, “porque o material seria o indicado, o acrílico é um material muito versátil pela forma, trabalha-se com facilidade e adapta-se a qualquer situação que se imagine, tem a vantagem de ser neutro, não afectando por isso outro material, sendo considerado de confiança”.

Justificamos a não integração de uma entrevista à Dra. Matilde Sousa Franco, visto a sua actuação como Conservadora do Museu de S. Roque ter decorrido num curto espaço de tempo (cerca de um ano), em que não foram feitas alterações no essencial.

Nuno Vassallo e Silva, Conservador do Museu de S. Roque entre 1992 e 1999, faz uma avaliação da evolução do Museu em termos museológicos e museográficos, comentando o importante período que antecedeu a sua nomeação como, “uma verdadeira revolução dentro da apresentação das colecções”.

Segundo Nuno Vassallo e Silva, a acção da Conservadora Maria João Madeira Rodrigues foi notável, tendo como preocupação a valorização dos objectos e a diminuição da carga museográfica, adaptando e abrangendo a área de exposição, o antigo espaço do tesouro da Igreja, que é hoje a galeria de exposições temporárias, em que foi criado um núcleo sobre a Companhia de Jesus e a Misericórdia de Lisboa.

No seu entender o projecto da antiga Conservadora, foi um projecto revolucionário para a altura dentro da museografia, com grandes vitrines construídas num material novo, o alumínio, muito leve e quase imaterial, e com uma apresentação quase conceptual da colecção.

Nuno Vassallo e Silva comentou acerca do seu projecto de remodelação levado a cabo nos anos 90: “A Igreja é parte integrante do museu, é no fundo o grande salão do Museu, onde existe também a função de culto. O meu projecto era, digamos, um prolongamento com adaptações do projecto da Prof. Maria João, o seu projecto era notável, mas nos inícios dos anos 90, já não correspondia às preocupações, à procura do estudo e do público e que a história necessitava”.

Segundo o antigo Conservador, a primeira remodelação que se fez, que é ainda a que está actualmente, “foi mais um ensaio”, visto que o projecto de 1968 da prof. Maria João privilegiava quase exclusivamente a Capela de S. João Baptista e no parecer de Vassallo e Silva existem na Misericórdia peças muito importantes para serem apresentadas.

O seu conceito de apresentação das obras iria reflectir-se através de um discurso expositivo organizado, incluindo quatro núcleos: “Achei que devia tentar fazer a apresentação dessas obras (*Cristo em Glória rodeado de Santos* e *Virgem em Glória rodeada de Santas*) no espaço onde a dependência era só ocupada pela área da Capela de S. João Baptista, e tentar organizar o discurso expositivo através de núcleos que considere importantes e que creio que estavam algo descuidados, são: a própria fundação da Misericórdia de Lisboa, a Ermida de S. Roque, a herança/legado jesuítico e a Capela de S. João Baptista”.

Comentou ainda sobre o seu projecto de remodelação: “Houve um grande número de pinturas e peças de ourivesaria que queríamos pôr, eu não queria fazer uma ruptura com o passado, o projecto foi feito pelo Arquitecto João Bento de Almeida, com a criação de grandes painéis amovíveis, que podem ser movidos de um espaço para outro, e que eu

tentei reconstruir. Era um pouco o programa iconográfico da Igreja, só pictórico, através de pinturas naquela galeria, que nós sabemos que estavam exactamente no fundo da Igreja dos dois lados”.

Através deste seu projecto criou um novo discurso museográfico, como explicou: “Tentámos neste núcleo, chamado núcleo Jesuítico, criar essa questão, de algum modo reflectir num pequeno espaço, um pouco o que era a Igreja, e alternar a pintura com volumetrias através da riquíssima colecção de ourivesaria, e daí aquele conjunto grande de vitrines que foram feitas”.

Ao contrário da Conservadora Maria João Madeira Rodrigues, fez um sistema de “roulement” ou rotatividade das peças através de exposições temporárias, que era também uma forma de apresentar o acervo do Museu: “Fiz sistema de “roulement” através das exposições temporárias, e como a colecção era tão rica, e à medida que a ia conhecendo ficava bastante impressionado com ela, propus à administração reabrir o espaço do antigo Tesouro (chamado Museu II) que era um depósito, como apoio do Eng. Luís Elias Casanovas no aspecto da conservação, e com o projecto do Arquitecto João Bento de Almeida, ficámos com uma área para exposições temporárias, que é uma forma de apresentar as outras colecções, colecções que nunca tinham sido vistas”.

E acrescentou ainda sobre o facto: “Não seria propriamente “roulement”, adoptámos o sistema das exposições temporárias e a actual Conservadora Teresa Morna continuou essa tarefa. No fundo a galeria de exposições temporárias é a forma de apresentar, e porque o espaço é muito pequeno, a área de exposições do museu é mínima, são 400 m², nós não poderíamos ter “roulement” nesse aspecto, eu creio até que esta opção é mais inteligente”.

Durante a década de 90 Nuno Vassallo e Silva desenvolveu uma profícua acção de divulgação do acervo do Museu, através da realização de exposições temporárias, que atrás referimos, com a exibição de grande número de obras que nunca haviam sido apresentadas ao público. O seu programa deu prioridade ao estudo aprofundado das colecções e à realização de inúmeros catálogos, de que resultou uma série sistematizada de edições e importantes monografias:

“A primeira exposição “No caminho do Japão” de Arte Oriental, simultaneamente e pela primeira vez, foram publicados catálogos da exposição, que na realidade eram

verdadeiros catálogos das colecções, no catálogo “No caminho do Japão” fez-se o catálogo integral das colecções de Arte oriental, com o catálogo “Frontais de Altar” fez-se o inventário dos frontais de altar, depois fizemos o mesmo para os relicários. Projectámos algumas obras em associação como Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa, depois fizemos confrontar a nossa colecção com outras colecções, e fizemos por exemplo a “Mater Misericordiae” sobre esta iconografia, que ainda hoje é uma obra de referência e que serviu de base a duas exposições. “A Herança de Raluchantim” sobre a arte da Índia, talvez seja a exposição mais referida internacionalmente e também em Portugal. Tentei parcerias com a Comissão dos Descobrimentos, também no fundo como mecenas, fizemos a exposição do Prof. Pedro Dias “Reflexos – Símbolos e Imagens do Cristianismo na Porcelana Chinesa”.

Com efeito, a direcção de Vassallo e Silva destacou-se pelo incremento dado ao estudo e divulgação das colecções, iniciativa esta que a seu ver, não se concretizou completamente na direcção anterior, como comentou: “O Museu de S. Roque é a única casa-museu portuguesa que eu conheço, que fez a edição sistemática dos catálogos das suas colecções, e ao mesmo tempo realizou exposições temporárias, que contextualizavam essas mesmas colecções”.

O antigo Conservador sublinhou a importância do trabalho desenvolvido no Museu durante a sua direcção: “Fizemos mais exposições, editámos mais livros, restaurámos e conservámos mais obras de arte, inclusive a Igreja toda, que qualquer museu nacional, nenhum fez metade do que nós fizemos, com o orçamento muito pequenino”.

Outra das grandes e importantes tarefas orientadas por Vassallo e Silva foi a elaboração do inventário, que foi realizado novamente, sendo totalmente informatizado.

Comentou ainda acerca dos importantes trabalhos de conservação e restauro desenvolvidos durante a sua direcção: “Havia trabalhos de conservação com mais de 10 anos, do tempo da Prof. Maria João que não se conseguiram realizar, por diversas razões, como por exemplo, logo quando eu entrei, fez-se a desinfestação, o expurgo de toda a Igreja, estava cheia de caruncho, sobretudo o tecto. O restauro das fundações da Igreja foi uma obra inacreditável, foi uma obra gigantesca, iniciada em 1997 e finalizada em 1998.

Em seguida, um processo que eu iniciei e que a actual Conservadora Teresa Morna conseguiu realizar, que foi o restauro do tecto. Em termos de conservação e restauro, os

sete anos que lá estive orgulho-me muito, fez-se mais não foi por eu lá estar, coincidiram uma série de factores”.

Concorda parcialmente com a definição de “Museu de Monumento” sustentada pela antiga Conservadora Maria João, a partir do momento em que a Igreja de S. Roque é classificada desde o início do século, dos primeiros monumentos nacionais. No seu entender, embora seja um monumento padrão da arquitectura portuguesa, a Igreja de S. Roque tem um acervo móvel, que é quase tão importante como a própria Igreja e esse aspecto deve ser sempre considerado.

Salienta ainda o facto de o Museu de S. Roque ser um caso único e especial em Portugal, reunindo e mostrando colecções, apresentadas dentro do seu próprio contexto:

“Realmente é um caso único do ponto de vista patrimonial, e como monumento conservou quase intacto, mais próximo possível, o que foi o seu património móvel que fazia parte do monumento, nessa perspectiva eu estou de acordo com a Prof. Maria João Madeira Rodrigues, não seguirei tanto no sentido em que esse património móvel por si só tem uma autonomia tal, que se individualiza do próprio monumento, por isso é que o Museu de S. Roque é para mim uma experiência única, porque é um museu que não é um artificialismo como a maior parte dos museus, que são objectos provenientes das mais diversas instituições, igrejas e colecções, e que estão ali artificialmente ali reunidos, e no Museu de S. Roque não estão artificialmente reunidos, podem estar artificialmente mostrados, mas estão sempre dentro do seu próprio contexto, eu acho que isso é um aspecto único nos museus em Portugal”.

Comentou o que no seu entender seria um museu banal: “um museu banal é um museu que é um acumular de peças, sem discurso, que é aquilo que a Prof. Maria João encontrou quando chegou a S. Roque, e tentou fazer um discurso, tentou e fez, e notável. Um museu banal é isso, é que o público, o visitante tem de saber o discurso que tem no museu, tem de ser seduzido, as peças têm de ser seleccionadas, temos de orientar o visitante, mas ao mesmo tempo também temos de lhe dar alguma liberdade, mas eu penso que foi o que a Prof. Maria João fez na remodelação de 68”.

O antigo Conservador concorda com as afirmações da Prof. Maria João acerca da importância de um profundo conhecimento das colecções para um correcto discurso

museográfico: “o discurso num museu, é um discurso feito através de objectos, e quem não conhece os objectos nunca poderá propor um discurso”.

Concorda que a definição de Museu de Arte Sacra para o Museu de S. Roque é uma definição redutora, mas é talvez onde o Museu melhor se enquadre, pensando na importância crescente dos legados e na parte histórica da Misericórdia, embora se possa dizer que: “toda a acção da Misericórdia é uma acção ligada ao religioso, e há objectos que não têm nada de religioso, como por exemplo, o bastão do provedor, não é uma alfaia religiosa, mas cumpre uma missão de espiritualidade, por isso é talvez a definição onde o Museu melhor se enquadre”.

Nuno Vassallo e Silva faz uma avaliação acerca do museu que fez na época da sua direcção e reflecte sobre o programa que traçou e desenvolveu entre 1993 e 1999:

“Eu entrei para S. Roque para fazer um programa e a preocupação que eu tive, foi a divulgação das colecções, o museu tinha sido reaberto um ano ou dois antes, mas com uma adaptação pobre do programa da Prof. Maria João, isso foi uma das razões maiores que fizeram para cortar completamente com o programa anterior, e porque o que lá estava, nem era o que a Prof. tinha feito”.

Sublinha a importância de incluir um núcleo sobre a “Misericórdia de Lisboa” no novo projecto de ampliação do Museu: “No projecto que eu realizei em 1993, já havia um núcleo sobre a Misericórdia, coisa que não havia antes, e a ideia é que no projecto de ampliação do Museu a Misericórdia passe a ter uma importância muito maior, e como as Misericórdias vêm muito da memória e do cumprimento, do culto da memória dos benfeitores, são instituições únicas em termos de memória e portanto no projecto de renovação do museu, existe um núcleo grande só com a Misericórdia, quando não existe área disponível, como é agora o caso, privilegiam-se outros espaços”.

Comenta ainda acerca das opções que tomou e o que no seu entender será o mais importante a desenvolver: “Iria sempre para a mesma opção, que é a divulgação das colecções, através de uma maior oferta do acervo aos visitantes, isto através de uma remodelação das galerias principais, abertura da sala de exposições temporárias (Museu II), catálogos das colecções e exposições”.

Consciente da necessidade de renovar e valorizar as colecções do Museu, salienta a importância de uma nova ampliação do Museu e na criação de novos critérios de

apresentação do acervo: “Apostar e renovar as visitas guiadas, adaptando os programas das visitas guiadas aos programas escolares, hoje não iria mudar muito esse programa, talvez insistisse na necessidade, que é gritante, de que o museu tem de ser ampliado, a área de exposição permanente, isso sim, isso é fundamental, porque nesta altura depois do que se fez, depois das exposições que se fizeram, do que se realizou, urge haver uma exposição permanente maior e criar um museu mais apetecível, a Igreja de S. Roque é um dos monumentos mais visitados de Lisboa, ultrapassando as 120 mil pessoas por ano”.

Salientou a acção exemplar da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em relação ao Museu de S. Roque: “Em relação á tutela, só posso dizer que tive sempre todo o apoio das mesas. Sempre tive todo o apoio e liberdade dentro do museu, porque o Museu de S. Roque é um instrumento do cumprimento de um estatuto da Misericórdia para a acção cultural, portanto o Museu de S. Roque é um instrumento de realização dos estatutos da própria Misericórdia, portanto, não é encarado por esta Instituição como um luxo”.

Teresa Freitas Morna Conservadora do Museu de S. Roque desde o ano 2000, comenta acerca das limitações que reconhece actualmente no Museu:

“O espaço museológico do Museu de S. Roque é exíguo, não só no que concerne ao número de peças que se encontram em exposição, o que se traduz em alguns problemas de leitura das obras, como por exemplo, os tocheiros da Capela de S. João Baptista requerem um pé direito mais elevado e o dossel desta Capela que se encontra desenquadrado por não ter sido possível apresentá-lo no seu núcleo de origem. Problemas deste género dificilmente se resolvem com pequenas intervenções, requerendo alterações mais profundas ao nível da estrutura do edifício”.

Por outro lado, segundo a opinião da Conservadora Teresa Morna existem também algumas limitações ao nível do espaço, que neste caso é bastante diminuto para a quantidade de peças de extrema importância que se encontram em reservas.

Outras limitações existentes no Museu, para além das restrições que delimitam a área de exposição permanente, existem limitações prementes, essencialmente ao nível das infra-estruturas de apoio e ao nível dos recursos humanos.

Comentou ainda acerca da área de expansão do Museu: “Os espaços e volumes foram definidos em função do estudo preliminarmente efectuado, tendo em conta os principais

núcleos expositivos, a sua importância e a área a ocupar em função da dimensão de cada conjunto”.

A Conservadora Teresa Morna salientou a importância de uma renovação e ampliação do espaço museológico, seguindo uma linha de continuidade com a programação anterior, com o objectivo de dar a conhecer o vasto acervo conservado actualmente em reservas. Este novo projecto de ampliação da área do Museu proporcionará uma melhoria substancial das condições de conservação e apresentação da exposição permanente, bem como a criação de novas áreas de acolhimento. Comentou a adaptação do edifício às novas exigências do programa museológico:

“A recuperação da zona do antigo claustro seiscentista da Companhia de Jesus, que se traduz num acréscimo de mais quatro salas, passando dos actuais 490 m² para 1070 m²”.

“A criação de melhores condições de exposição para os bens museológicos, de acordo com processos de iluminação adequados a uma boa observação e de conservação das obras de arte”.

“A criação de novas salas de exposição, designadamente no piso térreo e superior e ainda de acesso à Igreja de S. Roque”.

“A criação de uma cafeteria, com área a usufruir no antigo claustro, actualmente entaipado e cujo projecto pretende recuperar”.

“A criação de uma escada e elevador, facilitando deste modo, o acesso de visitantes e deficientes motores aos três grandes espaços (piso térreo, Igreja e piso superior). Esta solução irá permitir a constituição de percursos mais adequados de circulação”.

“A criação de novas instalações sanitárias para o público em geral, incluindo deficientes motores e ainda para o pessoal do museu”.

“Relativamente à questão da segurança, as obras do Museu prevêm a implementação de um projecto de “Segurança Integrada”, que responda às normas de segurança exigidas actualmente pela lei”.

“A criação de uma nova sala para o serviço Educativo”.

“A instalação de gabinetes técnicos e administrativos com maior área, dotando-os de melhores condições de trabalho, bem como de melhores condições de arquivo”.

“A optimização da área de reservas, incluindo uma pequena ante-câmara para eventuais trabalhos de conservação e restauro, ou para depósito de peças que necessitem de ser isoladas do espaço de reservas”.

Comentou acerca dos núcleos que contemplará no Museu e que soluções prevê para os mesmos: “No núcleo da Capela de S. João Baptista procurar-se-á reinterpretar, com recurso a materiais contemporâneos, o espaço da Capela de S. João Baptista, no qual serão integradas parte das peças que constituem o seu acervo”.

“Propõe-se uma apresentação rotativa dos paramentos, com o objectivo de proporcionar ao público uma maior proximidade com as práticas litúrgicas da época, solução que simultaneamente irá contribuir para a protecção das peças”.

No que concerne à conservação preventiva, salientou que, está prevista a instalação de um sistema de iluminação com sensores o que permitirá que não haja exposição à luz na ausência de visitantes.

A actual Conservadora comentou ainda acerca do novo programa museológico que contempla os seguintes núcleos:

- Ermida Manuelina de S. Roque
- Companhia de Jesus (dividida em três sub-núcleos temáticos)
- Arte Oriental
- Capela de S. João Baptista
- Arte Luso-Oriental
- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Conforme salientou Tersa Morna, a ampliação da área do Museu, com o alargamento no piso térreo à área do antigo claustro da Casa Professa da Companhia de Jesus, permitirá a criação de novos núcleos expositivos, com um aumento significativo e diversificado das obras expostas. A recuperação destes espaços irá trazer um acréscimo à exposição actual: “Parte da colecção de Pintura, contemplando obras de pintores de origem portuguesa, que em Portugal desenvolveram extensa actividade, seja para a Companhia de Jesus, seja para a Misericórdia de Lisboa nomeadamente, Garcia Fernandes, Bento Coelho da Silveira, André Gonçalves e outros”.

“Importantes espécimes da Imaginária Escultórica, incluindo peças de oficinas portuguesas, com notáveis testemunhos da época maneirista e barroca”.

“A colecção de Arte Oriental, de excepcional qualidade, na qual se encontram amplamente representadas raras peças de origem indiana, chinesa e japonesa, executadas em materiais nobres para a Companhia de Jesus. Com efeito, um conjunto único para o estudo da arte indo-portuguesa, que é actualmente testemunho da acção da Companhia de Jesus no amplo processo de evangelização”.

“Peças de Ourivesaria portuguesa, que testemunham o percurso da ourivesaria entre o século XVI e XX, encontrando-se representadas peças em materiais valiosos, que documentam a presença da Companhia de Jesus em S. Roque”.

Para terminar e sob o ponto de vista da conservação interrogámos o Eng. Luís Elias Casanovas que fez alguns comentários sobre as acções de conservação preventiva no Museu de S. Roque.

O Eng. Elias Casanovas deu apoio técnico no projecto de remodelação do Museu levado a cabo pelo então Conservador Nuno Vassallo e Silva na década de 90, sendo actualmente consultor técnico do Museu de S. Roque na área da conservação preventiva. Segundo o seu parecer, o Museu de S. Roque não coloca problemas de conservação. No entanto, na área das condições de ambiente, enfrenta, por vezes, algumas dificuldades nomeadamente, no controle dos valores da humidade relativa. Deste modo, os problemas com que o Museu se defronta, têm sido controlados recorrendo a desumidificadores móveis.

No entender do Eng Casanovas: “o Museu de S. Roque, como qualquer outro museu semelhante, tem de ter uma vigilância atenta, sobretudo dos valores mínimos da humidade relativa, por forma a que as oscilações sejam lentas e não atinjam valores inferiores a 35/40 % por períodos de tempo muito superiores a 24 horas”.

CAPÍTULO 3 – A Igreja de S. Roque e a sua importância patrimonial e museológica

A Igreja de S. Roque é o fulcro desta unidade museológica, a corporização do Museu. Nos vários conceitos de museu que se foram sucedendo de acordo com os vários directores e responsáveis, a Igreja de S. Roque ocupa um papel primordial. Não faz sentido visitar-se o Museu sem se visitar a Igreja. A Igreja é talvez mesmo, o ponto central de todo o Museu. Será sempre em função dela que um programa museológico deve ser pensado. De resto, foi num dos seus espaços, a Sacristia, que o Museu começou. Por outro lado, acumulando obras de arte ao longo de séculos, representativas dos mais diversos sectores, da arquitectura às chamadas artes decorativas, passando pela pintura, pela escultura, pela ourivesaria e pelos têxteis, a Igreja de S. Roque é um autêntico Museu vivo, ainda com a função original de lugar de culto, onde podemos ver as obras com os papeis e a função que originalmente tinham e continuam a ter, por isso lhe vamos dedicar este capítulo antes de procedermos ao diagnóstico final da actual realidade museológica e de procedermos à nossa proposta de reprogramação.

A reorganização dos quadros regulares da Igreja progrediu significativamente no decorrer da segunda metade do século XVI, trazendo por consequência a inserção de novas ordens religiosas de cariz cristão. De entre estas ordens, a Companhia de Jesus viria a ser um instrumento do ideal de uma Igreja reformada, influenciada pela vontade de espiritualização, que se concretiza numa acção missionária e actividade educativa infatigáveis²¹⁰.

Instituída em 1534, a sua rápida aceitação traduz-se na fundação de institutos que sirvam como centros difusores dos seus ideais. A constituição de Casas Profetas desempenhou na hierarquia das construções jesuíticas a sua acção mais relevante, sendo programada dentro dos mais estritos requisitos Contra-Reformistas, também na edificação de Igrejas recusa soluções “monumentais”, definindo-se em modelos simplificados, isentos de luxos

²¹⁰ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, pp. 7, 8.

e exageros, adaptados ao fim requerido, por uma instituição missionária de carácter puramente didáctico²¹¹.

Dentro deste modelo insere-se a Igreja de S. Roque²¹², construída pela Companhia de Jesus na segunda metade do século XVI, tem a sua génese a partir de um programa religioso fixado a diversos níveis, de acordo com as disposições impostas pelo Concílio de Trento²¹³. Caracteriza-se por um maneirismo de linhas austeras, manifestado na expressão sóbria da sua fachada, que se assume igualmente no interior de planta rectangular²¹⁴. A larga nave ampla e iluminada guarda quatro capelas laterais encimadas por tribunas e galerias, a capela-mor pouco profunda abre para o transepto inscrito.

Na verdade, o espaço interior é linear, que “verdadeiramente qualifica a arquitectura”, tem como pólo dinamizador a grande nave, que pelas suas características, “constitui o ponto ordenador da Igreja”²¹⁵, criando áreas distintas, conforme a descrição da Professora Maria João Madeira Rodrigues: “*mesmo na primeira fórmula, que foi alterada antes de 1610, qualquer variante, capela, tribuna, galeria ou altar se subordina à expressão da vasta área a partir da qual o resto do templo se define (...) dentro do espaço de São Roque, duas áreas bem delimitadas e distintas; uma zona de cinco capelas e quatro altares ocupando o topo da Igreja e uma outra que corresponde à superfície das quatro capelas seiscentistas, e que, a partir dos dois púlpitos situados a meio da Igreja, separavam essa zona, dedicada a uma assistência missionária e à prédica. Toda a área era dotada de confessionários, uma ordem de tribunas, uma galeria superior e servida*

²¹¹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, pp. 6 e 7. Ver ainda: Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 105. Paulo Pereira, “A Arquitectura Jesuítica - Primeiras Fundações” in Revista *Oceanos* n° 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro de 1992, p. 106.

²¹² Entre todas as igrejas jesuíticas da Reforma Católica, a Igreja de Jesus, em Roma, é a casa-mãe, o ponto de referência universal, que permite caracterizar o modelo de igreja que esta época impõe, de acordo com os objectivos impostos pelo Concílio de Trento. Cf. Maria Isabel Rocha Roque, *Altar Cristão, Evolução até à Reforma Católica*, Colecção TESES, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2004, p. 124.

²¹³ Cf. Germain Bazin, *Histoire de l'histoire de l'art - de Vasari à nos jours*, Éditions Albin Michel S. A., Paris, 1986, p. 210.

²¹⁴ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 16. Ver ainda: Paulo Pereira, “A Arquitectura Jesuítica - Primeiras Fundações” in Revista *Oceanos* n° 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro de 1992, p. 105.

²¹⁵ Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 17. Ver ainda: Paulo Pereira, “A Arquitectura Jesuítica - Primeiras Fundações” in Revista *Oceanos* n° 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro de 1992, p. 105.

por uma rede de acessos, ainda hoje transitáveis, que assegurava tanto uma circulação externa ao corpo da Igreja como uma ligação com o interior da Casa Professa. A área das capelas, de dedicação diversa da actual, ocupava a outra metade da Igreja²¹⁶. Pode-se desta forma verificar que, nesta primeira organização, a área das capelas forma um todo dedicado à Companhia de Jesus, onde se desenvolve a prédica jesuítica, concentrada nos púlpitos, confessionários e área central da Igreja.

A partir de 1610, a intensificação no culto a diversos santos e o desejo de vários doadores de fundarem capelas, leva a que o espaço ocupado por tribunas e confessionários na parte superior da igreja, seja contemplado com a incorporação de duas novas capelas valorizando desta forma o interior do templo²¹⁷. Estas, tal como hoje se apresentam, dispõem-se quatro de cada lado da grande nave. As suas invocações são, do lado direito: Nossa Senhora da Doutrina, S. Francisco Xavier, São Roque e Santíssimo (antiga Nossa Senhora da Assunção), do lado esquerdo: Sagrada Família, Santo António, Nossa Senhora da Piedade e São João Baptista.

A decoração da Igreja vai, assim, enriquecer-se com os magníficos trabalhos em talha dourada²¹⁸ destas pequenas ermidas, também cobertas de azulejos ou mármore, que num jogo de tonalidades oferecem nova perspectiva ao ambiente.

Efectivamente, com a fundação das Capelas da Nossa Senhora da Piedade e do Espírito Santo em 1570 e da Capela da Sagrada Família em 1634, concluiu-se esta fase que veio a modificar e a valorizar o espaço interior, sendo a adição da Capela de S. João Baptista mais tardia²¹⁹. As diversas intervenções efectuadas ao longo do tempo, ainda que muitas de carácter funcional, nomeadamente em 1808, 1846, 1930 e 1959 alteraram consideravelmente a expressão primitiva da Igreja e das capelas²²⁰. A instalação do órgão no coro alto e a disseminação dos relicários de S. João de Borja pelos vários pequenos altares contribuíram para a transformação desta área sagrada.

²¹⁶ Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 17.

²¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 20.

²¹⁸ Cf. Ayres de Carvalho, *D. João V e a Arte do seu Tempo*, Vol. II, edição do autor, Lisboa, 1962, p. 223.

²¹⁹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 20.

²²⁰ Idem, *ibidem*.

A Igreja de S. Roque, de grande riqueza ornamental, foi decorada entre o início do século XVII e 1711, tendo sido concebida em diversas fases manifestadas através dos elementos decorativos de cada capela, que pelo facto, se distinguem pelo seu carácter cumulativo²²¹.

Estas, possuindo portas intercomunicantes, permitiam que os serviços religiosos fossem organizados sem perturbar o espaço central, uma vez que até ao Concílio do Vaticano II se podia celebrar officios religiosos em qualquer das capelas²²². Outrora dependentes de doadores, famílias ou confrarias que as dotavam de rendas, criando assim rendimentos permanentes de forma a apoiar o colégio.

Com efeito, um aspecto que nunca deve ser esquecido, o da própria arquitectura interior, a divisão de uma nave única com capelas laterais, terá também a ver com a sustentabilidade económica da instituição.

Nascido no espírito da Contra Reforma, este conjunto artístico que é a própria Igreja, oferece-nos a possibilidade de estudar a arquitectura, o azulejo e a talha, a pintura²²³ e a escultura praticamente ininterruptamente desde o século XVI até ao século XVIII, na realidade, este conjunto consegue esgotar três séculos de arte portuguesa e também arte estrangeira com a qual a arte portuguesa esteve relacionada.

De facto, aqui três universos se cruzam: o da Ermida de S. Roque, anterior à fundação jesuítica, o da fundação jesuítica que envolve a Capela de S. João Baptista porque é ainda enquanto Igreja dos Jesuítas que a Capela é oferecida pelo Rei D. João V, e finalmente a fase da Santa Casa que é a mais recente.

Este templo jesuítico é por si um repositório da evolução da talha portuguesa desde o maneirismo até à talha do estilo nacional que aqui se encontra, e que, aliada à riqueza cromática dos mármorez funcionava como atmosfera de sedução, valorizada pela iluminação através das janelas nas galerias laterais e coro alto, aliciando os crentes, numa época em que a fé católica se encontrava ameaçada pela ideologia de Lutero e Calvino.

²²¹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1980, p. 21. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1999, p. 21.

²²² Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1980, pp. 20 e 21.

²²³ Ver: José Estevam, "Relíquias e Pinturas da Igreja de S. Roque" in *Revista Municipal* n° 59, Lisboa, 1953, pp. 55-68. Ver ainda sobre este assunto: Luís de Moura Sobral, "Pintura" in *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

O azulejo em azul e amarelo, “Ponta de Diamante” da Escola Triana de Sevilha cobre toda a área sob o coro alto e transepto²²⁴, sendo datado de 1596.

A escultura incorpora-se na Igreja em nichos sobre os púlpitos onde se encontram imagens em mármore branco dos quatro evangelistas²²⁵, igualmente dispostas nas capelas conforme uma iconografia específica ligada à Companhia de Jesus.

Destaca-se da mesma forma, a série de pinturas a óleo “Vida de Santo Inácio de Loyola” atribuídas a Domingos da Cunha, o “Cabrinha”²²⁶, pintor da primeira metade do século XVII, e os painéis curvo-triangulares, também seiscentistas, representando os Doutores da Igreja, colocados nos intervalos dos arcos.

A cobertura do tecto, cujo plano em abóbada de volta perfeita ou abatida, inicialmente proposto por Afonso Ávares, terá sido posto de parte depois da sua morte, por se pôr em dúvida a resistência das paredes numa superfície tão vasta. Na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, Baltasar Telles refere as dificuldades encontradas neste projecto, o que levou o Rei de Castela a pedir a colaboração do arquitecto Filippo Terzi²²⁷, que com a aprovação régia e dos padres da Companhia de Jesus, optou por uma cobertura em madeira²²⁸.

Esta, ainda prevalece na sua estrutura base, embora tenha sido sujeita a algumas modificações, foi na época considerado um empreendimento de grande originalidade: “...quer pelo enorme espaço de cobertura, quer pelo sistema de junção dos vários elementos (ao invés do travejamento unitário com enormes vigas), quer pela utilização da

²²⁴ Cf. José Meco, *O Azulejo em Portugal*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 194. Ver ainda sobre este assunto: Vitor Serrão, “O Azulejo Maneirista”, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, p. 275.

²²⁵ Cf. Pedro Dias, “As outras imagens: o Maneirismo na escultura portuguesa” in Catálogo *A Pintura Maneirista em Portugal, Arte no tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995, p. 154.

²²⁶ Ver acerca deste pintor: José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 143, 358 e 359.

²²⁷ Cf. Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – subsídios para a sua história*, Typografia da Academia das Ciências, Lisboa, 1902, pp. 188 e 189. Ver ainda: *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores* (reedição), Vol. I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, p. 238. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 19. J. H. Pais da Silva, *Estudos sobre o Maneirismo*, Imprensa Universitária n.º 29, Editorial Estampa, Lisboa, 1986, p. 122.

²²⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 19. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 22. Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002, p. 14.

casquinha prussiana para obter maior leveza. Os cronistas dos séculos XVI e XVII não se cansam de cantar as excelências da obra, detendo-se detalhadamente sobre a perícia da sua construção que então espantava a tecnologia nacional”²²⁹.

A cobertura foi terminada em 1584 e segundo a narração feita pelo Padre Baltazar Telles, foi lançado a concurso o projecto entre os três pintores de maior nomeada, tendo sido o desenho final aprovado pelo Rei²³⁰.

A pintura foi realizada por Francisco Venegas, pintor régio de Filipe II²³¹, o mais célebre mestre na década de 1580, segundo os estudos de Joaquim Caetano, não existem dúvidas quanto à sua autoria: “O sentido decorativo, a unidade espacial, a mestria em captar ilusionismos de espaço e de decoração, a complexidade do programa iconográfico unem o tecto de S. Roque ao que conhecemos da obra de Francisco Venegas e a sua autoria do tecto não parece, no actual estado dos nossos conhecimentos, poder ser posta em causa”²³².

Esta representação pictórica, da maior qualidade e “interesse artístico” é concebida num *tromp-l’oeil* perspectivado, onde três cúpulas são estruturadas de forma imaginária, numa vasta superfície de 654 m²³³: “...o maior interesse artístico do tecto resulta, sem dúvida, dessa liberdade e largueza compositiva, onde o *tromp-l’oeil* arquitectónico se conjuga com uma interessante e intrigante densidade imagética”, “O desenho dessas grandes cúpulas encontra-se perspectivado de acordo com o ângulo da entrada...”, “A rodear a cúpula central, de formato hiperbólico são representados em grisalha os símbolos dos quatro evangelistas. Nos dois topos, enquadrados por arquitecturas opulentas definem-se os painéis da *Última Ceia* e de *Cristo em Casa de Marta*, enquanto que os eixos laterais são marcados pelas representações da *Multiplicação dos Pães e dos Peixes* e da *Ceia de*

²²⁹ Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol.VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002, p. 14.

²³⁰ Idem, *ibidem*.

²³¹ Cf. Vitor Serrão, *A História da Arte em Portugal – O Maneirismo*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 63. Ver ainda do mesmo autor: *A Pintura Maneirista em Portugal*, Biblioteca Breve, Maia, 1991, pp. 64 e 69. “Venegas e Morais: a “Segunda Geração” de *Maneirismo Assumido*”, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, pp. 240 e 241.

²³² Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol.VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002, p. 16, 20.

²³³ Idem, *ibidem*, p. 15.

Emaús, dentro de molduras que simulam um trabalho de cartelas ao gosto flamengo. Nas bandas laterais, nos espaços formados pelos arcos caem ilusoriamente, como tapeçarias pendendo do balcão quatro painéis que representam respectivamente *A Páscoa dos Judeus*, *A Apanha do Maná*, *O Sacrifício de Isaac* e *Abraão e Melquisedeque*. A este conjunto figurativo que enuncia os principais episódios de um programa eucarístico juntam-se, ao lado de cada um dos seis painéis que ocupam os lados do tecto, doze representações, como quadros em grisalha, retirados de temas do Antigo Testamento, cada um encimado por uma cartela com alusiva legenda latina²³⁴.

Foi igualmente importante a participação de Amaro do Vale²³⁵, que ocupou o cargo de pintor régio entre 1612 e 1619²³⁶. Considera-se da sua autoria o painel da *Multiplicação dos Pães e dos Peixes* e do medalhão central²³⁷ com a *Apresentação da Santa Cruz*, “E no entanto, o único nome relacionado com o tecto de S. Roque na memorialística antiga não é o de Venegas, mas sim o de Amaro do Vale, pintor a quem Ribeiro dos Santos e o IV Visconde de Balsemão (manuscrito do MNAA), certamente fazendo eco de qualquer notícia documental, atribuem o medalhão da *Multiplicação dos Pães e dos Peixes* do tecto da Igreja”²³⁸.

As Capelas da Igreja de S. Roque

Capela da Senhora da Doutrina

²³⁴ Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol.VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002, pp. 15 e 16.

²³⁵ Cf. Vitor Serrão, *A História da Arte em Portugal – O Maneirismo*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 78 e 79.

²³⁶ Cf. Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol.VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002, p. 21. Ver também sobre este assunto: Vitor Serrão, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, pp. 241 e 253.

²³⁷ Ver sobre este assunto: José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, p. 476.

²³⁸ Joaquim Oliveira Caetano, “O Tecto de São Roque” in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol.VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002, p. 21.

Construída em 1634 pela “*Confraria dos Irmãos Oficiais da Senhora da Doutrina*”, era também conhecida pelo nome que adoptou de “*Congregação dos Oficiais Mecânicos*” ou da “*Senhora da Doutrina*”.

Esta associação teve especial importância sobre os trabalhos técnicos e artísticos empreendidos em S. Roque, desenvolvendo um sistema corporativo que reunia artífices e profissionais de todos os ramos de actividade. Ligada aos princípios religiosos da Companhia de Jesus, tinha a vantagem de salvaguardar trabalhos ligados às obras jesuíticas. Esta capela possuía sacristia própria, privativa da Irmandade da Doutrina, que se situava na área onde é hoje a entrada do Museu, junto à porta de acesso à Igreja²³⁹.

Apesar de ter sido edificada no século XVII, a sua decoração é posterior, típica do barroco estilo nacional²⁴⁰, desenvolvido durante a primeira metade do século XVIII. Este estilo é caracterizado por uma grande densidade decorativa, colunas pseudo-salomónicas²⁴¹, com elementos vegetalistas como: cachos de uvas, parras, pássaros (pelicanos), anjos com posição ascendente. A talha dourada ocupa toda a superfície interior, incluindo o tecto em abóbada²⁴². A escultura que ocupa o centro do retábulo representa Nossa Senhora da Doutrina, uma imagem em madeira policromada do século XVII. As imagens de Santa Ana e S. Joaquim (pais de Nossa Senhora) ladeiam a representação central, ambas em madeira policromada, do século XVII. Mármore embrechados seiscentistas revestem os lambris e o altar, um trabalho português inspirado em modelos florentinos. Estes embutidos, de grande interesse técnico e artístico, combinam motivos vegetalistas, antropomórficos, assim como elementos arquitectónicos e geométricos.

²³⁹ Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 25.

²⁴⁰ Cf. Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 75. Acerca deste assunto o Dr. Mário Tavares Chicó explica o “estilo nacional”, em que se aplica o uso exclusivo da talha dourada, como material de construção, difundindo-se na segunda metade do século XVII e generalizando-se a partir do último terço daquele século, traduzindo-se numa exuberância decorativa e abuso do dourado, emprestando impressionante efeito cénico. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 107. Ver ainda: José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 304 e 305.

²⁴¹ A coluna salomónica é um dos elementos importados de Itália, recebendo neste período, atenção especial dos artífices nacionais, com interpretações muito pessoais. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 107.

²⁴² É característico do “estilo nacional” o total preenchimento de talha dourada. Idem, *ibidem*, p. 107.

Nas paredes laterais, encontram-se pequenos relicários da colecção de D. João de Borja. A balaustrada da capela, em ébano com acrotérios de mármore embrechado, tem como motivo central o escudo com o Livro da Doutrina. O pavimento é em mármore rosa, cinza e branco, de motivos geométricos.

Capela de São Francisco Xavier

A Capela de São Francisco Xavier foi instituída por Luís Roiz de Elvas, em 1623. Era dotada de sacristia situada na zona por detrás da Capela da Nossa Senhora da Doutrina, presentemente área de serviços da Misericórdia de Lisboa²⁴³.

A sua decoração, ao estilo tipicamente maneirista²⁴⁴, data da primeira metade do século XVII, pertencendo ao grupo de capelas influenciadas pela composição da Capela-Mor, de tendência sóbria e equilibrada²⁴⁵.

O retábulo principal²⁴⁶ cujo quadro central desapareceu, integra a imagem do santo padroeiro da capela, em madeira policromada e dourada, do século XVII. É ladeado por dois pares de colunas coríntias estriadas, cujo terço inferior é entalhado com motivos de inspiração nacionalista – pinhas, cachos, cabeças de anjo e elementos vegetalistas.

Nas paredes laterais, encontram-se duas pinturas de José Avelar Rebelo, que ilustram passagens importantes da vida do santo “*D. João III em audiência de despedida a Francisco Xavier quando da sua saída para a Índia em 1541*” e “*O Papa Paulo III no acto de enviar para Portugal os primeiros missionários da Companhia de Jesus*”.

A balaustrada desta capela é em jacarandá com acrotérios de mármore cinzento.

²⁴³ Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 28.

²⁴⁴ Ver sobre este assunto: Pedro Dias, “As outras imagens; O Maneirismo na escultura portuguesa” in *Catálogo A Pintura Maneirista em Portugal, Arte no tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995, p. 154.

²⁴⁵ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 21. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 28.

²⁴⁶ O Dr. Mário Chicó chama a atenção para este modelo maneirista de “formas alongadas e magras no gosto inaugurado pela Contra-Reforma”. A este retábulo ligam-se outros exemplares na mesma Igreja (o altar-mor e o da Sagrada Família integram-se na mesma tradição maneirista). Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 105.

Capela de São Roque

Capela da segunda metade do século XVI, situada no local que corresponde ao da primitiva ermida de São Roque. Por acordo estabelecido com a Companhia de Jesus, a administração desta capela ficou a cargo da Irmandade de São Roque. Era originalmente dotada de sacristia, situada na zona posterior à Capela de São Francisco Xavier, local junto ao primeiro claustro da Casa Professa de São Roque, onde actualmente funcionam serviços da Misericórdia de Lisboa²⁴⁷.

Pela sua concepção e ornamentos decorativos, esta capela distingue-se das restantes, não se identificando estilisticamente com qualquer outra da Igreja²⁴⁸. A talha barroca da segunda metade do século XVII é única na decoração da Igreja – elementos dourados sobre fundo branco²⁴⁹. O nicho central inclui a imagem de São Roque em madeira policromada do século XVII, é ladeada por duas esculturas de S. Sebastião e S. Tiago em madeira estofada da mesma época.

Pensa-se que, a série de pinturas quinhentistas “*Vida de São Roque*” teriam decorado o interior da capela, a julgar pela reprodução oval no azulejo idêntica a uma das tábuas ilustrativas da vida do santo²⁵⁰.

O quadro lateral “*Aparição do Anjo a São Roque*”²⁵¹ e “*São Roque na prisão*” situado no remate da capela, são atribuídos ao pintor Gaspar Dias, datados do século XVII²⁵².

²⁴⁷ Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 28.

²⁴⁸ Cf. Vitor Serrão, *A Pintura Maneirista em Portugal*, Biblioteca Breve, Maia, 1991, p. 59.

²⁴⁹ Decoração ao gosto da época pelo uso de colunas espiraladas e motivos de inspiração nacional, como os pelicanos e as parreiras. Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 31.

²⁵⁰ Idem, *ibidem*.

²⁵¹ Ver acerca deste pintor: José Alberto Seabra Carvalho, “II – A Rebelião de Campelo: o triunfo da *Bella Maniera* cerca de 1560/1580 – “A Aparição do Anjo a S. Roque”” in Catálogo *A Pintura Maneirista em Portugal, Arte no tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995, p. 229.

²⁵² Cf. J. H. Pais da Silva, *Estudos sobre o Maneirismo*, Imprensa Universitária n° 29, Editorial Estampa, Lisboa, 1986, p. 123. Ver ainda sobre este assunto: Vitor Serrão, *A História da Arte em Portugal – O Maneirismo*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 56. Do mesmo autor: *A Pintura Maneirista em Portugal*, Biblioteca Breve, Maia, 1991, p. 59. “A pintura maneirista em Portugal: das brandas “maneiras” ao reforço da propaganda” in *História da Arte Portuguesa*, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999, p. 459. “A “Primeira Geração” de Maneirismo Experimental e o Conceito de *Belo Decomposto*”, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, p. 232.

Os azulejos que revestem as paredes, de grande valor histórico, artístico e iconográfico são assinados por Francisco de Matos e datados de 1584²⁵³. A sua decoração combina elementos naturalistas, com padrões geométricos e elementos iconográficos relativos à vida de S. Roque.

O tecto, dividido em caixotões e medalhões, é pintado a têmpera e representa também uma série de signos iconográficos referentes a S. Roque.

Nas portas da balaustrada em jacarandá, sobre almofadas de espinheiro, está representado o braço da Confraria de S. Roque, com as insígnias do orago, as Armas Portuguesas e a Coroa Real.

Capela do Santíssimo

Originalmente dedicada a Nossa Senhora da Assunção, foi instituída por Luísa Frois e fundada em 1636. Com a mudança do Santíssimo Sacramento do altar-mor para esta capela, houve necessidade de a isolar segundo costume tradicional e daí a aplicação de um gradeamento próprio no século XIX²⁵⁴.

²⁵³ O painel de azulejos da Capela de S. Roque em Majólica, nas cores azul, verde, vermelho e branco sobre fundo amarelo, insere-se no estilo Maneirista, com elementos de tradição italo-flamenga. Esta composição ornamental utiliza modelos maneiristas flamengos, combinados com elementos do “grutesco” importados de Itália. É uma das escassas obras assinadas e datadas. Cf. Reynaldo dos Santos, Diogo Macedo, “As Artes Decorativas dos séculos XVII e XVIII – O Azulejo”, *História da Arte em Portugal*, Vol. III, Portucalense Editora, Porto, 1953, p. 341. Ver ainda: Robert Smith, in *The Art of Portugal 1500-1800*, London – New York, 1968, p. 12. Reynaldo dos Santos, “O Azulejo”, *Oito Séculos de Arte Portuguesa – História e Espírito*, Empresa Nacional de Publicidade, Vol. III, Lisboa, 1970, pp. 122 e 124. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 21. José Meco, *Azulejaria Portuguesa*, Coleção Património Português, Bertrand Editora, Lisboa, 1985, p. 16, 17. Vítor Serrão, “Do grotesco ao brutesco. As artes ornamentais e o fantástico em Portugal, séculos XVI-XVIII” in *Catálogo Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680)*, IPPC, Lisboa, 1992, p. 39. Júlio Parra, *Catálogo Azulejos – painéis do século XVI ao século XX*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1994, p. 26. Luísa Arruda, “Formas Hispânicas. Azulejaria Portuguesa dos séculos XV e XVI” in *História da Arte Portuguesa*, Vol. 2, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999, p. 371. Vítor Serrão, “O Azulejo Maneirista”, *História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo*, Editorial Presença, Lisboa, 2002, p. 273.

²⁵⁴ Grade executada por Joaquim Pedro Monteiro. Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 23. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 32.

A decoração desta capela data da segunda metade do século XVII, em que a talha dourada utiliza elementos idênticos aos da Capela da Doutrina. No retábulo central²⁵⁵ está representada uma imagem de Nossa Senhora da Assunção do século XVIII.

Segundo a primitiva invocação, cobriram as paredes laterais da capela durante cerca de 200 anos as pinturas “*Morte da Virgem*” e “*Coroação da Virgem*”, atribuídas a Bento Coelho da Silveira, ambas do século XVII, actualmente colocadas à entrada do Museu de S. Roque²⁵⁶. Em seu lugar foram incluídos, já no século XIX, relicários da colecção de D. João de Borja, também colocados nos intercolúnios do retábulo. O pequeno quadro contido no remate representa “*Ascensão da Virgem*”.

No revestimento de mármore embrechados no terço inferior das paredes, são usados diversos elementos decorativos geométricos e alegóricos, combinando outros elementos de inspiração mudéjar, análogos aos da Capela da Doutrina.

Capela – Mor

Foi construída entre 1625 e 1628, pelo Padre Diogo Monteiro. O retábulo é parcialmente da autoria de Sebastião Rodrigues, um dos mais expressivos dentro da iconografia jesuítica²⁵⁷. Em quatro nichos, estão representados os fundadores da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Francisco de Borja e Luís de Gonzaga²⁵⁸.

A composição do retábulo²⁵⁹, de decoração sóbria e austera, possui grupos emparelhados de colunas coríntias em sobreposição arquitectónica de dois andares, decoradas no terço

²⁵⁵ Este antecede o aparecimento do retábulo “estilo nacional” ou retábulo barroco, propriamente dito, cuja evolução se processa no último quartel do século XVII, denominando-se de proto-barroco. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 106.

²⁵⁶ Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 32.

²⁵⁷ Cf. Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 58. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 34.

²⁵⁸ Cf. Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 76. Ver também sobre este assunto: Pedro Dias, “As outras imagens; O Maneirismo na escultura portuguesa” in *Catálogo A Pintura Maneirista em Portugal, Arte no tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995, p. 154.

²⁵⁹ O retábulo da capela-mor, de modelo maneirista, funciona de certo modo como elemento ordenador e inspira parte dos altares da Igreja: as capelas da Sagrada Família, de S. Francisco Xavier e de Santo António. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares*

inferior. Este retábulo comporta, na ordem superior, um camarim de exposição do Santíssimo, o trono²⁶⁰, normalmente encoberto por uma pintura cuja mudança se verifica na passagem das sete épocas litúrgicas²⁶¹. Esta prática, de mudança cénica do altar principal é inovadora nas igrejas jesuíticas. O trono existente neste camarim foi um dos primeiros tronos permanentes a ser usado em Portugal²⁶².

No nicho central da primeira ordem arquitectónica encontra-se uma escultura de Nossa Senhora com o Menino em madeira estofada e policromada do século XVIII.

O intradorso do arco é decorado com quatro imagens em nichos, duas de cada lado: São Gregório Taumaturgo e Nossa Senhora da Conceição, na zona anterior esquerda e o Senhor dos Amarrados e São Diogo, na zona anterior direita. No lado posterior, existem quatro pinturas laterais representando S. Estanislau, S. Paulo, S. João M. e S. Diogo.

O retábulo da Capela - Mor, sendo o mais clássico da Igreja, é extremamente importante por orientar estilisticamente a concepção das capelas seiscentistas de S. Francisco Xavier e Sagrada Família, cuja estrutura é análoga²⁶³.

No centro da plataforma anterior desta capela encontra-se o túmulo do primeiro Patriarca de Lisboa, D. Tomás de Almeida.

Ainda nesta capela, uma inscrição em lápide, situada na parede esquerda, faz-nos saber que esta foi doada a D. João de Borja e sua família para nela jazerem em túmulo construído por baixo do Altar - Mor.

Chicó, 1905-1966, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 105. Ver também: Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 21. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 34.

²⁶⁰ O trono, junto com o retábulo em forma de portal românico são elementos de criação nacional. Cf. Irisalva Moita, "A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó" in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 106.

²⁶¹ Cf. Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa - subsídios para a sua história*, Typografia da Academia Real de Ciências, Lisboa, 1902, p. 228.

²⁶² Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 34.

²⁶³ Cf. Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 59. Ver ainda: Maria Isabel Rocha Roque, *Altar Cristão, Evolução até à Reforma Católica*, Colecção TESES, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2004, p. 135.

Capela de São João Baptista

Considerada uma obra-prima única no contexto da arte europeia, esta capela foi encomendada por D. João V a Roma em 1740²⁶⁴ e construída entre 1742 e 1750, data da sua inauguração oficial em Lisboa²⁶⁵.

A corte portuguesa orientou este grandioso trabalho desde a sua concepção. Os trabalhos de construção da Capela de S. João Baptista decorreram no lugar chamado Vicola da Pena, junto à Piazza del Pópulo em Roma, sob autoria e direcção artística dos arquitectos Luigi Vanvitelli e Nicola Salvi²⁶⁶. Neste projecto trabalharam mais de 130 artistas e artífices de diversos ramos de actividade²⁶⁷, entre eles, o famoso escultor Alessandro Giusti, que desenvolveu a sua obra em Portugal ao serviço do rei D. João V²⁶⁸.

Sagrada em Dezembro de 1744 pelo Papa Benedicto XIV na Igreja de Santo António dos Portugueses em Roma foi armada para o sumo pontífice nela celebrar missa em Maio de 1747²⁶⁹. Nesse mesmo ano, a capela foi desmontada e transportada para Lisboa em três naus e assente no espaço que lhe estava destinado, a antiga Capela do Espírito Santo, do

²⁶⁴ Cf. Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – subsídios para a sua história*, Typografia da Academia Real de Sciencias, Lisboa, 1902, p. 212.

²⁶⁵ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 32. Ver também sobre este assunto: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 35. Vitor Serrão, “A Capela de São João Baptista”, *História da Arte em Portugal – O Barroco*, Editorial Presença, Lisboa, 2003, p. 207.

²⁶⁶ Cf. Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 96. Ver também sobre este assunto: Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, pp. 19, 20. Nelson Correia Borges, *História da Arte em Portugal – Do Barroco ao Rococó*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 23. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 35. Vitor Serrão, “A Capela de São João Baptista”, *História da Arte em Portugal – O Barroco*, Editorial Presença, Lisboa, 2003, p. 207.

²⁶⁷ Cyrillo Wolkmar Machado, *Colecção de memórias relativas às vidas dos pintores, escultores, arquitectos e gravadores portugueses, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922. Ver também: Jorge Cid, *São Roque e o seu Museu – Portugal, A Arte: Os Monumentos: A Paisagem: Os Costumes: As Curiosidades*, Portucalense Editora Lda, Barcelos, 1933, pp. 5 e 7.

²⁶⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 31. Ver ainda: José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 203 e 425. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36. José Fernandes Pereira, “O barroco do século XVIII - A Capela de S. João Baptista” in *História da Arte Portuguesa*, Vol. 3, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999, pp. 57 e 58.

²⁶⁹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, in *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 31. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36.

século XVI. O assentamento da capela foi da responsabilidade de Francesco Feliziani e Paolo Riccoli²⁷⁰.

A Capela de S. João Baptista tem grande importância na história de S. Roque pela inovação que introduz²⁷¹, em Portugal, quanto ao esquema estilístico que a caracteriza, anunciando o neo-classicismo através de uma estrutura de linhas clássicas²⁷².

Os elementos decorativos de inspiração “rocaille”²⁷³ como: festões, grinaldas, anjos, conjugados com a sobriedade clássica da sua estrutura, desenvolvem um gosto que viria a tornar-se decisivo na futura talha portuguesa²⁷⁴. As inovações introduzidas por esta capela na tradição decorativa portuguesa são a inclusão das colunas de fustes direitos, estriadas, com filetes dourados sobre fundo em lápis-lazuli em que a severidade de linhas geométricas é reforçada pela combinação de mármore preciosos e mosaicos²⁷⁵.

A utilização de materiais preciosos terá sido desde o início, uma exigência da corte portuguesa²⁷⁶. Assim, encontram-se diversos tipos de mármore²⁷⁷: lápis-lazuli, verde

²⁷⁰ Maria João Madeira Rodrigues, in *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 31. Ver ainda: Maria Filomena Brito, in *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36.

²⁷¹ Cf. Paulo Varela Gomes, *O essencial sobre a arquitectura barroca em Portugal*, Coleção Essencial, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Maia, 1987, p. 33. Ver também para este assunto: Marie-Thérèse Mandroux-França, “A Patrialcal do Rei D. João V de Portugal” in *Catálogo O Triunfo do Barroco*, Fundação das Descobertas, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1993, p. 45. Nuno Saldanha, “Lisboa e os centros europeus na primeira metade do século XVIII” in *Catálogo Joanni V Magnifico, a pintura em Portugal ao tempo de D. João V, 1706-1750*, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Edições Asa, Lisboa, 1994, pp. 25, 29 e 30.

²⁷² Este retábulo, chegado numa época em que ainda dominava entre nós o barroco, vai exercer grande influência no meio artístico nacional, operando uma mudança de gosto, no regresso às formas simplificadas e estruturas clássicas. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 110. Ver também: Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, pp. 17, 18. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36. Vitor Serrão, “A Capela de São João Baptista”, *História da Arte em Portugal – O Barroco*, Editorial Presença, Lisboa, 2003, p. 208.

²⁷³ Cf. José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, p. 242.

²⁷⁴ Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 110.

²⁷⁵ Cf. Jorge Cid, *São Roque e o seu Museu – Portugal, A Arte: Os Monumentos: A Paisagem: Os Costumes: As Curiosidades*, Portucalense Editora Lda, Barcelos, 1933, p. 9. Ver também sobre este assunto: *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores* (reedição), Vol. I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, p. 241. José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 424, 425 e 426.

²⁷⁶ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, pp. 17, 23, 24, 33, 34, 55. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36.

antigo, mármore de Carrara, ametista, alabastro, pórfiro verde, pórfiro roxo, branco-negro de França, diásporo, brecha antiga, jalde e outros.

O quadro central “Baptismo de Cristo” e os dois laterais “Visitação” e “Pentecostes” são em mosaico, assim como o pavimento da capela, um notável trabalho artístico conseguido através de uma aprimorada técnica. As pinturas que inspiraram estes três painéis são da autoria de Agostino Massucci e a execução dos quadros de mosaico de Mattia Moretti²⁷⁸. Enrico Enuo é o autor do mosaico do pavimento²⁷⁹.

Para além das pedras duras e do mosaico, foi utilizado o bronze dourado, à excepção do painel que decora o último degrau da plataforma do altar, em marchetaria de madeiras preciosas e marfim²⁸⁰.

O arco exterior da capela é encimado com as Armas Reais Portuguesas ladeadas de duas figuras aladas. As cancelas e portadas laterais em bronze apresentam as insígnias de D. João V.

A composição arquitectónica desta capela e os seus ornamentos decorativos foram determinantes na alteração dos interiores das igrejas portuguesas durante o período pombalino, com a frequente imitação de mármore preciosos e bronze²⁸¹. Esta magnífica peça de arquitectura incluiu um Tesouro constituído por colecções de Ourivesaria, Paramentaria, Rendas e Livros de grande qualidade artística²⁸².

²⁷⁷ Cf. *A Capella de S. João Baptista na Egreja de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Typographia da Academia Real das Ciências, Lisboa, MDCCCXCIII, pp. 13-15.

²⁷⁸ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, pp. 30, 50. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36.

²⁷⁹ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 42. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36.

²⁸⁰ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Capela de S. João Baptista e as suas colecções*, Edições Inapa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 43. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 36.

²⁸¹ Cf. Robert C. Smith, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962, p. 132. No período pombalino rapidamente se irá trocar os materiais caros (os mármore) por imitações baratas em madeira pintada. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 110.

²⁸² Cf. *A Capella de S. João Baptista na Egreja de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Typographia da Academia Real das Ciências, Lisboa, MDCCCXCIII, pp. 15, 16 e 17. Ver ainda: Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – subsídios para a sua história*, Typografia da Academia Real de Ciências, Lisboa, 1902, pp. 210 e 265. Jorge Cid, *São Roque e o seu Museu – Portugal, A Arte: Os Monumentos: A Paisagem: Os Costumes: As Curiosidades*, Portucalense Editora Lda, Barcelos, 1933, pp. 10, 11 e 12. Madalena Brás Teixeira, *Do Objecto ao Museu*, Dissertação de Mestrado em História de Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1983, p. 44. Jennifer

Capela da Senhora da Piedade

Esta capela foi fundada por Martim Gonçalves da Câmara, escrivão do rei D. Sebastião nela sepultado. A construção e decoração foram concebidas pela Congregação da Senhora da Piedade e decorreu entre 1613 e 1711, datando o retábulo de 1709²⁸³.

Ao centro, destaca-se uma cena do “Calvário” cercado de anjos em madeira estofada, sobre fundo representando provavelmente a cidade de Jerusalém em baixo-relevo de estuque pintado a têmpera e dourado. A tribuna central é ocupada por uma escultura da “Pietà” em madeira estufada, do século XVII.

Ladeando o corpo central do retábulo²⁸⁴ estão dispostos dois pares de colunas salomónicas intercaladas de painel decorativo. A talha desta capela, da primeira metade do século XVIII, distingue-se das restantes pelo uso da policromia como variante à folha de ouro que recobre a maior parte do espaço. Os motivos de carácter nacionalista são idênticos aos da Capela da Senhora da Doutrina²⁸⁵. São igualmente semelhantes os vários motivos utilizados nos mármore embrechados que revestem o terço inferior da capela.

A balaustrada é em ébano com acrotérios de mármore embutidos.

No intradorso do arco da capela, o uso de mísulas com imagens de santos, S. Longuinhos e Santa Verónica, é inovador, contribuindo para iniciar em Portugal um gosto teatral no campo decorativo das igrejas.

No sacrário está representada uma pintura da Nossa Senhora da Soledade. O aparato cénico desta composição é completado pela integração da escultura da “Senhora da Boa Morte” no interior do altar-vitrine situado na zona inferior do retábulo.

Montagu, *Gold, Silver & Bronze: Metal Sculpture of the Roman Baroque*, New Haven and London, Yale University Press, 1996.

²⁸³ Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 39.

²⁸⁴ Este modelo marca a transição do “estilo nacional” para o barroco joanino de influência italiana. Neste retábulo já as arquivoltas do remate quase desaparecem subjugadas por uma decoração constituída por meninos e folhas de acanto. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 108. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 39.

²⁸⁵ Esta fase é segundo o Dr. Mário Chicó uma fase de renovação do “estilo nacional” pela introdução de elementos de inspiração italiana, adulterados, na fase antecedente, pelos artistas nacionais. Verifica-se a permanência das colunas salomónicas, o aparecimento de festões de flores e a introdução de motivos anunciadores do novo gosto “rocaille” que se aproxima, com cabeças de anjo, volutas, conchas, festões, grinaldas. Cf. Irisalva Moita, “A talha barroca numa lição prática do Dr. Chicó” in AA. VV. *Mário Tavares Chicó, 1905-1966*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968, p. 108.

Nas paredes laterais encontram-se diversos nichos que guardam pequenos relicários da colecção de D. João de Borja.

Capela de Santo António

Instituída por Pêro Machado de Brito, que terá deixado legado à Companhia de Jesus para a construção desta capela. Foi parcialmente destruída pelo terremoto de 1755 e restaurada no século XIX. Assim, o seu aspecto não corresponde à sua composição original, englobando três concepções distintas. Na origem, idêntica à estrutura clássica e geometrizar da capela-mor, mais tarde redecorada no século XVIII com a adição de elementos barrocos e por fim modificada pelo restauro ocorrido no século XIX²⁸⁶.

Seis pequenos quadros alusivos à vida do santo encontram-se colocados no intradorso, que integra igualmente esculturas de aparato teatral assim como outros elementos barrocos no remate do retábulo²⁸⁷.

O fundo do retábulo, posterior à escultura do santo em madeira estofada, do século XVII, é neo-clássico, definido por caixotões.

Nas paredes laterais, estão dispostas duas pinturas setecentistas alusivas a milagres do santo de Lisboa “Santo António pregando aos peixes” e “Visão de Santo António” da autoria de Vieira Lusitano²⁸⁸.

²⁸⁶ Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1980, p. 22. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1999, p. 42.

²⁸⁷ Este retábulo inscreve-se dentro da mesma inspiração maneirista de outros altares da Igreja de S. Roque, como o da capela-mor, da Sagrada Família e de S. Francisco Xavier. Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, 1980, p. 21.

²⁸⁸ Ver acerca deste pintor: Nuno Saldanha, “Artistas nacionais de formação romana” in *Catálogo Joanni V Magnifico, a pintura em Portugal ao tempo de D. João V, 1706-1750*, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Edições Asa, Lisboa, 1994, pp. 201 e 202.

Capela da Sagrada Família

Esta capela pertenceu à Congregação dos Nobres, tendo sido construída às suas custas por concessão da Companhia de Jesus²⁸⁹.

O esquema arquitectónico e decorativo, sóbrio e equilibrado, é análogo ao da Capela-Mor e provavelmente do mesmo período, primeira metade do século XVII²⁹⁰.

O retábulo, típico do século XVII, apresenta a pintura “Jesus entre os Doutores” da autoria de José Avelar Rebelo²⁹¹, inclui também as esculturas seiscentistas de Jesus, Maria e José invocativas da capela. Lateralmente, dois pares de colunas coríntias de fuste estriado e terços inferiores com baixos-relevos, completam a decoração retabular. A talha dourada e policromada usa motivos como: volutas, pássaros, ramagens, folhas de acanto e cabeças de anjo.

Nas paredes laterais estão representadas duas pinturas “Adoração dos Reis Magos” e “Adoração dos Pastores” do século XVII, atribuídas a André Reinoso²⁹². O remate inclui uma pequena pintura representando o “Nascimento de Jesus”.

A abóbada da capela é pintada a têmpera ao gosto do século XIX. A balaustrada é em teca com acrotérios de mármore embrechados.

Altars das Relíquias

O conjunto de relicários do século XVI e XVII expostos nos altares que ladeiam a Capela-Mor, bem como integrados na decoração de algumas capelas da Igreja, (Senhora

²⁸⁹ Cf. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 42.

²⁹⁰ O esquema arquitectónico desta capela inscreve-se dentro do mesmo estilo do Altar-mor, Capelas de S. Francisco Xavier e Santo António. Cf. Maria João Madeira Rodrigues, *A Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980, p. 21. Ver também. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 42, 44.

²⁹¹ Ver acerca deste pintor: José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, p. 358.

²⁹² Cf. Carlos Moura, “O sentido do barroco na arte seiscentista e do início do século XVIII” in *História da Arte em Portugal – O Limiar do Barroco*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, p. 164. Ver ainda: José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 358 e 359. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 42, 44.

da Doutrina, do Santíssimo e Senhora da Piedade), merecem especial relevo não só pelo seu valor histórico, espiritual e artístico, mas também pela estreita ligação com a Companhia de Jesus²⁹³.

Seu doador, D. João de Borja²⁹⁴, filho de S. Francisco de Borja, seguiu de perto a construção da Igreja de S. Roque. Mais tarde foi para a Alemanha como embaixador de Filipe II de Espanha, onde reúne inúmeras relíquias de santos e santas mártires, iniciando assim uma vasta colecção hoje patente ao público²⁹⁵.

As relíquias originárias de vários países, nomeadamente de Roma, Hungria, Boémia e Colónia foram doadas a S. Roque em 1587²⁹⁶. Como reconhecimento, os Jesuítas concederam ao doador D. João de Borja, esposa e descendentes sepulturas situadas na Capela-Mor.

O conjunto de relíquias, cujo principal doador foi D. João de Borja, foram mais tarde integradas em relicários com diversas formas, geralmente alusivas à relíquia que abrigam, sendo a maioria de grande valor histórico e artístico²⁹⁷. Estas valiosas peças foram entaipadas nas paredes de fundo dos actuais Altares das Relíquias, quando das invasões

²⁹³ Cf. Nuno Vassallo e Silva, "Os Relicários de São Roque", in revista *Oceanos* n° 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro de 1992, p. 113. Ver também do mesmo autor: "Breve Historial do Santuário das Relíquias de S. Roque", in Catálogo *Esplendor e Devoção – Os Relicários de S. Roque*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. III, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, p. 9, 10. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 42, 44.

²⁹⁴ Cf. Victor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – subsídios para a sua história*, Typografia da Academia Real de Ciências, Lisboa, 1902, pp. 194 e 195.

²⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 267. Ver também para este assunto: Nuno Vassallo e Silva, "Os Relicários de São Roque", in revista *Oceanos* n° 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro de 1992, p. 113, 117. Do mesmo autor: "Breve Historial do Santuário das Relíquias de S. Roque", in Catálogo *Esplendor e Devoção – Os Relicários de S. Roque*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. III, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, pp. 10, 11.

²⁹⁶ Cf. Nuno Vassallo e Silva, "Breve Historial do Santuário das Relíquias de S. Roque", in Catálogo *Esplendor e Devoção – Os Relicários de S. Roque*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. III, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, pp. 9, 10. Ver também: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 46.

²⁹⁷ Cf. Nuno Vassallo e Silva, *Os Relicários de São Roque*, in revista *Oceanos* n° 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Novembro de 1992, p. 113. Ver também do mesmo autor: "Breve Historial do Santuário das Relíquias de S. Roque", in Catálogo *Esplendor e Devoção – Os Relicários de S. Roque*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. III, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, p. 11. Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 46.

francesas, devido ao perigo de pilhagens ou destruição, por esse motivo, foram descobertas apenas em meados do século XIX e nessa época incluídas na decoração da Igreja²⁹⁸.

Altar da Anunciação

O pequeno Altar da Anunciação é assim designado por apresentar uma tábua maneirista “Anunciação do Anjo S. Gabriel à Virgem Maria” atribuída a Gaspar Dias, cerca de 1580²⁹⁹.

Foi mandado edificar por D. António de Castro, aqui sepultado, filho de D. João de Castro Vice-Rei das Índias. Destruído no século XVIII, o altar foi restaurado no século seguinte³⁰⁰.

Altar em Mármore

Este altar foi fundado por Trindade Gomes para sua sepultura e de seus descendentes. Concebido ao gosto seiscentista consegue tirar partido do jogo cromático próprio dos revestimentos em mármore. Apresenta ao centro uma peça escultórica do século XVIII “*Pietà*”, um trabalho português em madeira policromada e dourada.

²⁹⁸ Após 1768, data em que a Misericórdia de Lisboa toma posse de S. Roque, os relicários das Capelas das Santas Virgens e dos Santos Mártires permanecem esquecidos até 1842, data da sua redescoberta. *Memória do Descobrimento e Achado das sagradas Relíquias do Antigo Santuário da igreja de S. Roque*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1843. Ver ainda: Maria Filomena Brito, *Roteiro da Igreja de S. Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999, p. 46.

²⁹⁹ Idem, *ibidem*.

³⁰⁰ Idem, *ibidem*.

Altar do Presépio

Pequeno altar em talha dourada, guardando um oratório do século XVII em prata e bronze, com presépio composto de cinco figuras.

Sacristia

O tecto – interpretação iconográfica dos símbolos Marianos

A Companhia de Jesus dominou durante três séculos o panorama intelectual da Igreja, visando, de modo preferencial, a difusão dos novos ideais católicos impostos pelo Concílio de Trento. Efectivamente, os jesuítas, possuindo uma preparação cultural extraordinária, no domínio do entendimento espiritual, literário e científico, ficaram a partir de meados do século XVI com o exclusivo, a que chamaríamos, o ensino médio em Portugal, com a finalidade de formar as novas elites dirigentes dentro dos princípios do cristianismo romano.

Deste modo, a Companhia de Jesus, a mais importante das novas ordens religiosas romanas, especialista em utilizar a pedagogia na propagação da fé católica, dava seguimento ao desenvolvimento das práticas educativas no interior dos seus templos³⁰¹. Fiel transmissora de um renascimento espiritual, de que era veículo, nunca ficou indiferente, não obstante as regras de austeridade que a dirigiam, aos interesses no campo estético, nunca deixando de pôr em prática as normas do seu fundador Inácio de Loyola, nos seus *Exercícios Espirituais*, sempre com a finalidade de, através do poder da imagem, nos testemunhos das diversas manifestações artísticas que se tornaram poderosos meios de propagação religiosa³⁰².

É neste contexto que se insere a Sacristia da Igreja de S. Roque, uma *Sacristia-Pinacoteca* que se impõe com o maneirismo da Contra-reforma, no panorama da arte

³⁰¹ Cf. Vitor Serrão, "A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana" in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 22.

³⁰² Idem, *ibidem*.

cristã do ocidente³⁰³, dando origem a uma nova linguagem no interior das igrejas, materializada aqui, pela totalidade das pinturas, pela rica azulejaria “ponta de diamante”³⁰⁴, nos mármore embutidos e no recurso à pintura “a fresco” do tecto, com ornamentos de brutesco cujo tema alude ao culto da Virgem e dos Santos³⁰⁵.

O brutesco disseminou-se na arte religiosa portuguesa ao longo do século XVII, inserido no conceito barroco do preenchimento dos espaços, para produzir efeitos invulgares e extraordinários³⁰⁶. Conforme menciona Vitor Serrão, os artistas nacionais foram levados pela ideologia da Contra-Reforma a pôr em prática tais efeitos em larga escala na cobertura de igrejas e de salões, desenvolvendo no nosso país modelos totalmente originais³⁰⁷.

A Sacristia da Igreja de S. Roque é formada por uma abóbada de berço, dividida em caixotões, decorados com uma pintura a fresco constituída por enrolamentos floridos envolvendo emblemas com símbolos iconográficos alusivos à Virgem Maria.

As pinturas na abóbada do tecto decorreram em 1694, desconhecendo-se o nome do seu autor, Vitor Serrão refere o nome de Francisco Ferreira de Araújo como provável autor deste trabalho: “Francisco Ferreira de Araújo foi “pintor de têmpera de Sua Magestade” e, como especialista do *brutesco nacional*, dirigiu vastas decorações desse género, por exemplo, na Capela e Paços Reais de Salvaterra de Magos (1681) e na Capela da Universidade de Coimbra (1697). Com ele trabalhou, entre outros colaboradores, seu filho José Ferreira de Araújo. Apesar de repintada, a pintura do tecto da Sacristia de São Roque bem poderia ser desta “companhia” de decoradores, muito activos no reinado de

³⁰³ Cf. Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 23.

³⁰⁴ Cf. José Meco, *Azulejos de Lisboa*, Museu da Cidade, Lisboa, 1984, p. 37. Ver também: Júlio Parra, *Catálogo Azulejos – Painéis do século XVI ao século XX*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1994, pp. 33, 34.

³⁰⁵ Sobre estas pinturas e a origem do “brutesco nacional”. Vitor Serrão, “A pintura do brutesco no século XVII em Portugal e a sua repercussão no Brasil”, revista *Barroco*, nº 15 (Actas do II Congresso do Barroco no Brasil), 1990-92, pp. 113-135. Ver também: Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 24.

³⁰⁶ Cf. Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 24.

³⁰⁷ Cf. Vitor Serrão, “A pintura do brutesco no século XVII em Portugal e a sua repercussão no Brasil”, revista *Barroco*, nº 15 (Actas do II Congresso do Barroco no Brasil), 1990-92, pp. 113-135.

D. Pedro II, pois se configura estilisticamente similar na gramática acântica e no tipo de composição³⁰⁸.

As imagens picturais aqui representadas formam alegorias que provêm da tipologia vetero-testamentária, do Cântico dos Cânticos, do Livro dos Salmos, dos Profetas assim como do Livro do Apocalipse, e ainda extraídas de antigos hinos litúrgicos do “Ofício de Nossa Senhora” (liturgia das horas)³⁰⁹.

Todas estas pinturas são mais do que invocações da “Ladainha da Virgem”, relacionando-se com o ciclo bíblico da Virgem Maria.

São 25 alegorias representadas no tecto da Sacristia de S. Roque³¹⁰:

JHS (ao centro) – monograma da Companhia de Jesus, extraído do frontispício do livro “Exercícios Espirituais” de S. Inácio de Loyola, o fundador da Companhia.

Cipreste (Livro do Eclesiástico 24, 13)

Oliveira (Salmo 128, 3)

Rosa (Ecli. 25, 14), (Hino à Virgem do Auto da Mofina Mendes de Gil Vicente), (Cântico dos Cânticos)

Girassol (Deus)

Torre de David (Cântico dos Cânticos 4, 4)

Jardim Fechado (Cântico dos Cânticos 4, 12)

Lírio (Cântico 2, 1)

Romãzeira (Cântico 4, 13)

Fonte (Cântico dos Cânticos 4, 13)

Palmeira (Salmo 92, 13)

Sol (Cântico dos Cânticos 8, 10)

Lua (Cântico dos Cânticos 6, 10)

Torre de Marfim (Cântico 7, 5)

³⁰⁸ Cf. Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 29.

³⁰⁹ Cf. António Meira Marques Henriques, *A Sacristia da Igreja de S. Roque – Interpretação Iconográfica dos Símbolos da Virgem*, (estudos), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2004, pp. 2-5.

³¹⁰ Idem, *ibidem*.

Poço (Cântico dos Cânticos 4, 12)
Porta (Génesis 28, 17)
Espelho (Sabedoria 7, 26)
Flor do deserto (Cântico dos Cânticos 2, 1)
Estrela (Antigo hino litúrgico)
Nau/Nave (Sabedoria 14, 6)
Meia lua (Apocalipse 12, 1)
Coroa de 12 estrelas (Apocalipse 12, 1)
Arca da Aliança (Génesis 9, 12)
Vaso (Liturgia das Horas)
Escada celeste (Livro das Horas do rei D. Duarte)

A colecção de pintura

O conjunto de pinturas da Sacristia da Igreja de S. Roque dispõe-se em três séries de quadros, ao longo das paredes laterais:

A primeira série, por cima dos arcazes de madeira, é um conjunto de vinte telas representando episódios da vida de S. Francisco Xavier, da autoria do pintor proto-barroco português André Reinoso (c. 1590-1641)³¹¹. Foram colocadas em 1619 no lugar que actualmente ocupam, três anos antes da canonização do Santo (1622), integrando

³¹¹ Cf. Carlos Moura, "O sentido do barroco na arte seiscentista e do início do XVIII" in *História da Arte em Portugal – O Limiar do Barroco*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986, pp. 124 e 125. Ver também sobre este assunto: José Fernandes Pereira, Paulo Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989, pp. 400 e 401. Vitor Serrão, "A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana" in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 22. P. António Lopes S. J. "Francisco Xavier o grande estratega missionário" in *Catálogo Encontro de Culturas, Oito Séculos de Missionaçã Portuguesa*, Conferência Episcopal Portuguesa, Mosteiro de S. Vicente de Fora, Lisboa, 1994, p. 275. *Catálogo de Pintura século XVI ao século XX - Colecção de Pintura da Misericórdia de Lisboa*, Tomo I, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. V, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, p. 62-77. José Fernandes Pereira, "O barroco do século XVII: transição e mudança" in *História da Arte Portuguesa*, Vol. 3, Editora Temas e Debates, Lisboa 1999, pp. 12 e 13. Vitor Serrão, "André Reinoso e Domingos da Cunha, o *Cabrinha*: a Pintura Retabulística, *História da Arte em Portugal – O Barroco*, Editorial Presença, Lisboa, 2003, p. 14.

uma larga campanha de divulgação da vida e obra deste missionário³¹². Esta série constitui, no entender de Vitor Serrão “um dos mais deslumbrantes conjuntos da antiga pintura portuguesa”³¹³.

A série intermédia é constituída por um conjunto pinturas representando cenas da “Paixão de Cristo”, intercaladas de quadros contendo frases bíblicas em latim. Integravam uma colecção de oito bandeiras processionais, com pinturas no verso e no reverso, representando cenas de paixão e anjos³¹⁴. Este conjunto de bandeiras foi encomendado pela Misericórdia de Lisboa ao pintor André Gonçalves, em 1761, sendo no século XVIII incluídas na decoração da Sacristia de S. Roque³¹⁵.

A terceira série, situada no friso superior, apresenta cenas da Vida de S. Inácio de Loyola, a maior parte atribuídas ao pintor jesuíta Domingos da Cunha, o “Cabrinha”, datadas cerca de 1630. Segundo o historiador Vitor Serrão, esta última série de telas parece ter sido procedente do extinto Colégio da Cotovia e foi aqui colocada quando esse edifício pereceu no terremoto de 1755³¹⁶.

Os Arcazes

As pinturas acima referidas encontram-se colocadas sobre valiosos arcazes do século XVII, de ébano e outras madeiras preciosas com embutidos em marfim³¹⁷. Robert Smith comparou estilisticamente este rico arcaz ao existente na sacristia dos Jerónimos, em Belém. Segundo o seu parecer a superfície do austero móvel de S. Roque é de pau-rosa,

³¹² Cf. Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 25. Ver ainda do mesmo autor: “André Reinoso e Domingos da Cunha, o Cabrinha: a Pintura Retabulística”, *História da Arte em Portugal – O Barroco*, Editorial Presença, Lisboa, 2003, pp 14 e 15.

³¹³ Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 22.

³¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 25.

³¹⁵ Catálogo de *Pintura século XVI ao século XX - Colecção de Pintura da Misericórdia de Lisboa*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Tomo II, Lisboa, 1998, pp. 66 a 81.

³¹⁶ Cf. Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 25.

³¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 24.

com folheados em madeira de castanho, incluindo alguns suplementos em ébano para realçar o contraste dos embutidos em marfim³¹⁸. Esta imponente peça de mobiliário mantém, ainda hoje a sua funcionalidade, servindo de suporte às funções litúrgicas da Igreja.

A decoração da Sacristia da Igreja de S. Roque, incorporando um riquíssimo ciclo pictural, transforma-a em verdadeira “pinacoteca”, um espaço de narração, entendido como “Bíblia pauperum” para a camada iletrada, usando a imagem como meio de difusão da fé cristã, apostolada pelos Irmãos de Santo Inácio de Loyola³¹⁹.

No entender de Vitor Serrão: “a Sacristia da Igreja de São Roque em Lisboa que constituirá, por todos os motivos, o testemunho mais aprimorado de realização deste conceito de *Sacristia-Pinacoteca*”³²⁰.

³¹⁸ Cf. Robert Smith “Samuel Tibau and the portuguese ivory inlaid furniture of the seventeenth century”, in *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXI, 1971, pp.153-163, ref^a pp.155-156.

³¹⁹ Cf. Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 23. Ver ainda: Teresa Freitas Morna, “Os Jesuítas e a Arte” in *Catálogo O Púlpito e a Imagem, os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p.23.

³²⁰ Vitor Serrão, “A Sacristia como Pinacoteca: as decorações de 1619-1622 na igreja inaciana” in *A Lenda de S. Francisco Xavier pelo pintor André Reinoso*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 21.

CAPÍTULO 4 – Diagnóstico e avaliação do Museu na actualidade

O Museu de S. Roque sendo um Museu de importância cultural nacional e internacional pela representatividade das suas colecções, é contudo, institucionalmente, um Museu privado, tutelado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e desde 2001 integrado na Rede Portuguesa de Museus.

Tem horário regular de abertura ao público³²¹, quadro de pessoal e orçamentos próprios, gestão administrativa e política de bilheteira determinada pela tutela (1,50 euro o ingresso normal), LisboaCard 1 euro, grátis para estudantes, crianças e adultos com mais de 65 anos.

4. 1. – Distribuição e caracterização dos espaços

O Museu de S. Roque ocupa actualmente uma área total de cerca de 735 m², como se especifica nas Plantas 1 e 2 do Museu integradas no Volume II desta dissertação.

4. 1. 1. – Espaços públicos (cerca de 622 m²)

O Museu de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa compreende como espaço físico, a Igreja de São Roque, as construções da antiga Casa Professa da Companhia de Jesus e anexos da Igreja, nomeadamente a galeria de exposições temporárias, área denominada Museu II, com cerca de 107 m².

O edifício Seiscentista que alberga o Museu inclui - piso térreo e piso superior. No piso térreo (Planta 1), onde se localiza a recepção com cerca de 37 m², encontra-se uma secretária e uma pequena vitrine para exposição das diversas publicações e catálogos do Museu. Mantém-se neste espaço, por detrás da secretária, uma pintura de grandes dimensões “A morte da Virgem”, do século XVII atribuída a Bento Coelho da Silveira,

³²¹ Das 10H00 às 17H00, de Terça a Domingo, encerrando à Segunda-feira, feriados, dia de Natal, Domingo de Páscoa e 1º de Maio.

com tabela muito pouco visível e ilegível no conteúdo, a iluminação é totalmente de luz natural concebida por duas janelas sem filtros de protecção e pela porta de vidro da entrada principal, que contrariamente ao aconselhado, fornece níveis de iluminação elevados para pinturas a óleo, ainda nesta zona encontram-se, o vestiário e as instalações sanitárias dos funcionários (dois WC masculinos e femininos com cerca de 22 m²), que são também utilizados pelos visitantes, na inexistência de sanitários públicos no museu.

O acesso ao primeiro piso é feito por meio de uma escadaria de vários lanços, em ferro forjado do início do século XX, onde foi colocado um ascensor para deficientes motores. A meio da escada existe uma entrada lateral que dá acesso à Igreja. Na parede direita até ao piso superior, estão dispostas diversas pinturas. Esta zona conjuga luz natural, vinda da recepção e focos de luz de baixa voltagem, já no topo das escadas, num pequeno patamar, existem duas janelas de grandes dimensões, sem estores de protecção, contudo encontram-se sempre fechadas com portadas de madeira.

O piso superior (Planta 2) tem uma área total de cerca de 569 m² (respeitante à área expositiva, reservas e gabinetes), sendo ocupado pelos três núcleos expositivos do museu, distribuídos respectivamente por três salas. A primeira, bastante exígua com cerca de 29 m², contém o núcleo "Ermida de São Roque", é um espaço interior, de paredes alvas, com um tecto falso, rebaixado, pouco adequado, não se enquadrando de forma alguma na arquitectura do Museu. As pinturas ficam desta forma com menos condições para serem vistas, pois, quanto maior for o pé direito, mais visibilidade teremos para a observação das peças.

À entrada, encontram-se expostas duas bandeiras quinhentistas, assentes em dois plintos pintados de azul, com uma apresentação bastante ultrapassada. De um lado e outro das paredes laterais, estão dispostas as quatro tábuas "Vida de S. Roque" do século XVI, estas obras, como já constatámos, são apresentadas num espaço extremamente exíguo, dando origem a grandes ajuntamentos, como é o caso das visitas guiadas e de estudo, pondo em risco a conservação destas pinturas. Ao fundo, encontra-se um painel que esconde a porta das reservas, onde se colocou uma vitrine com uma imagem de S. Roque do século XVIII.

Não podemos deixar de registar a ausência de informação prestada aos visitantes, na falta de textos de apoio, com base histórica e artística das peças, também, tabelas mais legíveis e colocadas com maior visibilidade.

A iluminação é feita com focos de luz de baixa voltagem, não excedendo os 150 lux, distribuídos pela sala.

O espaço que antecede a grande sala do Museu é de pequenas dimensões com cerca de 28 m², aqui encontram-se duas vitrines respectivamente à direita e à esquerda desta dependência, sendo a da direita para exposição de uma peça têxtil e a da esquerda embutida para exposição de pequenas esculturas. A iluminação é totalmente concebida através de focos de luz, que mantêm os valores adequados para cada peça, não excedendo em média os 150 lux³²². Também aqui se verifica a ausência de textos de apoio para os visitantes, assim como as tabelas necessitam ser mais legíveis.

Este espaço, anteriormente núcleo da “Misericórdia de Lisboa”, foi extinto devido a situações de conservação, as peças expostas neste sector foram alvo de restauros, depois de serem detectadas inúmeras deteriorações, nomeadamente em peças de prata e outras, provenientes dos materiais de que eram feitas as vitrines.

Na sala nobre do Museu, em cujo tecto estão representadas as armas da Misericórdia de Lisboa em estuque policromado, com cerca de 172 m², acolhe o núcleo da “Companhia de Jesus”. Situada em redor de um dos claustros da antiga Casa Professa, era ao tempo da Rainha D. Maria I sala de extracções da Lotaria Nacional, que funcionou desde 1783, sendo adaptada a Museu em 1905. Neste espaço encontram-se algumas das peças mais representativas do vasto acervo reunido pela Companhia de Jesus ao longo de três séculos, nomeadamente, pinturas da época maneirista e barroca, e alguns exemplares de escultura e ourivesaria do século XVI ao século XVIII. Salienta-se, a apresentação deficiente e desfazada do baldaquino, pertencente ao Tesouro da Capela de S. João Baptista, colocado ao fundo da sala entre as duas pinturas seiscentistas de grandes

³²² Informação facultada pelo Eng. Luís Elias Casanovas que defende ser este o nível ideal para objectos deste tipo expostos no Museu de S. Roque. Ver também para este assunto: Luísa Maria Picciochi Azevedo Alves, *O Ambiente e os Objectos de Museu*, Laboratório de Física e Química, Instituto José de Figueiredo, Direcção Geral do Património Cultural, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1977, p. 13. Maria Olímpia Lameiras Campanholo, Henri Campanholo, *Programação ou Re-Programação Museológica*, Centro de Documentação do ICOM, 1982, p.4.6. *Faire un Musée, Comment conduire une opération muséographique ?*, Ministère de la Culture, Direction des Musées de France, Paris, 1986, pp. 33-35.

dimensões “Cristo em Glória rodeado de Santos” e a “A Virgem em Glória rodeada de Santos”, totalmente fora do seu contexto original.

A sala em questão possui, janelas do lado direito à entrada, as quais se encontram sempre encerradas com portadas de madeira, assim como, as portas existentes do lado esquerdo, à volta do claustro, estão igualmente fechadas com as mesmas portadas de madeira, foi a solução adoptada³²³ para evitar que a luz natural deteriorasse os objectos.

Como nas salas anteriores, tornamos a referir a necessidade de textos de apoio para informação dos visitantes. A iluminação das peças é feita com focos de luz de baixa voltagem, não excedendo os níveis recomendados, cerca de 150 lux.

A temperatura média dentro do Museu oscila entre os 18° C e os 20° C (valores que são comuns a todas as áreas expositivas, mesmo no Verão), quanto aos níveis de humidade relativa estima-se entre os 50% e 60%, valores que estão dentro dos estabelecidos para espaços museológicos³²⁴.

Rodeando a área do claustro e passando para o lado oposto à sala grande, de maiores dimensões, cerca de 180 m², encontra-se o núcleo da “Capela de S. João Baptista”, que expõe algumas peças do seu imenso e valioso Tesouro, numa área extremamente exígua para o efeito.

Aqui são apresentados exemplares das colecções de ourivesaria e paramentaria pertencentes ao Tesouro da Capela, além da maquete da própria Capela Joanina, de elevado valor artístico, colocada na área em volta do claustro com cerca de 39 m², precisamente logo ao início deste núcleo, à direita. À esquerda, está situada uma vitrine, ainda dos anos setenta, em alumínio, forrada a veludo cinza, exibindo algumas peças de

³²³ Conforme indicação do Eng. Luís Elias Casanovas. Ver também para este assunto: Luísa Maria Picciochi Azevedo Alves, *O Ambiente e os Objectos de Museu*, Laboratório de Física e Química, Instituto José de Figueiredo, Direcção Geral do Património Cultural, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1977, pp. 2, 3, 5 e 6. *Faire un Musée, Comment conduire une opération muséographique ?*, Ministère de la Culture, Direction des Musées de France, Paris, 1986, pp. 36-38.

³²⁴ Maria Olímpia Lameiras Campanholo, Henri Campanholo, *Programação ou Re-Programação Museológica*, Centro de Documentação do ICOM, 1982, p.4.6. Ver ainda sobre este assunto: *Faire un Musée, Comment conduire une opération muséographique ?*, Ministère de la Culture, Direction des Musées de France, Paris, 1986, pp. 36-38. Garry Thomson, *The Museum Environment*, 1 st ed., Butterworks, London, 1988, pp. 33-35. Stefan Michalki, *An Over all Framework for Preventive Conservation and Remedial Conservation*, Dresden, ICOM, 1990, pp. 11-15. Timothy Ambrose, Crispin Paine, “Monitoring and control: Temperature and Humidity”, *Museum Basics*, Routledge, London, 1995, pp. 167-170.

paramentaria em lhama de seda ricamente bordadas a ouro, como por exemplo, casulas, estolas, véus de cálice, bolsas de corporais e almofadas.

Neste núcleo estão dispostas três vitrines, uma, praticamente ao centro da sala onde se expõem três valiosos relicários e dois candelabros em prata dourada, as outras duas colocadas na parede, uma, do lado esquerdo com exposição de capas de cruz e frontais de altar, outra do lado direito, ao longo da sala, contém magníficas peças de paramentaria nomeadamente, pluviais e dalmáticas e objectos de ourivesaria como, uma naveta, uma par de galhetas, um purificador em prata dourada. Ainda, encontram-se dispostos a um canto o par de tocheiros em prata dourada, um exemplar único de escultura do século XVIII e o valioso frontal de altar em lápis-lazuli e prata.

Dando a volta ao claustro numa área com cerca de 32 m², e antes de entrarmos novamente na sala grande, encontramos duas vitrines, uma contendo um confessionário em raiz de nogueira e peças de paramentaria e ourivesaria, outra, contendo duas cortinas da Capela bordadas a ouro.

É importante referir que todas as vitrines possuem luzes fluorescentes incorporadas, os níveis de iluminação não excedem os valores recomendados para o tipo de peças. Neste núcleo também se verifica a ausência de textos de apoio ao visitante.

Em termos de conservação das peças, há que referir que o tempo e a humidade produziu um efeito baço e escurecido nos objectos de prata branca e de prata dourada, apresentando danos notórios, como escurecimento e manchas em alguns exemplares, nomeadamente, no par de Tocheiros em prata dourada e no Frontal de Altar em lápis-lazuli e prata branca. Também, as peças de paramentaria em exposição apresentam um aspecto um pouco escurecido, talvez pela acumulação de poeiras, o que evidencia a inexistência de uma política de rotação dos espécimes em exposição permanente.

4. 1. 2. – Áreas reservadas

Os espaços reservados do Museu de S. Roque abrangem a área dos serviços técnicos e administrativos, concentrados no primeiro piso e piso superior, e a área de reservas, localizada no primeiro piso, por detrás do núcleo “Ermida de São Roque”.

O acesso aos gabinetes técnicos e administrativos faz-se por uma porta lateral, situada imediatamente depois do núcleo da “Companhia de Jesus”, na área em redor do claustro, que também dá acesso ao sector da “Capela de S. João Baptista”.

Na sala de entrada com cerca de 12 m², á mesma cota, situa-se uma pequena biblioteca privada do Museu, com estantes em metal para arrumação de publicações várias e catálogos, também dois armários metálicos, para guardar fichas de inventário em suporte de papel. Uma pequena escada em caracol dá acesso ao último piso, onde estão situados os gabinetes técnicos e administrativos.

Nesta área com cerca de 14 m², à esquerda, está colocada uma máquina de fotocópias e uma estante em madeira com uma boa arrumação para livros e documentos, à direita, uma mesa de apoio em metal completa o espaço, este, dá para um pequeno corredor, onde á esquerda está situado o gabinete da Conservadora do Museu, que dispõe de uma mesa pequena com um computador, uma mesa maior para trabalho e duas estantes (uma de metal e outra de madeira). As instalações sanitárias estão dispostas no espaço seguinte, e são para uso exclusivo do pessoal que aqui trabalha. O último gabinete acolhe os dois técnicos superiores, uma contratada e uma administrativa, neste espaço encontram-se duas mesas de trabalho, três computadores e uma estante de grandes dimensões que ocupa a parede do fundo.

Este espaço recebe igualmente os voluntários do museu e o pessoal dos serviços educativos, normalmente, cerca de quatro pessoas, uma monitora, um artista plástico e duas voluntárias.

A área de reservas com cerca de 68 m² fica situada no seguimento do núcleo de S. Roque, ocultada por um painel. Este espaço, totalmente interior, guarda colecções de pintura, escultura, ourivesaria, paramentaria, têxteis, documentos e o mais recente legado, a colecção Rodrigues Alves, constituída por trabalhos gráficos inéditos como, desenho, pintura, cartazes e banda desenhada.

A Colecção Rodrigues Alves está acomodada em armário próprio de gavetas, mandado fazer para o efeito, em madeira de Tola. Todo o material gráfico de que é composta esta colecção encontra-se individualmente protegido em capas e *portfolios* de papel não ácido.

A colecção de pintura do Museu, em número significativo, encontra-se devidamente colocada em grades de suspensão próprias. As peças de escultura e ourivesaria encontram-se dispostas em armários com estrutura de ferro.

No que concerne aos têxteis, estão acomodados em armários, em madeira de Pinho tratado com gavetas, devidamente identificados com etiquetas em seda natural bordadas com o número de inventário e aplicadas sobre as costuras das peças, e individualmente protegidas com papel de seda não ácido, assim, têm espaço suficiente para “respirar” e estão protegidos contra os efeitos nocivos da luz.

As condições ambientais das reservas não oferecem problemas de maior, sendo controladas por meio de desumidificadores.

No que respeita à marcação das peças de escultura e ourivesaria, no total do acervo inventariado, são utilizadas etiquetas, marcadas com o número de inventário a grafite ou tinta especial e coladas com cola especial, não agressiva para os objectos.

Todas as colecções se encontram organizadas tipologicamente e devidamente identificadas.

4. 1. 3. – Acessibilidades

No que diz respeito às acessibilidades nas áreas públicas, o Museu de S. Roque disponibiliza a partir de 2005, ao público com necessidades especiais, designadamente aos visitantes portadores de deficiências motoras, um sistema de ascensão alternativo instalado nas escadas, no interior da Igreja e Museu.

Já os visitantes com carrinhos de criança encontram alguns impedimentos para a visita, o acesso ao piso superior é impraticável, considerando a inexistência de elevadores.

Da mesma forma, não existem instalações sanitárias adequadas a utentes em cadeira de rodas.

4. 2. 1. – Infra-estruturas

Rede de comunicações e sistema informático

O Museu possui rede de comunicação interna (intranet), assim como todo o pessoal técnico e administrativo tem livre acesso à Internet, implementada pelo organismo da tutela.

Para o público é disponibilizado o endereço e-mail : museus.roque@scml.pt, este endereço contém informações sobre o historial do Museu e suas colecções, assim como indicações sobre as actividades dos Serviços Educativos, sempre actualizadas.

4. 2. 2. – Sistemas de segurança

Foi implementado no edifício do Museu um sistema interno de video, que além das vantagens em termos de segurança, também fornece informações para diversos estudos, designadamente nas áreas da programação e da avaliação. A segurança contra intrusão baseia-se fundamentalmente na vigilância humana, através de pessoal interno do Museu durante o dia e na contratualização de serviços externos, estes apoiam-se na presença de profissionais de empresa contratada para vigilância nocturna.

No que respeita à segurança contra incêndio, o Museu encontra-se equipado com extintores portáteis normalizados (pó químico seco, de 6 Kg), dispersos pelos espaços públicos e privados, assim como o sistema de detecção de fumo em todos os espaços públicos e reservados. Todo o equipamento é inspeccionado regularmente. Contudo, ao contrário do regulamentado para todos os espaços públicos, não existem barreiras físicas para impedir a propagação do fogo (como por exemplo portas corta-fogo) nem saídas de emergência, embora haja uma boca de incêndio activa junto à porta principal do Museu.

Igualmente, a segurança física de alguns objectos expostos, que correm risco de serem danificados, por dificuldades de espaço, como é o caso das tábuas de S. Roque, uma vez que a sala em que se encontram não é suficientemente espaçosa para o número de pessoas que a visitam.

4. 3. – As Colecções

O acervo do Museu de S. Roque caracteriza-se por ser um acervo aberto, na medida em que, quando assim se justifica, poderão fazer aquisições. As colecções que o constituem provêm da antiga Casa Professa da Companhia de Jesus e posteriormente da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Ao longo dos séculos, este importante espólio foi alargado através de doações e legados de particulares.

As colecções impõem-se pela extraordinária qualidade e produção artística, existentes em Portugal e, de que Misericórdia de Lisboa é detentora. Contudo, grande número de obras se perdeu no terremoto de 1755 e no incêndio que lhe seguiu. Este espólio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, veio a transitar para a Igreja de S. Roque, de onde a Companhia de Jesus havia sido expulsa em 1759, tendo tido esta transferência, no plano artístico enormes efeitos na conservação do património, pois permitiu que os bens artísticos não se perdessem, e mesmo com a extinção das ordens religiosas em 1834, escapando assim a estes acontecimentos catastróficos para a História da Arte portuguesa. As colecções que compõem este acervo são: Pintura, Escultura, Ourivesaria, Iluminura, Arte Oriental, Relicários, Tesouro da Capela de S. João Baptista e Frontais de Altar Seiscentistas.

Colecção de Pintura

Este núcleo constitui uma das colecções mais numerosas do acervo, de elevado valor artístico, é um conjunto de pintura portuguesa do século XVI ao século XX, que conta com trezentos e trinta e dois espécimes. Já dela falámos nos capítulos anteriores.

Colecção de Escultura

A colecção de escultura do Museu de S. Roque é uma das mais preciosas heranças, testemunhando a evolução da Escultura no contexto da História da Arte Portuguesa. Este espólio, com cerca de quinhentos anos de existência, é constituído por duzentas e treze

peças do século XVI ao século XX, representativas das mais importantes correntes artísticas nacionais.

Colecção de Ourivesaria

Esta colecção pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, agrupa peças do século XIV ao século XX, formando um conjunto de cerca de trezentos objectos. Obras em prata realizadas para a Igreja de S. Roque, algumas adquiridas e outras doadas à Companhia de Jesus ou à Misericórdia de Lisboa, sendo na sua maioria peças de culto, relicários ou ornamentos de imagens. Uma grande colecção de diversificados objectos litúrgicos como cálices, póxides, hostiários, turíbulo, sacras, e banquetas, assim como atributos de imagens sacras como coroas e resplendores.

Colecção de Iluminuras

A preciosa colecção de livros e documentos iluminados embora pouco numerosos, são representativos da arte da iluminura europeia ao longo de quatrocentos anos. Este conjunto é constituído por seis iluminuras, desde meados de quinhentos até ao século XX. Salienta-se sem dúvida, o primeiro *Compromisso Iluminado da Misericórdia de Lisboa*, magnífico testemunho da iluminura da época Manuelina.

Colecção de Arte Oriental

As peças que integram este conjunto, provenientes da Índia, China, Japão e Médio Oriente atestam relações comerciais e culturais a vários níveis, neste caso com membros de uma ordem religiosa, em que as trocas são materializadas através de objectos preciosos de grande interesse histórico e artístico. A colecção é composta de cinquenta e uma peças de arte luso-oriental, nas quais se encontram representados o mobiliário, têxteis, a escultura e as porcelanas chinesas, para além de relicários e crucifixos.

Colecção de Relicários

As relíquias de Santos e Mártires, dentro da doutrinação dos Jesuítas, funcionavam como modelos materiais de vivência cristã. As que se encontram na Igreja de S. Roque são exemplares únicos em Portugal. Esta colecção de relicários, conservados desde o século XVI na Casa Professa da Companhia de Jesus, a que se acrescentam as relíquias oriundas do Convento de S. Pedro de Alcântara, em 1833, e de legados recebidos pela Misericórdia de Lisboa ao longo dos séculos XIX e XX.

Efectivamente, deve-se a uma relíquia, a instalação da pequena ermida e mais tarde da Companhia de Jesus, também o próprio desenvolvimento do Bairro Alto.

Colecção do Tesouro da Capela de S. João Baptista

Os objectos de culto de que é composto este Tesouro, “necessários para a celebração religiosa”, distinguem-se pela extraordinária técnica de detalhe e qualidade do material. É uma colecção constituída por quarenta e seis peças de Ourivesaria, cento e cinquenta e cinco de Paramentaria e setenta e seis Rendas barrocas. O Tesouro da Capela de S. João Baptista representa um testemunho marcante da influência de D. João V.

Colecção de Frontais de Altar Seiscentistas

Esta colecção é constituída por dez frontais de altar do século XVII, época de ouro na ornamentação da Igreja Inaciana. Trata-se de um pequeno conjunto com uma unidade estilística bem definida e um magnífico efeito decorativo.

4. 3. 1. – Inventário e documentação

Num total de mais de 1189 objectos, o acervo do Museu de S. Roque encontra-se totalmente inventariado em suporte de papel e parcialmente digitalizado. O inventário é

elaborado com as convencionais fichas em formato A4, organizadas em ficheiros, bem como as fotografias de todas as peças.

Os objectos possuem um número de cadastro designado como número de inventário³²⁵.

Iniciou-se o trabalho de inventário na década de setenta, sob a orientação da então Conservadora Maria João Madeira Rodrigues.

O inventário tem vindo a ser informatizado desde 1994, para esse efeito o Museu utiliza o programa Museugeste, um sistema de inventariação bastante moroso por ser já muito antiquado.

Seria muito útil um novo sistema de informatização para inventário. Assim, está prevista para o ano de 2006 a aquisição do programa Inarte Plus, através do qual será possível aceder à base de dados de todas as colecções museológicas.

De facto, uma revisão do inventário de acordo com os novos modelos e com recurso às novas tecnologias, teria muito interesse para a organização do Museu.

4. 3. 2. – Política de incorporação

Como foi já expresso, o acervo do Museu de S. Roque provem essencialmente da antiga Casa Professa da Companhia de Jesus e da Misericórdia de Lisboa. Ao longo de quinhentos anos de existência a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa tem recebido de inúmeros beneméritos, doações, heranças e legados, que têm enriquecido o património artístico desta Instituição.

Em 2001, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa recebeu como doação a valiosa Colecção Rodrigues Alves, até à data, praticamente desconhecida, constituída por trabalhos gráficos inéditos, dos quais fazem parte obras de, pintura, desenho, cartazes e banda desenhada. Um particular ênfase é dado a este legado, que sai totalmente fora do contexto religioso e artístico do Museu de S. Roque, cujo acervo é composto por obras de Arte Sacra, nomeadamente de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Iluminura, Relicários, Têxteis e Azulejaria, situando-se entre o século XV e o século XX. Na realidade, esta

³²⁵ *NORMAS DE INVENTÁRIO, Artes Plásticas e Artes Decorativas*, Instituto Português de Museus, Lisboa, 1999.

doação vem trazer diversidade ao espólio deste Museu, dando assim oportunidade à sua divulgação junto do público.

4. 3. 3. – Conservação das colecções

No que respeita à conservação preventiva, podemos mencionar as várias acções regularmente empreendidas pelo Museu, que vão desde a já referida monitorização das condições ambientais à prevenção de ataques de insectos xilófagos nos objectos em madeira e nas próprias molduras, manipulados por especialistas através de produtos adequados, e ainda, a reorganização e manutenção do espaço das reservas.

Haverá ainda que referir a vigilância periódica das colecções, trabalho que é assegurado pela Conservadora do Museu e pelos dois técnicos superiores do quadro, assim como o armazenamento dos objectos em reserva.

Todas as intervenções de conservação e restauro que não podem ser asseguradas pelo Museu, são executadas por empresas e particulares especializados através de contratação externa, com ou sem patrocínios.

4. 4. – Exposição , Divulgação e Comunicação

4. 4. 1. – A exposição permanente e o discurso expositivo

A exposição permanente do Museu de S. Roque ocupa a totalidade dos espaços públicos do Museu, distribuindo-se as diversas colecções, pelas salas do piso superior, assim como alguns espécimes dispostos à entrada do Museu e na escadaria de acesso ao primeiro piso. As colecções estão divididas em três núcleos distintos: “Ermida de São Roque”, “Companhia de Jesus” e “Capela de S. João Baptista”.

No piso superior, o primeiro núcleo “Ermida de São Roque” além dos problemas já apontados, como a exiguidade do espaço que é inevitável em momentos de maior afluência de público, também, as tabelas, unicamente em língua portuguesa e a inexistência de textos analíticos para as peças expostas. Este apoio é indispensável,

fornecendo informações importantes sobre as tipologias e a função dos objectos. Ainda, o painel que esconde a porta das reservas, afigura-se pouco atraente.

No que concerne ao segundo núcleo “Companhia de Jesus” que ocupa a sala grande do Museu, além das deficiências atrás mencionadas, como a colocação do baldaquino totalmente fora de contexto, podemos verificar que os visitantes não dispõem de informação adequada quer sobre a forma de textos analíticos, quer mesmo sobre a forma de guião, que lhes permita estabelecer a ligação histórica entre os objectos. Efectivamente, no espaço expositivo é notória a insuficiência de informação, resumindo-se nas já mencionadas tabelas de peça e legendagem de vitrines.

O núcleo “Capela de S. João Baptista” constituído por peças de inestimável valor, encontra-se acomodado num espaço insuficiente, visto existirem espécimes de grande porte e rara qualidade artística, como por exemplo, o par de tocheiros, que para poderem ser vistos, necessitam de um pé direito alto, isto porque, são peças de tal maneira grandiosas que necessitam de espaço para poderem ser apreciadas em toda a sua magnificência. Também, o frontal de altar de lápis -lazuli e prata, se encontra desenquadrado nesta área expositiva, esta peça, talvez a mais valiosa do Tesouro da Capela de S. João Baptista, deveria ser apresentada com a banqueta completa (uma cruz e seis castiçais), que por sinal está colocada dentro de uma vitrine, fora do seu contexto, este conjunto estaria completo com a colocação do baldaquino.

As peças de paramentaria de grande riqueza de concepção e manufactura, encontram-se encerradas na grande vitrine existente neste núcleo, onde são apresentadas juntamente com algumas peças de ourivesaria, nomeadamente com a banqueta. Estes paramentos, pela sua já longa exposição, denotam uma acumulação de poeiras, um sinal de que uma política de rotação dos espécimes em exposição permanente seria o ideal, visto que o Museu possui em reservas peças semelhantes às que se apresentam.

Do ponto de vista museográfico, haverá que referir a inexistência de tabelas trilingues (português, francês e inglês), as que se encontram agora colocadas em suportes de acrílico não se coadunam minimamente com a realidade museológica, ocupando por vezes lugares recônditos e de fraca visibilidade, sendo ainda de destacar que nenhuma delas assume a função de contextualização ou apresentação histórica da instituição.

Destacam-se as estruturas antiquadas das vitrines ainda aos anos setenta, sendo de salientar o mau estado do forro, com alguns rasgões cozidos que se afiguram muito pouco atraentes.

Quanto à sinalética - não existe sinalética de percurso em nenhum núcleo do Museu, assim como não existem placas que impeçam o visitante de comer, beber, fumar ou fotografar e também de proibição de tocar nos objectos, quando a experiência quotidiana vem provar essa prática comum.

4. 4. 2. – O Serviço Educativo

O Serviço Educativo do Museu de S. Roque desde há algum tempo em reestruturação, tem vindo a desenvolver projectos direccionados a um público diversificado, nomeadamente alunos e professores do Ensino Básico, Secundário e também Universitário, associações culturais e instituições de terceira idade e ainda a grupos com necessidades especiais.

Consciente de que é necessário dinamizar a cooperação entre o Museu de S. Roque e as escolas, nos últimos dois anos lectivos este serviço desenvolveu com o maior dos sucessos, o projecto “Vamos Conhecer a Capela de S. João Baptista”³²⁶, vocacionado para o 1º ciclo do Ensino Básico, apresentando alguns aspectos da História e da Arte do século XVIII de forma didáctica e despreocupada, em visitas guiadas e ateliers.

“Tendo consciência que Museu e Escola devem trabalhar em estreita colaboração, o Museu de S. Roque preparou um pequeno livro para o professor com informação acerca da Igreja e Museu de S. Roque, uma Maleta Pedagógica com material de apoio, a ser usado pelas crianças no Museu e na Escola, e um livro ilustrado de carácter lúdico que nos conta a História da Capela de S. João Baptista através de Xavier, uma criança de oito anos”³²⁷.

³²⁶ Maleta Pedagógica - *Vamos Conhecer a Capela de S. João Baptista*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2003.

³²⁷ *Folheto do Serviço Educativo do Museu de S. Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2003.

Sem espaço próprio para a realização de actividades lúdico-culturais, o Serviço Educativo utiliza a área da galeria de exposições temporárias, provisoriamente livre para o efeito, para desenvolver os seus projectos junto aos públicos escolares. A direcção do Museu pensa futuramente ocupar uma sala anexa à galeria de exposições temporárias (Museu II), para instalação permanente do Serviço Educativo.

Durante o ano em que decorreu este projecto 2003/20004, os temas dos ateliers³²⁸ foram “Os mosaicos são como os meus puzzles”, uma introdução à arte do mosaico, usando a Capela de S. João Baptista como exemplo, também “Vamos conhecer as cores” em que as crianças tiveram oportunidade de entrar em contacto com os materiais usados na pintura, nomeadamente, os pigmentos, e ainda “Vamos conhecer os mármore” sempre a partir da Capela mostrou-se às crianças o que é o mármore, e os diferentes tipos existentes, quais os seus nomes, cores e origem. Este ano de 2005, o Museu contou com a colaboração de um artista plástico na preparação dos ateliers de arte.

O conteúdo da Maleta Pedagógica é o seguinte: Conjunto de fichas pedagógicas com questionários, jogos, espaços para fazerem desenhos e também colagens e ainda, uma maqueta em cartolina da Capela de S. João Baptista para montarem.

As actividades a desenvolver são as seguintes: Visitas guiadas à Capela de S. João Baptista e respectivo Tesouro seguidas de trabalho com o material da maleta pedagógica na sala do Serviço Educativo do Museu. Nos ateliers de arte, cada turma tem a possibilidade de criar um elemento de um cenário barroco a construir ao longo do ano lectivo na sala do Serviço Educativo, sendo no final do ano a apreciação e exposição dos trabalhos desenvolvidos.

O Museu socorre-se ainda de voluntárias para reforçar o serviço de visitas guiadas e ateliers quando o número de alunos assim o justifica.

É de realçar que, estas actividades promovidas pelo Museu de S. Roque, SCML são totalmente gratuitas, sendo ainda distribuída uma maleta pedagógica a cada criança e aos professores acompanhantes.

³²⁸ *Manual do Professor - Vamos Conhecer a Capela de S. João Baptista*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2003, p. 10.

4. 4. 3. Recursos Humanos

Actualmente o Museu de S. Roque conta com quinze funcionários no seu quadro de pessoal, sendo que a tempo inteiro se contam uma Conservadora, dois técnicos superiores, um marceneiro, seis auxiliares de apoio e vigilância, duas administrativas e três auxiliares de apoio geral. Ainda, um técnico em regime de contrato.

Efectivamente, o Museu dispõe em termos de quadros superiores, de uma Conservadora com formação em História da Arte e dois técnicos superiores com formação em Pintura e em Filosofia.

No que respeita à limpeza e manutenção das instalações, é assegurada pela equipa composta pelas três auxiliares de apoio geral, que permite assegurar em permanência as boas condições de higiene no Museu, fora do horário normal de visita.

É muito importante a formação adequada destas equipas no sentido de lhes permitir apreender as características específicas de um espaço museológico e as suas conseqüentes limitações. Desta forma, cabe ao corpo técnico do Museu a formação básica dos auxiliares de apoio geral e a supervisão de todas as tarefas executadas, de modo a salvaguardar todo o acervo em exposição.

4. 4. 4. – Públicos

As estatísticas do Museu de S. Roque confirmam que a maioria do público que frequenta este museu é constituído por visitantes estrangeiros de diferentes nacionalidades.

Museu de S. Roque – Totais de Visitantes

Ano	Nacional	Estrangeiro	Visitas de Estudo	Totais
2000	4907	5080	2589	12576
2001	3407	3947	1987	10938
2002	3548	4732	2180	11323
2003	3538	5665	2341	12647
2004	2973	5388	2621	12279
2005	—	—	3139	12158

PARTE III

Reprogramação do Museu de S. Roque

CAPÍTULO 1 – A razão de ser do Museu. Missão e Objectivos

A proposta de reprogramação museológica³²⁹ que procuraremos desenvolver baseia-se em princípios de ordem metodológica e em objectivos pré-definidos que passamos a apresentar.

O Museu de S. Roque foi alvo de diversas adaptações ao longo dos seus cem anos de existência, sendo estas, em função do edifício onde se encontra integrado, a antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, também, nas diversas fases de apresentação das suas colecções, teve sempre em vista um objectivo, o de divulgar ao público o importante acervo artístico da Santa Casa da Misericórdia.

Este excepcional acervo, não se limita aos objectos de arte que incorporam as suas colecções, inclui também no seu percurso museológico, um admirável conjunto arquitectónico, integrando o seu património, a valiosa Capela de S. João Baptista. Tem igualmente a particularidade de possuir uma das mais completas colecções de arte a nível nacional, maioritariamente de arte sacra, abrangendo um leque artístico e tipológico desde o século XVI ao século XX. Para um melhor entendimento da natureza e origem destas colecções é essencial associá-las ao espaço que esteve na génese da construção da Igreja de S. Roque, a que o Museu se encontra intimamente ligado.

Das colecções que integram o espólio deste Museu, o Tesouro da Capela de S. João Baptista é sem dúvida o mais excepcional conjunto de arte italiana, incluindo peças de ourivesaria e paramentaria de admirável qualidade. A Capela e o seu Tesouro, doados por D. João V, são testemunhos da presença da Companhia de Jesus na Igreja e Casa Professa de São Roque, impondo-se “como um conjunto de rara qualidade estética e de extrema harmonia no contexto da arte europeia”³³⁰ estando efectivamente, na origem da criação do Museu de S. Roque.

³²⁹ A nossa proposta inspira-se na alternativa descrita por Juan Carlos Rico “El espacio que funciona” em que dá prioridade ao projecto museológico. Segundo esta proposta, o Museu deve funcionar tecnicamente com perfeição. A conservação, que inclui a iluminação, a climatização, o estudo da circulação e a relação entre as diferentes áreas deverá ser um todo organizado. Cf. Juan Carlos Rico, *Museu, Arquitectura, Arte, Los Espacios Expositivos*, Ediciones Sílex, Madrid, 1999, p. 372.

³³⁰ Cf. Teresa Freitas Morna, “O Museu de São Roque 100 Anos de História 1905-2005” in *Catálogo 100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 13.

No século XIX, numa época em que se começavam a valorizar as artes decorativas e ornamentais em Portugal, surge o Museu de S. Roque, entre os primeiros museus de arte no nosso país, a sua criação tem a particularidade de estar associado ao Monumento que esteve na sua génese, a antiga Igreja e Casa Professa da Companhia de Jesus, característica que o distingue de outros museus.

É claramente evidente o interesse da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em mostrar e divulgar o seu valioso acervo, quando em 1898 são pela primeira vez apresentadas ao público as alfaias e paramentos do Tesouro da Capela de S. João Baptista. Este riquíssimo património que desde essa data continua patente ao público, passando a sua apresentação por diversas fases, inerentes às diferentes épocas, e adaptações museográficas, com a finalidade de mostrar um extraordinário património, que nos dá a conhecer uma História com mais de trezentos anos.

A actual direcção do Museu de S. Roque, na pessoa da Conservadora Teresa Freitas Morna, irá concretizar esta importantíssima ampliação e remodelação dos espaços museológicos, que adaptando as condições de apresentação aos novos critérios museográficos, valorizará as colecções exibidas e reabilitará áreas essenciais ao bom funcionamento do Museu.

Missão e Objectivos

O Museu de S. Roque tem por missão inventariar e documentar, conservar e salvaguardar, estudar e interpretar, expor e divulgar o património móvel e imóvel à sua guarda, nomeadamente todo o acervo incorporado do Museu que inclui colecções de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Têxteis e Iluminura, alusivas à Ermida, aos jesuítas e à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa tendo por principal objectivo a educação dos seus públicos.

Objectivos

Inaugurado a 11 de Janeiro de 1905 por Suas Majestades o Rei Dom Carlos e a Rainha Dona Amélia, o então *Museu do Tesouro da Capella de S. João Baptista* em S. Roque integra o edificio da Igreja de S. Roque considerado Monumento Nacional desde 1910.

O Museu de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa é uma instituição privada, sem fins lucrativos, integrando a Rede Portuguesa de Museus. O Museu cumpre o horário de abertura ao público estabelecido.

De acordo com a sua Missão o Museu tem como objectivo promover os mais altos padrões ao nível da ética e das práticas museológicas, provendo de forma sistemática a qualidade das funções socio-culturais que desempenha e a que está deontologicamente obrigado, cumprindo os seus fins educativos.

O Museu assume o valor e interesse nacional e internacional das suas colecções, cujas instalações o podem classificar como “Museu de Monumento”, por estar vinculado a dois monumentos da maior importância para a História da Arte e da Arquitectura – A Igreja de S. Roque e a Capela de S. João Baptista.

CAPÍTULO 2 – Vocação, público-alvo e funções museológicas

O Museu de S. Roque sendo um Museu interdisciplinar de Arte e de História, desde a arquitetura da Igreja, Monumento que lhe está associado e que lhe esteve na origem, até todo o espólio artístico, resultado da reunião de colecções nacionais e particulares de grande qualidade e valor, mantidas na antiga Casa Professa, protegidas pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa da expoliaç o que atingiu a maioria dos conventos e casas religiosas em Portugal, inclui importantes testemunhos da arte portuguesa, europeia e luso-oriental. Será igualmente um Museu de História por abarcar a história das três Instituições que por aqui passaram e se apropriaram deste local, Ermida de S. Roque, Igreja e Casa Professa de S. Roque do in cio e segundo quartel do século XVI e Misericórdia de Lisboa edificio doado em 1762.

Públicos-alvo

O Museu define como seus públicos-alvo:

Todos os visitantes nacionais – incluindo públicos escolares, não escolares e “não-públicos”.

Todos os visitantes estrangeiros de diferentes nacionalidades, integrados ou não em circuitos turísticos organizados.

O Museu empregará todos os esforç os ao seu alcance para captar e fidelizar os seus p blicos³³¹, nomeadamente através de uma política de divulgação do património museológico e de um planeamento cultural de actividades bem estruturado³³².

³³¹ Ver para este assunto: AA VV *La Muséologie selon Georges Henri Riviere*, Dunot, Paris, 1989, p. 268. Natália Correia Guedes, *Museologia e Comunicação*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia (especialização em Museologia), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1994, p. 29, 42-53. Timothy Ambrose, Crispin Paine, *Museum Basics*, Routledge, London, 1995, pp. 37-41. Francisca Hernández Hernández, *El museo como espacio de comunicación*, Ediciones Trea, Gijón, 2003, p. 231.

³³² Segundo um estudo relativo aos “públicos”, fidelizar todos os “amadores do Museu” são tarefas priorit rias. *Faire un Mus e, Comment conduire une opération muséographique ?*, Minist re de la Culture, Direction des Musées de France, Paris, 1986, pp. 53 e 54. Ver também para este assunto: Luis Alonso Fernández, *Introducción a la nueva museologia*, Alianza Editorial, Madrid, 2003, pp. 125-129 e 150.

Acervo museológico

O acervo do Museu é constituído por diversas colecções, na sua maioria de arte sacra, que representam uma vasta abrangência artística e tipológica na evolução da História da Arte desde o século XVI ao século XX. As colecções são designadamente de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Têxteis e Iluminura, estruturam-se a partir dos três actuais núcleos do Museu: “Ermida de São Roque”, “Companhia de Jesus” e “Capela de S. João Baptista”.

Desde 1560 e no decorrer de duzentos anos o património da Companhia de Jesus aumentou progressivamente, trazendo para o seu espólio, do Oriente e da América, espécimes de rara qualidade artística, aos quais se juntaram outros exemplares como, colecções completas de paramentos e alfaias de culto da Capela de S. João Baptista, uma doação do Rei D. João V, e ainda a adição de capelas dentro do próprio corpo da Igreja. Quando em 1775, D. José I faz a doação da Igreja e Casa Professa à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a história de São Roque sofre uma mudança. Ao fundo jesuítico vem juntar-se o espólio da Misericórdia de Lisboa. É dentro deste contexto que o espólio do Museu de São Roque deve ser entendido, “Do Monumento e de sua história participam todas as peças”³³³.

Ao longo de cinco séculos de existência, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa reuniu um vasto património resultante de actos de solidariedade de inúmeros beneméritos, que muito têm contribuído para a sua vocação social e humanitária. A proveniência das heranças tem sido de carácter diverso, desde doações régias e governamentais, bem como legados e doações de pessoas singulares, que desta forma têm permitido, a continuação da acção benemerente desta Instituição.

Num esforço de dar continuidade à sua valorização patrimonial aceitou o Museu de S. Roque em 2001 o legado da colecção Rodrigues Alves, abrindo desta forma o espectro do museu, cujo espólio artístico é composto essencialmente por obras de Arte Sacra, designadamente de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Têxteis e Iluminuras, abrangendo um leque cronológico do século XVI ao século XX. A incorporação desta Herança da Misericórdia de Lisboa, constituída por uma colecção de trabalhos gráficos inéditos,

³³³ Maria João Madeira Rodrigues, *Pintura, Pratas, Tecidos*, Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988, s/p.

representativos da Arte Contemporânea nacional, vem assim diversificar o acervo museológico de São Roque, proporcionando a sua divulgação junto ao público.

No que respeita às incorporações de objectos históricos relativos à Lotaria Nacional, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, tem vindo a preservar o património ligado aos Jogos Sociais, um espólio singular e único em Portugal. Este acervo de incontestável importância documental é composto por decretos régios, gravuras, antigos bilhetes e planos de lotaria, cartazes publicitários e humorísticos, registos fotográficos e audiovisuais.

Alguns destes espécimes integram o inventário do Museu de S. Roque como por exemplo, o Modelo para a esfera da Lotaria, concebido por Joaquim Pedro Holtremann Junior em 1863, sendo outros documentos como, o primeiro bilhete de Lotaria de 1784 e o Decreto da Rainha D. Maria I, autorizando a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a explorar uma Lotaria Anual, de 1783, ainda conjuntos de fracções da Lotaria Nacional e projectos de cartazes para a Lotaria Extraordinária, dos anos 30 integram o inventário do Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa.

Todos estes espécimes se revestem de um carácter único, sendo importantes testemunhos históricos, por essa razão, todo este espólio relativo aos Jogos Sociais deveria ser incorporado no Museu de S. Roque.

No que concerne à inventariação do acervo do Museu, seria importante referir a necessidade de um novo sistema de informatização, como o programa Inarte Plus, que o Museu pretende adquirir em 2006, ou outro que satisfaça as lacunas actualmente existentes.

Conservação

O Museu compromete-se a preservar a integridade física e histórica da totalidade do património à sua guarda, incluindo o próprio edifício Igreja e Museu de S. Roque, salvaguardando a sua preservação.

O Museu garante a continuidade de uma política de conservação preventiva³³⁴ baseada na monitorização das condições ambientais, limpeza e desinfestação regulares das colecções e numa política de rotatividade da exposição permanente.

As intervenções de conservação preventiva ou de restauro serão orientadas de acordo com uma política museológica por entidades de comprovada idoneidade e competência técnica e em função de determinadas prioridades no âmbito da gestão das colecções.

O sector da conservação incluirá gabinete próprio, sendo a monitorização e estudo das colecções garantida por um Conservador /Restaurador, com apoio de um técnico de carpintaria, com instalações adequadas para os fins em vista.

Investigação

Com o objectivo de prosseguir a política de investigação levada a cabo nos últimos anos, nomeadamente desde a direcção do Conservador Nuno Vassallo e Silva, que se destacou pelo incremento dado às áreas de estudo e investigação, dando prioridade ao estudo aprofundado das colecções e à realização de inventários e catálogos, de que resultou uma série sistematizada de edições e monografias, o Museu de S. Roque tem dado continuidade com particular proficiência a esta política, que tem dominado a própria actividade da direcção, actualmente liderada pela Conservadora Teresa Freitas Morna. Tem sido igualmente realizada investigação sobre o património da Instituição, beneficiando estes estudos científicos da colaboração de prestigiados especialistas e historiadores de arte.

Por outro lado, as exposições temporárias e as publicações têm sido um meio privilegiado para a divulgação e partilha do património histórico e artístico da Misericórdia de Lisboa, permitindo as exposições temporárias confrontar o público e os estudiosos com as investigações que o Museu tem vindo a desenvolver.

³³⁴ *Faire un Musée, Comment conduire une opération muséographique ?*, Ministère de la Culture, Direction des Musées de France, Paris, 1986, pp. 24 e 25. Ver ainda sobre este assunto: Stefan Michalski, Stefan Michalki, *An Over all Framework for Preventive Conservation and Remedial Conservation*, Dresden, ICOM, 1990, pp. 9-15. Anabela Almeida, Luís Elias Casanovas, *VADE MECUM – Conservação Preventiva*, Instituto Português de Museus, Lisboa, 2003, pp. 3-6.

Estas acções, desenvolvidas de início por Nuno Vassallo e Silva, numa época em que as exposições temporárias começavam a assumir em Portugal um papel de relevo para o desenvolvimento da historiografia da arte e da museologia, têm prosseguido de forma notável, apostando também na dinamização do Serviço Educativo e na constante captação de novos públicos.

Comunicação

O Museu compromete-se a divulgar por todos os meios ao seu alcance, nomeadamente recorrendo às novas tecnologias, as actividades culturais e educativas que realiza, bem como as colecções de que é detentor, mantendo actualizado e disponibilizando o conhecimento que for sendo produzido sobre as mesmas, através de:

- Dar seguimento à política de edição de catálogos que divulgam o estudo e investigação das colecções do acervo.
- Actualização permanente do inventário em formato electrónico.
- Dar continuidade à produção de catálogos, também bilingues ou trilingues, das exposições temporárias que realizar.

Educação

O Museu identifica-se como um local privilegiado de aprendizagem, mas também lúdico e de lazer dos seus visitantes. Tendo como objectivo os seus públicos-alvo, o Serviço Educativo do Museu desenvolve uma programação cultural calendarizada anualmente e em colaboração com os técnicos e colaboradores envolvidos no projecto.

Nas acções de índole cultural e educativa que o Museu vier a desenvolver, a sua programação cultural³³⁵ será determinada em função de uma programação e avaliação prévia sobre as necessidades de cada público.

³³⁵ Ver para este assunto: Francisca Hernández Hernández, *El museo como espacio de comunicación*, Ediciones Trea, Gijón, 2003, p. 231.

Tendo em vista uma melhor estruturação do Serviço Educativo, dotando-o de espaço próprio, dando particular atenção à diversificação das suas acções, atingindo todos os escalões etários, com a finalidade de cruzar as experiências dos mais velhos com os mais jovens, sendo o grande público-alvo o das Santas Casas da Misericórdia, nomeadamente asilos de infância e de terceira idade.

O *Projecto dos 8 aos 80 – À Procura de Lugares com História*³³⁶ abrange um leque etário considerável, constituído por:

Público-alvo: Crianças e jovens em idade escolar, famílias, grupos de idosos, adultos a nível individual.

Procura-se com este projecto, que combina visitas guiadas e ateliês diversificados, uma combinação feliz de aprendizagem, experiência prática e divertimento, além do direito de beneficiar das actividades culturais e conhecimentos disponíveis.

Poderão ser desenvolvidos por várias fchas etárias:

A nível cognitivo: Conhecer e compreender, nos grupos de idosos e crianças.

Conhecer, compreender e relacionar nos grupos de adultos e jovens.

Conhecer, compreender, relacionar, analisar e sintetizar nos grupos de jovens e adultos com bom nível de literacia.

A nível sócio-afectivo: Entusiasmo, adesão, convivialidade, originalidade e espírito de grupo.

A nível psico-motor: Perícia e destreza.

O Serviço Educativo do Museu trabalha fundamentalmente com alunos do ensino básico, secundário e universitário, ocupando-se igualmente com grupos de crianças e adultos com necessidades especiais.

Para estes últimos, seria importante a criação de novos projectos destinados a pessoas com deficiência, desenvolvendo-se parcerias com outras instituições designadamente, com a ANACED (Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com

³³⁶ Ana Duarte, *Projecto dos 8 aos 80 – À Procura de Lugares com História*, Museu – Comunidade, Projecto Educativo em Parceria, Departamento de Cultura, Divisão do Património Histórico-Cultural, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2004, policopiado.

Deficiência) e a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal, “com o objectivo de proporcionar aos cegos e surdos as mesmas oportunidades de acederem ao Património Cultural Português”³³⁷.

Neste contexto, poderia ser elaborado um desbobrável informativo, editado em Braille, com a história da Igreja, do Museu e suas colecções, bem como a descrição do edifício, acompanhado da respectiva planta em relevo com legenda e definição dos percursos. Seria também do maior interesse, um vídeo de apresentação do Museu, traduzido em linguagem gestual, com introdução de todas as imagens para que os deficientes auditivos pudessem ficar perfeitamente elucidados no que respeita a este complexo museológico e suas colecções. Este filme seria igualmente destinado a deficientes visuais.

No âmbito das visitas guiadas a invisuais, seria interessante a criação de miniaturas das peças mais relevantes do Museu designadamente, da maquete da Capela de S. João Baptista, e de alguns exemplares pertencentes ao seu Tesouro, como por exemplo o par de tocheiros e algumas outras peças de escultura, através das quais os deficientes visuais podem ter uma percepção integral destes objectos.

³³⁷ Comunicação apresentada pela Dra. Cristina Fontes, Directora da ANACED, no âmbito do Seminário “Todos diferentes. Todos iguais? – Questões de Acessibilidade em Museus e Centros de Ciência” organizado pelo Pavilhão do Conhecimento, em Outubro de 2003.

CAPÍTULO 3 – Análise da proposta de ampliação e remodelação em curso e definição de novos pressupostos programáticos

O Museu, tendo por objectivo a beneficiação dos seus espaços e serviços, e ciente da necessidade de valorizar as suas colecções e de reformular o discurso museográfico com a introdução de novos critérios, programou com a orientação do Conservador Nuno Vassallo e Silva, um novo programa museológico³³⁸, assinado em 1997, pelo Arquitecto Carlos Pietra Torres, com a finalidade de ampliar a área de exposição permanente e de criar condições no Museu para a adopção de novas infra-estruturas de apoio. (Consultar Plantas 3 e 4)

Em 2005, a actual direcção liderada pela Conservadora Teresa Freitas Morna, dá seguimento a este projecto de remodelação e ampliação dos espaços, com o propósito de dar a conhecer o imenso espólio conservado em reservas, o que oferecerá uma considerável beneficiação em termos de apresentação da exposição permanente e das condições de conservação dos espécimes.

A ampliação da área do Museu contemplará novos espaços de acolhimento, com a incrementação de uma cafetaria e uma loja, essenciais para complementar um espaço museal. O prolongamento no piso térreo, à área que circunda o antigo claustro da Casa Professa, tornará possível uma maior diversidade de obras expostas com a organização de novos sectores expositivos.

Assume esta obra, orientada pela Conservadora Teresa Freitas Morna, uma enorme importância arquitectónica e patrimonial, por compreender a recuperação do claustro seiscentista da antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, que ao longo das épocas foi modificado na sua forma original.

Com efeito, a restituição destes espaços ao seu enquadramento de origem, irá permitir uma melhor compreensão e interpretação museológicas da Igreja com os diversos sectores expositivos.

³³⁸ Cf. Teresa Freitas Morna, "O Museu de São Roque 100 Anos de História 1905-2005" in *Catálogo 100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, p. 46.

Este importantíssimo complexo museológico de S. Roque, constituído por Museu, Igreja e construções anexas da antiga Casa Professa da Companhia de Jesus, distingue-se primeiramente pela sua privilegiada localização, sendo a Igreja considerada Monumento Nacional desde 1910, incluindo um valioso espólio que se destaca pela unidade e coerência das suas colecções, que se conservaram intactas quando da espoliação patrimonial que no século XIX atingiu a maioria dos conventos e casas religiosas portuguesas.

Este projecto de recuperação, da responsabilidade do Arquitecto Pietra Torres, abrange três grandes espaços; a Igreja, que pela sua importância arquitectónica e artística deve ser entendida como extensão do Museu, integra o percurso museológico, os sectores do piso térreo e os do piso superior estarão relacionados de forma a proporcionar uma articulação clara entre as obras do acervo do Museu e a própria Igreja.

A intensa e profícua actividade que o Museu de São Roque tem vindo a desenvolver ao longo dos últimos anos no domínio da investigação e divulgação das suas colecções, bem como ao nível da conservação do seu acervo, comprovam a dinâmica actividade desta direcção, que por mérito próprio justifica um projecto desta envergadura.

No que concerne à valorização dos espaços, este projecto é já considerado um enorme avanço na reabilitação arquitectónica das áreas do Museu, mas ainda insuficiente para satisfazer as necessidades actuais, pensando num Museu para o futuro, dotado de infra-estruturas e serviços básicos e complementares indispensáveis ao bom serviço público e à realização de todas as funções museológicas.

Efectivamente, torna-se tarefa importante repensar um dos mais emblemáticos museus portugueses e propor soluções concretas para a correcção das lacunas identificadas, designadamente, os espaços ampliados e os serviços a prestar ao público. Nesse sentido, a nossa proposta de reprogramação parte dos seguintes princípios basilares:

A) O Museu existe para servir, educar e fidelizar os seus públicos, tanto os já identificados como os que se pretende atrair no futuro, transmitindo-lhes um património que a todos pertence. Dos públicos existentes, terá em conta as necessidades específicas como a dos turistas e visitantes estrangeiros integrados em circuitos turísticos, que dispõem de pouco tempo para realizar uma visita guiada e, como tal procuram percursos

de curta duração que facilitem a deslocação dos grupos, dando-lhes uma panorâmica do historial e das peças principais das colecções. Igualmente para os grupos escolares, de modo particular os que incluem níveis etários mais baixos, poderão usufruir deste tipo de percurso, independentemente das visitas que vierem a realizar. Em contrapartida, serão proporcionados outros percursos museológicos mais extensos, dando possibilidade ao visitante individual uma visão integral de todos os espaços expositivos.

Porque um dos principais objectivos desta proposta consiste na captação e fidelização de novas audiências, em particular dos visitantes nacionais que, em muitos casos só visitaram o museu uma única vez, o Museu de S. Roque continuará a contar com o Museu II, a galeria de exposições temporárias, onde decorrerão as mostras temáticas definidas por uma programação cultural, em média de uma exposição por ano, a par de outras actividades lúdico-culturais. Este espaço será alvo de um novo projecto de beneficiação, que incidirá no melhoramento das condições de luminotécnia e climatização.

B) O Museu não deve incluir na sua exposição permanente a totalidade do seu acervo, facultando no entanto o acesso a investigadores e especialistas credenciados às peças não expostas, sempre que tal seja solicitado. Desta forma, adoptará o sistema de reservas visitáveis, dotadas de todos os meios de controlo das condições ambientais que, por uma questão de salvaguarda física dos bens e de modo a facilitar a gestão das colecções, localizar-se-ão em espaço próprio, sendo uma ante-câmara das reservas, nas imediações dos serviços técnicos.

C) A oficina de marcenaria, situada nas traseiras do edifício da SCML desde os anos setenta tem desenvolvido a sua vertente prática e dado resposta às necessidades de conservação do espólio pertencente à Igreja e Museu de S. Roque.

D) O Museu de S. Roque deverá continuar a política de valorização das colecções museológicas nacionais, a par de um novo discurso expositivo que privilegie uma abordagem cronológica e a sua contextualização histórica.

E) Considerando a Declaração de Missão que define o Museu de S. Roque como um Museu multidisciplinar, de Arte e de História, com uma abrangência territorial nacional e internacional, o novo programa científico estrutura-se a partir de cinco núcleos temáticos distintos, em situação de exposição permanente:

- Núcleo 1 – Ermida Manuelina de São Roque
- Núcleo 2 – Companhia de Jesus
- Subnúcleo 2 A – Missionação e Encontro de Culturas
- Núcleo 3 – Capela de S. João Baptista
- Núcleo 4 – Misericórdia de Lisboa. Este núcleo será dedicado à acção caritativa da Misericórdia.
- Núcleo 5 – A História dos Jogos. Este núcleo abordará a sustentabilidade de toda a Instituição.

F) Tendo em vista a concretização do programa científico cujas linhas estruturais acima se apresentaram, bem como a modernização do Museu de S. Roque ao nível das infra-estruturas e de novos serviços ao público, é importante repensar a arquitectura do museu. Nesse sentido, considerar-se-á além das ampliações previstas no actual edifício, a expansão do museu por baixo do pátio do claustro, passando esta parte a ocupar um Auditório e gabinetes para os Serviços Educativos.

CAPÍTULO 4 – Nova proposta de espacialização

1. – Proposta de ampliação do Museu

Considerando os pressupostos acima definidos, a nossa proposta de reprogramação do Museu de S. Roque, cujo programa científico adiante desenvolveremos, apresenta-se como base de trabalho indispensável à elaboração do projecto de arquitectura e programa museográfico, fornecendo à equipa projectista as orientações e especificações técnicas que condensam os objectivos da Instituição e que a obra arquitectónica deverá mostrar.

Edifício do Museu de S. Roque

1) Piso térreo – A distribuição dos espaços públicos far-se-á conforme indicado na Planta 5 do Museu (incluída no Volume II), respeitando as seguintes especificações e tendo em conta os percursos definidos.

- O acesso conceber-se-á respeitando as normas de Acessibilidade em Museus definidas pelo IPM³³⁹, designadamente através da construção de rampas de acesso e de ligação entre as duas salas do piso térreo, colocando-se sobre as escadas existentes. Também serão introduzidos elevadores que viabilizem a circulação de visitantes portadores de deficiências motoras³⁴⁰.
- A zona da Recepção/Bilheteira, com ligação ao Bengaleiro, resguardada e de acesso restrito, poderá localizar-se no hall de entrada. Trata-se de uma estrutura amovível, que se poderá deslocar sempre que haja necessidade, em caso de realização de eventos ou exposições temporárias.

³³⁹ Peter Colwell, Elisabete Mendes (et. al.), *Museus e Acessibilidade*, Lisboa: IPM (Colecção Temas de Museologia), 2004.

³⁴⁰ Ver sobre este assunto: Timothy Ambrose, Crispin Paine, "Special audiences: museums and disabled people", *Museum Basics*, Routledge, London, 1995, pp. 30-33.

- A Loja ficaria incorporada na mesma estrutura da Recepção, com balcão e mobiliário adequado para nele se guardarem dois ou três exemplares de cada artigo comercializado.
- A Cafeteria seria um espaço público e agradável, onde se serviriam refeições leves. A exploração deste serviço seria entregue, após adjudicação nos termos legais, a um concessionário privado.
- Os Telefones públicos abrangendo uma área de 2 m², seriam junto à Cafeteria.
- Este piso acolherá o Núcleo 1 da exposição permanente, situado na área junto às escadas, à esquerda das duas entradas principal e lateral de acesso à Igreja, que terá ligação directa ao Núcleo 2, situado na zona em redor do claustro, a norte e a este. É uma área que permite a livre circulação dos visitantes com acesso às escadas para as salas do primeiro piso, onde ficarão instalados os restantes núcleos e subnúcleo. Por outro lado, a ligação ao piso superior e subterrâneo será assegurada não só pelas escadas, mas também por um elevador de passageiros, com cabine em vidro, localizado a este, na zona entre os dois núcleos do piso térreo.

2) Piso superior (Planta 6) – A distribuição e articulação dos espaços públicos far-se-á de acordo com o estipulado e com as instruções que abaixo se desenvolvem.

- Este piso é igualmente destinado à exposição permanente e alberga os seguintes núcleos:
- Na zona junto às escadas e na continuação à esquerda encontra-se o seguimento do Núcleo 2, sendo a restante ala este do claustro ocupada pelo seu Subnúcleo (2-A).

- As áreas de acesso restrito ou condicionado seriam neste novo espaço situadas na ala este do claustro, respectivamente em frente ao subnúcleo. Estas instalações abarcariam os gabinetes técnicos, a zona de arquivo e as reservas do Museu.
- Os gabinetes técnicos ocupariam uma área de cerca de 68 m², calculando-se uma ocupação de 4 a 5 técnicos e 2 administrativas. Espaços com luz natural, zona de arquivo pessoal, munido de pontos de ligação às redes informática e telefónica da SCML.
- A zona de arquivo, contígua aos gabinetes técnicos, equipada com mobiliário próprio e preferencialmente sem entradas de luz natural.
- WC privados (H/S) para os funcionários do Museu, estimando-se uma área mínima de 12 m².
- As reservas³⁴¹, um espaço climatizado, preferencialmente sem luz natural, com cerca de 35 m² e a capacidade para acolher as peças que não se encontram em exposição e aquelas que vierem a ser incorporadas no futuro, bem como as restantes colecções do acervo. Para estas últimas, seria concebido mobiliário adequado, considerando a especificidade dos objectos. Ressalva-se ainda a necessidade de uma porta com abertura ampla, para facilitar o transporte das peças, quer para os espaços expositivos, quer para o exterior, em caso de evacuação dos espécimes.
- Propõe-se que o espaço das reservas seja antecedido por uma pequena área com cerca de 9 m², destinada à criação de um gabinete de restauro para

³⁴¹ A organização das reservas para ser inteiramente satisfatória, deverá ser concebida tendo em conta o projecto museográfico de base do Museu. *Faire un Musée, Comment conduire une opération muséographique ?*, Ministère de la Culture, Direction des Musées de France, Paris, 1986, pp. 24-27. Ver ainda sobre este assunto: AA VV *La Muséologie selon Georges Henri Rivière*, Dunot, Paris, 1989, pp. 215 e 216.

peças em quarentena e para operações de registo, inventariação e diagnóstico. Neste espaço climatizado seria integrado todo o equipamento necessário para pequenas intervenções.

- A sala que acolhe o Núcleo 3 seria situada a norte, em volta do claustro. O lado oeste do claustro seria destinado à exposição do Núcleo 4, cujo seguimento ocuparia parte da ala sul.
- Ao Núcleo 5 estaria destinada parte da ala sul do claustro.

Cumpridas as fases acima indicadas, definimos que o novo espaço a construir teria as seguintes características:

- Pretende-se todas as salas pintadas de branco ou de cor neutra para que não haja interferência com a apresentação e leitura dos objectos expostos, e que sejam aplicados filtros UV nas janelas, assim como estores motorizados em substituição das portadas em madeira.
 - Existência de áreas de repouso, designadamente no núcleo 2 do piso térreo, subnúcleo e núcleos 3 e 4 do piso superior.
- 3) Piso inferior – A construir em subsolo sob o pátio do claustro e parte da área sul do Museu, (nomeadamente na área da entrada principal), com uma área aproximada de 150 m². (Ver a área do claustro na Planta 6)
- Com o objectivo de dotar o Museu de São Roque de um amplo espaço destinado a albergar o auditório, os gabinetes e ateliers dos serviços educativos, a construção desta galeria estabelece-se respectivamente na área correspondente ao pátio do claustro, prevendo-se que o pavimento deste espaço seja parcialmente concebido em vidro, permitindo desta forma a entrada de luz natural nas novas salas.

- O Auditório com capacidade para 70 pessoas, para projecção e tradução, numa área global estimada de 75 m².
- Os gabinetes e oficinas dos serviços educativos numa área com cerca de 75 m² seriam salas de trabalho destinadas aos monitores, tendo o espaço das oficinas as características funcionais para todas as actividades desenvolvidas nos ateliers, possuindo também todo o mobiliário adequado. De modo a tornar mais agradável este espaço, admite-se a sua decoração com trabalhos seleccionados de entre os muitos produzidos no âmbito destes ateliers. A área em questão contemplaria WC próprio e instalações sanitárias infantis. Nas proximidades deste espaço localizar-se-ia ainda o elevador de ligação entre os restantes pisos.
- Neste piso ficarão instalados os WC públicos numa área total de cerca de 45 m², com iluminação controlada por sensores. Estas instalações subdivididas em WC duplo (H/S) serão para os utentes em geral e também para visitantes com mobilidade reduzida.

Acrescendo às especificações acima apresentadas, a necessidade de o projecto de arquitectura, incluindo a própria museografia, ter em conta as seguintes indicações:

- Em todas as áreas expositivas do Museu será instalado um sistema de iluminação em fibra óptica, regulável em termos de intensidade de luz³⁴².
- Extensão de rede informática e instalação de pontos de rede nas áreas públicas e privadas do Museu, visto ser fundamental dotar a instituição de

³⁴² Ver sobre este assunto: Garry Thomson, Sara Staniforth, *Conservation and Museum Lighting*, Information Sheet 6, ICOM, 1985, pp. 6-8. Timothy Ambrose, Crispin Paine, "Monitoring and control: Light", *Museum Basics*, Routledge, London, 1995, pp. 164-167.

infra-estruturas de base com recurso aos sistemas multimédia³⁴³ a todas as actividades museológicas.

- O sistema de segurança que vier a ser implementado basear-se-á no princípio que o Museu se enquadra no chamado “nível de protecção 4”, ou seja, que a protecção começa no perímetro do Museu e termina na apresentação dos objectos, passando pelas diversas áreas e pelas reservas, sendo estas últimas dotadas de sistemas especiais de acesso.

Deverá igualmente elaborar um plano de emergência detalhado, em caso de catástrofe natural ou humana. O sistema de segurança do Museu de São Roque deverá integrar a vigilância humana e electrónica, ao nível da protecção contra intrusão e anti-incêndio, dispondo em simultâneo de instrumentos tradicionais como extintores e carretéis, e também de tecnologias mais avançadas, como os sistemas de detecção de movimento e arrombamento.

- A sinalética a adoptar terá como máxima prioridade a comunicação do Museu com os diferentes públicos, assinalando de forma clara e precisa todos os percursos, acessos e serviços.

³⁴³ Este conjunto de estruturas, textos, imagens, ilustrações, sistemas audiovisuais e programas de computador podem-se descrever como um meio de estratégia na comunicação, que numa exposição, deve estar concebido de maneira a que o visitante descubra e questione vários aspectos e pontos de vistas, tirando as suas próprias conclusões. Cf. Luis Alonso Fernández, Isabel Garcia Fernández, *Diseño de exposiciones, Concepto, instalación y montaje*, Alianza Editorial, Madrid, 2003, pp. 98 e 104.

CAPÍTULO 5 – Programação do discurso expositivo

O Vestíbulo do Museu será entendido como uma ampla zona de acolhimento, de circulação e de distribuição pelos diversos espaços públicos. Esta zona será ocupada pelos dois balcões da Recepção e da Loja e também da Cafeteria.

Considerando-se da maior importância as informações prestadas aos visitantes, colocar-se-á em frente à entrada principal, num painel fixado na estrutura da Recepção, um pequeno texto alusivo à fundação do Museu, à importância da Companhia de Jesus e Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (máximo de 150 palavras), acompanhado de uma planta correspondente à zona da Baixa Pombalina, Chiado e Bairro Alto onde serão assinalados os edifícios circundantes do Museu de S. Roque que com ele mantiveram relações de ordem histórica. No canto da parede entre a Recepção e o início do núcleo da Companhia de Jesus, figurarão duas plantas modernas: uma planta integral do edifício ocupado pelo Museu de S. Roque, outra, uma planta onde serão marcados os diferentes núcleos e percursos expositivos, assim como os demais espaços públicos do Museu, para orientação dos visitantes.

Porque se pretende destacar a comunicação com o público e divulgar uma instituição moderna e interessada na área da Cultura, na zona à esquerda da entrada principal, seria reservada uma área visualmente apelativa, mas integrada na arquitectura do edifício, destinada à divulgação das actividades do Museu nas suas diversas áreas de actuação: exposições temporárias, eventos culturais, recreativos e educativos promovidos pelos Serviços Educativos, parcerias com outras instituições culturais e ainda os últimos restauros efectuados pelo Museu. Também, poderia considerar-se a inclusão neste espaço de um posto de multimédia, através do qual o visitante teria a hipótese de aceder, com ligação restrita, ao *website* do Museu e a outros monumentos históricos localizados na zona da baixa pombalina, bem como ao Roteiro do Museu de S. Roque em formato electrónico.

No que respeita aos núcleos expositivos do Museu, passamos a apresentar a sua constituição, características museográficas e distribuição espacial.

Núcleo 1 – Ermida de São Roque – discurso expositivo e conteúdos

Localização: Piso térreo, situado na ala este, à esquerda com uma área de cerca de 25 m² (Planta 5)

Fundamentação: O Núcleo da Ermida de São Roque está situado de forma lateral relativamente ao percurso principal do piso 0, o visitante pode inclusivamente dar conta dele ao subir para o primeiro andar. O circuito tal qual como está pode induzir o visitante a inverter a ordem dos pisos. A nosso ver, este núcleo só está bem localizado para quem vem da Igreja, para evitar que isto aconteça, a sinalética tem de ser muito clara e guiar o visitante na sequência que se propõe.

A área onde está situado este núcleo tem um pé direito demasiadamente baixo para a dimensão dos quadros, que se arriscam a ficar a cerca de 80 cm do solo, o que condicionará a leitura dos mesmos, falseando a sua perspectiva. Deveria ser considerada a possibilidade de rebaixamento do pavimento, mesmo que isso implique um rampeamento do acesso à Igreja.

Deverá existir um painel com a reconstituição conjectural do retábulo, de modo a permitir a visualização da forma como ele estaria originalmente na Ermida.

Seria ideal que houvesse condições para a recriação do retábulo da primitiva Ermida de São Roque, com o conjunto das quatro pinturas tendo ao centro a imagem do Santo, ladeada por quatro quadros em duas sequências. Em baixo o Nascimento de S. Roque e a Cura do Cardeal, em cima a Estadia em Piacenza e a Prisão em Montepelier.

Parede esquerda e frente do Núcleo 1 – será apresentado o conjunto de quatro pinturas dispostas uma a uma conforme se segue: *Natividade e Adolescência de S. Roque, Cura Miraculosa do Cardeal e reconhecimento do Papa a S. Roque, Estadia em Piacenza e retiro na floresta e Prisão e morte beatífica de S. Roque.*

Segundo a nossa proposta, na parede em frente a estas pinturas deverá figurar uma planta do Altar-mor da Ermida com a reconstituição do retábulo e os respectivos textos de introdução histórica. Na pequena área ao lado, ficarão dispostos frente a frente a escultura de *S. Roque* e a lápide do *Adro da Peste*, ficando o pergaminho *Bula da Irmandade de S. Roque* colocado numa vitrine³⁴⁴ entre as duas peças.

Na zona de passagem entre a Igreja e o Museu (Consultar Plantas 3 e 5), local onde para estão previstas as pinturas *Lava-pés* (1750 x 1750 mm) e *Oração de Cristo no Horto* (1770 x 1750 mm), em nosso entender, não deveriam estar colocados quaisquer objectos museológicos, pois não há espaço nem distância para os observar. Por ser uma zona de passagem, é o local ideal para uma chamada de atenção para as exposições que estejam patentes no Museu II, com um cartaz alusivo à exibição.

Seleção dos objectos a expor:

a) *Natividade e Adolescência de S. Roque*



Óleo sobre madeira

C. 1526

Atribuído a Cristovão Dutreque

1280 x 1190 mm

Museu de S. Roque, inv. 52

Irmandade de S. Roque

³⁴⁴ É importante referir que todas as vitrines devem ser construídas em material totalmente inerte, sem o perigo de libertarem gases tóxicos que afectem as peças expostas, particularmente as constituídas por matéria orgânica.

b) *Cura miraculosa do Cardeal e reconhecimento do Papa a S. Roque*



Óleo sobre madeira

C. 1526

Atribuído a Cristovão Dutreque

1280 x 1190 mm

Museu de S. Roque, inv. 53

Irmandade de S. Roque

c) *Estadia em Piacenza e retiro na Floresta*



Óleo sobre madeira

C. 1526

Atribuído a Cristovão Dutreque

1280 x 1190 mm

Museu de S. Roque, inv. 55

Irmandade de S. Roque

d) *Prisão e morte beatífica de S. Roque*



Óleo sobre madeira

C. 1526

Atribuído a Cristovão Dutreque

1280 x 1190 mm

Museu de S. Roque, inv. 56

Irmandade de S. Roque

- *S. Roque*



Portugal, início do século XVI

Calcário policromado

Alt: 1540 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 202

- **Adro da Peste**

Pedra

1527

Esta lápide pertencente à Ermida de S. Roque foi assente no local do cemitério dos pestíferos e consagrado a 24 de Maio de 1527 pelo Bispo D. Ambrósio.

Nota: A peça em questão, deverá ser assente em estrutura metálica, agarrando-a à parede, deixando uma circulação de ar por trás.

- ***Bula da Irmandade de S. Roque***

Pergaminho iluminado a têmpera e ouro com caracteres a sépia

Escola italiana, 1583

Local de prod: Roma

Alt: 680 mm

Comp: 890 mm

Proveniência: Irmandade de S. Roque

Inv. nº IL 0168

Nota: Este pergaminho, como qualquer suporte em papel pintado é especialmente sensível, neste caso e na área em questão há necessidade de o colocarmos numa vitrine funda, feita à medida, com um sensor incorporado para accionar a luz apenas quando o público se aproxima. Devido à sua especial sensibilidade, este espécime documental em suporte de papel deverá ter uma iluminação fraca, no máximo de 50 lux, permitindo assim a sua conservação.

Núcleo 2 – Companhia de Jesus – discurso expositivo e conteúdos

Localização: Piso térreo abrangendo parte da ala este e norte em redor do claustro e parte do piso superior, ala este numa área de cerca de 250 m². (Plantas 5 e 6)

Fundamentação: A Companhia de Jesus implantada em Portugal em 1540 desenvolveu um vasto programa de renovação estética e artística em consonância com as regras impostas na época pela Contra-Reforma. Este programa que incluiu a edificação da actual Igreja e Casa Professa de S. Roque contou com o apoio e favorecimento dos Reis D. João III e D. Catarina, que aprovaram a instalação dos membros jesuítas neste local.

Dos testemunhos deixados por esta ordem religiosa na Igreja e Casa Professa de S. Roque incluem-se colecções de Pintura, Escultura, Ourivesaria, Têxteis e Iluminura, magníficos exemplos que documentam a acção da Companhia de Jesus num período de cerca de dois séculos.

Este núcleo expositivo situado na ala este em redor do claustro (Planta 5) deverá apresentar à entrada do lado direito, um texto elucidativo sobre a transformação da Ermida em Colégio Jesuíta bem como, uma maquete da Igreja e Casa Professa, de forma a explicar o modo de funcionamento da Companhia de Jesus.

No seu seguimento do mesmo lado, poderão ser colocadas as pinturas de *D. João III* e *D. Catarina*, seguidas dos retratos de *S. Inácio de Loyola* e de *S. Francisco de Borja*. Em frente a estas duas pinturas, num canto à esquerda, está prevista a colocação de várias peças, em nosso entender um conjunto bastante sobrecarregado para este espaço, em que se constata que nenhum dos objectos em questão tem lugar para “respirar”. Este conjunto inclui a pintura *Morte de S. Francisco Xavier*, o *Busto – Relicário do Beato Estanislau* e três esculturas, *S. Estanislau Koskta*, *S. Francisco Xavier* e *Santo Inácio de Loyola*³⁴⁵,

³⁴⁵ A descrição das referidas peças de Escultura encontra-se no Catálogo *Escultura – Século XVI ao Século XVIII – Colecção de Escultura da Misericórdia de Lisboa*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VI, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2000.

sendo estas duas últimas, espécimes magníficos e da maior importância, que com a proposta feita pela direcção ficarão escondidos e perderão a espectacularidade, pois são peças que requerem uma apresentação em 360°.

Desta forma, a exibição correcta destas duas esculturas seria ao centro (no local previsto para a Arca-relicário de S. João de Brito), em frente dos referidos retratos, colocadas com um painel por trás. Do lado oposto do referido painel colocar-se-ia a pintura a óleo *Morte de S. Francisco Xavier* prevista para o referido canto. Este painel seria colocado em frente da pintura *S. Francisco Xavier baptizando na Índia*, o que faria o maior sentido, pois ficariam frente a frente cenas da vida e morte do Santo.

Na sala seguinte à esquerda, tendo parte da área um pé direito de cerca de 7, 09 m, está prevista a reconstituição das telas que escondiam os dois altares de relíquias da Igreja *Cristo em Glória rodeado de Santos* tendo por cima a *Adoração do Cordeiro Místico pela Corte Celestial* e *A Virgem em Glória rodeada de Santas* tendo por cima a *Adoração do Cordeiro Místico pelas Santas Virgens*.

Nesta zona à esquerda, está prevista pela proposta de ampliação, a apresentação de diversas peças, um outro conjunto a nosso ver bastante “acumulativo” para o espaço em questão, estas peças são designadamente, duas pinturas *Nossa Senhora do Pópulo* de um lado e *Calvário* do outro e ainda seis esculturas *Cristo Salvador do Mundo*, *Santa Ana e a Virgem*, *Nossa Senhora*, *Cristo Morto*, *Relicário A Tabola*, *S. Joaquim* e *Santa Ana*. No que respeita a este projecto de apresentação, pensamos que, numa área tão reduzida e devido ao excesso de objectos expostos, estes, não encontram espaço para serem vistos e “respirarem”, não se tirando partido da sua visualidade.

Continuando nesta área para o lado oposto, prevê-se a apresentação de uma série de pinturas, em nosso entender bastante aceitável, sendo designadamente *Ascensão de Cristo*, *Aparição de Cristo à Virgem*, *Descimento da Cruz*, *Repouso na fuga para o Egipto* e *Adoração dos Pastores*.

No seguimento deste núcleo, no início da ala norte, propomos a colocação das pinturas *Nossa Senhora do Pópulo* e *Calvário*, previstas para a reduzida área da sala anterior. Em frente destas obras, ao centro, segundo a nossa proposta, seria o local ideal para a apresentação da *Arca-relicário de S. João de Brito*, onde os visitantes teriam espaço para circular. A escultura de *Nossa Senhora da Piedade* programada para ficar na parede em frente seria colocada preferivelmente do outro lado, na continuação das pinturas.

A ala norte foi a escolhida, pela direcção, para a apresentação da maior parte dos relicários e também de algumas esculturas, que no projecto estão colocados dentro de vitrines, encostadas na parede oposta às arcadas do claustro. Segundo a nossa proposta, os referidos relicários e esculturas teriam a ganhar com uma apresentação “mais solta”, de forma a ficarem afastados da parede, possibilitando assim uma visão mais abrangente das peças.

Estas, encontram-se distribuídas em conjuntos e são designadamente, escultura do *Menino Jesus*, *Relicário – Ostensório da Cruz do Santo Lenho e do Espinho da Coroa de Cristo*, *Pergaminho Nossa Senhora da Piedade*, *Relicário do Santo Espinho da Coroa de Cristo*, outro grupo composto por *Relicário – Arquitectónico de S. Donato Mártir*, *Relicário A Tabola*, *Relicário – Arquitectónico de S. Fausto e S. Bonifácio Mártires*, *Braço – Relicário de S. J. Crisóstomo*, *Braço – Relicário de Santa Ninfa Virgem e Mártir e Braço – Relicário dos Santos Inocentes*, ainda *Relicário – Ostensório de S. Sebastião Mártir*, *Relicário – Ostensório de S. Vicente Mártir*, *Cruz – Relicário*, *Relicário – Ostensório de S. J. F. Regis* e *Relicário – Ostensório de S. Estanislau Kostka*, dois grupos compostos por esculturas de, *S. Brás de Sebaste*, *Santa Mártir* e *S. Libório de Mans*, e ainda *S. João Evangelista* e *Santo António*.

No lado oposto, nos espaços entre as arcadas, poderão ser colocadas uma série de pinturas designadamente, *Anunciação*, duas *Adoração dos Reis Magos* e as duas telas previstas para o início desta ala norte *Cristo a Caminho do Calvário* e *Descimento da Cruz*, que na nossa proposta substituímos pelas pinturas *Martírio de Santa Catarina* e

Martírio de Santo André, em nosso entender de menor importância que as anteriores já referidas.

A Escultura – Relicário *Nossa Senhora com o Menino*, uma das peças emblemáticas em exposição no Museu, deverá segundo a nossa proposta, ser apresentada no final da ala norte, ao centro, em local de destaque, sendo colocada dentro de uma vitrine, com um foco de luz direccionado de cima, colocando-se como fundo um painel de cor sóbria, que oculte a porta situada por trás.

No acesso ao piso superior (Planta 6, ver também Planta 4 para melhor esclarecimento), logo após o lance de escadas, está prevista pelo projecto da direcção, a colocação da pintura *Morte da Virgem*. No seguimento deste núcleo, já no piso superior em frente à escada, propomos a apresentação da pintura *Assunção da Virgem*, no lugar da que está para aqui prevista *Imposição da casula a Santo Idefonso*, que no nosso entender é menos conhecida.

Na zona correspondente ao piso térreo (Planta 6, ver também Planta 4 para melhor esclarecimento), na passagem entre a Igreja e o Museu, em nosso entender, poderiam ser colocadas as telas *Lava-pés* e *Cristo no Horto*, que como foi anteriormente referido, não deverão ser apresentadas numa zona de passagem.

Precisamente no final deste núcleo, à esquerda, está prevista pela proposta de ampliação a apresentação de uma série de peças de *Ourivesaria*³⁴⁶, designadamente, seis *Salvas*, dois *Cálices*, três *Gomis*, três *Bandejas*, uma *Bacia lava-pés*.

Em frente a este grupo de objectos, encontra-se uma pequena área ideal para a instalação de um posto multimédia³⁴⁷ e um local de repouso³⁴⁸.

³⁴⁶ A descrição das referidas peças de Ourivesaria encontra-se no Catálogo *Ourivesaria e Iluminura – Século IV ao Século XX*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. IV, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998.

³⁴⁷ Cf. Luis Alonso Fernández, Isabel Garcia Fernández, *Diseño de exposiciones, Concepto, instalación y montaje*, Alianza Editorial, Madrid, 2003, pp. 98 e 104.

³⁴⁸ Cf. Timothy Ambrose, Crispin Paine, *Museum Basics*, Routledge, London, 1995, p. 56. Ver também: Juan Carlos Rico, *Montaje de Exposiciones, Museus, Arquitectura, Arte*, Ediciones Sílex, Madrid, 2001, pp. 238, 239 e 241.

Seleccção dos objectos a expor:

Piso térreo:

- *Retrato do Rei D. João III*



Óleo sobre madeira

C. 1550-1560

Atribuído tradicionalmente a Cristovão Lopes

650 x 505 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 51

- *Retrato da Rainha Dona Catarina de Áustria*



Óleo sobre madeira

C. 1550-1560

Atribuído tradicionalmente a Cristovão Lopes

650 x 505 mm

Museu de S. Roque inv. nº 50

- ***Retrato de Santo Inácio de Loyola***
Óleo sobre tela
Início do século XVII
Autor desconhecido
1000 x 870 mm
Museu de S. Roque, inv. n° 48

- ***São Francisco de Borja***
Óleo sobre tela
C. 1630
Domingos da Cunha, dito o Cabrinha
1100 x 1100 mm
Museu de S. Roque, inv. n° 49

- ***Busto – Relicário do Beato Estanislau***
Madeira estofada e prata
Portugal, século XVII
Alt: 606 mm
Larg: 470 mm
Prof: 184 mm
Proveniência: Igreja de S. Roque
Museu de S. Roque, inv. n° RL 1977

- ***S. Estanislau Kostka***
Portugal, primeira metade do século XVII
Madeira policromada e dourada
Alt: 1060 mm
Museu de S. Roque, inv. n° 83
Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *S. Francisco Xavier* (à esquerda)



Japão, cerca de 1600

Madeira lacada

Alt: 1140 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 92

- *Santo Inácio de Loyola* (imagem em cima, à direita)

Japão, cerca de 1600

Madeira lacada

Alt: 1130 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 93

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *Morte de S. Francisco Xavier*

Óleo sobre tela

Século XVIII

Autor desconhecido

1100 x 880 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 19

- *S. Francisco Xavier baptizando os índios*

Óleo sobre tela

Século XVIII

Autor desconhecido

2130 x 1000 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 15

- *Cristo em Glória rodeado de Santos*



Óleo sobre tela

C. 1590-1600

Fernão Gomes

2150 x 2620 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 217

- *Adoração do Cordeiro Místico pela Corte Celestial*



Óleo sobre tela

C. 1683

Bento Coelho da Silveira

1400 x 2670 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 19

- *A Virgem em Glória rodeada de Santas*



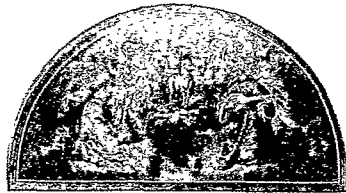
Óleo sobre tela

Diogo Teixeira

2150 x 2620 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 214

- *Adoração do Cordeiro Místico pelas Santas Virgens*



Óleo sobre tela

C. 1683

Bento Coelho da Silveira

1400 x 2150 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 198

- *Cristo Salvador do Mundo*

Portugal, primeira metade do século XVII

Madeira estofada e policromada

Alt: 1050 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 90

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *Santa Ana e a Virgem*



Portugal, meados do século XVII

Madeira dourada e policromada

Alt: 660 mm

Museu de S. Roque, inv. 37

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *Nossa Senhora*

Portugal, século XVIII

Madeira estofada

Alt. 760 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 132

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *Cristo Morto*

Portugal, final do século XVI, início do século XVII

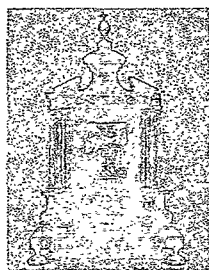
Madeira policromada

Alt. 1550 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 91

Igreja de S. Roque

- *Sacrário – Altar da Anunciação*



Itália, século XVII – 2ª metade

Ébano, prata e pedrarias

Alt. 875 mm

Larg: 504 mm

Proveniência. Igreja de S. Roque

Inv. nº RL 1253

- *S. Joaquim*



Portugal, c. 1700

Terracota policromada e dourada

Alt: 1160 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 54

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *Santa Ana*



Portugal, c. 1700

Terracota policromada e dourada

Alt: 1120 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 55

Igreja e Casa professa de S. Roque

- *Ascensão de Cristo*



Óleo sobre tela

C. 1690

Bento Coelho da Silveira

2310 x 2100 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 212

- *Aparição de Cristo à Virgem*

Óleo sobre tela

C. 1690

Bento Coelho da Silveira

2300 x 2170 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 215

- *Descimento da Cruz*



Óleo sobre tela

C. 1720

André Gonçalves

780 x 650 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 192

- *Repouso na Fuga para o Egipto*



Óleo sobre tela

C. 1740

Francisco Vieira de Matos, dito Vieira Lusitano

860 x 1200 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 11

- *Adoração dos Patores*

Óleo sobre tela

C. 1630

Autor desconhecido (colaborador de André Reinoso)

650 x 530 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 20

- *Nossa Senhora do Pópulo*



Óleo sobre madeira

Último quartel do século XVII

Autor desconhecido

1450 x 1110 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 32

- *Calvário*

Óleo sobre madeira

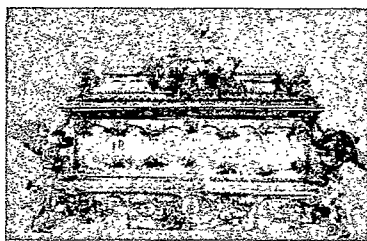
2ª metade do século XVI

Autor desconhecido

1710 x 1050 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 219

- *Arca – relicário de S. João de Brito*



Prata branca e dourada

Heinrich Mannlich

Augsburgo, 1694-1698

Alt: 540 mm

Larg: 930 mm

Prof: 420 mm

Peso: 21760 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque; Legado de D. João V; Oratório de D. Pedro II

Inv. nº Or 0221

- *Nossa Senhora da Piedade*

Portugal, meados do século XVII

Madeira estofada e policromada

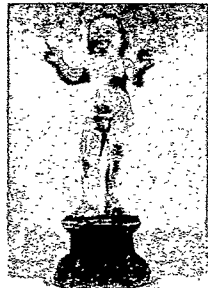
Alt: 800 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 78

Igreja e Casa Professa de S. Roque

Conjunto situado na ala norte:

- *Menino Jesus*



Malines, início do século XVI

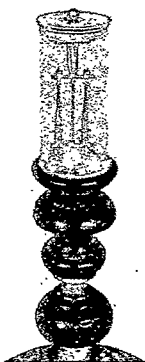
Madeira policromada

Alt: 300 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 63

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *Relicário – Ostensório da Cruz do Santo Lenho e do Espinho da Coroa de Cristo*



Espanha, 2ª metade do século XVI

Ébano, bronze, cristal de rocha, ouro e esmaltes

Alt: 250 mm

Larg. 121 mm

Inv. nº RL 1290

- *Documento de autorização para instituição de Confraria*

Pergaminho com selo pendente

Escola italiana, 1677

Local prod. Roma

Alt: 400 mm

Comp. 690 mm

Proveniência. Igreja de S. Roque

Inv. nº IL 0274

- *Relicário do Santo Espinho da Coroa de Cristo*



Portugal, 1600

Cristal de rocha, ouro e esmaltes

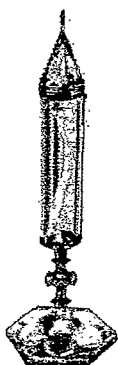
Alt: 71 mm

Larg. 41 mm

Proveniência. Museu de S. Roque

Inv. n° RL 1289

- *Relicário – Arquitectónico de S. Donato Mártir*



Alemanha, finais do século XIV

Prata dourada e vidro

Alt: 322 mm

Larg. 100 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° RL/MT 0280

- *Relicário A Tabula da Carta de S. Francisco de Borja*

Portugal, 1560

Prata dourada e vidro

Alt. 194 mm

Larg. 117 mm

Diâm. 54 mm (base)

Peso. 237 gr

Proveniência. Igreja de s. Roque

Inv. nº RL 1294

- ***Relicário Arquitectónico de S. Fausto e S. Bonifácio Mártires***

Portugal, século XVI

Prata e latão dourados

Alt. 271 mm

Larg. 96 mm

Proveniência. Igreja de S. Roque

Inv. nº RL/MT 0281

- ***Braço – Relicário de S. João Crisóstomo***

Portugal, finais do século XVI

Cobre dourado, prata branca e pedras engastadas

Alt. 560 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº RL/MT 0282

- ***Braço – Relicário de Sta. Nífa Virgem e Mártir***

Portugal, inícios do século XVII

Prata e madeira

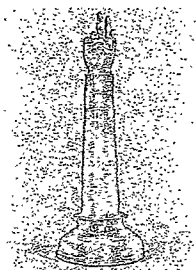
Alt: 303 mm

Diâm. 104 mm (base)

Proveniência. Igreja de S. Roque

Inv. nº RL/MT 0294

- *Braco – Relicário dos Santos Inocentes*



Portugal, inícios do século XVII

Prata e madeira

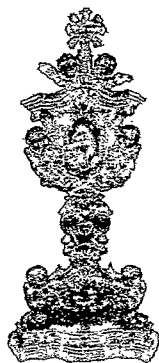
Alt: 303 mm

Diâm: 107 mm (base)

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº RL/MT 0293

- *Relicário- Ostensório de S. Sebastião Mártir*



Itália, Roma, século XVIII

Prata e madeira dourada

Alt. 535 mm

Larg. 249

Prof: 154 mm

Proveniência: Roma

Inv. nº RL/MT 0291

- *Relicário – Ostensório de S. Vicente Mártir*



Itália, Roma, século XVIII

Prata e madeira dourada

Alt: 594 mm

Larg. 247 mm

Prof. 146 mm

Proveniência: Roma

Inv. n° RL 1254

- *Cruz – Relicário*



Itália, Roma, século XVIII 1744/1765

Prata e madeira

Alt: 452 mm

Larg. 211 mm

Peso. 1030 gr

Proveniência. Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0042

- ***Relicário – Ostensório de S. J. F. Regis***
Itália, Roma, século XVIII
Prata e madeira dourada
Alt. 596 mm
Larg. 247 mm
Prof: 146 mm
Proveniência: Roma
Inv. N° RL/MT 0300

- ***Relicário – Ostensório de S. Estanislau Kostka***
Itália, Roma, século XVIII
Prata e madeira dourada
Alt. 541 mm
Larg. 248 mm
Prof: 146 mm
Proveniência: Roma
Inv. n° RL/MT 0299

- ***S. Brás de Sebaste***
Portugal, primeira metade do século XVIII
Madeira policromada e dourada
Alt: 820 mm
Museu de S. Roque, inv. n° 80

- ***Santa Mártir***
Portugal, século XVIII
Madeira estofada e policromada
Alt: 810 mm
Museu de S. Roque, inv. n° 79

- *S. Libório de Mans*

Portugal, primeira metade do século XVIII

Madeira policromada e dourada

Alt: 830 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 64

- *S. João Evangelista*



Portugal, meados do século XVI

Liós policromado

Alt: 1100 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 52

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *Santo António*

Portugal, primeira metade do século XVII

Madeira estofada e policromada

Alt: 1210 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 94

- *Anunciação*



Óleo sobre tela

C. 1636

Bento Coelho da Silveira

1130 x 980 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 28

- *Adoração dos Reis Magos*

Óleo sobre tela

C. 1656

Bento Coelho da Silveira

1120 x 890 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 29

- *Adoração dos Reis*



Óleo sobre madeira

C. 1570

Autor desconhecido (Circulo de Gaspar Dias)

1600 x 1330 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 57

- *Cristo a Caminho do Calvário*

Óleo sobre tela

Século XVII

Autor desconhecido

2450 x 1500 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 193

- *Descimento da Cruz*

Óleo sobre tela

Século XVII

Autor desconhecido

2450 x 1500 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 90

- *Nossa Senhora com o Menino*



Baviera, Ratisbona, início do século XVI

Prata cinzelada e dourada

Alt: 340 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 38

Igreja de S. Roque

No acesso ao piso superior:

- *Morte da Virgem*

Óleo sobre tela

C. 1690

Bento Coelho da Silveira

2800 x 2800 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 59

Piso superior:

- *Assunção da Virgem*

Óleo sobre tela

C. 1690

Bento Coelho da Silveira

2800 x 2800 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 58

- *Lava – Pés*



Óleo sobre madeira

C. 1600-1610

Simão Rodrigues – Domingos Vieira Serrão

1750 x 1750 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 213

- *Oração de Cristo no Horto*

Óleo sobre madeira

C. 1610

Simão Rodrigues – Domingos Vieira Serrão

1770 x 1750 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 218

Conjunto de ourivesaria:

- *Salva* (em baixo)



Prata repuxada e cinzelada

Autor: V. B. – não identificado

Portugal, Lisboa, c. 1720

Contraste L, de Lisboa (L – 22)

Marca ourives V.B (L – 508 A)

Marca de posse: Monograma IIC (L- 515)

Diâm: 490 mm

Peso: 700 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0615

- **Gomil** (em cima)



Prata repuxada e cinzelada

Autor: V. B. – não identificado

Portugal, Lisboa, c. 1720

Contraste L, de Lisboa (L – 22)

Marca de ourives V. B. (L- 508 A)

Alt: 430 mm

Peso: 1470 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0616

- **Bacia de lava pés**

Prata batida

Portugal, século XVII – 2ª metade

Marca de posse: Monograma IIC (L-515)

Diâm: 420 mm

Peso: 1300 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0621

- **Gomil**

Prata

Autor: M. F. – não identificado

Portugal, Lisboa, c. 1720-1750

Contraste L, de Lisboa (L – 24)

Marca ourives M. F. (L – 413)

Marca de posse: Monograma IIC (L – 515)

Alt: 284 mm

Diâm: 94 mm (base)

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0640

- *Salva*

Prata

Autor: A. A. – não identificado

Portugal, Lisboa, último quartel do século XVII

Contraste L, de Lisboa (L-22)

Marca ourives A. A. (desconhecida)

Marca de posse : Monograma IIC (L – 515)

Diâm: 440 mm

Peso: 1120 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0611

- *Gomil*

Prata repuxada e cinzelada

Portugal, século XVIII

Alt: 235 mm

Diâm: 105 mm (base)

Peso. 1160 gr

Proveniência. Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0618

- *Bandeja*

Prata

Autor: M. F. – não identificado

Portugal, Lisboa, c. 1720-1750

Contraste L, de Lisboa (L – 24)
Marca ourives M. F. (L – 413)
Marca de posse: Monograma IIC (L – 515)
Larg: 400 mm
Comp: 521 mm
Peso. 1900 gr
Proveniência. Igreja de S. Roque
Inv. nº or 0635

- *Salva*

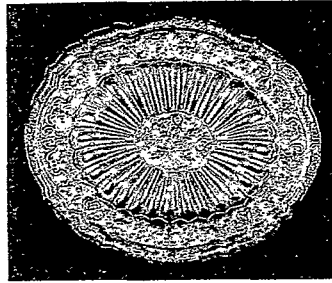
Prata repuxada e cinzelada
Portugal, século XVII
Marca de posse: Monograma IIC (L- 515)
Diâm: 420 mm
Peso: 930 gr
Proveniência: Igreja de S. Roque
Inv. nº Or 0614

- *Salva*



Prata repuxada e cinzelada
Portugal, século XVII
Marca de posse. Monograma IIC (L – 515)
Comp: 400 mm
Peso: 700 gr
Proveniência: igreja de S. Roque
Inv. nº 0617

- *Bandeja*



Prata repuxada e cinzelada

Portugal, Lisboa, c. 1720-1750

Larg. 360 mm

Comp: 417 mm

Peso: 850 gr

Proveniência: igreja de S. Roque

Inv. n° or 0633

- *Bandeja*

Prata repuxada e cinzelada

Portugal, Lisboa, c. 1720-1750

Contraste L, de Lisboa (L -24)

Marca de posse: Monograma IIC (L -515)

Larg: 388 mm

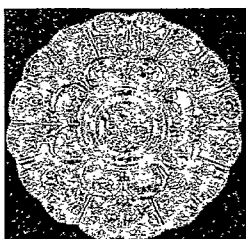
Comp: 503 mm

Peso. 1600 gr

Proveniência: igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0634

- *Salva*



Prata repuxada e cinzelada

Autor: L. V. – não identificado

Portugal, Lisboa, c. 1720

Contraste L, de Lisboa (L-23)

Marca ourives L. V. (L- 405 A)

Marca de posse: Monograma IIC (L – 515)

Diâm: 450 mm

Peso: 920 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0612

- *Cálice, patena e colher*



Prata dourada

Portugal, século XVIII – inícios

Alt: 275 mm, comp colher 84 mm

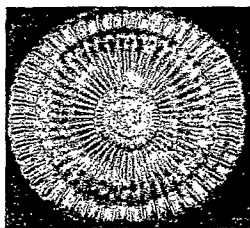
Diâm: 150 mm (base), 96 mm (copa), 160 mm (patena)

Peso: 1310 gr

Proveniência: igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0665

- *Salva*



Prata repuxada e cinzelada

Portugal, século XVI

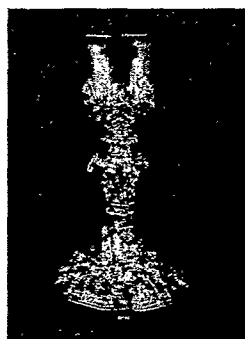
Diâm. 330 mm

Peso: 1300 gr

Proveniência. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Inv. n° or 0613

- *Cálice*



Prata dourada repuxada e cinzelada

Portugal, século XVIII – 2° quartel

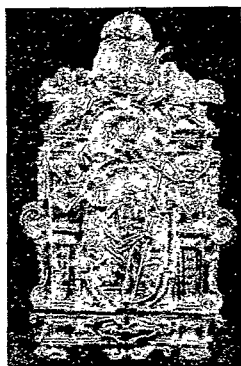
Alt: 280 mm

Peso: 280 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0623

- *Porta-paz*



Bronze dourado

Portugal, século XVIII – 1ª metade

Alt: 255 mm

Larg: 154 mm

Peso: 1700 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0673

Subnúcleo 2. A – Missionação e Encontro de Culturas – discurso expositivo e conteúdos

Localização: Piso superior, abrangendo parte da ala este em redor do claustro numa área de cerca de 85 m² (Planta 6)

Fundamentação: Os contactos culturais ocorridos por via da acção missionária, vieram a reflectir-se no plano da arte sacra, pelo facto de os missionários estarem em contacto com os diversos centros de produção de artefactos.

Os objectos que aqui se apresentam, provenientes da Índia, China e Japão e Próximo-Oriente, atestam as diferentes relações comerciais e culturais mantidas entre estes povos e a Companhia de Jesus, representando estas trocas, a propagação de produtos culturais de uma civilização para outra. A questão das trocas culturais concretizadas através destes objectos reflectem a paixão pelo exótico que se desenvolveu na Europa, intensamente, a partir do século XVII³⁴⁹.

Na Casa Professa de S. Roque formavam-se os missionários destinados à evangelização no Império Português, em consequência destas relações religiosas, culturais e artísticas, esta instituição foi recebendo numerosas peças de arte Luso-Oriental, de que expõe uma significativa colecção, representativa de um encontro de culturas que teve lugar.

No início do Subnúcleo Missionação e Encontro de Culturas, localizado na ala este, segundo a nossa proposta, deverá ser colocado um painel com textos introdutórios abordando o tema da missionação e das trocas culturais que tiveram lugar nesse período.

³⁴⁹ Cf. Couceiro, Gonçalves, "Missionação, Arte e Alfaias Religiosas" in *Catálogo No Caminho do Japão*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993, p. 10.

À esquerda encontra-se uma guarda em vidro, que nos dá uma perspectiva do piso térreo, com a reconstituição das pinturas que escondiam os altares de relicários da Igreja.

Inicia-se a exposição pelo Japão, seguido da China, Índia e Próximo-Oriente, contudo, por coerência geográfica optámos por apresentar as peças deste núcleo³⁵⁰ pela seguinte sequência: Índia, China, Japão e Próximo-Oriente.

As peças provenientes da Índia poderiam ser apresentadas em dois grupos, o primeiro, incluindo quatro imagens de *Cristo Crucificado*, seriam colocadas em vitrines, uma delas do lado direito, no espaço entre as portadas, as outras três do lado oposto, no espaço central entre as guardas de vidro. O segundo grupo, incluindo três objectos designadamente, *Cofre-Relicário*, *Concha-Adoração dos Reis Magos*, *Estante de Missal*, em nosso entender, poderia ser exposto numa só vitrine, posicionada precisamente em frente à anterior referida.

Os objectos pertencentes à China em nosso entender, seriam apresentados na sequência dos anteriores, também divididos em dois conjuntos. O primeiro, numa só vitrine, colocada do mesmo lado, incluiria *Prato Calvário*, *Prato Adoração dos Pastores*, *Par de Potes* e *Relicário-Ostensório*.

O segundo conjunto, constituído por peças de paramentaria, de que fazem parte *Par de Dalmáticas*, *Casula*, *Véu de Cálice*, *Bolsa de Corporais*, *Estola* e *Manípulo*, seria apresentado no espaço da sala seguinte, do lado esquerdo, em que o *Par de Dalmáticas* e a *Casula* poderiam ser colocados numa vitrine desencostada da parede, para que pudessem ser admirados os dois lados das

³⁵⁰ As peças incluídas neste núcleo encontram-se descritas no Catálogo *No Caminho do Japão*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993 e também no Catálogo *A Herança de Rauluchantim*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996.

vestes, sendo as restantes peças colocadas em outra vitrine ao lado, designadamente, *Estola, Manípulo, Véu de Cálice e Bolsa de Corporais*.

Os objectos provenientes do Japão poderiam ser expostos numa outra vitrine em seguimento aos anteriores, na parede seguinte seriam integradas as peças *Cofre-Relicário, Arca e Estante de Missal*.

Para finalizar este subnúcleo, as peças vindas do Próximo Oriente, uma *Cruz-Relicário* e um *Crucifixo* seriam incluídas na continuidade das anteriores, igualmente colocadas numa outra vitrine.

Seria ainda de ressaltar, na nossa proposta, a existência de uma área de repouso neste núcleo, para que o visitante se possa recompor física e visualmente durante o seu percurso no Museu. Esta dicotomia entre visita-descanso torna-se importante para uma melhor apreensão, criando assim a chamada “ruptura expositiva”³⁵¹. Esta área encontra-se localizada do lado esquerdo, à entrada da sala.

Seleção dos objectos a expor:

Índia

- *Cristo Crucificado*

Índia, final do século XVII

Marfim com vestígios de policromia

Cruz de pau-santo

Cruz – 2190 x 870 mm; Cristo – 1170 x 592 mm

Proveniência: Fundo Jesuítico (?)

Museu de S. Roque, inv. n.º 112

³⁵¹ Cf. Timothy Ambrose, Crispin Paine, *Museum Basics*, Routledge, London, 1995, p. 56. Ver ainda para este assunto: Juan Carlos Rico, *Montaje de Exposiciones, Museus, Arquitectura, Arte*, Ediciones Sílex, Madrid, 2001, pp. 238, 239 e 241.

- *Cristo crucificado*

Índia, século XVII

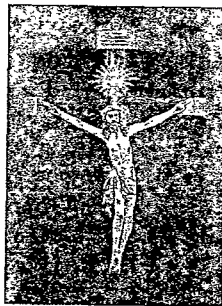
Marfim com escassos vestígios de policromia

470 x 440 mm

Proveniência: Fundo Jesuítico

Museu de S. Roque, inv. n° 141

- *Cristo Crucificado*



Índia, início do século XVIII

Cristo de marfim com vestígios de policromia

Cruz de pau santo lacado com chapa e terminais em prata lavrada

Cristo 495 x 410 mm; Cruz 1260 x 570 mm

Proveniência: Fundo Jesuítico (?)

Museu de S. Roque, inv. n° 631 (1955)

- *Cristo Crucificado*

Índia, início do século XVIII

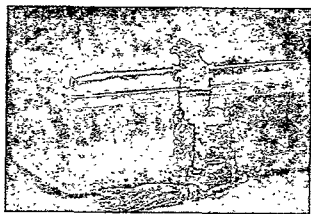
Marfim com vestígios de policromia

490 x 470 mm

Proveniência: Fundo Antigo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Museu de S. Roque, inv. n° 139

- *Cofre – relicário*



Tartaruga e prata

Índia, último quartel do século XVI

Alt: 140 mm

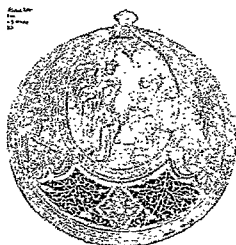
Larg: 210 mm

Prof: 130 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° RL 1041

- *Concha*



Índia (?), século XVIII (?)

Madrepérola

Proveniência: Fundo Antigo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Museu de S. Roque, inv. n° 150

- *Estante de Missal*

Índia, século XVII

Madeira entalhada e lacada

495 x 290 mm

Igreja de S. Roque, s/ n° inv.

China

- *Prato, Calvário*

Porcelana "Família Verde", "Período Kangxi"

China, 1700-1720

Diâm: 115 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 1446

- *Prato, Adoração dos Pastores*

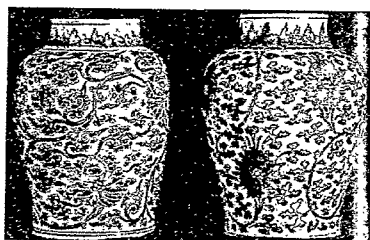
Porcelana grisaille

China, Dinastia Qing, Reinado Quian-Long

Diâm: 227 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 1445

- *Par de Potes*



China, c. 1680 – "Período Kangxi"

Porcelana "azul e branco"

330 x 280 mm

Proveniência: Fundo Antigo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Museu de S. Roque, inv. n° 1283/1284

- *Relicário – ostensório*



Prata e vidro

China, Macau ? século XVII

Marca de contraste oriental

Alt: 395 mm

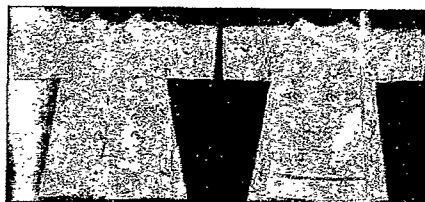
Larg: 125 mm (base), 181 mm (auréola)

Peso: 710 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0060

- *Par de Dalmáticas*



China, segunda metade do século XVII

Seda policroma e fio laminado de papel dourado

1160 x 1340 mm

Proveniência: Fundo Jesuítico

Museu de S. Roque, inv. n° MT 135/136

- *Casula*



China, segunda metade do século XVII

Seda policroma e fio laminado de papel dourado

1200 x frente 655 x costas 785 mm

Proveniência: Fundo Jesuítico

Museu de S. Roque, inv. n° MT 137

- *Véu de Cálice*

China, segunda metade do século XVII

Seda policroma e fio laminado de papel dourado

660 x 660 mm

Inv. n° MT 138

- *Bolsa de Corporais*

China, segunda metade do século XVII

Seda policroma e fio laminado de papel dourado

285 x 285 mm

Inv. n° MT 139

- *Estola*

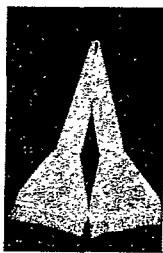
China, segunda metade do século XVII

Seda policroma e fio laminado de papel dourado

2440 x 80 mm

Inv. n° MT 140

- *Manípulo*



China, segunda metade do século XVII

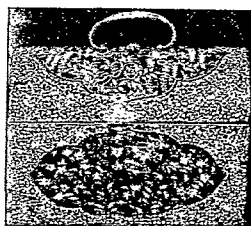
Seda policroma e fio laminado de papel dourado

1110 x 75 mm

Inv. n° MT 142

Japão

- *Cofre – relicário*



Madeira lacada com aplicações de madrepérola

Japão, finais do século XVI

Alt: 152 mm

Larg: 230 mm

Prof: 132 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° RL/MT 0272

- *Arca*

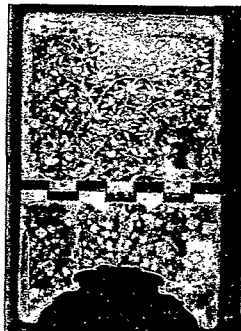
Japão, século XVII

Madeira de casquinha e madeira tropical (teca ?) goma-laca, incrustações em madrepérola e ferragens metálicas

870 x 1150 x 700 mm

Proveniência: Fundo Antigo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
Museu de S. Roque, inv. nº 328

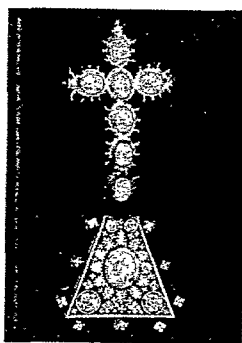
- *Estante de Missal*



Japão, início do século XVII – “Período Momoyama”
Madeira lacada de negro com aplicações de madrepérola
495 x 310 mm
Proveniência: Fundo Jesuítico
Museu de S. Roque, inv. nº 1441

Próximo-Oriente

- *Cruz – relicário*



Madeira, madrepérola, cristal de rocha e pergaminho pintado
Próximo-Oriente, 2ª metade do século XVII
Alt: 220 mm
Larg: 85 mm
Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° RL 0276

- *Crucifixo*

Próximo-Oriente, século XVIII

Madeira com incrustações de madrepérola

630 x 260 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 278

Núcleo 3 – Capela de São João Baptista – discurso expositivo e conteúdos

Localização: Piso superior abrangendo a ala norte do claustro numa área de cerca de 95 m². (Planta 6)

Fundamentação: Considerada como uma obra-prima única no contexto da arte europeia, a Capela de S. João Baptista encomendada a Roma por D. João V em 1740, é actualmente definida como “a mais importante das realizações de arte tardo-barroca romana em Portugal”³⁵². Esta imponente colecção de arte italiana, já considerada “sem paralelo nem na própria Itália”³⁵³, e identificada com “o culminar da arte barroca do bronze e da prata que atingiu um aperfeiçoamento até então nunca alcançado”³⁵⁴, é testemunho final da presença da Companhia de Jesus na Igreja e Casa Professa de S. Roque.

As peças que incluem o Tesouro da Capela de S. João Baptista destacam-se pela extraordinária qualidade estética e artística, estando na génese do Museu de S. Roque e sendo ao longo das épocas de suma importância a sua apresentação, valorizando o património artístico desta Instituição.

O Tesouro da Capela de S. João Baptista inclui colecções de Ourivesaria e Paramentaria, de que fazem parte alfaias litúrgicas, rendas e livros, bem como o modelo da Capela como seguidamente apresentamos.

Este núcleo estruturar-se-á a partir de três grupos distintos: reconstituição da Capela de S. João Baptista apresentada ao fundo da sala, espécimes de ourivesaria pertencentes ao Tesouro colocados à direita e peças de paramentaria apresentadas à esquerda.

Chamamos ainda a atenção, para o facto de os *Tocheiros* pertencentes ao núcleo da Capela de S. João Baptista não figurarem no projecto de ampliação, não estando

³⁵² Cf. Teresa Freitas Morna, “O Museu de São Roque 100 Anos de História 1905-2005” in Catálogo *100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005, pág. 13.

³⁵³ Idem, *ibidem*.

³⁵⁴ Idem, *ibidem*.

incluídos no projecto por questão de pé direito baixo. Deste modo e fazendo na nossa proposta recurso a uma solução museográfica correcta e apelativa encontrámos o local adequado para eles colocando-os à entrada, do lado de fora, onde o pé direito é mais alto, alargando a entrada da sala, de modo a desencostá-los da parede, mas mantendo o enquadramento da *Maquete da Capela de S. João Baptista* posicionada logo no início deste núcleo ao centro.

A área à esquerda segundo o projecto da direcção, será destinada à exposição de peças de *Paramentaria da Capela* em regime de rotatividade, consoante o Calendário Litúrgico, sendo estes paramentos expostos em duas grandes vitrines, que segundo o nosso entender, deverão ser posicionadas afastadas da parede, para que se possa ter uma visão global destas peças, em 360°.

Na área à direita, no início, segundo a proposta da direcção, ficará colocado o *Busto de D. João V*, sendo o espaço entre os arcos do claustro ocupado por quatro vitrines posicionadas verticalmente, onde serão apresentados *Relicários* e peças de *Ourivesaria*.

Sendo estes objectos designadamente:

Primeira vitrine: *Salva e Gomil, Naveta e colher, Turíbulo, Apagador, Purificador, Campainha, Galhetas e Salva.*

Segunda vitrine: *Relicário de S. Próspero e Relicário de S. Valentim.*

Terceira vitrine: *Relicário de S. Felix e Relicário de Santo Urbano.*

Quarta vitrine: dois conjuntos de três *Sacras*.

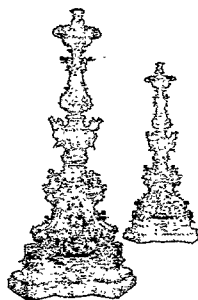
Ao fundo da sala, será feita uma reconstituição da Capela de S. João Baptista, em nosso entender correcta, mas pondo sempre em causa a medida do pé direito desta sala. Esta apresentação inicia-se com um par de *Confessionários*, posicionados em cada extremidade da sala, colocados sobre um gradeamento estilizado, tentando reproduzir aquele da Capela. Seguidamente, em primeiro plano ficará colocado o *Faldistório* e no plano seguinte um par de *Cortinas da Paixão*, seguidas por um par de *Castiçais de Credência*, igualmente colocados em cada extremidade.

Na sua sequência e conforme a proposta da direcção, será colocada a *Tapeçaria* tendo por cima as restantes peças que integram este conjunto, distribuídas da seguinte forma:

Será colocado o *Frontal de Altar de lápis-lazuli* onde assentarão uma *Cruz de Altar* e um conjunto de seis *Castiçais*, será igualmente incluída, uma *Cortina da Paixão*, colocada do lado esquerdo, sendo o *Baldaqino* fixado na parede por cima deste conjunto.

Seleccção dos objectos a expor:

- *Tocheiro* (Par)



Giuseppe Gagliardi – ourives

Roma, 1743

Prata dourada, base de bronze dourado

Alt: 2,850 m

Peso: 380,000 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. nº MPr 1

- *Tocheiro*

Giuseppe Gagliardi – ourives

Roma, 1743

Prata dourada, base de bronze dourado

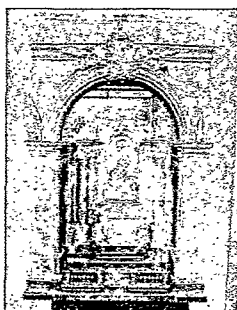
Alt: 2,850 m

Peso: 347,000 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. nº MPr 2

- *Maquete*



Giuseppe Palms

Roma, 1742-1744

Nogueira policromada e dourada

1400 x 840 x 930 mm

Museu de S. Roque, inv. n° Mb 0326

- *Peças de Paramentaria da Capela de S. João Baptista* (expostas numa vitrine e apresentadas em regime de rotatividade)

- *Busto de D. João V*

Portugal, 1902

Bronze

Alt: 1100 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 151

- *Salva e Gomil*

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Vicenzo Belli – ourives

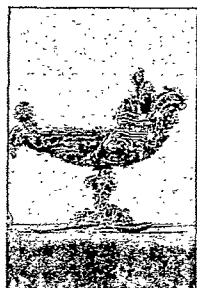
Gomil – Altura: 0,230 m

Salva – Alt: 0,530 m Larg: 0,420 m

Peso: 4,240 kg

Museu de S, roque, inv. n° MPr 28/27

- *Naveta e Colher*



Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Leandro Gagliardi – ourives

Dim: 0,200 x 0,180 m

Colher: 0,130 m

Peso: 1,112 Kg

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 22

- *Turíbulo*

Leandro Gagliardi – ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Alt: 0,310 m

Peso: 3,850 kg

Proveniência: capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 21

- *Apagador*

António Gigli – ourives

Prata dourada

Alt: 0,120 m

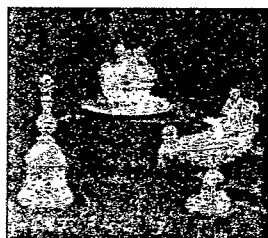
Diâm: 0,080 m

Peso: 0,450 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 30

- *Purificador* (ao centro)



António Gigli – ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Alt: 0,100 m

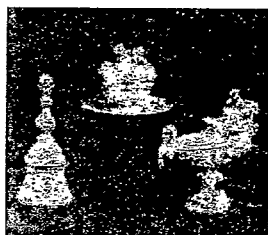
Diâm: 0,170 m

Peso: 1,140 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. nº MPr 26

- *Campainha* (à esquerda)



António Gigli – ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Alt: 0,020 m

Diâm: 0,090 m

Peso: 0,680 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. nº MPr 25

- *Galhetas e salva*

António Gigli - ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Alt: 0,270 m

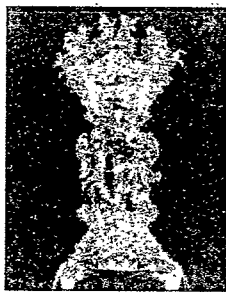
Comp: 0,210 m

Peso: 1,890 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 11

- *Relicário de S. Próspero*



Carlo Guarnieri - ourives

Roma, 1743

Prata dourada

Alt: 0,860 m

Peso: 35,850 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 15

- *Relicário de S. Valentim*

Carlo Guarnieri - ourives

Roma, 1743

Prata dourada

Alt: 0,860 m

Peso: 35,850 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista
Museu de S. Roque, inv. n° MPr 14

- *Relicário de S. Felix*

Carlo Guarnieri - ourives

Roma, 1743

Prata dourada

Alt: 0,810 m

Peso: 36,050 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 17

- *Relicário de Santo Urbano*

Carlo Guarnieri - ourives

Roma, 1743

Prata dourada

Alt: 0,810 m

Peso: 36,050 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 16

- *Sacra*



António Vendentti - ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Alt: 0,490 m

Peso: 12,690 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 18

- *Sacra* (Par)

António Vendentti - ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Alt: 0,420 m

Peso: 5,660 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 19/MPr 20

- *Sacra*

António Vendentti - ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Bronze dourado

Alt: 0,520 m

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 31

- *Sacra* (Par)

António Vendentti - ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Bronze dourado

Alt: 0,320 m

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 32/MPr 33

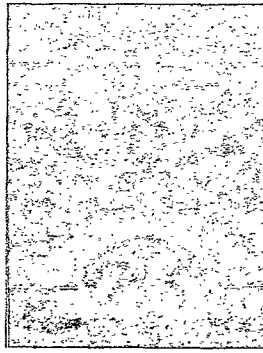
- *Confessionários* (Par)
Giovanni Palmini
Roma, 1742-1744
Raiz de noqueira
850 x 810 x 440 mm
Museu de S. Roque, inv. n° Mb 0349/Mb 0350

- *Faldistório*
Roma, fim do segundo quartel do século XVIII
Latão dourado
Proveniência: Capela de S. João Baptista
Museu de S. Roque, inv. n° MPr 36

- *Cortina da Paixão* (Par)
Giugliani Saturni – bordador
Roma, fim do segundo quartel do século XVIII
Lhama de prata bordada a ouro (Branco)
1,75 m x 2,50 m
Proveniência: Capela de S. João Baptista
Museu de S. Roque, inv. n° MT 115/116

- *Castiçal de credência* (Par)
Giovanni Sannini - ourives
Roma, fim do segundo quartel do século XVIII
Prata dourada
Alt: 0,090 m
Peso: 10,510 kg
Proveniência: Capela de S. João Baptista
Museu de S. Roque, inv. n° MPr 12/MPr 13

- *Tapeçaria*



Agostinho Speranza – tapeceiro

Biagio Chicci – pintor

Roma, 1747-1749

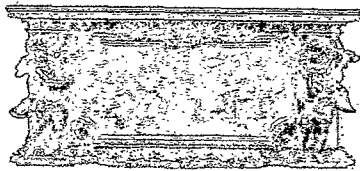
Tecido de ouro, prata e seda

55,79 m x 3,57 m

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MT 165

- *Frontal de Altar*



Antônio Arrighi - ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata branca, bronze dourado, lápis-lazuli

2,300 x 1,120 m

Peso: 312,650 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 10

- *Cruz de Altar*

Angelo Spinazze – ourives

Giovanni Felice Sannini - ourives

Giovanni Battmaine – ourives
Roma, fim do segundo quartel do século XVIII
Prata dourada
Alt: 2,020 m
Peso: 32,840 kg
Proveniência: Capela de S. João Baptista
Museu de S. Roque, inv. n° MPr 3

- *Castiçal* (Par)

Tomasso Pulliti – ourives
Francesco Salci - ourives
Roma, fim do segundo quartel do século XVIII
Prata dourada
Alt: 1,090 m
Peso: 21,730 kg
Proveniência: Capela de S. João Baptista
Museu de S. Roque, inv. n° MPr 4/MPr 5

- *Castiçal* (Par)

Tomasso Pulliti – ourives
Francesco Salci - ourives
Roma, fim do segundo quartel do século XVIII
Prata dourada
Alt: 1,060 m
Peso: 19,235 kg
Proveniência: Capela de S. João Baptista
Museu de S. Roque, inv. n° MPr 6/MPr 7

- *Castiçal* (Par)

Tomasso Pulliti – ourives
Francesco Salci - ourives

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Prata dourada

Alt: 1,010 m

Peso: 18,760 kg

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 8/MPr 9

- *Cortina da Paixão* (Par)

Filippo Salandri – bordador

Roma, 1746

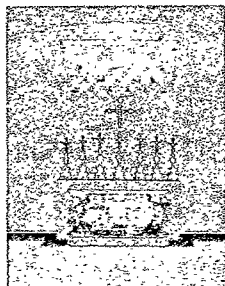
Lhama de prata bordada a ouro (Vermelho)

1,75 m x 2,50 m

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MT 123/124

- *Baldaqüino*



Felice Schifone – metalista

Lucino Celladini – carpinteiro

Agostineo Ancidoni - serralheiro

Roma, fim do segundo quartel do século XVIII

Cobre dourado

2,750 x 2,750 m

Proveniência: Capela de S. João Baptista

Museu de S. Roque, inv. n° MPr 35

Núcleo 4 – Misericórdia de Lisboa – discurso expositivo e conteúdos

Localização: Piso superior abrangendo a área a oeste e a sul em redor do claustro com cerca de 175 m². (Planta 6)

Fundamentação: Em 1534, a Irmandade da Misericórdia de Lisboa ocupava uma nova sede na zona ribeirinha, um grande edifício que abrigava entre outros serviços, a Igreja da Conceição e um hospital. As consideráveis responsabilidades desta instituição reconhecem-na em 1561 como a mais importante organização de solidariedade social no nosso país³⁵⁵. Destruída quase totalmente e desalojada da sua sede com o terremoto em 1755, acharia novas instalações na antiga Casa Professa de S. Roque, desocupadas desde 1759, quando da expulsão da Companhia de Jesus de Portugal³⁵⁶.

Na época foram recolhidos todos os bens dos jesuítas e das ricas confrarias que ocupavam algumas das capelas da Igreja³⁵⁷. A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa tomou assim posse do riquíssimo património móvel e imóvel da antiga Casa Professa de S. Roque, um precioso legado de D. José I, que incluía, além dos amplos terrenos e edifícios onde se instalou, todo o complexo em redor da Igreja, de que fazia parte o claustro, com capelas ricamente adornadas com obras de arte³⁵⁸.

O valioso espólio herdado da Companhia de Jesus tornou-se pertença de uma instituição que o soube preservar e a que desde sempre dedicou especial

³⁵⁵ Cf. Nuno Vassallo e Silva, *A Sétima Colina, Roteiro Histórico-Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 70.

³⁵⁶ Idem, *ibidem*. Ver ainda sobre este assunto: Costa Goodolphim, *As Misericórdias*, Livros Horizonte, Lisboa, 1998, p. 20.

³⁵⁷ Cf. Nuno Vassallo e Silva, *A Sétima Colina, Roteiro Histórico-Artístico*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994, p. 70.

³⁵⁸ Cf. Nuno Vassallo e Silva, *Catálogo O Púlpito e a Imagem, os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 11. Ver também sobre este assunto: Teresa Freitas Morna, "Os Jesuítas e a Arte" in *Catálogo O Púlpito e a Imagem, os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 22. Joaquim Veríssimo Serrão, *A Misericórdia de Lisboa – Quinhentos Anos de História*, Livros Horizonte, Lisboa, 1998, p.232.

atenção, mostrando-se especialmente empenhada na conservação do seu acervo cultural e artístico, não só pelo seu incalculável valor, mas também pela beleza intocável das suas colecções. Desta herança, destaca-se um vasto espólio constituído por diversas colecções que testemunham “um património que se pode considerar integral”³⁵⁹.

A partir destas bases históricas, o Museu deverá espelhar a história da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, primeiramente, na fase anterior à sua instalação na Casa Professa de S. Roque, e posteriormente, quando esta secular instituição tomou posse do importante património que lhe foi legado, tendo em conta o relevante o papel que a SCML tem desenvolvido com a criação dos jogos sociais, permitindo a concretização da sua acção assistencial e humanitária no mundo de hoje.

Conforme a proposta da direcção que nos parece correcta, este núcleo foi pensado para os espaços oeste e sul em redor do claustro, optando por uma diversidade nos objectos apresentados, de que fazem parte peças de carácter histórico e simbólico e também doações, legados e aquisições feitas pela Instituição. O primeiro grupo inclui objectos de *Ourivesaria*, *Pintura* e *Iluminura*, das doações e aquisições incluem-se peças de *Pintura*, *Escultura* e *Ourivesaria*. Em nosso entender, a opção na escolha dos objectos prende-se com a necessidade de conceber um discurso expositivo tão forte e coerente, traduzindo tanto quanto possível a história da Misericórdia de Lisboa.

No início deste núcleo, abrangendo a ala oeste do claustro, serão apresentadas as peças de carácter histórico e simbólico. Segundo o nosso ponto de vista, as obras mais célebres deverão ser expostas com especial destaque, como é o caso dos óleos *Nossa Senhora da Misericórdia* e *Casamento de Santo Aleixo*, escolhendo-se a parede com pé direito mais alto, do lado esquerdo.

³⁵⁹ Cf. Teresa Freitas Morna, “Os Jesuítas e a Arte” in Catálogo *O Púlpito e a Imagem, os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996, p. 22.

Sendo obras da maior importância necessitam de espaço para serem devidamente apreciadas, por esse motivo optámos na nossa proposta, por deixar a área à sua frente completamente livre, à excepção de uma vitrine, posicionada entre as duas pinturas, em frente a uma portada, onde se apresentará um *Lampadário* e uma *Escrivaninha* composta de *salva, tinteiro, areeiro e caixa de obreias* e ainda, três painéis com texto e imagem, elucidativos de toda a história da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, desde a sua fundação até à transferência para a Casa Professa de S. Roque, colocados nos vãos entre as janelas.

Seguidamente, uma área de repouso³⁶⁰, com dois bancos e no canto do último vão poderá ficar instalado um ponto multimédia com acesso a todas as informações históricas sobre a Instituição. Esta apresentação substitui a prevista no projecto em que, o espaço dos vãos é ocupado com a exibição de seis bandeiras da Misericórdia, que no nosso entender iria superlotar este espaço.

Igualmente importantes são as peças que compõem a *Banqueta da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, seguidamente apresentadas, no prolongamento deste espaço à esquerda, um conjunto de valiosas peças de ourivesaria, que serão colocadas em vitrines, e que são designadamente, cinco *Castiçais*, uma *Cruz de Altar*, seis *Palmitos*, três *Sacras* e ainda um conjunto de *Cálice, patena e colher*.

No final desta área ao centro, antes de entrarmos na ala sul, propôs o projecto da direcção, a nosso ver correcto, a exibição em vitrines de duas importantes peças, o *Compromisso da Misericórdia de Lisboa* e o *Bastão do Provedor*,

³⁶⁰ Uma área pontual de descanso torna-se indispensável para que o visitante se possa recuperar física e sensivelmente da visita. Cf. Timothy Ambrose, Crispin Paine, *Museum Basics*, Routledge, London, 1995, p. 56. Ver ainda para este assunto: Juan Carlos Rico, *Montaje de Exposiciones, Museus, Arquitectura, Arte*, Ediciones Sílex, Madrid, 2001, pp. 238, 239 e 241.

cuja apresentação exige um local em evidência, destacando-se esta exposição dos outros objectos.

Sabendo-se que este núcleo inclui peças com especial sensibilidade como, espécimes documentais em suporte de papel e pinturas a óleo, desta forma, será absolutamente necessário um tipo de iluminação fraca³⁶¹, permitindo assim a sua conservação.

A ala sul deste núcleo conforme a proposta de ampliação, apresentará uma selecção de objectos de grande qualidade artística resultante de doações, legados e aquisições feitas pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa ao longo de cinco séculos. Algumas destas peças pertenceram a edifícios históricos da Instituição, nomeadamente ao Convento de S. Pedro de Alcântara e ao antigo Sanatório de Sant'Ana.

No lado direito, poderão ser apresentados alguns exemplares de ourivesaria, colocados em vitrines, que serão designadamente, *Galheteiro*, conjunto de *Cálice, patena e colher*, *Custódia* e *Viril*. Seguidamente, poderão ser colocadas diversas esculturas, desencostadas da parede, de modo a poderem ser vistas em 360°, contrariamente ao que está previsto no projecto da direcção, que em nosso entender, se encontram numa posição de pouca visibilidade. As peças escultóricas serão designadamente, *Cristo Crucificado*, *S. Miguel Arcanjo*, *S. Amaro*, *Menino Jesus Salvador do Mundo*, *S. José*, *Santa Ana com a Virgem*, *S. Joaquim*, *S. Sebastião* e *S. João Baptista*.

No lado oposto e em nosso entender, poderão ser apresentadas as obras pictóricas designadamente, *Êxtase de Santa Teresa de Ávila* e *Êxtase de Santa Rita de Cássia*, *Imposição da Regra por Santa Clara* e *Milagre de S. Pedro de*

³⁶¹ 50 lux no máximo para suportes em papel, segundo as tabelas internacionais aceites e adoptadas por museus e instituições de referência na área da conservação de bens museológicos.

Alcântara, S. Conrado, S. Joaquim, S. José, S. João Baptista, Santa Maria Madalena e Santa Ana.

Para o núcleo dedicado à história dos Jogos Sociais, dividir-se-á a sala da ala sul com a colocação de dois painéis, um de cada lado, para o que se deverão fazer duas paredes divisórias, e uma entrada a meio para o próximo núcleo, Jogos Sociais e Assistência Social. Nas referidas paredes, colocar-se-á de cada lado, duas das pinturas atrás mencionadas, *Êxtase de Santa Rita de Cássia* e *Êxtase de Santa Teresa de Ávila*, que desta forma serão apresentadas com bastante mais espaço.

Ao centro desta sala, será exposta a série de seis *Bandeiras*, designadamente quatro *Bandeiras da Nossa Senhora da Misericórdia* e duas *Bandeiras dos Condenados*³⁶² previstas para a sala anterior, e que aqui teria uma maior visibilidade e leitura. Este conjunto será exibido em sequência, de modo a podermos circular livremente ao seu redor.

³⁶² Ver sobre estas pinturas: Maria Filomena Brito “A Bandeira Processional de Nossa Senhora da Misericórdia na Vida Portuguesa” in Catálogo *Mater Misericordiae – Simbolismo e Representação da Virgem da Misericórdia*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995, pp. 86-102. Joaquim Oliveira Caetano, Catálogo *Pintura Século XVI ao Século XX*, Tomo II, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. V, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998, pp. 104-107. Alexandre Arménio Tojal, Paulo Campos Pinto, *Bandeiras das Misericórdias*, Comissão para as Comemorações dos 500 Anos das Misericórdias, Lisboa, 2002, pp. 160-162.

Seleção dos objectos a expor:

- *Nossa Senhora da Misericórdia*



Óleo sobre madeira

Inícios do século XVI

Autor desconhecido. Círculo de Cristovão Vaz

1700 x 780 mm

Museu de S. Roque

Inv. nº 262

- *Casamento de Santo Aleixo*



Óleo sobre madeira

1541

Garcia Fernandes

2100 x 1650 mm

Museu de S. Roque

Inv. nº 54

- *Lampadário*

Prata, vidro e correntes de ferro

Portugal, Porto, 1877

Inscrições: Data de fabrico e Armas da SCML

Alt: 750/850/750 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0838

- *Escrivaninha – salva, tinteiro, areeiro e obreias*

Prata

Portugal, século XVIII – XIX

Alt: 85 mm

Diâm: 268 mm (salva), 65 mm (base recipientes), 72 mm (gargalo)

Proveniência: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Inv. n° Or 0669

Banqueta da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

- *Cinco Castiçais*



Prata

Portugal ?, século XVIII – inícios do séc. XIX

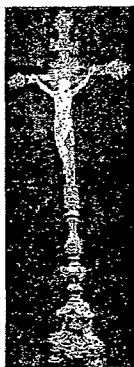
Alt: 450 mm

Peso: 2220 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0626 a-b-c-d-e

- *Cruz de Altar*



Prata e marfim

Portugal ?, século XVIII – inícios do séc. XIX

Alt: 440 mm

Peso: 3025 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv.nº Or 0627

- *Seis Palmitos*



Prata

Portugal ?, século XVIII – inícios do séc. XIX

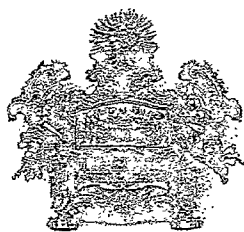
Alt: 400 mm

Peso: 1000 gr (cada)

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0628 a-b-c-d-e-f

- *Sacra central*



Prata e madeira

Portugal ?, século XVIII – inícios do séc. XIX

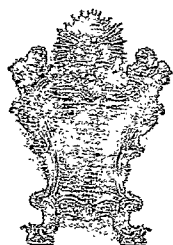
Alt: 312 mm

Larg: 346 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0629

- *Sacra – lado da Epístola*



Prata e madeira

Portugal ?, século XVIII – inícios do séc. XIX

Alt: 302 mm

Larg: 215 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. n° Or 0630

- *Sacra – lado do Evangelho*

Prata e madeira

Portugal ?, século XVIII – inícios do séc. XIX

Alt: 302 mm

Larg: 215 mm

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0631

- *Cálice, patena e colher*

Prata branca e dourada

Felisberto José Sanches

Portugal, Lisboa, c. 1770-1804

Contraste L, de Lisboa (L – 32)

Marca ourives: S./F.I. (L – 488)

Inscrição: MIZERICORDIA DE LX

Alt: 251 mm

Diâm: 117 mm (base), 78 mm (copa), 120 mm (patena)

Peso: 650 gr

Proveniência: Igreja de S. Roque

Inv. nº Or 0645

- *Compromisso da Misericórdia de Lisboa*



Pergaminho / Pintura a têmpera e ouro

Autor: António d'Holanda

Portugal, 1520

Escola Portuguesa / Ganto – burgense

Alt: 350 mm

Comp: 230 mm

Proveniência: Fundo Antigo da Misericórdia de Lisboa – Livraria dos
Condes de Castello Melhor

Inv. nº IL 0013

- *Bastão do Provedor da Misericórdia de Lisboa*



Prata

Portugal, séculos XVI – XVIII

Alt: 960 mm

Peso: 1290 mm

Proveniência: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Inv. nº Or 0624

Legados e doações:

- *Galheteiro – duas galhetas e bandeja*

Prata dourada

Portugal, Lisboa, século XX

Ourivesaria: Leitão e Irmão

Marcas contraste e ourives

Alt: 160 mm

Larg: 133 mm

Comp: 222 mm

Diâm: 64 mm (base da galheta), 45 mm (bocal)

Peso: 2232 mm

Proveniência: Sanatório de Sant'Ana, Parede, SCML

Inv. nº Or 0860

- *Conjunto de cálice, patena e colher eucarística*

Prata dourada

Portugal, Lisboa, século XX

Marca contraste e ourives

Ourivesaria: Leitão e Irmão

Alt: 320 mm

Comp: 99 mm (colher)

Diâm: 151 mm (base), 100 mm (copa), 162 mm (patena)

Peso: 1370 gr

Proveniência: Sanatório de Sant'Ana, Parede, SCML

Inv. nº 0865

- *Custódia*

Prata dourada e vidros

Portugal, século XVIII – último quartel

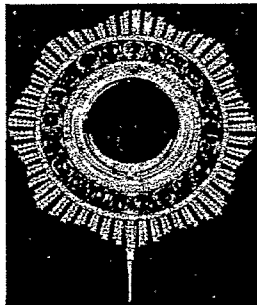
Alt: 568 mm

Peso: 2560 gr

Proveniência: Convento S. Pedro de Alcântara (?)

Museu de S. Roque, inv. nº Or 0619

- *Viril*



Prata com incrustações de diamantes, ametistas e crisólitas

Portugal, século XIX

Diâm: 220 mm

Proveniência: desconhecida

Museu de S. Roque, inv. nº Or 0866

- *Cristo Crucificado*

Portugal, final do século XVIII

Madeira policromada

Alt: 275 mm (Cristo); 880 mm (Cruz)

Museu de S. Roque, inv. n° 147

- *S. Miguel Arcanjo*

Portugal, século XVIII

Madeira policromada e dourada

Alt: 1003 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 85

Igreja de S. Roque, Capela de Santo António

- *Santo Amaro*

Portugal, século XVIII

Madeira estofada e policromada

Alt: 550 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 75

Igreja de S. Roque

- *Menino Jesus Salvador do Mundo*



Portugal, segunda metade do século XVIII

Madeira policromada

Alt: 430 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 40

Igreja de S. Roque

- *S. José*

Portugal, segunda metade do século XVIII

Madeira estofada e policromada, fio metálico dourado

Alt. 430 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 71

Igreja de S. Roque

- *Santa Ana com a Virgem*

Portugal, segunda metade do século XVIII

Madeira estofada e policromada, fio metálico dourado

Alt: 360 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 183

- *S. Joaquim*

Portugal, segunda metade do século XVIII

Madeira estofada e policromada

Alt: 360 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 182

- *S. Sebastião*

Portugal, segunda metade do século XVIII

Madeira policromada e dourada

Alt: 472 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 73

Igreja e Casa Professa de S. Roque

- *S. João Baptista*



Oficina de António Ferreira (?)

Portugal, segunda metade do século XVIII

Terracota policromada

Alt. 530 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 145

- *Êxtase de Santa Teresa de Ávila*



Óleo sobre tela

Finais do século XVIII

Francisco José (?)

1350 x 1720 mm

Museu de S. Roque

Inv. n° 7

- *Êxtase de Santa Rita de Cássia*

Óleo sobre tela

Finais do século XVIII

Francisco José (?)

1350 x 1720 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 6

- *Imposição da Regra por Santa Clara*



Óleo sobre tela

Segunda metade do século XVIII

Pedro Alexandrino de Carvalho

2500 x 1780 mm

Museu de S. Roque

- *Milagre S. Pedro de Alcântara*

Óleo sobre tela

Século XVIII

Autor desconhecido

2130 x 1000 mm

Museu de S. Roque

Inv. nº 236

- *S. Conrado*

Óleo sobre tela

1ª metade do século XVIII

Autor desconhecido

1360 x 710 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 224

- ***S. Joaquim***
Óleo sobre tela
C. 1760
André Gonçalves
1500 x 920 mm
Museu de S. Roque, inv. nº 23

- ***S. José***
Óleo sobre tela
C. 1760
1500 x 920 mm
Museu de S. Roque, inv. nº 26
Igreja de S. Roque, Sacristia

- ***S. João Baptista***
Óleo sobre tela
C. 1760
André Gonçalves
1500 x 880 mm
Museu de S. Roque, inv. nº 201
Igreja de S. Roque, Sacristia

- *Santa Maria Madalena*



Óleo sobre tela

C. 1760

André Gonçalves

1500 x 920 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 24

Igreja de S. Roque, Sacristia

- *Santa Ana*

Óleo sobre tela

C. 1760

André Gonçalves

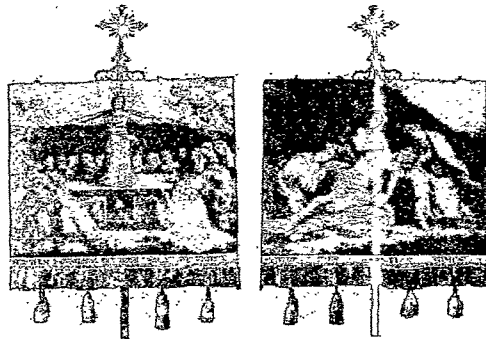
1500 x 920 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 25

Igreja de S. Roque, Sacristia

Ao centro *Bandeiras da Nossa Senhora da Misericórdia e Bandeiras dos Condenados:*

- *Nossa Senhora da Misericórdia*



Óleo sobre tela

Último quartel do século XVIII

Autor desconhecido

870 x 670 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 73

- *Nossa Senhora da Piedade*

Óleo sobre tela

Último quartel do século XVIII

Autor desconhecido

870 x 670 mm

Museu de S. Roque, inv. n° 72

- *Nossa Senhora da Misericórdia*



Óleo sobre tela

1784

Bernardo Pereira Pegado

870 x 670 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 30

- *Nossa Senhora da Piedade*

Óleo sobre tela

1784

Manuel Pereira Pegado

870 x 670 mm

Museu de S. Roque, inv. nº 31

- *Nossa Senhora da Misericórdia*



Óleo sobre tela

Século XVIII

Autor desconhecido

880 x 740 mm

Museu de S. Roque, inv. n.º 189

- *Nossa Senhora da Piedade*

Óleo sobre tela

Século XVIII

Autor desconhecido

880 x 740 mm

Museu de S. Roque, inv. n.º 190

- *Nossa Senhora da Misericórdia*

Óleo sobre tela

Século XIX

Autor desconhecido

870 x 670 mm

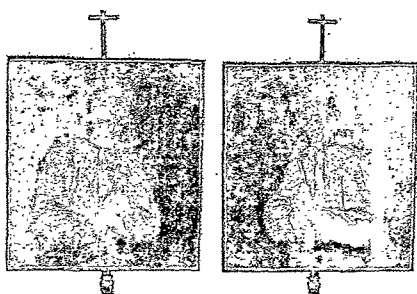
Museu de S. Roque, inv. n.º 66

- *Nossa Senhora da Piedade*
Óleo sobre tela
Século XIX
Autor desconhecido
870 x 670 mm
Museu de S. Roque, inv. nº 67

- *Bandeira dos Condenados*
Óleo sobre tela
Século XVIII
Autor desconhecido
590 x 550 mm
Museu de S. Roque, inv. nº 185

- *Bandeira dos Condenados*
Óleo sobre tela
Século XVIII
Autor desconhecido
590 x 550 mm
Museu de S. Roque, inv. nº 186

- *Bandeira dos Condenados*



Óleo sobre tela

Século XVIII

Autor desconhecido

590 x 550 mm

Museu de S. Roque, inv. n.º 187

- *Bandeira dos Condenados*

Óleo sobre tela

Século XVIII

Autor desconhecido

590 x 550 mm

Museu de S. Roque, inv. n.º 18

Núcleo 5 – Jogos Sociais e Assistência Social – discurso expositivo e conteúdos

Localização: Piso superior, abrangendo parte da ala sul do claustro numa área de cerca de 45 m2. (Planta 6)

Fundamentação: Desde 1783, que, por decreto da Rainha D. Maria II, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa detém a gestão dos Jogos Sociais. A Lotaria Nacional manteve, através das épocas um carácter benemerente, sendo indiscutivelmente o suporte essencial das Obras da Misericórdia concretizadas por esta Instituição.

Os novos jogos, criados na segunda metade do século XX, designadamente as Apostas Mútuas, desenvolveram-se a um nível nunca previsto, ocupando actualmente, um lugar marcante na história nacional.

A expansão dos Jogos Sociais tem constituído a principal fonte de financiamento das causas sociais da Santa Casa, apoiando inúmeros projectos, no âmbito da saúde, da acção social, da cultura e do desporto. Estes Jogos revestem-se de um carácter único, gerando receitas que são canalizadas para acções de desenvolvimento e integração social.

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa tem vindo a preservar o património ligado aos Jogos Sociais, um espólio único em Portugal, conservado desde o século XVIII. Trata-se de um acervo de enorme importância documental, que incluiu decretos régios, antigos bilhetes de lotaria, cartazes publicitários e registos fotográficos que são objecto desta apresentação.

Este espaço deverá ser museograficamente diferenciado, onde se expõem objectos e documentos relacionados com os jogos sociais e com a acção caritativa da Santa Casa.

Esta área, completamente distinta no que respeita a cor e iluminação, dos restantes núcleos de arte sacra que compõem o Museu, tentará mostrar uma outra dimensão desta Instituição, sugerindo uma apresentação que nos dá a ideia de “caixa” dentro da sala, como um mergulho na realidade actual da Santa Casa, e que é o sustentáculo económico do próprio Museu, núcleo com o qual termina o circuito expositivo.

No início do lado direito, propomos que sejam colocados painéis de texto elucidativos da história dos Jogos da Santa Casa da Misericórdia e seu carácter benemerente, na sua sequência será apresentado o par de *Estátuas – Lampadário*, que integraram até meados do século XX a decoração da ainda actual sala de extracções da Lotaria Nacional, situada no edifício sede da Misericórdia de Lisboa. Estas duas peças serão expostas juntamente com duas *Fotografias* da época, representando a sala de extracções da Lotaria, inaugurada por ocasião da Lotaria do Natal em 1901, sendo o projecto do Arquitecto Adães Bermudes.

Seguidamente, será apresentado um *Modelo para a esfera da Lotaria*, um novo sistema de sorteio concebido por Joaquim Pedro Holtremann Junior, em 1863, que será exposto acompanhado de uma fotografia, representando um aspecto da sala de extracções da Lotaria, em dia de sorteio.

Nesta sequência, apresentar-se-ão numa vitrine, três importantes documentos datados de 1783 e 1784, designadamente, o *Decreto da Rainha D. Maria I, autorizando a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a explorar uma Lotaria Anual*, um *Plano e Instruções para a Lotaria* e *Folio manuscrito do Plano para a primeira Lotaria de 1784*.

A par dos documentos acima referidos, neste núcleo figurariam ainda, o *Primeiro bilhete de Lotaria* de 1784, um *Conjunto de fracções da Lotaria Nacional* do século XX e ainda a *Primeira fracção da Lotaria Popular* de 1987 e o *Primeiro bilhete da Lotaria Instantânea "Raspadinha"* de 1995.

Sugerimos ainda que, a par da exposição dos exemplares de bilhetes de Lotaria, seja colocado um rádio, modelo da época, onde passe uma gravação da antiga Emissora Nacional, com uma sessão da extracção da Lotaria Nacional. Este aparelho de rádio teria incorporado um botão para ser accionado pelo visitante.

É importante referir que, este núcleo será montado com um sistema de insonorização, permitindo desta forma a audição no seu interior, sem perturbar os núcleos circundantes. No local de transmissão da Lotaria seriam também colocados três exemplares de *Projecto de cartaz da Lotaria*, dois deles datados de 1935.

No lado oposto, de entre os documentos a expor destacam-se, o *Bilhete do 1º Concurso do Totobola* de 1961, dois *Cartazes do Totobola*, respectivamente de 1963 e 1985, uma *Fotografia* do carro do Totobola integrado na caravana publicitária da "Volta a Portugal em bicicleta" em 1963 e ainda uma outra *Fotografia* da antiga viatura de distribuição do Totobola pelo país.

Seria interessante para a evolução da história dos jogos, integrar ainda duas *Fotografias* representando o processo de contagem e preparação das matrizes entre 1961 e 1984 e a leitura óptica das matrizes entre 1984 e 2001.

Este núcleo, cujo principal objectivo consiste em dar ao visitante uma imagem abrangente relativamente à actividade desenvolvida por esta Instituição nos Jogos Sociais, integra imagens representativas da forte aposta na inovação e na consequente modernização empreendida a todos os níveis nos sistemas de jogo, com uma *Fotografia* representando um terminal de registo do Totoloto e o referido boletim do sistema “On-line”, em 2001, um dos mais actuais da Europa.

Isto porque, para além da Lotaria Clássica, possuidora de uma tradição e história secular, o indiscutível número um em popularidade é o Totoloto/Loto 2 e também o Joker, cabendo-lhe uma grande parte da responsabilidade de financiamento da maioria das acções e actividades de intervenção e solidariedade sociais desenvolvidas pela Misericórdia de Lisboa³⁶³.

As modificações tecnológicas, entendidas como ciclos de inovação, têm permitido mais e melhor qualidade no que respeita à introdução de novos modelos no sector dos jogos sociais³⁶⁴. Deste modo, destacamos na nossa proposta a actual modernização levada a cabo pelo Departamento de Jogos da Santa Casa da Misericórdia, com a introdução do Euromilhões.

Neste contexto, seria interessante mostrarmos por meio de um televisor, posicionado no seguimento desta exposição da história dos jogos, imagens de anúncios televisivos, dos jogos e das extracções, quer da Lotaria, quer do Totoloto e Euromilhões, passando sucessivamente, sendo estes anúncios recolhidos nos arquivos do Departamento de Jogos da Santa Casa e nos arquivos da RTP.

³⁶³ Cf. João Matoso, “Jogos Sociais: História e Actualidade” in Catálogo *Os Jogos Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Ao Serviço das Boas Causas*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2004, p. 57.

³⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 59.

Para finalizar este núcleo dedicado aos Jogos Sociais, far-se-á a apresentação de um Organigrama da Santa Casa da Misericórdia, com os Serviços do Departamento de Jogos, os Serviços de Apoio Social, incluindo fotografias de cada um, elucidando o visitante sobre a sua função, pondo para esse fim um ecran interactivo com informação adicional sobre estes serviços.

Seleccção dos objectos a expor:

- *Estátua – Lampadário (Par)*



França (?), início do século XX

Estanho

Alt: 1500 mm

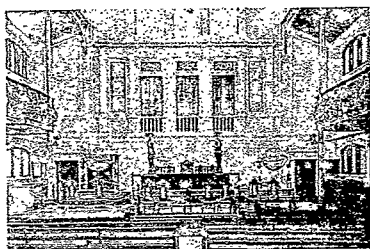
Museu de S. Roque

Inv. nº 4 e 5

Lotaria Nacional

- *Fotografia da Sala de Extracções da Lotaria*

- *Fotografia da Sala de Extracções da Lotaria*

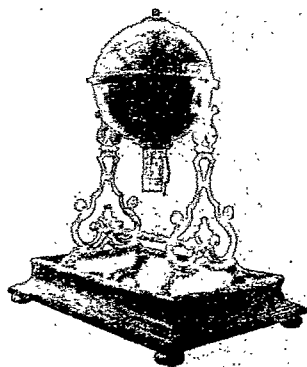


Inaugurada por ocasião da Lotaria do Natal, 1901
Projecto do Architecto Adães Bermudes

- *Fotografia de uma Esfera de Lotaria*

Concebida por Joaquim Holtremann Junior em 1863

- *Modelo para esfera de Lotaria*



Madeira e metal

1863

Joaquim Pedro Holtremann Junior

530 x 447 x 315 mm

Museu de S. Roque

Inv. n° 999

- *Decreto da Rainha D. Maria I, autorizando a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a explorar uma Lotaria Anual*

Documento manuscrito

1783

346 x 228 mm

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa
Livro de Decretos Arquivos e Ordens (nº 4)

- ***Plano e Instruções para a Lotaria***

Documento impresso

1784

310 x 215 mm

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa

Cota nº L. A. XVIII.0804

- ***Folio manuscrito do Plano para a primeira Lotaria de 1784***

Documento manuscrito

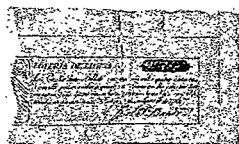
1784

450 x 150 mm

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa

Cota nº P. R. 444

- ***Primeiro bilhete de Lotaria***



1784

112 x 194 mm

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa

Cota nº BG 0

- ***Conjunto de fracções da Lotaria Nacional***

Século XX

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa

Cota nº BG 0

- *Primeira fracção da Lotaria Popular*



10 de Março de 1987

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa, cota BG 0

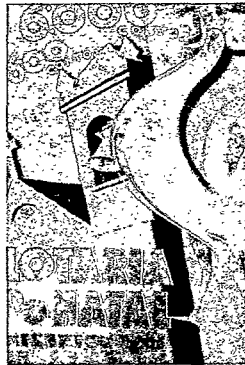
- *Primeiro bilhete da Lotaria Instantânea "Raspadinha"*



1995

Arquivo do Departamento de Jogos da Santa Casa

- *Projecto de Cartaz da Lotaria*



Guache sobre papel

não assinado

457 x 309 mm

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa, colecção de cartazes da Lotaria

- *Projecto de Cartaz da Lotaria*

1935

Guache sobre papel

Não assinado

379 x 174 mm

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa, colecção de cartazes da Lotaria

- *Projecto de Cartaz da Lotaria*

1935

Guache sobre papel

Não assinado

313 x 165 mm

Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa, colecção de cartazes da Lotaria

- *Bilhete do 1º Concurso do Totobola*



24 de Setembro de 1961

Arquivo do Departamento de Jogos da Santa Casa

- *Cartazes do Totobola (dois)*



1963



totobola

1985

Arquivo do Departamento de Jogos da Santa Casa

- **Fotografia – Carro do Totobola integrado na caravana publicitária da “Volta a Portugal em bicicleta”, 1963**

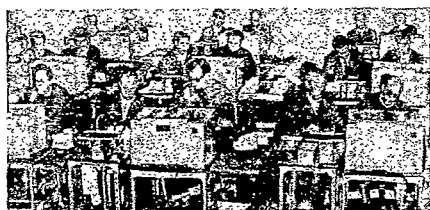


- **Fotografia – Antiga viatura de distribuição do Totobola pelo país**

- *Fotografia* – processo de contagem e preparação de matrizes entre 1961 e 1984



- *Fotografia* – processo de contagem e preparação de matrizes entre 1984 e 2001



- *Fotografia* – Totoloto - terminal de registo e boletim do sistema “On-line”, 2001.

Aspectos museográficos:

Além das referências museográficas que já foram feitas na apresentação dos objectos que incorporam estes núcleos expositivos, serão tidas em conta as seguintes necessidades:

- Tabelas trilingues (português, francês e inglês) para todos os objectos apresentados, de preferência em acrílico transparente para não interferirem com a apreensão visual dos mesmos. Estas tabelas seriam colocadas a cerca de 1m de altura.
- Ao nível da informação a disponibilizar, seria colocado um texto analítico de introdução, com informações históricas, para que o visitante possa ser integrado nos conteúdos visuais. Com a colaboração de *designers*, estudar-se-á o melhor local e o tipo de suporte desses painéis de texto.

Será estudada a possibilidade da implementação de um sistema de audioguias, assim como a sua gestão e disponibilização.

No que concerne à sinalética da Igreja, actualmente inexistente, assume um papel da maior importância para a orientação e esclarecimento dos visitantes. Sendo a Igreja o ponto central e fulcral de todo o Museu e situando-se entre este e o espaço da Sacristia, encontra-se definitivamente incluída no percurso museológico do Museu. Deste modo, a função da sinalética será a de informar claramente o visitante e de chamar a atenção para a riqueza patrimonial do imóvel e suas colecções, através de pequeninos textos, colocados em placas de acrílico, com legendas desenvolvidas, bilingue, com o essencial da informação sobre a história da Igreja, as diferentes capelas e Sacristia, de acordo com o que dissemos no Capítulo 3 sobre a Igreja de S. Roque.

Recomenda-se igualmente, a publicação de roteiros integrados Museu-Igreja, em diversas línguas, consoante o tipo de público que visita o espaço.

CONCLUSÃO

De acordo com a nossa proposta de reprogramação museológica, importa seguidamente sublinhar determinados aspectos que se evidenciam como fundamentais. Nesta perspectiva, e tendo em conta o entendimento do Museu de S. Roque enquanto instrumento de comunicação, verifica-se que uma das prioridades actuais e futuramente assumidas por esta instituição consistirá em proporcionar aos seus visitantes o conhecimento e fruição do seu valioso acervo, concebendo eficientes vias de interpretação relativamente às colecções em exposição. Nesta perspectiva, procurámos com a nossa proposta uma remodelação e ampliação da área do Museu, visando a criação de boas condições de acolhimento e de trabalho, bem como uma melhoria substancial na apresentação da exposição permanente e na alteração das formas e conteúdos expositivos, pretendendo, com isto, que os discursos expositivos sejam compreensíveis para públicos não especialistas, nomeadamente através da oferta de diferentes níveis de leitura e de fruição. Igualmente, prevemos a introdução de dispositivos de contextualização e interpretação, tais como meios audiovisuais ou mecanismos baseados nas novas tecnologias de informação, que suscitariam grandes alterações ao nível do discurso expositivo e na apresentação das colecções do Museu.

Neste sentido, a proposta que constitui objecto da presente dissertação deverá ser entendida como um acréscimo na melhoria do programa museográfico e no alargamento dos espaços museais de S. Roque. Assim sendo, propomos a ampliação no subsolo, sob o pátio do claustro, intervenção essa que permitiria a instalação de um pequeno auditório, gabinetes e ateliers destinados aos serviços educativos.

A nossa proposta vai ao encontro da ampliação projectada a realizar no piso térreo e piso superior, uma vez que permitirá o alargamento da área expositiva, concentrando-se nestes espaços todas as áreas públicas do Museu, incluindo as salas para apresentação das colecções, recepção e cafetaria, ficando igualmente instaladas as reservas e gabinete de conservação e restauro, destinados a suprir necessidades internas e ainda os serviços técnicos e administrativos do Museu. Mas, apesar destes evidentes benefícios, que pensamos não ser suficientes, propoemos a conquista de mais espaços, em função de uma nova reprogramação.

Em nosso entender, deverá partir-se do pressuposto que um programa museológico se estrutura a partir de um discurso lógico e esclarecedor, assente na identidade cultural e institucional e no conhecimento profundo do seu acervo. Assim, se procedeu a uma criteriosa selecção dos espécimes a apresentar, de forma a transmitir de modo claro e compreensível todos os conteúdos.

Face ao exposto, decidimos identificar e relacionar de modo sumário todos os objectos que incluem cada um dos cinco núcleos temáticos que constituem o programa expositivo. Igualmente, para uma melhor compreensão e integração no novo projecto museológico, foram incluídas imagens criteriosamente seleccionadas, das peças mais significativas do Museu, aquelas que no nosso entender são consideradas as “obras primas” desta instituição, indispensáveis ao programa do Museu, e que deverão figurar num futuro roteiro do mesmo.

Conforme o exposto na Parte III da presente dissertação, a proposta de reprogramação museológica que aqui apresentamos assenta em três pressupostos de base: a) a necessidade urgente de ampliação e redefinição dos espaços do Museu, de modo a valorizar e agilizar a gestão das suas colecções e serviços, b) o empenho em recuperar um edifício de relevante significado histórico designadamente, a área do claustro da antiga Casa Professa de S. Roque, valorizando deste modo todo o espaço circundante, c) a ampliação no subsolo sob o pátio do claustro, para instalação de novos espaços indispensáveis ao bom funcionamento do Museu.

Considerando que a nossa proposta implica uma redefinição dos espaços expositivos de S. Roque, apresentámos um projecto totalmente renovado, incorporando cinco núcleos temáticos, que constituem o nosso programa expositivo. Neste sentido, foram criteriosamente seleccionados e apresentados os diversos espécimes, estruturados a partir de um discurso lógico, de modo a permitir uma clara leitura de índole histórico-artística, exprimindo esta nova programação museológica, as aspirações de um Museu concebido para o futuro.

Face ao exposto, levou-nos este projecto a reprogramar as áreas expositivas do Museu de S. Roque visto que o programa que irá ser posto em prática pela actual direcção não nos parece suficiente, na medida em que, em nosso entender e não obstante o carácter relevante das suas colecções, reconhecido de modo unânime, não espelha na globalidade

o carácter social e benemerente concretizado pela Instituição da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Esta visão redutora do acervo de S. Roque não revela o carácter simbólico expresso pela pluralidade das suas colecções, admiráveis testemunhos do passado, limitando e restringindo a sua importância histórica e artística. Por isso, considerámos essencial a incorporação de um núcleo representativo dos *Jogos Sociais e Assistência Social*, sendo estes indiscutivelmente o suporte principal das obras concretizadas pela Instituição da Misericórdia de Lisboa, traduzindo deste modo o seu carácter social e caritativo.

Concluindo, na presente proposta de reprogramação do Museu é possível verificar a existência de um fio condutor no que concerne à exibição do acervo museológico de S. Roque, traçado entre a fundação da pequena Ermida e a actualidade, representada pela ancestral instituição da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Tendo presente as perspectivas que se abrem à nova museologia, é possível concluir que os museus de Arte e História podem e devem assumir um papel fundamental no domínio da educação, evidenciando-se como entidades complementares às tradicionais instituições de ensino.

Por tudo isto, poderá o Museu de S. Roque distinguir-se futuramente, de forma mais evidente, como uma instituição de grande dinamismo educativo e pedagógico, usufruindo de novos espaços que contribuirão seguramente para o crescimento da acção educativa desenvolvida no meio museal.

BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas – Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e do Museu de S. Roque

Livros de Actas da SCML de 1875 a 1879, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Livros de Actas da SCML de 1884 a 1889, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Livros de Actas da SCML de 1890 a 1898, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Livros de Actas da SCML de 1902 a 1934, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Livros de Actas da SCML de 1940 a 1959, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Livros de Actas da SCML de 1960 a 1978, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Livros de Actas da SCML de 1981 a 1987, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Livros de Actas da SCML de 1991 a 1998, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Processo n.º 465, Correspondência Ano Civil 1940 a 1941, Igreja de S. Roque, Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Ofício n.º 14/73, Museu de S. Roque, de 06.01.1973. Arquivo do Museu de S. Roque.

MADEIRA RODRIGUES, Maria João, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963.

MARQUES HENRIQUES, António Meira, *A Sacristia da Igreja de S. Roque – Interpretação Iconográfica dos Símbolos da Virgem* (estudos), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2004.

Fontes impressas

CAMPOS, Manuel de, *Relação do Solene recebimento que se fez em Lisboa às santas relíquias que se levaram à igreja da Companhia de Jesus aos 25 de Janeiro de 1588*, Lisboa, 1588.

TELES, Baltazar, *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, Lisboa, 1647.

MACHADO, Cyrillo Wolkmar, *Colecção de memórias relativas às vidas dos pintores, escultores, architectos e gravadores portugueses, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1922.

Memória do Descobrimento e Achado das Sagradas Relíquias do Antigo Santuário da igreja de S. Roque, Imprensa Nacional, Lisboa, 1843.

RACZYNSKI, Atanazi, *Les Arts en Portugal*, Jules Renouard, Paris, 1846.

Resumo Histórico da Ermida de São Roque e da sua Irmandade na Cidade de Lisboa, Tipografia Teixeira, Lisboa, 1869.

A Capella de S. João Baptista na Egreja de S. Roque da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Tipographia da Academia Real das Ciências, Lisboa, MDCCCXCIII.

MENA JÚNIOR, António César, *Memoria Justificativa e Descritiva das Obras Executadas na Igreja de S. Roque de Lisboa*, Lisboa, 1894.

Estudos

AA VV *La Muséologie selon Georges Henri Rivière*, Dunot, Paris, 1989.

ARRUDA, Luísa, "Formas Hispânicas. Azulejaria Portuguesa dos séculos XV e XVI" in *História da Arte Portuguesa*, Vol. 2, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999.

"A Exposição de Alfaias da capella de S. João Baptista de S. Roque" in *Ilustração Portuguesa*, 23 de Janeiro de 1905.

BAPTISTA PEREIRA, Fernando António, "Arquitectura Chã e Ornamentação Interior nas Igrejas Portuguesa do Oriente (séculos XVII-XVIII)" in *Catálogo Os Construtores do Oriente Português*, Ciclo de Exposições Memórias do Oriente, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1998.

Imagens e Histórias de Devoção. Espaço, Tempo e Narrativa na Pintura Portuguesa do Renascimento (1450-1550), Tese Doutoral, Faculdade de Belas – Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

BAZIN, Germain, *Histoire de l'histoire de l'art, de Vasari à nos jours*, Éditions Albin Michel S. A., Paris, 1986.

BRÁS TEIXEIRA, Madalena, *Do Objecto ao Museu*, Dissertação de Mestrado em História de Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1983.

BRITO, Maria Filomena, "A Bandeira Processional de Nossa Senhora da Misericórdia Na Vida Portuguesa" in Catálogo *Mater Misericordiae – Simbolismo e Representação da Virgem da Misericórdia*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

Roteiro da Igreja de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999.

"Restituir a Integridade do Museu e Igreja de São Roque – Conservação e restauro entre 1905 e 2005" in Catálogo *100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005.

CAETANO, Joaquim Oliveira, *Pintura Século XVI ao XIX - Coleção de Pintura da Misericórdia de Lisboa*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. V, Lisboa, 1998.

"Roque e as suas Imagens" in Catálogo *A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999.

"O Tecto de São Roque" in Catálogo *O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002.

CARVALHO, Ayres de, *D. João V e a arte do seu tempo*, Vol. II, edição do autor, Lisboa, 1962.

CID, Jorge – *São Roque e o seu Museu – Portugal: a Arte, os Monumentos, a Paisagem, os Costumes, as Curiosidades*, Portucalense Editora, Lda., Barcelos, 1933.

CORREIA BORGES, Nelson, *História da Arte em Portugal – Do Barroco ao Rococó*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

COSTA RAMALHO, M., *Guia de Portugal Artístico*, Vol. IV, Livraria Portugália, Lisboa, 1937.

COUCEIRO; Gonçalo, "Missionação, Arte e Alfaias Religiosas" in *Catálogo No Caminho do Japão*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993.

DIAS, Pedro, "As outras imagens: O Maneirismo na Escultura Portuguesa", in *Catálogo A Pintura Maneirista em Portugal – Arte no Tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995.

DUARTE, Ana, *Projecto dos 8 aos 80 – À Procura de Lugares com História*, Museu – Comunidade, Projecto Educativo em Parceria, Departamento de Cultura, Divisão do Património Histórico-Cultural, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2004, policopiado.

ESTEVAM, José, "Relíquias e Pinturas da Igreja de S. Roque" in *Revista Municipal*, nº 59, Lisboa, 1953.

FERNANDES PEREIRA, José, PEREIRA, Paulo, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

FERNANDES PEREIRA, José, "O barroco do século XVIII – A Capela de S. João Baptista" in *História da Arte Portuguesa*, Vol. 3, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999.

"O barroco do século XVII: transição e mudança" in *História da Arte Portuguesa*, Vol. 3, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999.

GOODALPHIM, Costa, *As Misericórdias*, Livros Horizonte, Lisboa, 1998.

GUEDES, Natália Correia, *Museologia e Comunicação*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia (especialização em Museologia), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1994.

Guia de Portugal – Lisboa e Arredores (reedição), Vol. I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979.

História dos Mosteiros Conventos e Casas Religiosas De Lisboa, Tomo I, Câmara Municipal de Lisboa, Oficinas da Gráfica Santelmo, Lisboa, Ano de M. CM. L.

HORTA CORREIA, José Eduardo, "Arquitectura – Maneirismo e "estilo chão"" in *A História da Arte em Portugal*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

JORDAN – GSCHWEND, AneMarie, "IV – O Retrato Áulico e Burguês – Retrato de D. João III, Retrato de D. Catarina de Áustria" in Catálogo *A Pintura Maneirista em Portugal – Arte no Tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995.

KUBLER, George, *A Arquitectura Portuguesa Chã, Entre as Especiarias e os Diamantes, 1521 – 1706*, Editora Vega, Lisboa, 1969.

LIMA, Joaquim da Costa, *S. Roque e os seus Artistas*, in *separata da Revista Municipal*, Lisboa, 1953.

LOPES, Padre António, "Francisco Xavier o grande estratega missionário" in Catálogo *Encontro de Culturas, Oito Séculos de Missionaço Portuguesa*, Conferência Episcopal Portuguesa, Mosteiro de S. Vicente de Fora, Lisboa, 1994.

LUCENA, Armando de, "Igreja de S. Roque e Museu de Arte Sacra", Monografias de Arte, Separata da obra *A Arte Sacra em Portugal*, Lisboa, s/d.

MADEIRA RODRIGUES, Maria João, *Museu de São Roque*, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1968.

O Mestre da Lenda de São Roque, Museu de S. Roque, Lisboa, 1973.

A Igreja de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1980.

A Capela de São João Baptista e as suas Colecções, Edições Inapa, Lisboa, 1986.

Metais, Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988.

Tecidos, Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988.

Pintura, Pratas, Tecidos, Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988.

Arquitectura – Igreja e Casa Professa de São Roque, Cadernos de Conservação I, Museu de São Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988.

MANDROUX – FRANÇA, Marie-Thérèse, “A Patriarcal do Rei D. João V de Portugal” in Catálogo *O Triunfo do Barroco*, Fundação das Descobertas, Centro Cultural de Belém. Lisboa, 1993.

MATOS, Sarmiento de, José, “Cronologia da Companhia de Jesus” in Revista *Oceanos* nº 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Novembro de 1992.

MATOSO, João, “Jogos Sociais: História e Actualidade” in Catálogo *Os Jogos Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Ao Serviço das Boas Causas*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2004.

MECO, José, *Azulejos de Lisboa*, Museu da Cidade, Lisboa, 1984.

Azulejaria Portuguesa, Colecção Património Português, Bertrand Editora, Lisboa, 1985.

O Azulejo em Portugal, Publicações Alfa, Lisboa, 1989.

MOITA, Irisalva, *Mário Tavares Chicó 1905-1966*, Colectânea subsidiada pelo Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1968.

MONTAGU, Jennifer, *Gold, Silver & Bronze: Metal Sculpture of the Roman Baroque*, New Haven and London, Yale University Press, 1996.

MORNA, Teresa Freitas, “Os Jesuítas e a Arte” in Catálogo *O Púlpito e a Imagem – Os Jesuítas e a Arte*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996.

“A Ermida de S. Roque – Testemunhos Históricos e Artísticos” in Catálogo *A Ermida Manuelina de São Roque*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1999.

“Cinco Séculos de Heranças, Legados e Doações” in Catálogo *Colecção Rodrigues Alves – Uma Herança da Misericórdia de Lisboa*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VIII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2003.

“O Museu de São Roque – 100 Anos de História 1905-2005” in Catálogo *100 Anos Museu de São Roque 1905-2005*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2005.

MOURA, Carlos, “Uma poética da refulgência: a escultura e a talha dourada” in *História da Arte em Portugal – O Limiar do Barroco*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

“O sentido do barroco na arte seiscentista e do início do século XVIII” in *História da Arte em Portugal – O Limiar do Barroco*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

“O thesouro da capella de S. João Baptista – A sua exposição permanente” in *Diário de Notícias*, nº 14 051, 11 de Janeiro de 1905.

PAIS DA SILVA, Jorge Henrique, *Páginas da História da Arte*, Vol. II, Imprensa Universitária nº 54, Editorial Estampa, Lisboa, 1986.

Estudos sobre o Maneirismo, Imprensa Universitária nº 29, Editorial Estampa, Lisboa, 1986.

PARRA, Júlio, Catálogo *Azulejos – painéis do século XVI ao século XX*, Colecção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1994.

PEREIRA, Paulo, “A Architectura Jesuíta – Primeiras Fundações”, in Revista *Oceanos*, nº12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Novembro de 1992.

RIBEIRO, Victor, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – subsídios para a sua história*, Typografia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1902.

ROCHA ROQUE, Maria Isabel, *Altar Cristão, Evolução até à Reforma Católica*, Coleção TESES, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2004.

SALDANHA, Nuno, “Artistas Nacionais de Formação Romana” in Catálogo *Joanni V Magnífico, A Pintura em Portugal ao Tempo de D. João V, 1706-1750*, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Edições Asa, Lisboa, 1994.

“Lisboa e os Centros europeus na primeira metade do século XVIII” in Catálogo *Joanni V Magnífico, A Pintura em Portugal ao Tempo de D. João V, 1706-1750*, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Edições Asa, Lisboa, 1994.

SANTOS, Reynaldo dos, MACEDO, Diogo, “As Artes Decorativas dos séculos XVII e XVIII – O Azulejo”, *História da Arte em Portugal*, Vol. III, Portucalense Editora, Porto, 1953.

SANTOS, Reynaldo dos, “O Azulejo”, *Oito Séculos de Arte Portuguesa – História e Espírito*, Vol. III, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1970.

SEABRA CARVALHO, José Alberto, “II – A Rebelião de Campelo: o triunfo da *Bella Maniera* cerca de 1560/1580 – “A Aparição do Anjo a S. Roque”” in Catálogo *A Pintura Maneirista em Portugal – Arte no Tempo de Camões*, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995.

SERRÃO, Vitor, *A História da Arte em Portugal - O Maneirismo*, Publicações Alfa, Lisboa, 1986.

A Pintura Maneirista em Portugal, Biblioteca Breve, Maia, 1991.

“A pintura do brutesco no século XVII em Portugal e a sua repercussão no Brasil”, Revista *Barroco* nº 15 (Actas do II Congresso do Barroco no Brasil), 1990-1992.

“Do grotesco ao brutesco. As artes ornamentais e o fantástico em Portugal, séculos XVI-XVIII” in *Catálogo Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680)*, IPPC, Lisboa, 1992.

A Lenda de S. Francisco Xavier pelo Pintor André Reinoso, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993.

“A pintura maneirista em Portugal: das brandas “maneiras” ao reforço da propaganda” in *História da Arte Portuguesa*, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999.

História da Arte em Portugal – O Renascimento e o Maneirismo, Editorial Presença, Lisboa, 2002.

História da Arte em Portugal – O Barroco, Editorial Presença, Lisboa, 2003.

SMITH, Robert, *A Talha em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1962.

The Art of Portugal, 1500 – 1800, London – New York, 1968.

“Samuel Tibau and the portuguese ivory inlaid furniture of the seventeenth century” in *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. XXI, 1971.

SOBRAL, Luís de Moura, “Pintura” in *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Ed. Presença, Lisboa, 1989.

SOROMENHO, Miguel, “Classicismo, italianismo e “estilo chão”. O ciclo Filipino” in *História da Arte Portuguesa*, Vol. II, Editora Temas e Debates, Lisboa, 1999.

TELFER, W., *The Treasure of São Roque; A Sidelight on the Counter – Reformation*, London, 1932.

TOJAL, Alexandre Arménio, CAMPOS PINTO, Paulo, *Bandeiras das Misericórdias*, Comissão para as Comemorações dos 500 Anos das Misericórdias, Lisboa, 2002.

VARELA GOMES, Paulo, *O essencial sobre a arquitectura barroca em Portugal*, Coleção Essencial, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Maia, 1987.

VASSALLO E SILVA, Nuno, "Os Relicários de S. Roque, in Revista *Oceanos*, nº 12, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Novembro de 1992.

"Museu de S. Roque" in *A Sétima Colina, Roteiro Histórico – Artístico*, Coordenação José Augusto França, Livros Horizonte, 1994.

O Púlpito e a Imagem, os Jesuítas e a Arte, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1996.

"Breve Historial do Santuário das Relíquias de S. Roque" in Catálogo *Esplendor e Devoção – Os Relicários de S. Roque*, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. III, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998.

VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim, *A Misericórdia de Lisboa, Quinhentos Anos de História*, Livros Horizonte, Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998.

"Visita à capella e thesouro de S. João Baptista" in *O Século*, nº 8 275, 12 de Janeiro de 1905.

VITERBO, Sousa e VICENTE D'ALMEIDA, R., *A Capella de S. João Baptista erecta na Igreja de S. Roque* (reedição), Livros Horizonte, Lisboa, 1997.

Obras técnicas sobre museologia e conservação e restauro

ALMEIDA, Anabela, CASANOVAS, Luís Elias, *VADE MECUM – Conservação Preventiva*, Instituto Português de Conservação e Restauro, Lisboa, 2003.

ALVES, Luísa Maria Picciochi Azevedo, *O Ambiente e os Objectos de Museu*, Laboratório de Física e Química, Instituto de José de Figueiredo, Direcção Geral do Património Cultural, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1977.

AMBROSE, Timothy, PAINE, Crispin, *Museum Basics*, Routledge, London, 1995.

COLWELL, Peter, MENDES, Elisabete (et. al.), *Museus e Acessibilidade*, Lisboa: IPM (Coleção Temas de Museologia), 2004.

Faire un Musée, Comment conduire une opération muséographique ?, Ministère de la Culture, Direction des Musées de France, La Documentation Française, Paris, 1986.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso, *Introducción a la Nueva Museología*, Alianza Editorial, Madrid, 2003.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso, FERNÁNDEZ, Isabel García, *Diseño de Exposiciones – Concepto, Instalación y Montaje*, Alianza Editorial, Madrid, 2003.

HERNÁNDEZ, Hernández Francisca, *El Museu como Espacio de Comunicación*, Ediciones Trea, Gijón, 1998.

LAMEIRAS CAMPAGNOLO, Maria Olímpia, CAMPAGNOLO Henri, *Programação ou Re – Programação Museológica*, Centro de Documentação do ICOM, 1982.

MICHALSKI, Stefan, *An Over all Framework for Preventive Conservation and Remedial Conservation*, Dresden, ICOM, 1990.

NORMAS DE INVENTÁRIO, *Artes Plásticas e Artes Decorativas*, Instituto Português de Museus, Lisboa, 1999.

RICO, Juan Carlos, *Museus, Arquitectura, Arte – Los Espacios Expositivos*, Ediciones Silex, Madrid, 1999.

Montage de Exposiciones – Museus, Arquitectura, Arte, Ediciones Silex, Madrid, 2001.

THOMSON, Garry; STANIFORTH, Sara, *Conservation and Museum Lighting*, «Information Sheet» 6, ICOM, 1985.

THOMSON, Garry, *The Museum Environment*, 1 st ed., Butterworks, London, 1988.

Léxicos

LUCIE – SMITH, Edward, *Dicionário de Termos de Arte*, D. Quixote, Lisboa, 1990.

PAIS DA SILVA, J. H, CALADO, Margarida, *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*, Editorial Presença, Lisboa, 2005.

Dicionários

AA. VV. *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, Livraria Civilização Editora, 4ª edição, Barcelos, 2000.

SOUSA VITERBO, F., *Notícia de Alguns Pintores Portugueses e de Outros que sendo Estrangeiros exerceram a sua arte em Portugal*, Typografia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1903 e 1906, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1911.

Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses ou ao serviço de Portugal, Imprensa Nacional, Lisboa, 1987.

Catálogos – Museu de S. Roque, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Edição Santa Casa da Misericórdia de Lisboa:

Azulejos – painéis do século XVI ao século XX, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1994.

Esplendor e Devoção. Os Relicários de S. Roque, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. III, Lisboa, 1998.

Ourivesaria e Iluminura – Século IV ao Século XX, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. IV, Lisboa, 1998.

Pintura Século XVI ao Século XX – Coleção de Pintura da Misericórdia de Lisboa, Tomos I e II, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. V, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1998.

Escultura – Século XVI ao Século XVIII – Coleção de Escultura da Misericórdia de Lisboa, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VI, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2000.

O Tecto da Igreja de São Roque – História, Conservação e Restauro, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2002.

Coleção Rodrigues Alves – Uma Herança da Misericórdia de Lisboa, Coleção Património Artístico, Histórico e Cultural da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Vol. VIII, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 2003.

Outros Catálogos – Museu de S. Roque

A Lenda de S. Francisco Xavier pelo Pintor André Reinoso, com autoria de Vítor Serrão, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993.

No Caminho do Japão – Arte Oriental nas Coleções da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1993.

Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa, 1992-1995, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

Mater Misericordiae – Simbolismo e Representação da Virgem da Misericórdia, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

A Herança de Rauluchantim, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, Lisboa, 1996.

O Púlpito e a Imagem – Os Jesuítas e a Arte, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, Lisboa, 1996.

A Ermida Manuelina de S. Roque, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, Lisboa, 1999.

Os Jogos Sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – Ao Serviço das Boas Causas, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, Lisboa, 2004.

100 Anos do Museu de São Roque 1905-2005, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, Lisboa, 2005.

Outros Catálogos de Exposições

Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680), IPPC, Lisboa, 1992.

O Triunfo do Barroco, Fundação das Descobertas, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1993.

Encontro de Culturas. Oito Séculos de Missionaçãõ Portuguesa, Conferência Episcopal Portuguesa, Mosteiro de S. Vicente de Fora, Lisboa, 1994.

Joanni V Magnífico, A Pintura em Portugal ao Tempo de D. João V, 1706-1750, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Edições Asa, Lisboa, 1994.

A Pintura Maneirista em Portugal, Arte no Tempo de Camões, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995.

Os Construtores do Oriente Português, Ciclo de Exposições Memórias do Oriente, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1998.

Anexos

- 1 – Descrição dos trabalhos de Beneficiação e Restauro da Igreja de S. Roque
Trabalhos de Conservação e Restauro da Sacristia
Restauros do Mobiliário da Sacristia e da Igreja de S. Roque
- 2 – Descrição dos trabalhos de Conservação e Restauro do Museu de S. Roque
Restauro das peças escultóricas
Restauro de Ourivesaria
Conservação e Restauro de Documentos
Conservação e Restauro de Têxteis
- 3 – Trabalhos efectuados na Igreja de S. Roque
- 4 – Projecto de Consolidação, Recuperação e Restauro da Igreja de S. Roque
Estruturas – Designação dos Trabalhos
- 5 – Obras de Consolidação, Recuperação e Restauro da Igreja de S. Roque
- 6 – Conservação e Restauro Azulejar do Baixo-Coro da Igreja de S. Roque
- 7 – Trabalhos de levantamento e protecção dos azulejos da Igreja de S. Roque
- 8 – Entrevista à Prof. Doutora Maria João Madeira Rodrigues
- 9 – Entrevista ao Designer Cruz de Carvalho
- 10 – Entrevista ao Dr. Nuno Vassallo e Silva
- 11 – Entrevista à Dra. Teresa Morna Conservadora do Museu de S. Roque
- 12 – Entrevista ao Eng. Luís Elias Casanovas
- 13 - Fotos

Descrição dos trabalhos de beneficiação e restauro da Igreja de S. Roque¹

Na Igreja de S. Roque foram realizados trabalhos de conservação e restauro nas seguintes pinturas:

- Dezanove pinturas, tendo como tema cenas da vida de Santo Inácio de Loyola, óleo sobre tela, de Domingos da Cunha, dito "O Cabrinha", C. 1630, situadas na parte superior das paredes da Igreja, junto ao tecto:

"*Batalha de Pamplona*" inv. 151

"*Aparição de S. Pedro a Santo Inácio, enfermo depois da batalha e julgado sem cura pelos médicos*" inv. 152

"*Stº Inácio de Loyola é socorrido por dois cirurgiões*" inv. 154

"*Meditação de Santo Inácio de Loyola*" inv. 156

"*Aparição da Virgem a Santo Inácio de Loyola*" inv. 158

"*Santo Inácio dormindo na Praça de S. Marcos em Veneza*" inv. 160

"*Penitência de Santo Inácio na Água Fria e Encontro do Santo com o seu Irmão*" inv. 162

"*Prisão de Santo Inácio em Salamanca*" inv. 164

"*Aparição de Santo Inácio a uma mulher*" inv. 166

"*O Doutor António Gouveia ajoelhando-se aos pés de Santo Inácio, depois de o ter admoestado*" inv. 168

"*Aparição da Trindade a Santo Inácio num templo de Roma*" inv. 170

"*Santo Inácio Exorta na Fé um Companheiro*" inv. 172

"*Tentação do demónio a Santo Inácio em Manresa*" inv. 174

"*Aprovação dos Estatutos da Companhia de Jesus pelo Papa Paulo III*" inv. 176

"*Missa de Santo Inácio de Loyola*" inv. 178

"*Morte de Santo Inácio de Loyola*" inv. 180

"*Santo Inácio encontra um Mouro e desavem-se com ele a propósito das suas opiniões sobre a Virgem*" inv. 181

"*Glorificação de Santo Inácio na sua Transladação*" inv. 183

"*Meditação de Santo Inácio de Loyola*" inv. 184

¹ Maria João Madeira Rodrigues, *Memória Descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, pp. 14-21.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- Uma pintura pertencente à série acima mencionada "*Exéquias de Santo Inácio e reconhecimento da sua Santidade*" óleo sobre tela, de Domingos da Cunha, dito "O Cabrinha", C. 1630, inv. 182

Efectuaram-se trabalhos de: Limpeza, consolidação e re-entelagem pelo Instituto de Conservação e Restauro, em 1958-62.

Nota: Na Igreja, conforme o restaurador foi vendo ser necessário no decorrer do trabalho², tratou-se de:

- 1 - Efectuar diversos remendos com tela nova, depois da re-entelagem já prevista em oito pinturas tendo como tema cenas da vida de Santo Inácio de Loyola.
 - 2 - Restaurar 20 molduras pertencentes à série acima referida.
 - 3 - Assentar ferragens para suportar as pinturas.
 - 4 - Como medida preventiva, para evitar infiltrações de humidade que prejudicariam as pinturas, foi removido o reboco existente sob as mesmas, até à estrutura da parede. O espaço livre foi em seguida rebocado com argamassa de cimento e aplicadas placas de "esferovite" a dois centímetros da parede. A estas se aposeram as pinturas restauradas, afixadas a grampos de ferro a fim de se estabelecer uma câmara subjacente à pintura que permitisse a livre circulação de ar e, conseqüentemente, impedisse novas infiltrações de humidade.
- Seis pinturas em triângulo, representando os Doutores da Igreja, a óleo sobre madeira, de Amaro do Vale, situadas nas molduras dos arcos das capelas:

"*Santo Ambrósio*" de 1602, inv. 163

"*Santo Agostinho*" de 1602, inv. 161

"*S. João Crisóstomo*" de 1602, inv. 155

"*S. Jerónimo*" de 1602, inv. 169

² Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, p. 19.

“S. Gregório Magno” de 1609, inv. 171

“S. Gregório” de 1602, inv. 177

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- Oito pinturas em ângulo, representando anjos, a óleo sobre madeira, situadas nas molduras dos arcos das capelas:

“Anjo com o Cristograma” de Amaro do Vale, de 1602, inv. 153

“Anjo com a divisa de Lisboa” de Amaro do Vale ou continuador: André Reinoso (?), 1º quartel do século XVII, inv. 157

“Anjo com as Armas de Portugal” de Fernão Gomes (?), de 1602, inv. 159

“Dois Anjos” de Amaro do Vale, de 1602, inv. 165

“Anjo Anunciador” de Amaro do Vale, de 1602, inv. 167

“Anjo com Emblema do Espírito Santo” de Amaro do Vale, de 1602, inv. 173

“Anjo com símbolo da Igreja” de Amaro do Vale, de 1602, inv. 175

“Anjo com símbolos marianos” de Amaro do Vale, de 1602, inv. 179

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- Na Capela da Sagrada Família nas seguintes pinturas:

“*Jesus entre os Doutores*” óleo sobre tela, de Avelar Rebelo, C. 1635, inv. 87

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini.

“*Adoração dos Magos*” óleo sobre tela, de André Reinoso, C. 1635, inv. 86

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e grade nova pelo Instituto de Conservação e Restauro.

“*Adoração dos Pastores*” óleo sobre tela, de André Reinoso, C. 1635, inv. 88

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e grade nova pelo Instituto de Conservação e Restauro.

“*Sagrada Família*” (em medalhão redondo) óleo sobre tela, de Avelar Rebelo, C. 1635, inv. 89

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, restauro, forrado e engradado pelo técnico Marino Guandalini.

- Na Capela de Santo António nas seguintes pinturas:

“*Santo António pregando aos peixes*” óleo sobre tela, de Vieira Lusitano, de 1721, inv. 79

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, dupla re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini.

“*Aparição da Virgem a Santo António*” óleo sobre tela, de Vieira Lusitano, de 1721, inv. 78

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, dupla re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini.

Nota: As molduras que enquadram estas duas pinturas foram igualmente restauradas.

- Série de 5 medalhões tendo como tema cenas da vida de Santo António, óleo sobre tela, de autor desconhecido: António Pereira Ravasco (?), final do século XVII

“*Milagre do recém-nascido*” inv. 80

“*Milagre do coração do avarento*” inv. 81

“*Santo António com o Menino*” inv. 83

“*Milagre da mula*” inv. 84

"Milagre de Santo António" inv. 85

Foram efectuados trabalhos de: Restauro e colagem sobre aglomerado de madeira pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- Na Capela da Nossa Senhora da Piedade a seguinte pintura:

"Nossa Senhora das Dores" óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 77

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, restauro, re-entelagem e grade nova pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- No Altar-Mor - Uma série de sete pinturas representando as épocas litúrgicas num sistema de rotação:

"Circuncisão" óleo sobre tela, de autor desconhecido (atribuído a Amaro do Vale), cerca de 1620, inv. 244

"Calvário" óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. de 1680, inv. 245

"Assunção da Virgem" óleo sobre tela, de autor desconhecido, C. de 1630, inv. 248

"Pentecostes" óleo sobre tela, de autor desconhecido, C. de 1630, inv. 247

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, restauro, dupla re-entelagem e nova grade pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

"Ressurreição" óleo sobre tela, de autor desconhecido, C. 1630, inv. 246

Foram efectuados trabalhos de transposição.

"Adoração dos Pastores" óleo sobre tela, de autor desconhecido, C. 1620, inv. 243

"Anunciação" óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. 1680, inv. 242

Nestas duas pinturas foram efectuados trabalhos de: Limpeza, re-entelagem, nova grade e reconstituição pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

No Altar da Anunciação:

"Anunciação" óleo sobre madeira, de Gaspar Dias, C. 1580, inv. 65

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, planificação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Na Capela do Santíssimo:

“*Nossa Senhora da Conceição*” óleo sobre tela, de Manuel José Gonçalves (?), séc. XVIII, inv. 64

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Na Capela de S. Roque:

“*Aparição do Anjo a S. Roque*” óleo sobre madeira, de Gaspar Dias, C. 1584, inv. 63

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, restauro e fixação sobre contraplacado de masonite pelo Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Morte de S. Roque*” óleo sobre madeira, de Gaspar Dias, C. 1584, inv. 251

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, restauro, re-entelagem e grade nova pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Na Capela de S. Francisco Xavier:

“*São Francisco Xavier despedindo-se de D. João III*” óleo sobre tela, de José de Avelar Rebelo, C. 1640, inv. 62

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini em 1958-62. Restaurado por Arte e Restauro em 1997.

“*Apresentação de S. Francisco Xavier ao Papa Paulo III*” óleo sobre tela, de José de Avelar Rebelo, C. 1640, inv. 61

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Na Sacristia foram realizados trabalhos de conservação e restauro nas seguintes pinturas:

- Série de vinte pinturas tendo como tema cenas da vida de S. Francisco Xavier, óleo sobre tela, situada junto aos arcazes:

- “O Papa Paulo III recebe S. Francisco Xavier” de André Reinoso, C. 1619, inv. 92
- “S. Francisco Xavier assiste os moribundos em Veneza” de André Reinoso, C. 1619, inv. 93
- “S. Francisco Xavier despedindo-se de D. João III” de André Reinoso, C. 1622, inv. 94
- “S. Francisco Xavier curando um enfermo em Goa” de André Reinoso, C. 1619, inv. 95
- “Pregação de S. Francisco Xavier” de André Reinoso, C. 1619, inv. 96
- “S. Francisco Xavier instituindo a Cruz no Oriente” de André Reinoso, C. 1622, inv. 97
- “S. Francisco Xavier Ressuscitando um Chefe de Casta No Ceilão” de André Reinoso, de 1619, inv. 98
- “Francisco Xavier celebrando o Culto na Igreja de S. Paulo de Goa” de André Reinoso, de 1619, inv. 99
- “S. Francisco Xavier dulcificando a água do mar” de André Reinoso, de 1619, inv. 100
- “Tentação de S. Francisco Xavier” de André Reinoso, de 1619, inv. 101
- “S. Francisco Xavier abençoando os soldados portugueses antes da batalha naval” de André Reinoso, de 1619, inv. 102
- “São Francisco Xavier evitando o naufrágio da nau de Diogo Gomes” de André Reinoso, de 1619, inv. 103
- “S. Francisco Xavier e o Milagre do Caranguejo” de André Reinoso, de 1619, inv. 104
- “S. Francisco Xavier repelindo pela oração os invasores de Comorim” de André Reinoso, de 1619, inv. 105
- “Viagem de S. Francisco Xavier para Cogoxima”, Colaborador de André Reinoso, de 1619, inv. 106
- “S. Francisco Xavier pregando na corte do príncipe de Yamaguchi” de André Reinoso e Colaborador, de 1619, inv. 107
- “S. Francisco Xavier curando um enfermo no Japão” de André Reinoso, de 1619, inv. 108
- “Naufrágio do Navio de S. Francisco Xavier na Viagem para a China” de André Reinoso, de 1619, inv. 109
- “Morte de S. Francisco Xavier” de André Reinoso, de 1619, inv. 110
- “Recepção do corpo de S. Francisco Xavier na Igreja de S. Paulo em Goa”, Colaborador de André Reinoso, de 1619, inv. 111

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, nova grade e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- Série medianeira, constituída por dezasseis pinturas tendo como tema cenas da Paixão de Cristo, a óleo sobre tela, de André Gonçalves, de 1761:

"*Ecce Homo*" inv. 113
"Ecce Homo" inv. 114
"Anjo com lança e esponja de vinagre" inv. 115
"Cristo a Caminho do Calvário" inv. 116
"Anjo com os cravos da Crucificação" inv. 117
"Deposição no Túmulo" inv. 118
"Anjo com um coração trespassado" inv. 119
"Nossa Senhora das Dores" inv. 120
"Anjo com o Cálice" inv. 128
"Oração no Horto" inv. 129
"Anjo com as cordas" inv. 130
"Beijo de Judas" inv. 131
"Anjo com o açoite e o chicote" inv. 132
"Flagelação" inv. 133
"Anjo com a Cana e a Coroa de Espinhos" inv. 134
"Coroação de Espinhos" inv. 135

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, nova grade e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- Nas seguintes pinturas:

- "*Anunciação*", óleo sobre tela, de Miguel António do Amaral, segunda metade do séc. XVIII, inv. 122
- "*Regresso do Egipto*", óleo sobre tela, de João Gresbante, C. 1630-40, inv. 136
- "*Matança dos Inocentes*", óleo sobre tela, de João Gresbante, C. 1630-40, inv. 112
- "*Apresentação no Templo*", óleo sobre tela, de António de Oliveira Bernardes, C. 1690, inv. 121

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

- Série de 5 pinturas representando Cristo e os Apóstolos, a óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII :

- "*Cristo Abençoando*" inv. 123
- "*Um Apóstolo*" inv. 124
- "*S. Paulo*" inv. 125
- "*S. Francisco de Assis*" inv. 126

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini.

- Na última série, situada no friso superior, catorze pinturas tendo como tema cenas da vida de Santo Inácio de Loyola, a óleo sobre tela:

"Santo Inácio exorta os colegas da Universidade de Paris à Comunhão e Arrependimento do Doutor Diogo de Gouveia no castigo a St^o Inácio" de autor desconhecido, C. 1619, inv. 137

"Santo Inácio e os seus companheiros pedem ao Papa Paulo III a aprovação da Regra da Companhia de Jesus" de Domingos da Cunha, dito o Cabrinha, C. 1630, inv. 138

"Duas visões de Santo Inácio de Loyola" de Domingos da Cunha (?), C. 1619, inv. 139

"Aparição da Trindade a Santo Inácio num templo de Roma" de autor desconhecido, C. 1619, inv. 140

"Visão de Hosio em Glória por Santo Inácio ao dizer Missa" de autor desconhecido, C. 1619, inv. 141

"Santo Inácio desenganado pelos físicos" de Domingos da Cunha, dito o Cabrinha, C. 1630, inv. 142

"Santo Inácio em Barcelona" de autor desconhecido: Colaborador de Domingos da Cunha (?), C. 1630, inv. 143

"Aparição de S. Pedro a Santo Inácio de Loyola; Profissão de Santo Inácio; Aparição da Virgem a Santo Inácio" de autor desconhecido, C. 1619, inv. 144

"Quatro passagens da vida de Santo Inácio de Loyola" de autor desconhecido, C. 1619, inv. 145

"Quatro passagens da vida de Santo Inácio de Loyola" de Domingos da Cunha, dito o Cabrinha, C. 1630, inv. 146

"Visão de Santo Inácio de Loyola no Monte Olivete" de Domingos da Cunha, dito o Cabrinha, C. 1630, inv. 147

“*Santo Inácio em Veneza dormindo sob as arcadas de S. Marcos*” de Domingos da Cunha, dito o Cabrinha, C. 1630, inv. 148

“*Santo Inácio mergulha nas águas geladas como exemplo de Castidade*” de autor desconhecido, C. 1619, inv. 149

“*Enterro de Santo Inácio*” de autor desconhecido, C. 1619, inv. 150

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Restausos do Mobiliário da Sacristia e da Igreja de S. Roque³

Arcaz da Sacristia da Igreja de S. Roque, em madeiras exóticas com embutidos em marfim, cerca de 1600.

Trabalhos efectuados: Levantamento do rodapé - limpeza e recolocação (colagem), preenchimento de faltas com madeira da mesma espécie e época e também com fragmentos de marfim, nivelamento de superfícies, encerramento. Este trabalho foi realizado pelo marceneiro do Museu entre 1992 e 1995.

Balaustrada da Capela da Sagrada Família da Igreja de S. Roque em Pau Santo, século XVII.

Trabalhos efectuados: Consolidação de fragmentos destacados, encerramento. Este trabalho foi realizado pelo marceneiro do Museu entre 1992 e 1995.

Descrição dos trabalhos de conservação e restauro do Museu de S. Roque⁴

No Museu foram realizados trabalhos de conservação e restauro nas seguintes pinturas:

- “*Madona del Populo*” óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 127

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

³ Catálogo *Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa 1992-1995*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

⁴ Maria João Madeira Rodrigues, *Memória descritiva do restauro das pinturas existentes na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, (caderno de registos dactilografado), Arquivo do Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1963, pp. 31-36.

Pintura representando Jesus entre Mártires, óleo sobre tela.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini.

“Adoração do Cordeiro Místico pela corte Celestial” óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. 1683, inv. 197

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“Cristo em Glória rodeado de Santos” óleo sobre tela, de Fernão Gomes, C. 1590-1600, inv. 217

Foram efectuados trabalhos de: limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“Morte de S. Francisco Xavier” óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 19

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, remendo e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Pintura tendo como tema o Presépio, óleo sobre tela.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“Ascensão de Cristo” óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. 1690, inv. 212

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1959-62; Raúl Leite, 1998.

“Lava-pés” óleo sobre madeira, de Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão, C. 1600-1610, inv. 213.

Foram efectuados trabalhos de: Unificação das madeiras, planificação, grade geral, limpeza e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62; Arterestauro, 1993.

“*Adoração do Cordeiro Místico pelas Santas Virgens*” óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. 1683, inv. 198.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*A Virgem em Glória rodeada de Santas*” óleo sobre tela, de Diogo Teixeira, C. 1590-1600, inv. 214.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62; Arterestauro, 1993.

“*Santíssima Trindade*” óleo sobre tela, de autor desconhecido: Fernão Gomes (?), 1º quartel do séc. XVII, inv. 202.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Aparição de Cristo à Virgem*” óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. 1690, inv. 215.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62; Raúl Leite, 1998.

“*Calvário*” óleo sobre madeira, de autor desconhecido, 2ª metade do séc. XVI, inv. 219.

Foram efectuados trabalhos de: Planificação, limpeza, consolidação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62; Arterestauro, 1993.

“*A Morte da Virgem*” óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. 1690, inv. 59.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Série de cinco pinturas representando Santos:

“*São José*” óleo sobre tela, de André Gonçalves, C. 1760, inv. 26. (Sacristia)

“*S. Pedro*” óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 22 (Gabinete Adjunto dos Serviços de Assistência)

“*São Joaquim*” óleo sobre tela, de André Gonçalves, C. 1760, inv. 23. (Sacristia)

“*Santa Maria Madalena*” óleo sobre tela, de André Gonçalves, C. 1760, inv. 24. (Sacristia)

“*Santa Ana*” óleo sobre tela, de André Gonçalves, C. 1760, inv. 25. (Sacristia)

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Oração de Cristo no Horto*” óleo sobre madeira, de Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão, C. 1610, inv. 218.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Pintura representando Cristo, a Virgem e S. João, óleo sobre tela.

Foram efectuados trabalhos de: Planificação; Levantamento de uma pintura sobreposta, posterior, pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Martírio de Santa Catarina*” óleo sobre tela, de Franz Francken II, 1ª metade do séc. XVII, inv. 221.

Foram efectuados trabalhos de: Transposição do antigo suporte de cobre para tela, restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Martírio de Santo André*” óleo sobre tela, de Franz Francken II, 1ª metade do séc. XVII, inv. 27.

Foram efectuados trabalhos de: Transposição do antigo suporte de cobre para tela, restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Adoração dos Reis*” óleo sobre madeira, autor desconhecido (Círculo de Gaspar Dias), C. 1570, inv. 57.

Foram efectuados trabalhos de: Planificação, engradado, limpeza e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Assunção da Virgem*” óleo sobre tela, de Bento Coelho da Silveira, C. 1690, inv. 58.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza, consolidação, re-entelagem, grade nova e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Pintura representando o Milagre de Stº António, óleo sobre cobre.

Foram efectuados trabalhos de: Consolidação, limpeza e restauro pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

“*Bandeira dos Condenados*” óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 185.

“*Bandeira dos Condenados*” óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 186.

“*Bandeira dos Condenados*” óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 187.

“*Bandeira dos Condenados*” óleo sobre tela, de autor desconhecido, séc. XVIII, inv. 188.

Foram efectuados trabalhos de: Limpeza e consolidação pelo técnico Marino Guandalini, em 1958-62.

Restauro das peças escultóricas⁵

“*S. João Evangelista*” em Liós policromado, tendo como atributo passagens das Escrituras em forma de “folha escrita”, Portugal, meados do século XVI, inv. nº 52

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque (Fundo Jesuítico)

Trabalhos efectuados: Limpeza geral da peça, integração com massa e cromatismo da zona em falta visível (lado direito, ao fundo do manto), integração parcial da cor na orla do manto – pela firma “Arterestauo - Pintura e Escultura Lda”, em 1993.

“*S. Joaquim*” em terracota policromada e dourada, Portugal, cerca de 1700, inv. nº 54

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque

Trabalhos efectuados: Após uma fase inicial de restauro e examinação da peça, foi detectada uma camada significativa de policromia sobre folha de ouro original da escultura do século XVIII, ricamente ornamentada ao nível das roupagens com técnica de punção e “esgrafite”, subjacente à repolicromia integral executada provavelmente no século XIX. A partir desta pesquisa, confirmou-se que esta peça terá integrado um dos nichos laterais da Capela da Senhora da Doutrina. Uma vez aprovado o desenvolvimento desta particular intervenção, foram realizados os seguintes trabalhos:

- Fixação da policromia pontual com PVA diluída

⁵ Catálogo *Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa – 1992-1995*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

- Colagem dos elementos destacados com cola de silicone
 - Remoção dos elementos de madeira do reverso da peça que foram aplicados num restauro antigo
 - Levantamento de uma camada de repinte, executado em duas fases:
 - 1ª Com decapante, para remover a camada de policromia até à preparação
 - 2ª Mecanicamente, com o auxílio da saliva, para remoção da preparação
 - Fixação da camada a descoberto com cera de abelha, rezina damar e white spirit
 - Limpeza da camada a descoberto
 - Preenchimento de lacunas no suporte, nas uniões das fracturas, com cola de silicone e pó de terracota
 - Integração de lacunas que perturbem a leitura do conjunto, com aguarela
- Camada de protecção – pela firma “Arterestauro – Pintura e Escultura Lda”, em 1993.

“*Santa Ana*” em terracota policromada e dourada tendo como atributo uma bíblia,
Portugal, cerca de 1700, inv. nº 55

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque

Trabalhos efectuados: Após uma fase inicial de restauro e examinação da peça, foi detectada uma camada significativa de policromia sobre folha de ouro original da escultura do século XVIII, ricamente ornamentada ao nível das roupagens com técnica de punção e “esgrafite”, subjacente à repolicromia integral executada provavelmente no século XIX. A partir desta pesquisa, confirmou-se que esta peça terá integrado um dos nichos laterais da Capela da Senhora da Doutrina. Uma vez aprovado o desenvolvimento desta particular intervenção, foram realizados os seguintes trabalhos:

- Fixação da policromia pontual com PVA diluída
- Colagem dos elementos destacados com cola de silicone
- Remoção dos elementos de madeira do reverso da peça que foram aplicados num restauro antigo
- Levantamento de uma camada de repinte, executado em duas fases:
 - 1ª Com decapante, para remover a camada de policromia até à preparação
 - 2ª Mecanicamente, com o auxílio da saliva, para remoção da preparação
- Fixação da camada a descoberto com cera de abelha, rezina damar e white spirit
- Limpeza da camada a descoberto
- Preenchimento de lacunas no suporte, nas uniões das fracturas, com cola de silicone e pó de terracota

- Integração de lacunas que perturbem a leitura do conjunto, com aguarela

Camada de protecção – pela firma “Arterestauro – Pintura e Escultura Lda”, em 1993.

“*Virgem com o Menino*” em terracota dourada e policromada, tendo como atributo Menino ao colo, Portugal, século XVIII, inv. nº 72

Procedência: Fundo Jesuítico

Trabalhos efectuados: Limpeza da superfície policroma, remoção da camada de verniz, levantamento da camada de repinte da base, fixação das camadas de policromia, integração pontual de lacunas com aguarela – por Alexandrina Barreiro e Belmira Maduro, em 1995.

“*Nossa Senhora da Piedade*” em madeira de carvalho estofada e policromada, tendo como atributo Cristo morto sobre o regaço, Portugal, século XVII, inv. nº 78

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque (Fundo Jesuítico)

Trabalhos efectuados: Restauro pelo Instituto José de Figueiredo de 1987 a 1991

“*S. Estanislau Kostka*” em madeira policromada e dourada, tendo como atributo Menino ao colo, Portugal, primeira metade do século XVII, inv. nº 83

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque (Fundo Jesuítico)

Trabalhos efectuados: Restauro por Belmira Maduro e Alexandrina Barreiro, em 1997.

“*S. Miguel Arcanjo*” em madeira policromada e dourada, teria como atributo uma balança (falta), Portugal, século XVIII, inv. nº 85

Procedência: Capela de Santo António (Fundo Jesuítico)

Trabalhos efectuados: Restauro por Belmira Maduro e Alexandrina Barreiro, em 1997.

“*Cristo Salvador do Mundo*” em madeira estofada e policromada, tendo como atributos orifícios nas mãos e pés com pintura sugerindo sangue, Portugal, primeira metade do século XVII, inv. nº 90

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque (Fundo Jesuítico)

Trabalhos efectuados: Restauro por Belmira Maduro e Alexandrina Barreiro, em 1997.

“*Cristo morto*” em madeira policromada, Portugal, final do século XVI, início do século XVII, inv. n° 91

Procedência: Igreja de S. Roque

Trabalhos efectuados: Restauro entre 1992 e 1995. Restauro por Belmira Maduro e Alexandrina Barreiro, em 1997.

“*Santo Agostinho de Hipona*” em madeira estofada e policromada, tendo como atributos Mitra e Livro, Portugal, século XVIII, inv. n° 95

Procedência: Igreja de S. Roque

Trabalhos efectuados: Conservação e restauro.

“*Menino Jesus Caminheiro*” em madeira policromada e dourada, estofagem parcial, tendo como atributos sacola e largo chapéu, Portugal, século XVIII, inv. n° 97

Procedência: Igreja de S. Roque

Trabalhos efectuados: Restauro por Belmira Maduro e Alexandrina Barreiro, em 1997.

“*S. Francisco Xavier*” em madeira (de noqueira) lacada, teria como atributo um crucifixo (desapareceu em 1992), Japão, cerca de 1600, inv. n° 92

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque (Fundo Jesuítico)

Trabalhos efectuados: Limpeza da superfície policroma, remoção da camada de goma-laca e dos repintes parciais, fixação da camada de policromia e folha de ouro, limpeza de madeiras nas zonas de lacunas, preenchimento de algumas fendas e faltas de suporte com pasta de madeira, integração pontual das lacunas com aguarela tendo-se aplicado folha de ouro no punho esquerdo da túnica.

Nota: Foi efectuado o espectro de uma amostra de policromia com o F. T. I. R., tendo-se concluído que não se trata de uma laca, mas sim de uma policromia sobre folha de ouro à qual foi aplicada uma camada de goma-laca – por Alexandrina Barreiro e Belmira Maduro, em 1994.

“*Santo Inácio de Loyola*” em madeira (de noqueira) lacada, teria como atributo o Livro da Regra (falta), Japão, cerca de 1600, inv. n° 93

Procedência: Igreja e Casa Professa de S. Roque (Fundo Jesuítico)

Trabalhos efectuados: Limpeza da superfície policroma, remoção da camada de goma-laca, fixação da camada de policromia e folha de ouro, limpeza de madeiras nas zonas de lacunas,

preenchimento de algumas faltas de suporte com pasta de madeira, integração pontual das lacunas com aguarela, fixação da mão direita com um espigão em madeira.

Nota: Foi efectuado o espectro de uma amostra de policromia com o F. T. I. R. A amostra vista ao microscópio não tem a estrutura de uma laca, mas feita a correlação entre o espectro desta e de várias amostras padrão, havia uma grande aproximação à da goma-laca, mas também não se afastava do padrão T Japão.

Pode levantar-se a hipótese de ser uma mistura de laca de origem vegetal, tipo T Japão e goma-laca de origem animal, sendo esta de maior percentagem, não sendo de modo algum uma laca – por Alexandrina Barreiro e Belmira Maduro, em 1994.

Restauros de Ourivesaria⁶

Coroa da imagem de Nossa Senhora da Doutrina em prata, Portugal, século XVII, inv. n.º 176.

Proveniência: Capela Nossa Senhora da Doutrina, Igreja de S. Roque.

Trabalhos efectuados: Remoção das soldas de estanho, restituição dos fragmentos em falta. Este trabalho foi realizado por Américo Barreto entre 1992 e 1995.

Galhetas e Salva em prata dourada, de António Gigli, Roma, 1742-1747, inv. n.º Mpr 11.

Proveniência: Coleção da Capela de S. João Baptista, Museu de S. Roque.

Trabalhos efectuados: Confecção e aplicação de novas charneiras e respectivas cavilhas em prata, em ambas as peças, soldadura em prata do pé de uma das galhetas, ambas as peças foram submetidas a banho de ouro. Este trabalho foi realizado por Américo Barreto entre 1992 e 1995.

Presépio – Oratório em bronze dourado e prata, Portugal, 1615, inv. n.º 48.

Proveniência: Altar das Santas Virgens, Igreja de S. Roque.

Trabalhos efectuados: Desmontagem de todos os elementos da maquina e do presépio, limpeza de toda a superfície, remoção da camada de verniz, limpeza das oxidações da prata e do bronze por via mecânica e química, limpeza da madeira da estrutura do fundo da

⁶ Catálogo *Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa 1992-1995*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

maquineta, montagem de todo o conjunto, rectificação pontual da limpeza, não foi aplicada nenhuma protecção na superfície dos metais. Este trabalho foi realizado por Alexandrina Barreiro e Belmira Maduro entre 1992 e 1995.

Além das obras mencionadas, foram ainda submetidas a trabalhos de conservação e restauro, entre 1992 e 1995, as seguintes peças de ourivesaria:

- *Banqueta da Misericórdia de Lisboa*, prata branca, finais do século XVIII
- 3 *Sacras*, nº de inv. M 36, 37 e 38
- 6 *Palmitos*, nº inv. M 44 a M 49
- 6 *Castiçais*, nº inv. M 50 a M 55
- Cruz de Altar*, nº inv. M 56

- *Salva*, prata branca, século XVII/XVIII, nº inv. M 222
- *Gomil*, prata branca, século XVII/XVIII, nº inv. M 223
- *Bacia lava pés*, prata branca, 2ª metade do século XVII, nº inv. M 218
- *Salva*, prata branca, último quartel do século XVII, nº inv. M 219
- *Salva*, prata branca, cerca de 1720, nº inv. M 220
- *Salva*, prata branca, século XVII, nº inv. M 224
- *Salva*, prata branca, século XVII, nº inv. M 225
- *Nossa Senhora com o Menino*, prata dourada e prata branca, século XVI, nº inv. M 215
- *Concha baptismal*, prata branca, século XVIII, nº inv. M 226
- *Bastão de Provedor*, prata branca, século XVII, nº inv. M 216
- *Cálice*, prata branca, 1606, nº inv. 4
- *Lampadários da Capela do Santíssimo*, prata branca, 1877, nº inv. 266, 267 e 268
- *Lampadários do Altar-Mor da Igreja*, prata branca, 1877, nº inv. 261 e 262

Conservação e Restauro de Documentos⁷

Bula "Julius Antonius", enviada a D. Jorge de Almeida, Bispo de Lisboa, pergaminho iluminado a têmpera e ouro com caracteres a sépia, Roma, 1583, inv. nº II 168

Proveniência: Irmandade de S. Roque

Trabalhos efectuados: Limpeza superficial, consolidação de rasgões e lacunas com pergaminho e cola neutral PH- Lineco, planificação com ligeira pressão após humidificação (álcool 70%, água 30%), montagem em passepartout de cartão acid-free. Este trabalho foi realizado pelo Atelier de Restauro do Jardim das Amoreiras entre 1992 e 1995.

Compromisso impresso da Misericórdia de Lisboa, encadernação em marroquim vermelho, com decoração a ouro, fechos e medalhões em prata fundida, Pedro Craesbeeck, Lisboa, 1619.

Proveniência: Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa, cota L A XVII 0689.

Trabalhos efectuados: Limpeza do papel com borracha macia

Lavagem com água de cal folha a folha sobre papel, absorvendo as impurezas Secagem com secador de cabelo,

Levantamento dos remendos e pasta vermelha por via húmida e com bisturi

As zonas mais frágeis foram reforçadas com papel japonês muito fino e tylose

Preenchimento das faltas com papel japonês, polpa de papel e tylose

Os rasgões da encadernação foram reparados com pele nova, tingida com anilina e cola de amido

A parte desaparecida dos fechos foi substituída por peças feitas em prata de lei

Confecção de um estojo em material alcalino para guarda e protecção do livro

Este trabalho foi realizado por Maria José Passanha e Marcos Blanch Dinis entre 1992 e 1995.

Autêntica das Relíquias de Santa Úrsula com selo pendente, documento em pergaminho a tinta ferrogálica, Colónia, 1579.

Proveniência: Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa, Proc. R. nº 7

Trabalhos efectuados: Limpeza do selo

⁷ Catálogo *Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa 1992-1995*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

As fracturas do selo foram soldadas com arame fino e as faltas preenchidas com cera e cerca de 20% de resina

O pergaminho foi limpo a seco com borracha e bisturi

Segunda fase de limpeza por via húmida (remoção de tinta vermelha e sujidades), usando uma mistura de álcool e água de cal a 85:15

Planificação do documento entre películas de polietileno fino sobre uma placa de madeira termolaminada

Secagem entre folhas de papel absorvente

Fixação do documento com tiras de acetato de celulose numa placa de cartão alcalino, com "janela" para encaixar o estojo de vidro acrílico confeccionado para protecção do selo. Este trabalho foi realizado por Maria José Passanha e Marcos Blanch Dinis entre 1992 e 1995.

Carta de Rudolpho Segundo autenticando as Sagradas Relíquias de D. João de Borja, documento em pergaminho a ouro e tinta ferrogálica, Praga, 1580.

Proveniência: Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa, Proc. R. nº 12.

Trabalhos efectuados: Limpeza do selo por via húmida

Consolidação da zona de cera fragilizada com espátula quente

Limpeza e enceramento da caixa

Limpeza, colagem parcial e enceramento da caixa

Limpeza do pergaminho com borracha e com cotonetes embebidas em álcool e água de cal a 4:1

Lavagem e planificação entre folhas de polietileno fino sobre uma placa de madeira

Secagem na prensa entre folhas de papel absorvente

Fixação do documento com tiras de acetato de celulose em pasta de material alcalino

Confeção de estojo de vidro acrílico para o selo

Confeção de uma caixa em material alcalino para protecção do documento.

Este trabalho foi realizado por Maria José Passanha e Marcos Blanch Dinis entre 1992 e 1995.

Breviarium Bracarense, encadernação a marroquim vermelho, Braga, 1748.

Proveniência: Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa.

Trabalhos efectuados: Conservação e restauro entre 1992 e 1995.

Além das obras mencionadas, foram ainda submetidos a trabalhos de conservação e restauro entre 1992 e 1995, os seguintes documentos e livros:

Compromisso da Misericórdia de Lisboa, impresso em 1516.

Compromisso da Misericórdia de Lisboa, manuscrito de 1502.

Breve beatificação de S. Francisco Xavier, documento em papel, 1621.

Breve beatificação de Santo Inácio de Loyola, documento em papel, 1609.

Testemunho de relíquia, documento em papel, 1568.

Testemunho de relíquia, documento em papel, 1615.

Carta de S. Francisco de Borja, documento em papel, 1560.

Doação da Ermida e Adro de S. Roque, documento em papel, 1553.

Testemunho de relíquias, documento em pergaminho, 1587.

Testemunho de relíquias, documento em papel, 1580.

Testemunho de relíquias, documento em papel, 1611.

Testemunho de relíquias, documento em papel, 1581.

Testemunho de relíquias, documento em papel, 1608.

Conservação e Restauro de Têxteis⁸

Frontal de Altar em lhama de seda branca e fio prateado, cercadura em seda carmim, bordado de aplicação e bordado directo com fio laminado prateado e dourado e sedas policromas, Portugal, século XVII, nº inv. MT 202.

Proveniência: Igreja de S. Roque

Trabalhos efectuados: Limpeza por via húmida, remoção manual de diversas impurezas, levantamento de restauros anteriores indevidamente realizados, remoção de materiais mal integrados na peça, consolidação de zonas em fase de desagregação através de pontos de agulha com fio de seda natural, cola de origem natural ou protecção com tule cor crua, fixação de franjas e galões. Este trabalho foi realizado por Beatriz Lemos da Silva entre 1992 e 1995.

⁸ Catálogo *Conservação e Restauro do Património Cultural da Misericórdia de Lisboa 1992-1995*, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1995.

Nanípulo do Paramento Oriental, tapete lavrado a sedas policromas e fio laminado de papel dourado, China, século XVII, nº inv. MT 142.

Proveniência: Igreja de S. Roque

Trabalhos efectuados: Levantamento de restauros anteriores e fixação da teia nessas áreas de tecido, fixação das fibras em fase de desagregação com pontos de agulha e fio de seda natural, consolidação do galão, fixação dos fios laminados do papel dourado com cola de origem natural (PVA – DMC 2). Este trabalho foi realizado por Beatriz Lemos da Silva entre 1992 e 1995.

Além das peças mencionadas, foram ainda submetidas a trabalhos de conservação e restauro, entre 1992 e 1995, os seguintes têxteis:

Paramento Oriental, tapete lavrado a sedas policromas e fio laminado de papel dourado, segunda metade do século XVII

Dalmáticas, nº inv. MT 135 e MT 136

Casula, nº inv. MT 137

Véu de Cálice, nº inv. MT 138

Bolsa de Corporais, nº inv. MT 139

Estolas, nº inv. MT 140 e MT 141

Manípulos, nº inv. MT 143 e MT 144

Frontais de Altar bordados a ouro e seda, século XVII, nº inv. MT 192 a MT 201

Tapeçaria Flamengo, século XVII, nº inv. MT 228

Trabalhos efectuados na Igreja de S. Roque:

O programa de renovação de S. Roque⁹ levado a cabo nos anos 80, procurou reduzir os aspectos da intervenção, verificando-se acções de salvaguarda, que permitem desta forma, recuperações pontuais como a que teve lugar na Capela de S. João Baptista.

Trabalhos de beneficiação da Capela de S. João Baptista:

- Limpeza e tratamento de pedras
- Consolidação de partes metálicas
- Reestruturação, consolidação e pequeno restauro do painel de madeira que reveste o pavimento junto ao altar.

Da mesma forma se processou o tratamento das capelas de talha.

Intervenções efectuadas no corpo da Igreja:

- Consolidar e manter a resistência estrutural do edifício.
- Libertar algumas áreas de construções casuais cuja utilidade cessou.

Assim, as tribunas foram libertas de portadas de vidro oitocentistas, sem qualquer valor histórico ou estético, que haviam sido colocadas para impedir a circulação de ar nas galerias superiores.

- Retiradas camadas cromáticas acumuladas em alguns madeiramentos, sondados os revestimentos de paredes, que foram consolidadas e acabadas seguindo sempre o processo de construção tradicional.
- Nas áreas de acesso aos pisos superiores foram tratadas as duas escadas helicoidais, tendo sido a de madeira reintegrada na sua expressão original pelo levantamento de camadas de tintas de óleo, aplicadas sucessivamente, e em que se conseguiu detectar quatro camadas distintas.
- A área da escada helicoidal, em pedra, que constitui o primeiro acesso à torre da Igreja, sofreu uma intervenção mais profunda, pois foi aberto o acesso, entre a referida escada e a sala dos pesos do relógio, onde existia uma passagem obstruída, onde foram encontrados fragmentos de azulejo e pedras lavradas.
- As cantarias foram limpas e as alvenarias consolidadas tendo-se aplicado um acabamento simples.

⁹ Maria João Madeira Rodrigues, *Arquitectura - Igreja e Casa Professa de São Roque*, Cadernos de Conservação I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988, p. 32.

- Recuperou-se a área entre as duas escadas, que em pisos sucessivos, constituíam zonas de suporte ao culto. Estas salas foram restituídas a uma expressão original, com a reconstrução parcial de alguns tectos, tratamento de madeiramentos e consolidações.
- Na zona que abrange a área lúdica dos padres da Companhia de Jesus, situada no enquadramento dos dois torrões posteriores da cabeceira da Igreja e sobre a Capela-Mor, foram demolidos depósitos e cisternas.

Relação dos trabalhos de recuperação efectuados¹⁰

- Tratamento completo das galerias e tribunas laterais. Remoção das camadas cromáticas que revestiam as cantarias, aplicadas desde o século XIX, e consolidação das mesmas.
- Recuperação das escadas de acesso à torre, sala de pesos do relógio e salas anexas.
- Substituição do madeiramento do pavimento do corpo da Igreja.
- Limpeza e tratamento de pedras; consolidação de partes metálicas da Capela de S. João Baptista.
- Limpeza e restituição das capelas laterais da Igreja.
- Demolição de depósitos e cisternas que obstruíam a área lúdica dos padres da Companhia.
- Ampliação do Sector II do Museu. Demolição de tabiques, libertação e nivelamento das arcarias.
- Reabertura e limpeza da cripta de D. João de Borja.

Os trabalhos de limpeza e consolidação da Capela de S. João Baptista, incluídos no plano de conservação, foram efectuados pelo Museu e realizados por um colaborador permanente do Serviço.

A restituição das capelas da Igreja obedece a um calendário hierarquizado tendo sido consolidadas e beneficiadas as Capelas de Santo António e Sagrada Família. Trabalho realizado pelo Atelier Henrique de Sousa que também trabalhou na conservação dos frescos da Sacristia.

¹⁰ Maria João Madeira Rodrigues, *Arquitectura - Igreja e Casa Professa de São Roque*, Cadernos de Conservação I, Museu de S. Roque, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Lisboa, 1988, p. 34.

Os trabalhos de conservação e construção civil relativos às galerias, cripta, tratamento das escadarias e demolição da cisterna e depósitos oitocentistas, assim como as demolições e nivelamentos do sector de ampliação do Museu foram realizados pela firma António da Costa Saraiva, que desde 1980 tem sido colaborador nos programas levados a efeito.

Projecto de consolidação, recuperação e restauro da Igreja de S. Roque

Estruturas – Designação dos Trabalhos¹¹

1 – Prospecções

1. 1. – Abertura de poços de inspecção, junto à fachada principal e fachada lateral poente, para observação das fundações destas paredes, incluindo remoção cuidada dos revestimentos e a sua posterior recolocação.

2. – Trabalhos Preparatórios

1. 1. – Remoção de revestimentos nas zonas de execução das microestacas, em condições de fazer a sua reposição, incluindo o transporte a vazadouro dos materiais não reutilizáveis.

2. 1. 1. – Zonas da nave

2. 1. 2. – Zonas das capelas

2. 1. 3. – Zonas exterior de cantarias na entrada.

2. 1. 4. – Passeios.

2. 2. – Escavação, incluindo as entivações necessárias e o transporte a vazadouro dos materiais não reutilizáveis.

2. 3. – Remoção de escada de acesso ao 1º andar (Museu), incluindo fornecimento e montagem de escada provisória.

3 – Reforço de Fundações com Microestacas

2. 1. – Fornecimento e execução das microestacas com as características indicadas no projecto, na Memória Descritiva e no Caderno de Encargos, incluindo todos os materiais e trabalhos (comprimento estimado para as microestacas = 7 m).

3. 2. – Execução de encabeçamento das microestacas, incluindo escavações, betão, cofragens e armaduras, e todos os materiais e trabalhos, de acordo com o projecto, a Memória Descritiva e o Caderno de Encargos.

4 – Recalçamento de Fundações (nos casos em que não possam ser executadas microestacas)

¹¹ Projecto de Consolidação, Recuperação e Restauro da Igreja de S. Roque em Lisboa – Mapa de Quantidades – Estruturas e Arquitectura, 1998.

4. 1. – Remoção de revestimentos, incluindo a colocação cuidada dos materiais retirados em depósito, tendo em vista a sua posterior reposição.
4. 2. – Escavação, incluindo entivação e o transporte a vazadouro dos materiais não reutilizáveis.
4. 3. – Escoramento de paredes.
4. 4. – Recalçamento com betão ciclópico.
4. 5. – Reposição de terras (sem considerar o empolamento).
4. 6. – Reposição de revestimentos.

5 – Trabalhos Finais

5. 1. – Reposição de terras e sua compactação nas zonas de execução das microestacas.
5. 2. – Reposição de revestimentos nas zonas de execução das microestacas onde estes foram previamente retirados.
 5. 2. 1. – Zonas da nave.
 5. 2. 2. – Zona das capelas.
 5. 2. 3. – Zona exterior de cantaria na entrada.
 5. 2. 4. – Passeios.

6 – Trabalhos Complementares

6. 1. – Protecção de pavimentos, paredes e altares em relação ao efeito das poeiras.
6. 2. – Desmonte de altares e sua posterior recolocação.
6. 3. – Reconstrução de escada de acesso ao 1º andar (Museu), incluindo desmontagem da escada provisória.

7 – Reforço de Travamentos de Paredes

7. 1. – Furação de parede de fachada, após o corte da pedra, com a geometria definida no Projecto, e do troço inicial da empena.
7. 2. – Fornecimento e aplicação de tirantes de aço inox.
7. 3. – Fornecimento e aplicação de placas de ancoragem.
7. 4. – Aplicação de tensão nos tirantes por roscagem dos mesmos.
7. 5. – Injecção das furações com argamassa ou calda pré-doseada, não retráctil.
7. 6. – Selagem das placas de ancoragem com alicação dos revestimentos das paredes(interior e exterior).

8 – Reparação de Cantarias Interiores

8. 1. – Remoção de pedras que apresentem grandes deslocamentos e posterior recolocação, incluindo gateamento com gatos de aço inox e selagem com argamassa.
8. 2. – Limpeza de juntas abertas entre as pedras das cimalthas interiores.
8. 3. – Injecção das juntas limpas com argamassa.
8. 4. – Remate das juntas injectadas com argamassa de cal, cimento, areia e pó de pedra.

9 – Trabalhos na Cobertura da Nave da Igreja

9. 1. – Fornecimento e aplicação de travamentos das asnas ao longo de todo o comprimento da cobertura, usando madeira de casquinha ou pitch-pine, incluindo ligações com peças metálicas.
9. 2. – Furação das paredes da fachada para aplicação de tirantes.
9. 3. – Fornecimento e aplicação de tirantes.
9. 4. – Fornecimento e aplicação de placas de ancoragem como referido em 7. 3.
9. 5. – Aplicação de tensão nos tirantes como referido em 7. 4.
9. 6. – Injecção das furações como referido em 7. 5.
9. 7. – Selagem das placas de ancoragem como referido em 7. 6.

10 – Trabalhos nas Coberturas da Zona das Capelas Laterais

10. 1. – Desmontagem das coberturas existentes.
10. 2. – Fornecimento e aplicação de novas estruturas da cobertura em madeira de pinho imunizada e estabilizada em autoclave.

11 – Outros Trabalhos

11. 1. – Remoção de gateamentos oxidados nos torreões e na torre.
11. 2. – Fornecimento e montagem de novos tirantes de aço inoxidável nos torreões e na torre, incluindo placas de ancoragem.
11. 3. – Tratamento imunizador das estruturas de madeira existentes.
11. 4. – Tratamento contra o fogo de toda a estrutura de madeira, usando vernizes, retardados ou tintas intumescentes.

Obras de Consolidação, Recuperação e Restauro da Igreja de S. Roque¹²

Memória Descritiva e Justificativa – Estruturas

A presente memória refere-se ao projecto de execução da reparação e consolidação estrutural da Igreja de S. Roque em Lisboa.

Esta fase do projecto culmina a intervenção iniciada com o estudo de diagnóstico acerca das condições de conservação e segurança da Igreja, o qual serviu de base para todo o trabalho e que, pela sua importância, se anexa esta memória.

Medidas a Adoptar

De acordo com o relatório referente ao estudo de diagnóstico, propôs-se um conjunto de medidas destinadas a garantir a reparação e reforço estrutural da Igreja de S. Roque em Lisboa.

As intervenções mais importantes que este projecto de estruturas contempla realizaram-se a 3 níveis:

- Ao nível das fundações (abordado em projecto específico).
- Travamentos a nível intermédio (procedeu-se à solidarização entre a parede da fachada e as paredes longitudinais da Igreja através da colocação de tirantes longos, executados através de furação por rotação. A este nível foi ainda efectuado o refechamento de juntas, a injeção de fendas e a remoção e reposição de pedras de cantaria deslocadas da sua posição).
- Travamento da Estrutura de Cobertura (a estrutura existente não era estável por falta de travamento adequado, por isso, propõe-se a execução de travamentos em Cruz de Santo André, de madeira, fazendo-se a ligação ao existente através de peças metálicas. Aproveitou-se para fazer a fixação desta estrutura de travamento ao tímpano superior da parede da fachada principal através de tirantes curtos de aço inox).
- Reparação dos Travamentos dos Torreões e da Torre (os tirantes de aço que travam estas paredes estavam fortemente corroidos implicando que se fizesse a sua substituição por novos tirantes de aço inox).
- Reparação das Estruturas de Cobertura Secundárias (são zonas como as dos torreões e respectiva galeria que impuseram a substituição/reparação das estruturas de madeira).

¹² Caderno de Obras de Consolidação, Recuperação e Restauro da Igreja de S. Roque - Memória Descritiva e Justificativa – Estruturas, 1998.

- Reforço da Segurança Passiva contra Riscos de Incêndio

A grande fragilidade da Igreja em relação ao risco de incêndio mede-se em boa parte pela existência de estruturas e revestimentos em madeira sem qualquer protecção.

Incluiu-se neste projecto estrutural o tratamento de todas as peças de madeira, em princípio à custa de revestimentos com pinturas intumescentes. Estruturas à vista poderão ser apenas protegidas com vernizes retardadores, que não alteram o aspecto da madeira, desde que nessas zonas sejam reforçadas as medidas de protecção activa.

O tratamento da madeira contra o fogo foi precedido de um tratamento imunizador das estruturas de madeira de modo a garantir a durabilidade destes elementos em relação ao ataque de fungos e insectos.

- Análise Estrutural e Dimensionamento

Neste projecto optou-se pela adopção de medidas destinadas a eliminar causas de anomalias e a estabilizar fenómenos cujo agravamento pode pôr em causa a segurança do edifício a curto e médio prazo.

Optou-se também por não recorrer a análises sofisticadas, por exemplo de avaliação global do comportamento do edifício porque, nas condições em que se encontrava, com elementos profundamente afectados por assentamentos e fendas, qualquer análise complexa estaria sujeita a grandes erros, não permitindo sequer entender o comportamento estrutural do edifício.

- Materiais

Os materiais utilizados foram o aço Fe 360 (ou 430) em perfilados e chapas e o aço A 400 NR em varões roscados.

A madeira foi de pinho (dito cerne) ou de casquinha de 1ª qualidade e com resistência à flexão mínima de 10N/mm.

Conservação e Restauro Azulejar do Baixo-Coro da Igreja de S. Roque

Em 1998, foram efectuados trabalhos de tratamento e conservação de todos os painéis azulejares do Baixo-Coro e laterais do mesmo da Igreja, mencionando abaixo a descrição dos referidos trabalhos¹³.

Descrição dos Trabalhos

- Registo gráfico e fotográfico antes, durante e após o tratamento.
- Limpeza superficial dos vidrados e dos contornos.
- Remoção das argamassas fendilhadas.
- Limpeza das argamassas velhas.
- Recolha de amostras para análise de sais e de fungos.
- Aplicação de um pesticida.
- Dessalinização.
- Limpeza da matéria por oxidação.
- Consolidações pontuais.
- Preenchimento de falhas e lacunas e Pintura a Frio.
- Consolidação de argamassas.
- Colocação dos azulejos removidos.
- Preenchimento dos espaçamentos de junta com argamassa tradicional.
- As amostras para análise foram retiradas das partes aonde se verificaram vestígios de sais.
- Foram feitas consolidações pontuais em todas as partes onde houve necessidade, nomeadamente nas laterais do "Coro".
- Incluiu pintura a frio nas falhas existentes.
- Foi feita consolidação de argamassa em todas as partes onde houve necessidade.

¹³ Trabalhos de Tratamento e Conservação dos Azulejos da Igreja de S. Roque em Lisboa, 1998.

Trabalhos de Levantamento e Protecção dos Azulejos da Igreja de S. Roque¹⁴

Durante a empreitada levada a cabo na Igreja de S. Roque para recuperação e restauro das suas fundações, foi necessário proceder à remoção dos azulejos que revestem as paredes interiores da entrada principal da Igreja, de modo a garantir a salvaguarda deste importante património artístico e cultural pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

A execução destes trabalhos, não contemplados na referida empreitada, foi justificada atendendo ao tipo de trepidações que estas zonas iriam sofrer, originadas por alguns equipamentos, nomeadamente, martelos eléctricos utilizados nas escavações e equipamento para a execução das microestacas.

Esta decisão foi tomada em conjunto com o Conservador do Museu Dr. Nuno Vassalo e Silva, e baseou-se em pareceres emitidos pelos técnicos de restauro do Museu do Azulejo e Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra.

Descrição dos trabalhos de levantamento e protecção dos azulejos

Levantamento:

- Levantamento de azulejos “Ponta de Diamante” e “Talavedra”.
- Limpeza, colagem e conservação.

Protecção:

- Esferovite
- Réguas de suporte
- Parafusos e buchas
- Fitas adesivas
- Mão de obra para aplicação das protecções
- Caixas para azulejos
- Cola
- Transporte de materiais
- Gesso de moldes
- Disco diamantado
- Produtos de conservação
- Trabalhos de abertura de apoio da última fiada de azulejos.

¹⁴ Trabalhos de Levantamento e Protecção dos Azulejos da Igreja de S. Roque em Lisboa, 1998.

Entrevista à Prof^a. Doutora Maria João Madeira Rodrigues

1ª questão – Em que período a Sra. Professora foi Conservadora do Museu de S. Roque?

Fui Conservadora do Museu de 1964 a 1989. Durante este período exerci também as funções de Conservadora do Património Artístico e Arquitectónico da Misericórdia de Lisboa e fui Assessora do Provedor da Misericórdia. Acumulei o cargo que exercia no Museu com o de docência na Escola Superior de Belas-Artes e na Faculdade de Arquitectura.

Publiquei a obra “A Capela de s. João Baptista e as suas colecções” aquando da minha saída do Museu de S. Roque.

2ª questão – No livro “Museu de São Roque” editado em 1968, pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, refere que: “Cada museu de arte é, pelas suas características, um caso especial: tem exigências próprias que lhe vêm da situação, do edifício onde está instalado, das colecções que conserva e do público que o visita”. Gostaria que comentasse.

Há factores como: o problema artístico e a hierarquia das colecções.

O Museu de S. Roque é um espaço privilegiado, com artes ornamentais, pintura, escultura, ourivesaria. Temos um espaço cultural que é todo um espaço museológico, transborda para área que o circunda. O espaço de S. Roque vai reflectir-se muito no Bairro Alto, foi ordenador da parte urbanística.

As exigências próprias dos museus de arte são multiplas, entre elas:

1. o edifício onde está instalado
2. as colecções que conserva
3. o público que o visita

3ª questão – Gostaria que comentasse: “O problema da apresentação das obras de arte mesmo quando estejam metodicamente classificadas depende também do seu valor estético” e “toda a obra a expor deve harmonizar-se com o ambiente”.

O valor estético e artístico pode ser, quer por integração, quer por contraste. Por exemplo, no Museu II, um espaço que criei dentro no núcleo do Museu junto à Sacristia destinado à apresentação de colecções de arte portuguesa, as paredes estavam em contraste com os paramentos que são ao mesmo tempo peças muito fortes, em termos visuais, e frágeis fisicamente. Cada objecto tem uma natureza específica e afectiva, por isso, é muito importante valorizar a arquitectura para servir de suporte e neste caso, a força da arquitectura suportava as peças. O tratamento das paredes e o tecto de abóbada de aresta viva estavam em harmonia contrastante com os objectos.

A organização de um museu é harmonizar-se, sentir os objectos. A atenção do visitante tem de ser estimulada, não deve ser banalizadora, pois o acto criador é por natureza sedutor. Um museu é um processo de sedução, em que o visitante tem de ser conduzido e seduzido.

O caso específico da Capela de S. João Baptista constitui só por si um museu. O seu valor estético e artístico é de tal maneira *violento*, que faz automaticamente parte do Museu.

4ª questão – Pode fazer uma avaliação da evolução do Museu até ao período em que foi conservadora?

Só podemos verdadeiramente falar de Museu a partir de 1905. Antes disso não existe museu próximo do que conhecemos hoje. Em 1898 acontece a primeira apresentação pública das peças do Tesouro da Capela de S. João Baptista na Sacristia da Igreja. O Museu irá instalar-se em 1905 na antiga Casa Professa da Companhia de Jesus. Em 1905, tinha como principal objectivo mostrar o “Tesouro”, com um arranjo comum ao gosto português, reflexo do momento cultural internacional.

Considero que a arquitectura tem muita força, a Capela de S. João Baptista é a última intervenção arquitectónica de vulto.

O programa defendido e desenvolvido por mim em 1964 de fazer o chamado Museu de Monumento, visto ser a Igreja de S. Roque, edificada pela Companhia de Jesus, tendo como eixo a Igreja de S. Roque. Como espaço múltiplo não omitiu a Misericórdia, mas não a punha no centro, porque os caminhos indicam mais para a Companhia de Jesus. A meu ver, Museu e Igreja devem ser chamados de Espaço Cultural de S. Roque.

5ª questão – Gostaria de saber acerca do projecto de remodelação realizado desde 1964, obra considerada na época, dentro das actuais correntes museológicas e museográficas. Qual a razão das opções que tomou?

Antes de tudo conservar, pôr as colecções em bom estado de conservação, depois, considerar o espaço disponível. Para esse efeito, dotou-se o Museu de um espaço chamado Museu II, que abrigasse parte da amostragem de origem portuguesa. A ideia foi tentar ganhar espaço com este núcleo.

No Museu I apresentava-se uma amostragem de pintura seiscentista, com exemplares como: Os Retratos de D. Catarina de Áustria e de D. João III.

Uma das acções desenvolvidas no Museu, com a finalidade de valorizar as peças foi a exposição em "roulemant". Através deste sistema de rotatividade das obras da colecção, era possível tomar conhecimento de grande parte do acervo, que era numeroso e de grande qualidade.

Antes de ser Conservadora, os paramentos estavam amontoados dentro das vitrines, assim, optou-se por fazer uma exposição qualitativa. Na exposição, a preocupação máxima foi a sobriedade, as peças precisavam de "respirar": Se o "roulemant" estiver organizado, é relativamente fácil de se concretizar e é bom para as obras de arte.

O Museu tinha de ser entendido, não como uma sala de visitas, mas como um centro de investigação, e houve um esforço, para que tudo o que lá está, tivesse sido alvo de estudo, senão tudo, pelo menos lançar as bases da investigação.

6ª questão – Quem foi a equipa que trabalhou neste projecto?

Na primeira fase o Arquitecto Fernando Peres Guimarães fez o projecto das vitrines e a transformação do espaço do museu. O Designer Cruz de Carvalho fez as estruturas de suporte das peças. Quem faz o Museu é quem conhece as peças, a história não é uma história factual, é um historial de criação artística. Não se pode tornar um museu banal, há-que fazer sobressair os objectos e valorizar a forma como são vistos pelo público.

No mesmo período o Arquitecto Barbosa Cohen fez o estudo da cobertura da Igreja (em madeira) e foi o Comissário administrativo das obras.

As salas remodeladas foram aquelas que estavam disponiveis para exposição, ou seja, aquelas que iriam acolher o Museu. Os trabalhos de recuperação consistiram no descascar completamente das paredes, na determinação e consolidação das estruturas, e fazer os respectivos acabamentos, tudo claro, sempre com grandes restrições orçamentais.

Por volta de 1965 foi feita uma exposição experimental cujo tema de estudo era o Museu de S. Roque. A exposição ocupou somente a sala grande, onde foi pendurado o baldaquino após a sua respectiva recuperação, pois encontrava-se em mau estado de conservação.

Quanto aos materiais utilizados prevalecia a maior sobriedade e relativamente à cor aplicada também. Foi utilizada uma cor neutra, que sugeria um espírito neo-clássico; as paredes do Museu eram de um cinzento quente. Esta cor foi afinada por Luís Dourdil, pintor que elaborou uma fórmula com pigmentos de vermelho e um toque ligeiro de pigmento preto (negro de prata). A estrutura das vitrines era em alumínio anodizado. O material escolhido para forrar as vitrines foi veludo mate (baço), num tom especialmente encomendado para fugir à ideia de ser um escrínio, mas que suportasse as peças. Para o chão o escolhido foi a alcatifa na cor cinza baça. Na iluminação optou-se por uma iluminação natural com janelas veladas (através de estores), e na sanca optou-se por combinar a iluminação natural com a artificial, que era segundo o termo técnico uma 'luz de pasmar', um tipo de luz para as peças ficarem sem relevo, ou com relevos decorativistas. No meu entender os museus devem ter materiais correntes, sem luxos. Por isso na apresentação das peças foi importante retirar a ideia de vê-las e entende-las como

jóias, como elementos de ostentação, pois não são jóias, são antes de mais obras de arte, por isso, quanto mais sóbrio é o ambiente, melhor.

O frontal de altar estava iluminado através de pequenos fócios no chão. E o baldaquino estava iluminado por cima com pequenos projectores. Uma das preocupações durante toda a concepção, planificação e orçamentação do novo projecto museográfico, foi a de que tudo fosse feito com alguma economia.

Entrevista ao Designer Cruz de Carvalho

1ª Questão – Em que altura foi a sua intervenção?

Foi já no fim da montagem praticamente, para criar suportes para algumas pequenas peças no interior das vitrines. A intervenção foi numa sala pequena e os suportes foram para peças pequenas como pratas (salvas).

2ª Questão – Lembra-se que materiais utilizou e porquê? Qual a razão das suas opções?

O material que utilizei foi o acrílico, porque se usava na altura ou porque era o mais adequado. É um material que se usa sempre, pois interfere muito pouco com os objectos, porque é transparente e porque não tem a rigidez do metal, portanto, em contacto com os outros materiais não há reacções químicas, e é um material neutro, tanto quanto se sabe inofensivo e ao mesmo tempo discreto.

3ª Questão – Lembra-se quanto tempo durou a intervenção?

A intervenção durou um período curto, cerca de quinze dias mais ou menos, praticamente a montagem estava feita, foram só uns complementos.

4ª Questão – Se fizesse esta intervenção agora tomaria as mesmas opções?

Aquilo que fiz na altura continuaria a fazer, porque o material seria o indicado, o acrílico é um material a que recorro muito, é muito versátil pela forma, trabalha-se com facilidade

e adapta-se a qualquer situação que se imagine e tem essa vantagem de ser neutro, por isso não afecta qualquer outro material, é realmente um material de confiança.

5ª Questão – Lembra-se de como era o pavimento do museu na altura?

As alcatifas na altura não existiam, o que existia era um pavimento vinílico, uma opção lamentável do Arquitecto Peres Guimarães, um mosaico vinílico é um material muito pobre e é muito confuso, eram ladrilhos que marcavam muito o espaço, não era tão neutro que não interferisse com a observação dos objectos, aqueles complicados que interferem na imagem global e que a pessoa apreende.

Entrevista ao Dr. Nuno Vassallo e Silva

1ª Questão – Em que período foi conservador do Museu de S. Roque?

Fui Conservador do Museu de S. Roque de Dezembro de 1992 a Janeiro de 1999.

2ª Questão – Pode fazer uma avaliação da evolução do Museu de S. Roque em termos museológicos e museográficos até à altura em que foi Conservador?

O Museu de S. Roque é um dos primeiros museus como sabemos, criados em Portugal numa fase de grande interesse pelas artes decorativas e ornamentais e pelo património, as fases que teve foram: a primeira – a exposição de 1898, o 4º centenário da Misericórdia de Lisboa, com a exposição que se realizou do Tesouro da Capela de S. João Baptista no espaço da Sacristia, curiosamente a Sacristia já era por si, desde que foi criada como uma pequena pinacoteca, (é algo que o Prof. Victor Serrão refere na introdução do texto das pinturas do ciclo de S. Francisco Xavier), que é uma exposição, que em termos dessa época é mais do que apresentar, é um amontoado de peças, pode-se dizer que não tenha um discurso expositivo, de tal maneira é densa a apresentação, privilegiando a apresentação de peças, quanto mais melhor, com o mínimo sistema de segurança, ele existe, ao contrário do que me pode parecer, temos umas gradezinhas, até vemos a entrada e a saída, num espaço ínfimo, e no fundo é valorizar uma colecção, apresentá-la dentro de um Tesouro de Igreja, e esse é mais do que um Tesouro de Igreja.

O sucesso desta exposição como sabemos, motiva a Mesa da Misericórdia e esta resolve fazer uma exposição permanente e afecta então, para este espaço, o espaço da antiga Casa Professã, o Salão Nobre onde havia a extracção da Lotaria, que coincide também com a criação do novo salão para a extracção da Lotaria, portanto, há uma fundamentação de espaços, estamos em 1905 e o projecto é do Arquitecto Adães Bermudes, não é só a uniformização da fachada, mas também algumas obras interiores são dele, e aqui já se assiste, já se tenta dar uma apresentação de um núcleo maior com as obras da colecção, privilegiando, sobretudo as peças de ourivesaria religiosa e de paramentaria, só gostaria

de referir, que foram construídos para esta exposição, e adaptados da exposição de 1898, uma série de armários vitrines, em que alguns são peças notabilíssimas para o estudo da museografia, dos modos de expor, que a Misericórdia ainda conserva. A mesa da sala de sessões é a base desta vitrine (na fotografia do livro da Prof. Maria João Madeira Rodrigues). No São Boaventura Centro de Dia, está a caixa de vidro em que se expunha o frontal de prata e o museu ainda tem guardadas estas vitrines para os paramentos, feitas em ébano com torcidos e tremidos, dentro do espírito da Igreja de S. Roque, e está lá tudo, eu gostaria de ter feito uma exposição sobre o Museu, se tivesse ficado mais tempo, já andava a pensar há muito tempo, uma das ideias era fazer uma exposição sobre os 100 anos do Museu.

Mas, mais uma vez, o espírito era o acumular de peças, com um discurso narrativo muito diluído, depois entra em decadência, e julgo que o museu só está aberto algumas vezes. A Mesa em 1927, efectua obras no espaço, aumenta a sua área de exposição e essa é que é a grande alteração/inação. É Ribeiro da Cunha o primeiro Conservador, essa renovação é já com uma linguagem mais moderna, em que se cria um espaço muito amplo, aliás, vê-se nas fotografias, "limpam-se" as salas, muito menos sobrecarregadas, vitrines mais leves, são feitos uma espécie de expositores para colocar sobre móveis antigos, mas sempre privilegiando o mesmo tipo de obras, também com a exposição pública da pintura "O Casamento de Santo Aleixo" e das tábuas de S. Roque (não sei se foi, julgo que só nos primitivos portugueses, a partir dos anos 40, é que foram apresentados), o Museu de S. Roque tem mais fotografia, que a quase totalidade dos museus portugueses, excepto o Museu Nacional de Arte Antiga e alguns outros nacionais é que terão mais.

No início dos anos 60 entra uma jovem Conservadora para o Museu de S. Roque, Maria João Madeira Rodrigues, que com o Arq. Fernando Peres Guimarães cria uma verdadeira revolução dentro da apresentação das colecções, uma preocupação de valorizar os objectos e diminuir a carga museográfica, adaptando e abrangendo a área de exposição; o antigo espaço do Tesouro da Igreja, que é hoje a galeria de exposições temporárias, em que foi criado um núcleo sobre a Companhia de Jesus e sobre a própria Misericórdia, ela não se chamava assim, embora algumas obras da colecção estivessem ali apresentadas. Isto foi um projecto revolucionário para a altura dentro da museografia, mais "de ponta", se assim se pode dizer, que será consagrada, aliás, aqui no Museu Gulbenkian, com as

vitruines num material novo que é o alumínio, muito leve, quase imaterial e uma apresentação quase conceptual podemos dizer, da colecção.

O Museu de S. Roque não é só o Museu e a galeria de exposições temporárias, é também a Igreja, por muito que isso seja discutível, a Igreja é parte integrante, é no fundo o grande salão do Museu de S. Roque, onde existe também a função de culto, mas uma coisa não invalida a outra, isso é algo que estamos sempre a esquecer. Chama-se Igreja e Museu de S. Roque, o que está certo, mas o espaço da Igreja não é só da responsabilidade do Conservador do Museu (claro que estou a falar da parte física), mas também toda a animação que o espaço comporta, mas isso no fundo, houve frequentes campanhas nos finais dos anos 50, de restauro, mas isso está nesse Livro dos Provedores, ou tem um historial grande das obras.

Quando cheguei a S. Roque, o projecto era, digamos, um prolongamento com adaptações do projecto da Prof. Maria João Madeira Rodrigues, era um projecto notável, mas que nos inícios dos anos 90, já não correspondia às preocupações, à procura do estudo e do público e que a história da arte necessitava.

A primeira remodelação que se fez, que é ainda hoje a que está, foi mais um “ensaio”, no fundo o que se passava, é que o projecto de 1968 privilegiava quase exclusivamente a Capela de S. João Baptista, e existem na Misericórdia peças muito importantes para serem apresentadas.

Por razões físicas, ou seja, por razões de conservação, o espaço da galeria teve de ser abandonado, e permaneceu o núcleo da Capela de S. João Baptista, mas o resto da colecção deixou de ser vista, tirando os painéis da vida de S. Roque e o “Casamento de Santo Aleixo”.

Então, quando cheguei, e como sou de formação em História da Arte, à medida que fui tomando conhecimento do acervo de S. Roque, de algumas obras que conhecia de livros e que nunca estavam expostas, outras, que fiquei a conhecer, e a primeira vez que vi aquelas duas pinturas magnificas de Diogo Teixeira e de Fernão Gomes, “*Cristo em Glória rodeado de Santos*” e “*Virgem em Glória rodeada de Santas*”, que são obras de primeiríssimo plano com vista histórica, importantíssimas, que nunca foram vistas, achei que devia tentar apresentá-las, fazer a apresentação dessas obras no espaço onde a dependência era só ocupada pela área da Capela de S. João Baptista, e tentar organizar o

discurso expositivo através dos núcleos que considere mais importantes e que creio que estavam algo descurados, são: a própria fundação da Misericórdia de Lisboa, a Ermida de S. Roque, a herança/legado Jesuítico, e a Capela de S. João Baptista.

Houve um grande número de pinturas e peças de ourivesaria que gostaríamos de expor, eu não queria fazer uma ruptura com o passado, o projecto foi feito pelo Arquitecto João Bento de Almeida, com a criação de grandes painéis amovíveis, que podem ser movidos de um espaço para outro, e que eu tentei reconstruir. Era um pouco o programa iconográfico e pictórico da Igreja, através destas pinturas, estas obras de Fernão Gomes e de Diogo Teixeira estão colocadas ao fundo da sala, não porque sejam grandes e fiquem bem, mas porque nós sabemos que estavam exactamente ao fundo da Igreja dos dois lados. Tentámos neste núcleo, chamado núcleo Jesuítico, de algum modo reflectir no pequeno espaço, um pouco o que era a Igreja, e alternar a pintura com volumetrias através da riquíssima colecção de ourivesaria, e daí aquele conjunto grande de vitrines que foram feitas, aliás, foram feitas mais do que necessárias para se poder utilizar também em exposições temporárias.

3ª Questão – No Museu, porque nunca fez o sistema de exposição de “roulement”? se as colecções são tão grandes e tão ricas?

Fiz através das exposições temporárias, e como a colecção era tão rica, e à medida que ia conhecendo ficava bastante mais impressionado com ela, propus à administração reabrir o espaço do antigo Tesouro (chamado Museu II) que era um depósito, com o apoio do Eng. Luís Casanovas no aspecto da conservação, e com o projecto do Arq. João Bento de Almeida, ficámos com uma área para exposições temporárias, que é uma forma de apresentar as outras colecções, colecções que nunca tinham sido vistas.

A primeira exposição, como era uma área em que estava muito à vontade, foi “No Caminho do Japão” de Arte Oriental, simultaneamente e pela primeira vez, foram publicados catálogos da exposição, que na realidade não eram apenas catálogos de exposição, eram verdadeiros catálogos das colecções, por exemplo, no “No Caminho do Japão” fez-se o catálogo integral das colecções de Arte Oriental, com o catálogo

“Frontais de Altar” fez-se o inventário dos frontais de altar, e fizemos o mesmo para os relicários.

Por exemplo, também projectámos algumas obras em associação com o Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa, e confrontámos a nossa colecção com outras colecções, e fizemos por exemplo a “Mater Misericordiae” sobre a iconografia, que ainda hoje é uma obra de referência, que serviu de base a duas exposições. Fizemos a exposição “A Herança de Raluchantim” de que me orgulho muito, talvez seja a exposição mais referida internacionalmente e também em Portugal, tem peças lindíssimas, nos catálogos em Inglaterra e na Alemanha encontra-se quase sempre referida, tenho muito orgulho na realização destas edições.

Tentei parcerias com a Comissão dos Descobrimentos, também no fundo como mecenas, fizemos a exposição do Prof. Pedro Dias, que foi organizada por mim e pela Teresa Morna, que foi “Reflexos – Símbolos e Imagens do Cristianismo na Porcelana Chinesa”, de que me orgulho bastante. Fizemos mais exposições, editámos mais livros, restaurámos e conservámos mais obras de arte, inclusive toda a Igreja, que qualquer museu nacional, como por exemplo no Museu de Arte Antiga, no Soares dos Reis, todos os museus nacionais, nenhum fez metade do que nós fizemos, com o orçamento muito pequenino, por isso é que eu me orgulho muito desses anos em que trabalhei em S. Roque.

Outra das grandes e importantes tarefas executadas foi a elaboração do inventário, que foi realizado novamente, sendo totalmente informatizado.

Nós não fizemos propriamente um sistema de “roulement”, adoptámos o sistema das exposições temporárias, e a Teresa Morna continuou essa tarefa. No fundo a galeria de exposições temporárias é a forma de apresentar, e porque o espaço é muito pequeno, a área de exposições do Museu é mínima, são 400 metros quadrados, nós nunca poderíamos ter “roulement” nesse aspecto, eu creio até, que esta opção é mais inteligente, mas posso estar enganado. Eu tenho muito orgulho dos anos em que estive em S. Roque, tudo foi feito com paixão, e com o apoio enorme de todos, de toda a equipe, e da Dra. Elvira Brandão, uma chefia extraordinária, sem a qual eu não teria feito nada.

4ª Questão – Concorda com a definição de "Museu de Monumento" dada pela Prof. Maria João Madeira Rodrigues ao Museu de S. Roque ?

Parcialmente sim, "Museu de Monumento", a partir do momento em que a Igreja de S. Roque foi classificada como monumento nacional, é realmente um monumento quase padrão da arquitectura portuguesa, só que a Igreja de S. Roque tem um acervo móvel, que é quase tão importante como a própria Igreja, isso é que é o grande problema, porque realmente é um caso único do ponto de vista patrimonial, e como o monumento conservou quase intacto, o que foi o seu património móvel, que fazia parte integrante do monumento, nesse aspecto, nessa perspectiva eu estou de acordo com a Prof. Maria João, não seguirei tanto no sentido em que esse património móvel por si só tem uma autonomia tal, que se individualiza do próprio monumento.

Por isso é que o Museu de S. Roque é para mim uma experiência única, porque é um museu que não é um artificialismo como a maior parte dos museus, em que os objectos são provenientes das mais diversas instituições, igrejas e colecções, e que estão artificialmente ali reunidos, e no Museu de S. Roque não estão artificialmente reunidos, podem estar artificialmente mostrados, mas estão sempre dentro do seu próprio contexto, eu acho que isso é um aspecto único nos museus em Portugal. Penso que essa definição valoriza em demasia, o próprio monumento e a própria arquitectura.

5ª Questão – Gostaria que comentasse esta afirmação da Prof. Maria João: "Num museu, a atenção do visitante tem de ser estimulada, não deve ser banalizadora, um museu é um processo de sedução, o visitante tem de ser seduzido e conduzido.". O que é para si um museu banal?

Cito totalmente o que ela diz, porque eu penso que, um museu banal é um museu que é um acumular de peças, que é aquilo que ela encontrou quando chegou a S. Roque, sem discurso, o visitante tem de ser seduzido, tem de ser canalizado, eu concordo, mas tem de se dizer ao visitante que ele está a ser conduzido, e o que acontece na maior parte dos museus, é que não fazem discurso expositivo algum.

Isto de certa forma tem a ver com S. Roque, porque a Prof. Maria João quando lá chegou devia ter tido um susto, quando a Prof. chegou a S. Roque era um armazém, e ela tentou fazer um discurso, tentou e fez, e notável. O que sucede, é que um museu banal é exactamente isso, é que o público, o visitante tem de saber o discurso que tem no Museu. O que a Prof. Maria João comenta concordo perfeitamente, o visitante tem de ser seduzido, as peças têm de ser seleccionadas, temos de orientar o visitante, mas ao mesmo tempo também temos de dar alguma liberdade, mas eu penso que foi o que ela fez, o que estou a dizer, foi o que ela fez na remodelação de 68.

6ª Questão – Concorda com a definição da Prof. Maria João Madeira Rodrigues de “espaço cultural de S. Roque”?

Realmente há uma unidade cultural e cultural é aquele espaço, há uma interpretação dos objectos e um todo que é evidente e que é um caso único, estava a dizer que S. Roque era um caso único, acho que se depreende, não gosto da definição, porque penso que hoje em dia se banalizou muito, é uma definição que nos anos 70/80 era fortíssima e que actualmente se banalizou, mas a ideia e o que ela quer dizer, estou perfeitamente de acordo, dessa unidade de que há bocadinho falámos, não estamos os dois tão distantes como isso.

7ª Questão – Gostaria que comentasse: “quem faz o museu é quem conhece as peças”.

Completamente, porque só pode, mas é o grande problema que se põe na museologia, porque actualmente as pessoas que são licenciadas e tiram pós-graduações em museografia e que nunca trabalharam num museu, não o podem nunca dirigir, só depois de adquirirem um conhecimento profundo sobre o seu acervo. Concerteza, porque o discurso num museu, é um discurso feito através de objectos, e quem não conhece os objectos nunca poderá propor um discurso.

8ª Questão – Concorda com a definição do Museu de S. Roque ser um Museu de Arte Sacra?

Em termos gerais e organizativos concordo com a definição de Museu de Arte Sacra, mas estou perfeitamente de acordo que é uma definição redutora, e para o Museu de S. Roque tem apenas um problema, que é a importância crescente dos legados e da parte histórica da Misericórdia, é um bocado complicado, porque nós podemos dizer que toda a acção da Misericórdia é uma acção ligada ao religioso, e há objectos que não têm nada de religioso, como por exemplo, o bastão do provedor, não é uma alfaia religiosa, mas cumpre uma missão de espiritualidade, é sim uma definição redutora, mas é talvez onde o Museu melhor se enquadre, mas mais uma vez, creio que estamos perante uma releitura muito profunda que a Prof. Maria João fez do Museu de S. Roque, e foi muito importante, embora na minha opinião, pense que não acompanhou o estudo das colecções, porque a Prof. não é uma “pessoa de objectos”, ao contrário, eu identifico-me como uma “pessoa de objectos”, tenho de ter objectos identificados, e acho interessante, ela ser muito mais ligada ao património como conceito mais abstracto e como edifício, mas respeito-a muito, percebo a preocupação da Prof. Maria João, sobretudo no enriquecimento cultural e de reflexão que ela fez do Museu, em termos práticos é muito útil e no fundo também ajuda o Museu a ter uma certa especificidade.

9ª Questão – Acha que o Museu que fez na altura corresponde integralmente ao seu próprio programa? O que faria hoje?

Quando entrei em S. Roque tive só dois meses para pensar num programa e o que é que eu queria fazer no Museu, tive muito pouco tempo para apresentar, para fazer um programa, e a preocupação que tive, foi a divulgação das colecções, o Museu tinha sido reaberto um ano ou dois anos antes, mas com uma adaptação pobre do programa da Prof. Maria João, isso foi uma das razões maiores que fizeram para cortar completamente com o programa anterior, porque o que lá estava, nem era o que a Prof. Maria João tinha feito, na época da Prof. estava tudo impecável, o chão todo brilhante e os objectos muito limpos. Portanto, creio, que iria sempre para a mesma opção, que é a divulgação das

colecções, através de uma maior oferta do acervo aos visitantes, isto através de uma remodelação das galerias principais, abertura da sala de exposições temporárias (Museu II), catálogos das colecções e exposições.

Apostar e renovar as visitas guiadas, adaptando os programas das visitas guiadas aos programas escolares e têm-se desenvolvido muito. Hoje não ia mudar muito esse programa, talvez insistisse mais na necessidade, que é gritante, de que o Museu tem de ser ampliado, a área de exposição permanente, isso sim, isso é fundamental, porque nesta altura depois do que se fez, depois das exposições que se fizeram, do que se realizou, urge haver uma exposição permanente maior e criar um museu mais apetecível, no meu tempo não tínhamos bem o calculo de quantas pessoas visitavam a Igreja, mas ultrapassavam as 120 mil por ano, a Igreja de S. Roque é um dos monumentos mais visitados em Lisboa, depois dos Jerónimos, tenho a certeza absoluta, fizemos umas estimativas uma vez, tenho a certeza de que ultrapassa as 120 mil pessoas por ano.

Havia trabalhos de conservação com mais de 10 anos, do tempo da Prof. Maria João que não se conseguiram realizar, por diversas razões. Quando entrei para o Museu, fez-se a desinfestação, o expurgo de toda a Igreja, porque estava cheia de caruncho, sobretudo o tecto, foi uma obra realizada em 1993, foi feito um expurgo, a Igreja foi isolada e cheia de gás, com um gás que actualmente é proibido pela CEE, mas na altura ainda se podia fazer, e esteve assim dois dias. O restauro das fundações da Igreja foi uma obra inacreditável, uma obra gigantesca, teve início em 1997 e terminou em 1998. A Igreja teve uma vala a toda a volta, um trabalho com os arqueólogos do IPPAR e da Universidade de Coimbra, encontraram-se os cemitérios dos pestilentos do século XV, não só na cripta onde estavam debaixo, também, na zona quem entra na Igreja para o Museu, aí em baixo era o cemitério dos pestilentos, encontraram as fundações primitivas da Igreja, da Ermida de S. Roque.

E finalmente, um processo que iniciei e que a Teresa Morna realizou, que foi o restauro do tecto da Igreja.

Na época da Prof. Maria João fez-se uma limpeza na cripta, mas o que nós fizemos foi abrir todas as criptas, por baixo de todas as capelas, encontrámos as fundações da primeira Igreja numa das criptas, com azulejos da época.

Em termos de conservação e restauro, os sete anos que estive em S. Roque orgulho-me muito, fez-se mais e não foi por eu lá estar, coincidiram uma série de factores, obtendo a grande disponibilidade da Provedoria.

10ª Questão – Não acha que o Museu de S. Roque deve ter alguma coisa relacionada com a história da Santa Casa? e com a actual obra social da Santa Casa? porque é a actual actividade da Santa Casa que nos sustenta e é um facto que não se pode ignorar.

Tem duas abordagens, por exemplo, no Museu Gulbenkian, nós não temos nenhuma relação com a Fundação Gulbenkian em termos de exercer as suas várias actividades e com a Misericórdia e S. Roque podia-se fazer exactamente o mesmo, é tão legítimo fazer como não fazer, se bem que, como pode ver, no projecto que eu realizei em 1993, já havia um núcleo sobre a Misericórdia, coisa que não havia antes, e a ideia é que no projecto de ampliação do museu a Misericórdia passe a ter uma importância muito maior, e como as Misericórdias para mim são as instituições mais ligadas à memória, vêm muito da memória e do cumprimento, do culto da memória dos benfeitores, são instituições únicas em termos de memória e portanto no projecto de renovação do Museu, terá um núcleo grande com a Misericórdia, não havendo espaço privilegiamos outros núcleos.

Tem de se optar, o museu é sempre uma opção, o museu é sempre uma história artificial, é sempre uma história de opções, pode ter como pode não ter, mas neste caso, no projecto de renovação e ampliação do museu, haverá um núcleo sobre a Misericórdia. Quando realizei a renovação do Museu, havia uma sala, sobre a Misericórdia de Lisboa, era a primeira, onde estava o “Casamento de Santo Aleixo”, o Compromisso da Misericórdia, o bastão do Provedor, a banqueta em prata, a Misericórdia estava pela primeira vez representada, actualmente deixou de estar, mas o projecto inicial não é o projecto que lá está.

11ª Questão – Gostaria que fizesse uma reflexão e ao mesmo tempo uma crítica das exposições e catálogos.

Penso que houve uma oportunidade única, porque S. Roque é a única Casa-Museu portuguesa que eu conheço, que fez a edição sistemática dos catálogos das suas colecções, e ao mesmo tempo realizou exposições, editou obras de exposições temporárias, que contextualizavam essas mesmas colecções, penso que é um exemplo como não houve outro em Portugal, não conheço, mas posso estar enganado, pensava que era um bom modelo, mas não tive sorte nenhuma, porque ninguém acompanhou, mas sobretudo, os anos que lá estive em S. Roque, com uma equipe muito pequena, com muito poucos meios, conseguimos fazer obras, e na maior parte dos museus em Portugal, com equipes grandes estão sempre a “choramingar” e depois não fazem nada. Era uma equipe coesa, em que estavam todos animados, e com uma equipe pequena, logo à partida é sempre mais fácil. Actualmente, os museus andam todos a chorar que não têm dinheiro, e nunca vi tanto dinheiro na minha vida profissional como agora, mas isto é outro problema.

12ª Questão – Quanto à tutela, que é uma questão muito importante, na época em que era Conservador como funcionava? davam-lhe total liberdade para poder tomar decisões relativas ao Museu?

Em relação à tutela, só posso dizer que sempre tive todo o apoio das Mesas. Claro que tinha de procurar patrocínios, apoios, mas quando não havia, de algum modo, conseguia-se encontrar algum apoio. Claro que os orçamentos dos catálogos eram discutidos até ao mais pequenino, mas sempre tive todo o apoio e liberdade dentro do Museu, porque o Museu de S. Roque é um instrumento do cumprimento de um estatuto da Misericórdia para a acção cultural, portanto o Museu de S. Roque é um instrumento de realização dos estatutos da própria Misericórdia, portanto, naturalmente o Museu de S. Roque, não é encarado pela Misericórdia como um luxo.

Outra questão, é que a minha presença na Misericórdia, de algum modo, foi condicionada ou estimulada com os preparativos dos 500 anos da Misericórdia de Lisboa, fui convidado para reorganizar o museu e para preparar as comemorações.

Entrevista à Dr.^a Teresa Freitas Morna Conservadora do Museu de S. Roque

1ª Questão – Quais são as limitações que reconhece no Museu de S. Roque? Em termos de espaços, de serviços e de acção? E também a nível dos recursos humanos?

No que respeita à questão dos espaços, o espaço museológico de S. Roque é exíguo, não só no que concerne ao número de peças que se encontram em exposição, o que se traduz em alguns problemas de leitura das obras, como por exemplo, os tocheiros da Capela de S. João Baptista requerem um pé direito mais elevado e o dossel desta Capela encontra-se desenquadrado por não ter sido possível apresentá-lo no seu núcleo de origem. Problemas deste género dificilmente se resolvem com pequenas intervenções, requerendo alterações mais profundas ao nível da estrutura do edifício.

Por outro lado, na perspectiva do acervo museológico do Museu de S. Roque no seu todo, existem também algumas limitações a este nível, pois o espaço é diminuto para a quantidade de peças de extrema importância que se encontram em reservas.

Outras limitações – Para além das restrições que delimitam a área de exposição permanente, passo a descrever as limitações prementes, essencialmente ao nível das infra-estruturas de apoio:

Ausência de:

- Instalações sanitárias exclusivamente criadas para servir o público visitante e devidamente preparadas para servir o público com deficiências motoras, como é exigência legal.
- Loja e cafetaria
- Auditório
- Sala para o Serviço educativo
- Espaço ajustado e dotado de funcionalidade ao nível dos gabinetes técnicos e administrativos e melhoria das condições de arquivo.
- Sala destinada a trabalhos de conservação e restauro

- Existem ainda alguns problemas ai nível da conservação na exposição permanente, particularmente no que respeita à Colecção de têxteis da Capela de S. João Baptista, particularmente no que respeita à luminotecnia, com soluções que hoje se encontram ultrapassadas.

Limitações ao nível dos Recursos Humanos:

No quadro do Museu, ausência de pessoal técnico com formação nas áreas da História da Arte, da Museologia e na área da Comunicação e Imagem, situação que, no entanto, tem sido colmatada com o recurso a técnicos superiores em regime de prestação de serviço, estagiários e voluntários.

2ª Questão – O que prevê como área de expansão do Museu? Quer em termos de áreas de serviços, quer em termos de áreas expositivas?

Os espaços e volumes foram definidos em função do estudo preliminarmente efectuado, tendo em conta os principais núcleos expositivos, a sua importância relativa e a área a ocupar em função da dimensão de cada conjunto.

Propõe-se que a entrada passe a ser feita pela porta central do edifício, ponto nevrálgico da estrutura arquitectónica, de onde se acede ao átrio de entrada, onde ficará localizada a recepção, loja e cafetaria, espaços constituídos por elementos amovíveis que, mediante a alteração do seu posicionamento, poderão reconfigurar o espaço de modo a receber eventos pontuais e efémeros como apresentações de livros/edições do Museu, pequenas exposições etc.

Adaptação do edifício às novas exigências do programa museológico.

A recuperação da zona do antigo claustro seiscentista da Companhia de Jesus, o que se traduz no acréscimo de mais quatro salas, passando dos actuais 490 m² para 1070 m².

A criação de melhores condições de exposição para os bens museológicos, de acordo com processos de iluminação adequados à boa observação e de conservação das obras de arte.

A criação, no piso térreo, de novas salas de exposição e acessos à Igreja de S. Roque (núcleo integrante e intermédio da visita) e ao primeiro andar.

A criação de uma cafetaria, com área a usufruir no antigo claustro, actualmente entaipado e cujo projecto pretende recuperar.

A criação de uma escada e elevador, facilitando deste modo, o acesso de visitantes e deficientes motores aos três grandes espaços (rés-do-chão, Igreja e primeiro andar). Esta solução irá permitir a constituição de percursos mais adequados de circulação.

A construção de novas instalações sanitárias preparadas para deficientes motores (individualizando-se as que servem o público das que servem o pessoal do Museu).

A criação de uma área autónoma para as instalações sanitárias do pessoal, bem como para arrumos e instalação da casa das máquinas do elevador.

Relativamente à questão da segurança, as obras do Museu prevêem a implementação de um projecto de "Segurança Integrada" que responda às normas de segurança que a lei hoje determina (saídas de emergência, plano de evacuação, plano de sinalética, implementação de novos sistemas de controlo e vigilância, de acordo com o mencionado conceito de segurança integrada).

A criação de uma nova sala para o Serviço Educativo

A instalação dos gabinetes técnicos num novo espaço com maior área, espaço que será dotado de melhores condições de trabalho, quer ao nível técnico, quer ao nível administrativo e que será dotado de melhores condições de arquivo.

A optimização da área das reservas, incluindo uma pequena ante-câmara para eventuais trabalhos de conservação e restauro, ou para o depósito de peças que, por razões várias, necessitem de estar isoladas do espaço de reservas.

3ª Questão – Que novas peças ou mesmo secções contemplaria nessa ampliação?

No núcleo da Capela de S. João Baptista procurar-se-á reinterpretar, com recurso a materiais contemporâneos, o espaço arquitectónico da Capela, no qual serão integradas parte das peças que constituem o seu acervo. Propõe-se uma apresentação rotativa dos paramentos, com o objectivo de proporcionar ao público uma maior proximidade com as práticas litúrgicas da época, solução que simultaneamente irá contribuir para a protecção das peças, de uma excessiva exposição à luz. No que respeita à conservação preventiva, apenas como exemplo importa referir, que para o núcleo da Capela de S. João Baptista está prevista a instalação de um sistema de iluminação com instalação de sensores, o que permitirá que não haja exposição à luz na ausência de visitantes. Por outro lado, procurar-se-á o recurso a técnicas de luminotecnia com acuidade visual, mas que seja o menos nociva possível para as peças em exposição.

O novo programa museológico contempla os seguintes núcleos:

- Ermida Manuelina de S. Roque
- Companhia de Jesus (dividida em três subnúcleos temáticos)
- Arte Oriental
- Capela de S. João Baptista
- Arte Luso-Oriental
- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Acréscimo à exposição actual:

- Parte da colecção de Pintura, contemplando obras de consagrados pintores de origem portuguesa que, em Portugal, desenvolveram extensa actividade, seja para a Companhia de Jesus, seja para a própria Misericórdia de Lisboa, nomeadamente: Garcia Fernandes, Bento Coelho da Silveira, André Gonçalves e outros (ver inventário de pintura).
- Importantes espécimes da Imaginária Escultórica, incluindo peças de oficinas portuguesas que não se encontram expostas ao público, com notáveis testemunhos da época maneirista e barroca.
- A colecção de Arte oriental, de excepcional qualidade, na qual se encontram amplamente representadas raras peças de origem japonesa, indiana e chinesa, executadas, em materiais nobres, para a Companhia de Jesus, de que são exemplo os cofres quinhentistas namban e em tartaruga e prata, sendo este último de origem indiana, também a colecção de marfins indo-portugueses, com exemplares de extrema raridade e o paramento chinês, de época seiscentista. Em suma, um conjunto único para o estudo da arte indo-portuguesa que é hoje testemunho único da acção da Companhia de Jesus no amplo processo de evangelização.
- No âmbito da colecção de Têxteis, a colecção de Frontais de Altar seiscentistas, os quais contextualizam a designada “Arquitectura Efémera” da Igreja de S. Roque, no período barroco.
- Peças de Ourivesaria portuguesa que testemunham o percurso da ourivesaria em Portugal entre o século XVI e XX, encontrando-se representadas peças de nobres materiais que documentam a presença da Companhia de Jesus em S. Roque. Obras encomendadas para culto na Igreja de S. Roque a partir de 1768 – após a saída dos Jesuítas - época em que a Igreja se torna “Capela” privada da SCML um excepcional acervo proveniente de benemerências.

Entrevista ao Eng. Luís Elias Casanovas

1ª Questão – Quais são os problemas de conservação que o museu de S. Roque oferece?

Em abstracto quase se pode responder que o museu não coloca problemas de conservação. No entanto na área das condições ambiente o Museu enfrenta, por vezes, algumas dificuldades nomeadamente no controle dos valores mínimos da humidade relativa.

2ª Questão – São insolúveis? Ou há soluções? Quais?

Os problemas que o Museu enfrenta não são de forma alguma insolúveis e têm sido pelo menos controlados recorrendo a humidificadores móveis.

3ª Questão – Que tipo de objectos podem ali ser expostos sem agravamento do seu estado de conservação?

Penso que salvo peças oriundas de meios ambientes rigidamente controlados, como é o caso da documentação proveniente por exemplo, da Torre do Tombo ou do Arquivo Nacional de Fotografia, não creio que as peças vindas de museus nacionais corram riscos. Assim resumidamente parece que está tudo dito e não está.

Antes de mais o Museu de S. Roque, como qualquer outro museu semelhante, tem de ter uma vigilância atenta sobretudo dos valores mínimos da humidade relativa por forma a que as oscilações sejam lentas e não se atinjam valores inferiores a 35/40 % por períodos de tempo muito superiores a 24 horas.

Por outro lado não creio possível que o Museu, com a sua estrutura actual, possa encarar a possibilidade de obter no verão temperaturas ambiente inferiores a 25° C de forma segura e sustentada.

Quanto às peças oriundas de outros museus a resposta que dou é a do bom senso, mas há que ter em atenção que, sobretudo em alguns países ainda sobrevive o mito dos valores universais e, portanto haverá que documentar com muito rigor quais são as condições médias do museu para tranquilizar os mais exigentes.

4ª Questão – Quanto ao Museu II (espaço de exposições temporárias contíguo à Sacristia), é um espaço “problemático” em termos de conservação?

Não sei o que se possa entender por um espaço “problemático”, todos os espaços têm as suas limitações que importa conhecer como, aliás, eu menciono no meu comentário.

Por exemplo: se a humidade relativa média de uma sala é de 75 % não podemos, ou não devemos utiliza-la para expor peças que provenham de museus como o Museu Vieira da Silva, por exemplo, onde esse valor é de 60 %. Mas se se tratar de expor peças provenientes por exemplo de arquivos do Norte não haveria provavelmente qualquer problema.

Ou seja: um espaço que se pretenda utilizar sem recorrer a qualquer sistema de controle mecânico das condições – ambiente tem forçosamente limitações a maior parte das quais se pode utilizar recorrendo a vitrines.

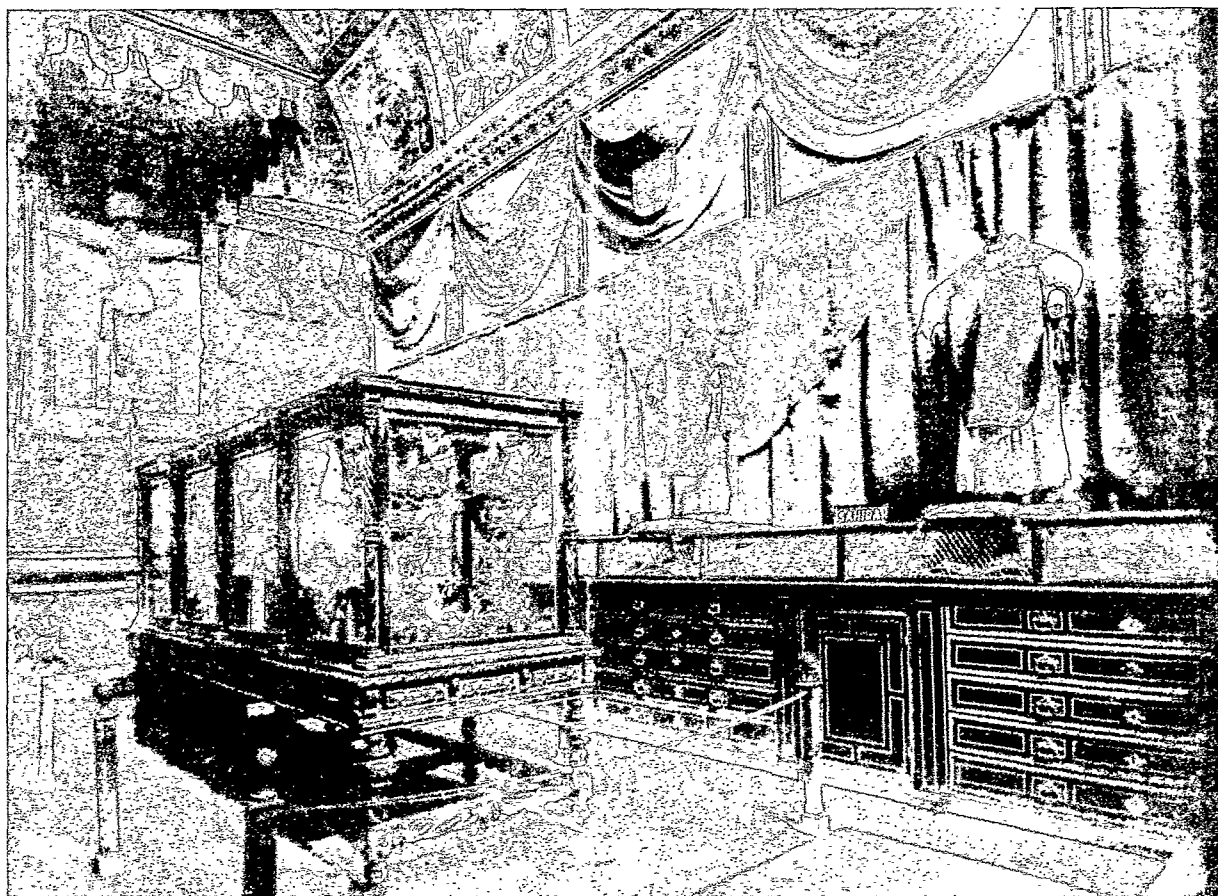


Foto nº 1- Primeira apresentação pública do Tesouro da Capela de S. João Baptista na Sacristia da Igreja de S. Roque, 1898.

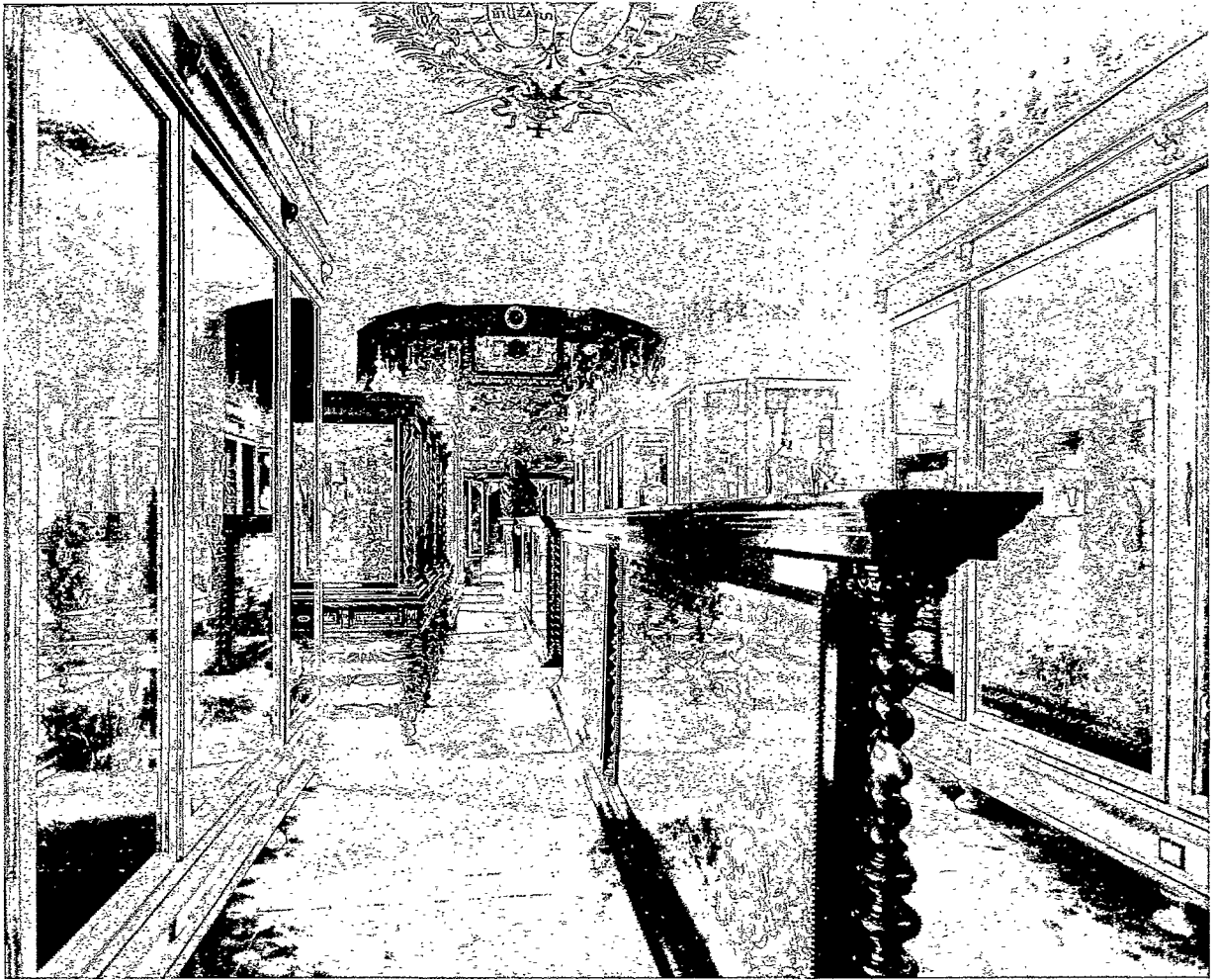


Foto nº 2- Perspectiva interior da Sala do Museu após a sua fundação, em 1905.



Foto nº 3 - Perspectiva do *Museu de Arte Sacra de S. Roque* por ocasião da remodelação de Jorge Cid, apresentada ao público em 1931.

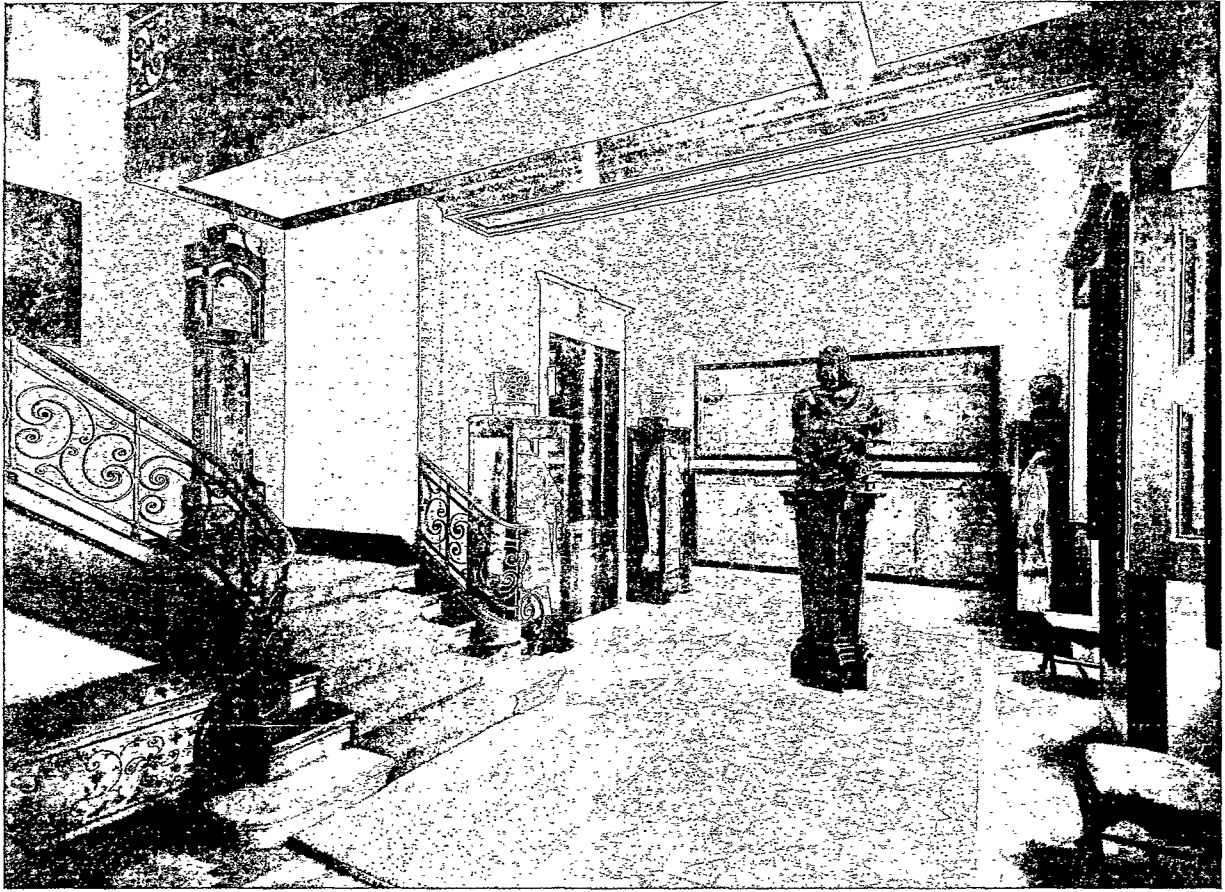


Foto nº 4 - Átrio de entrada do *Museu de Arte Sacra de S. Roque* após a remodelação de Jorge Cid, 1931.



Foto nº 5 - Vista das escadas de entrada do *Museu de Arte Sacra de S. Roque* após a remodelação de Jorge Cid.



Foto nº 6 - Átrio da entrada do Museu após a remodelação de Pedro da Cunha Santos, entre 1937 e 1940.



Foto nº 7 - Perspectiva de uma sala do Museu após a remodelação de Pedro da Cunha Santos entre 1937 e 1940.



Foto nº 8 - Corredor que faz a ligação entre as duas salas principais do Museu após o arranjo de Pedro da Cunha Santos.

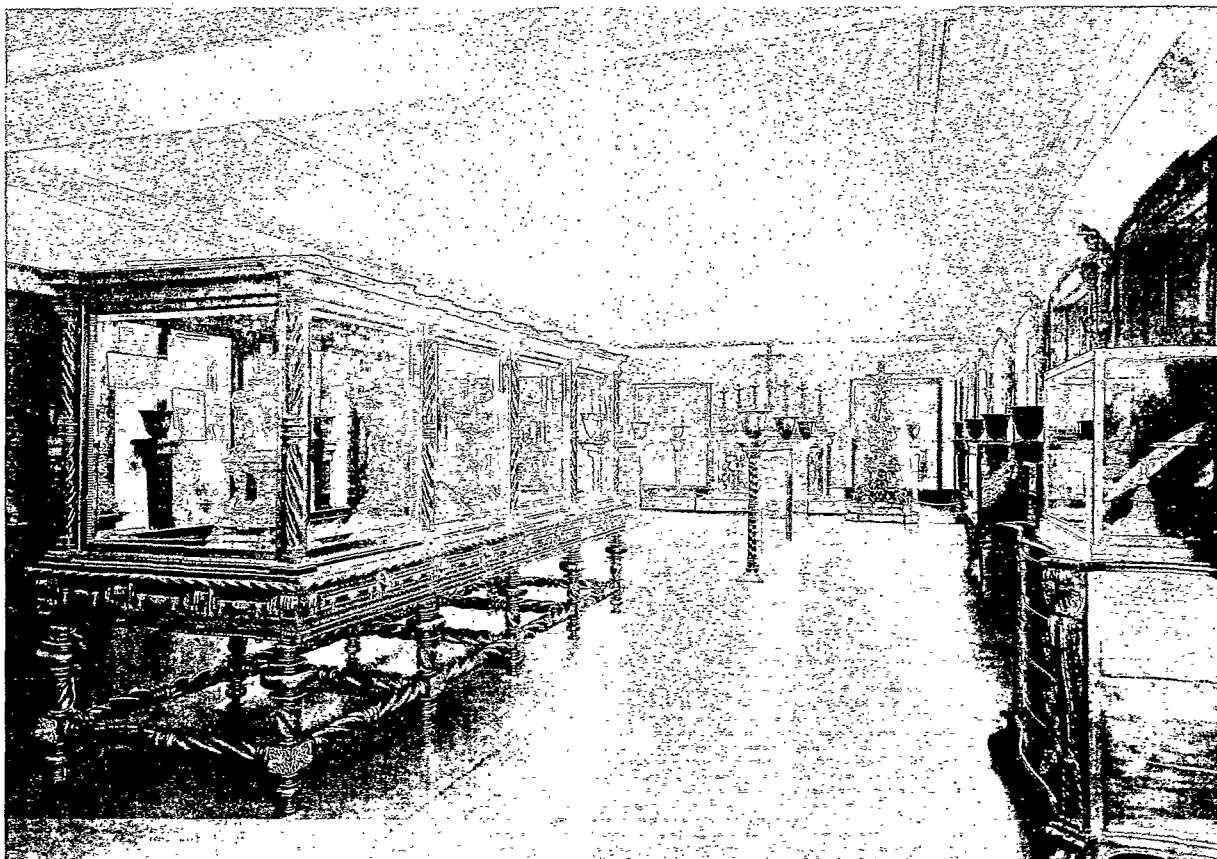


Foto nº 9 - Vista da segunda sala do Museu, entre 1937 e 1940, onde se apresentava parte da colecção de Ourivesaria da Capela de S. João Baptista.

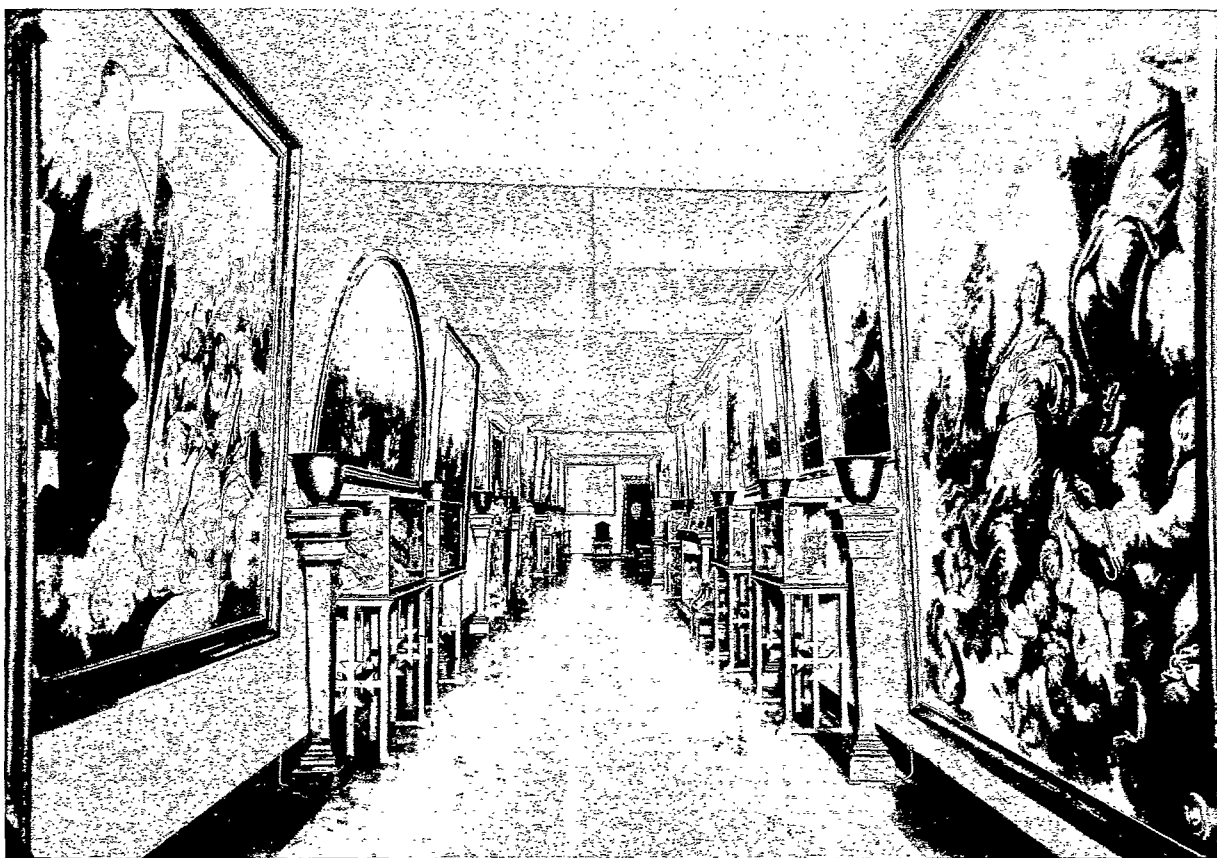


Foto nº 10 - Galeria de pintura do Museu, resultante de adaptação feita por Pedro da Cunha Santos entre 1937 e 1940.

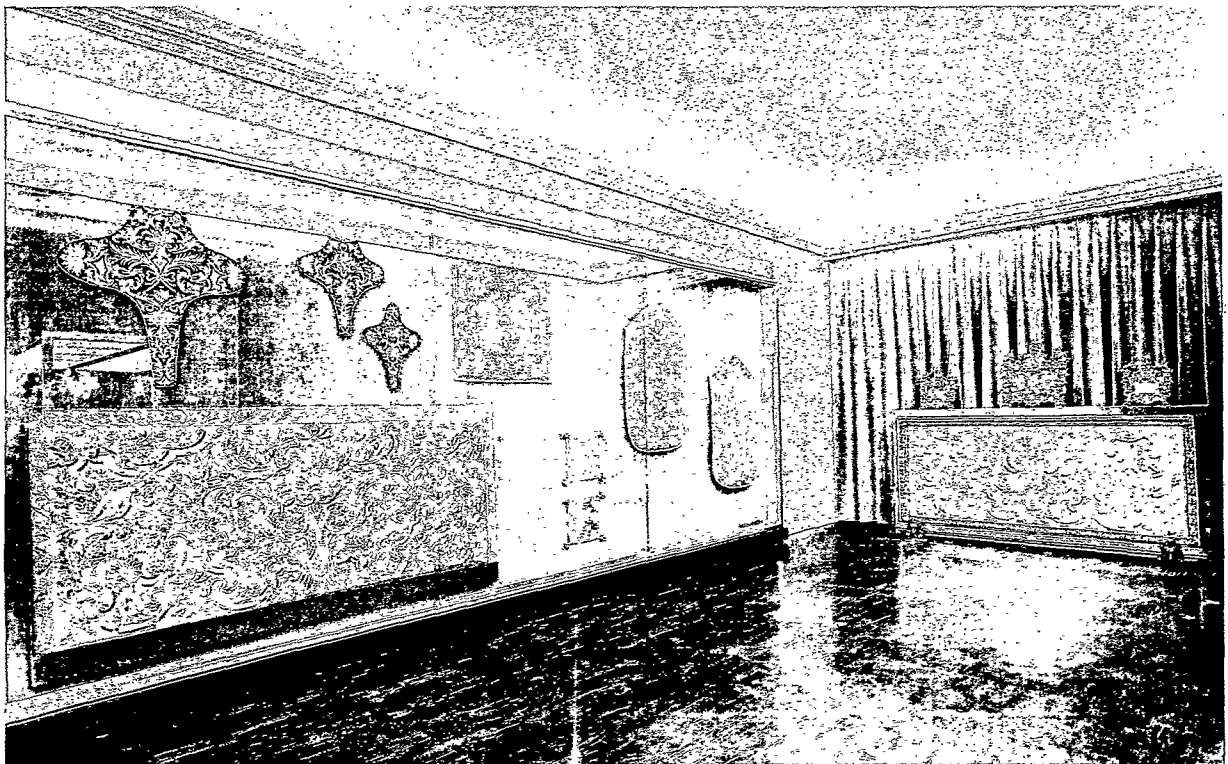
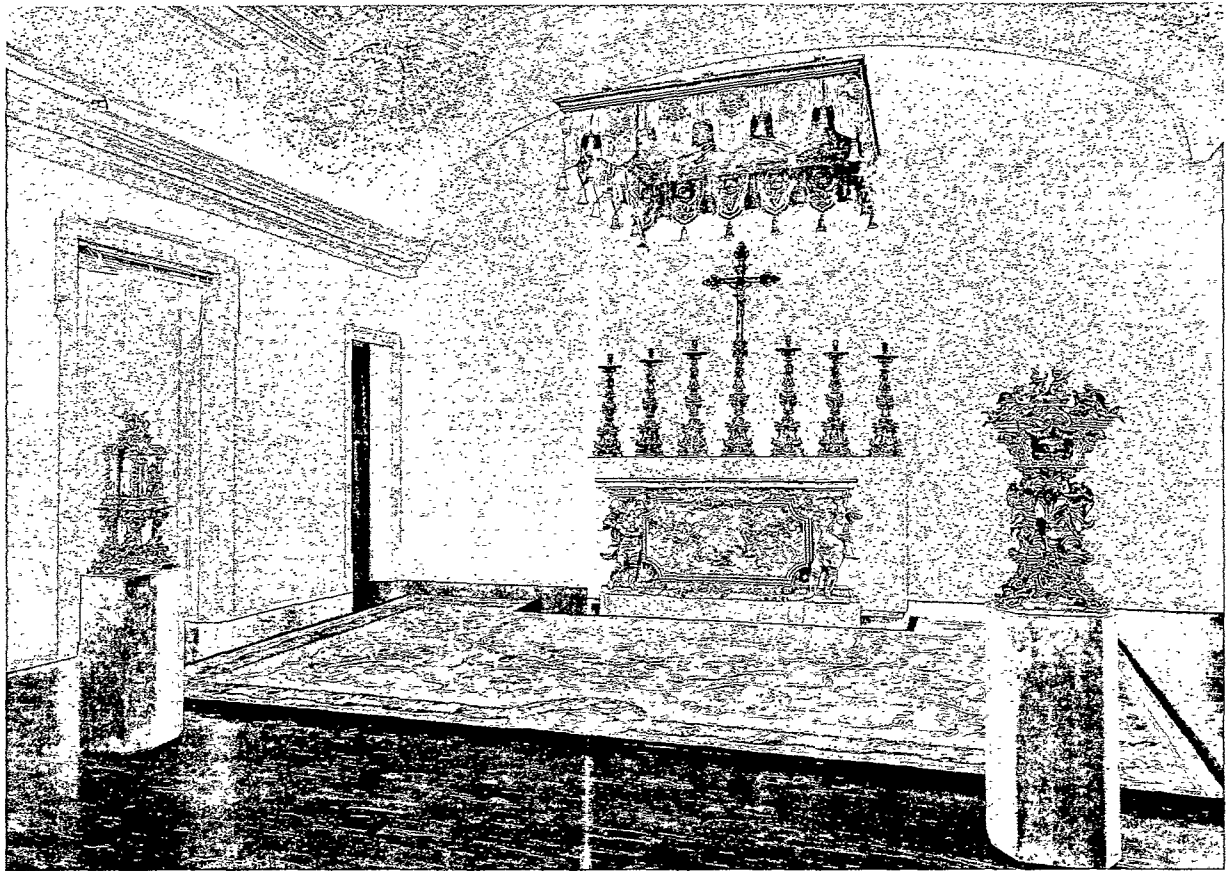


Foto nº 11 e 12 - Perspectivas de salas do Museu de S. Roque por ocasião da remodelação de Maria João Madeira Rodrigues, em 1968.

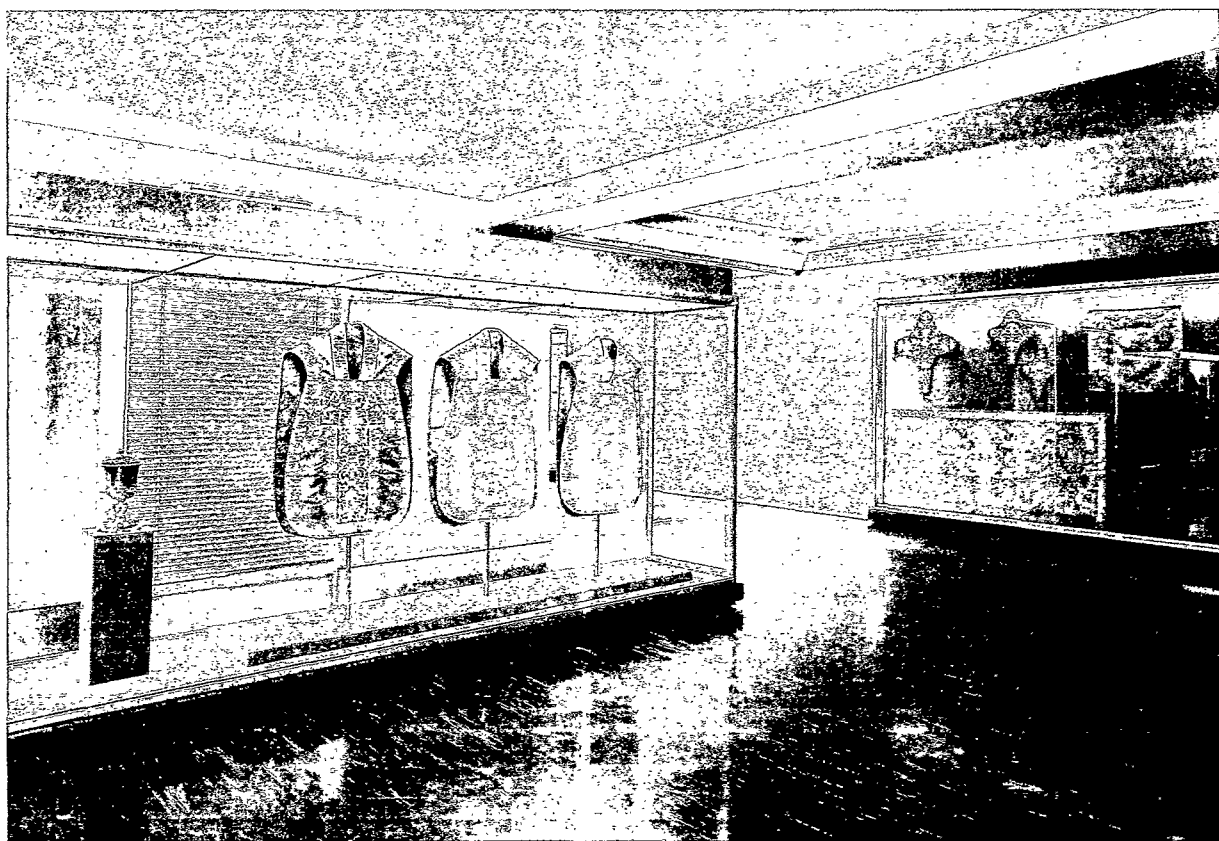
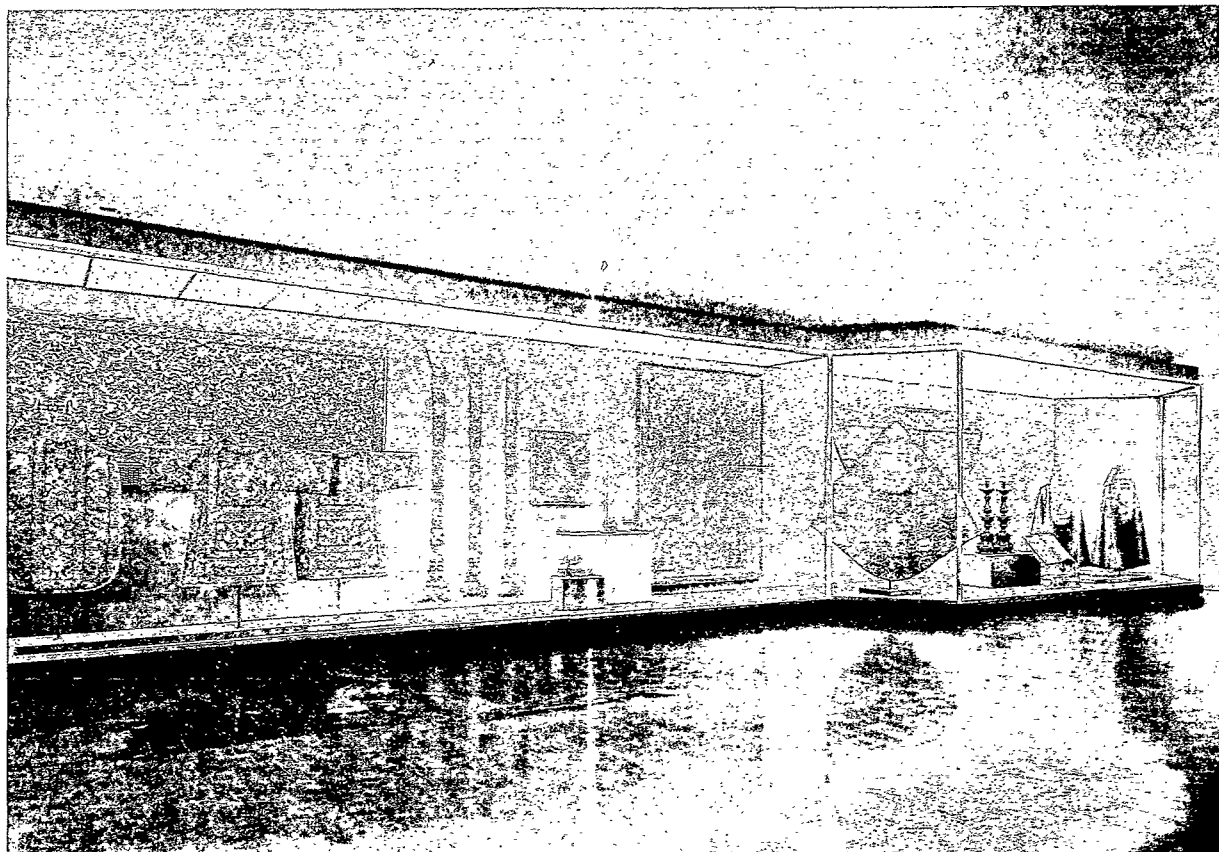


Foto nº 13 e 14 - Perspectivas de salas do Museu de S. Roque por ocasião da remodelação de Maria João Madeira Rodrigues, em 1968.

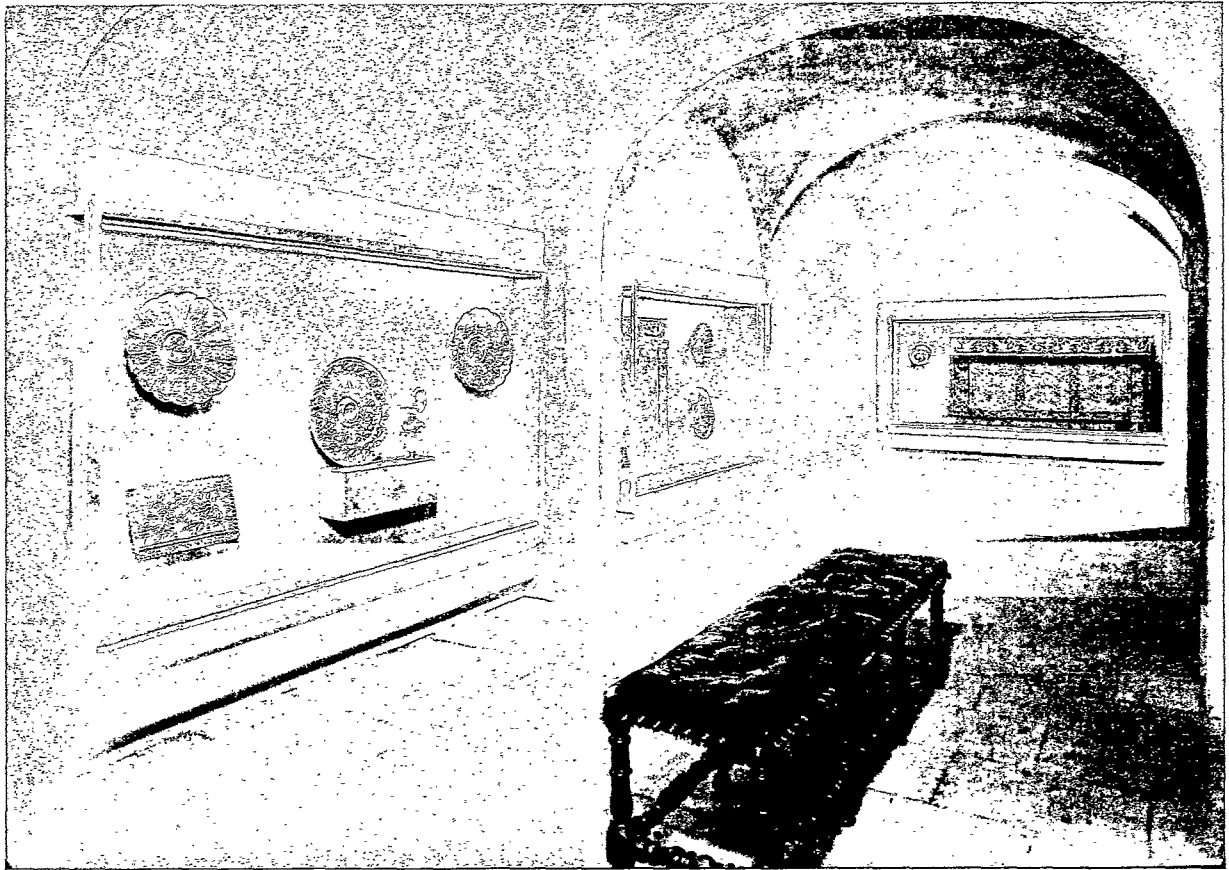


Foto nº 15 e 16 - Aspectos do núcleo II do Museu de S. Roque (Museu II) por ocasião da remodelação de Maria João Madeira Rodrigues, em 1968.

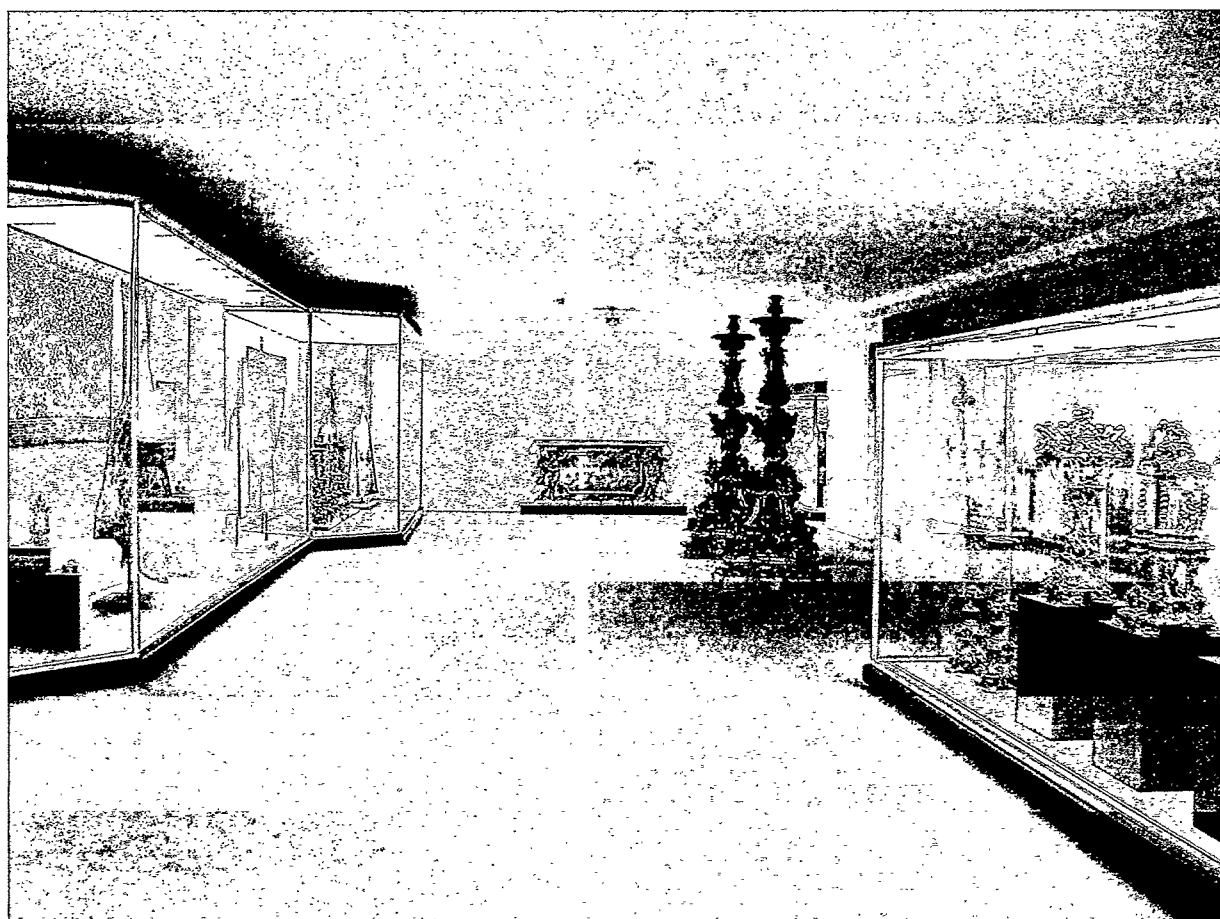
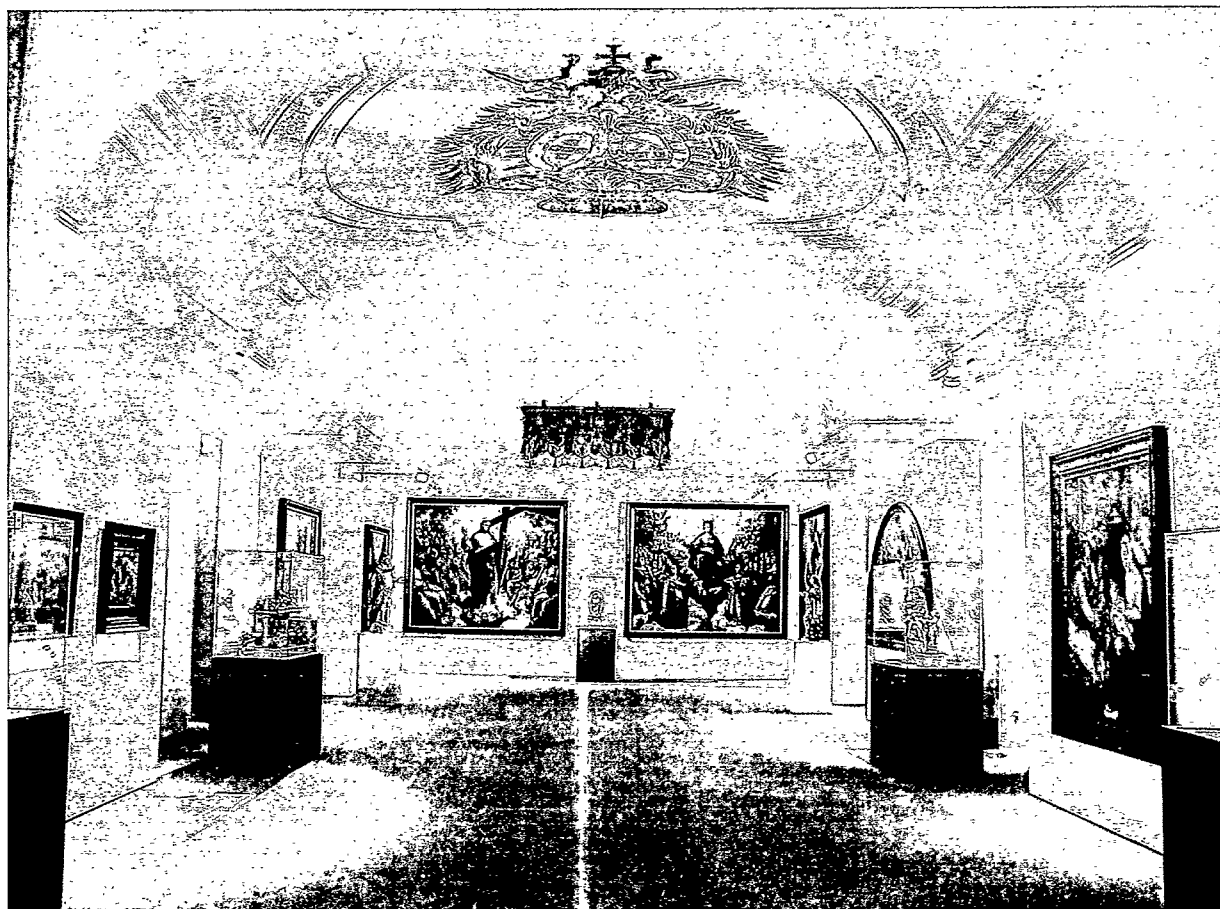


Foto nº 17 e 18 - Perspectivas do Museu de S. Roque, após a remodelação de Nuno Vassallo e Silva, em 1993. (em cima - Núcleo da Companhia de Jesus; em baixo - Núcleo da Capela de S. João Baptista).

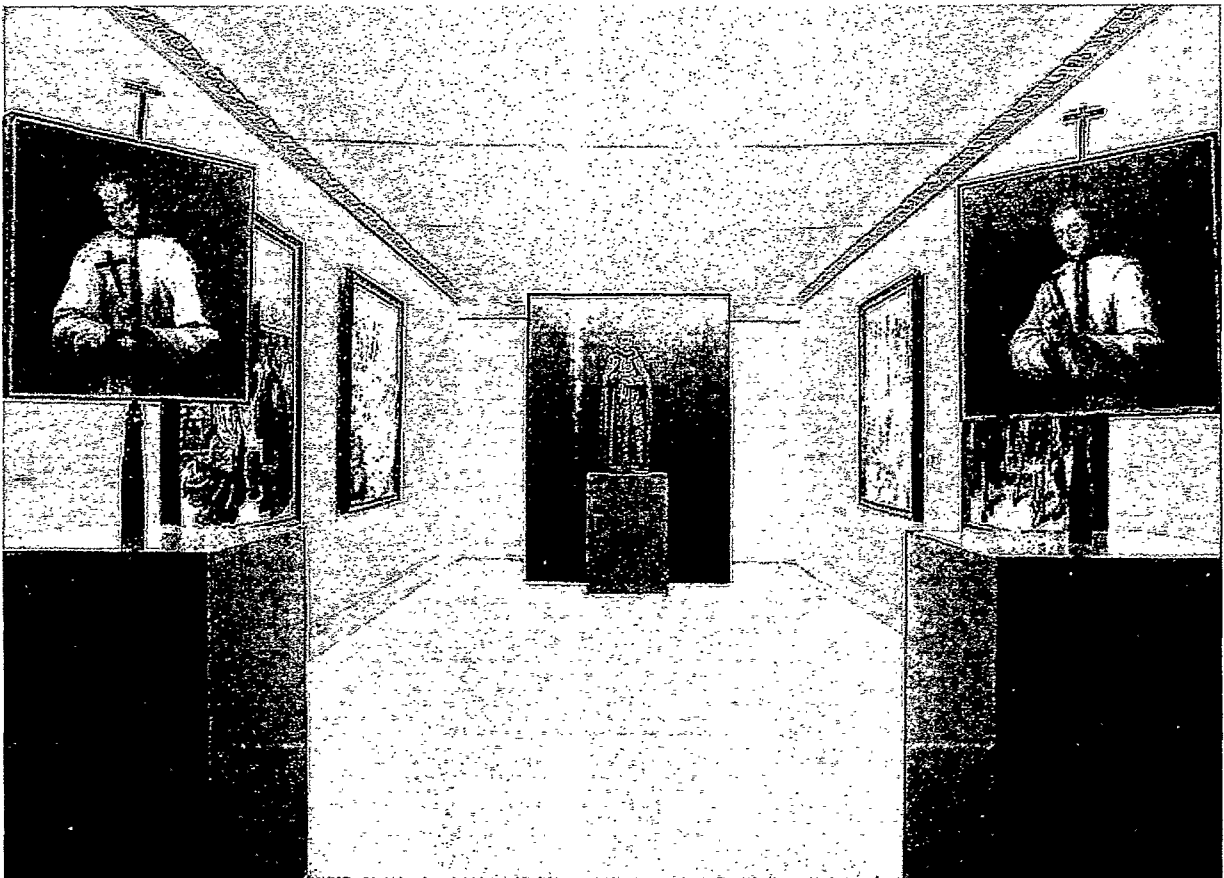
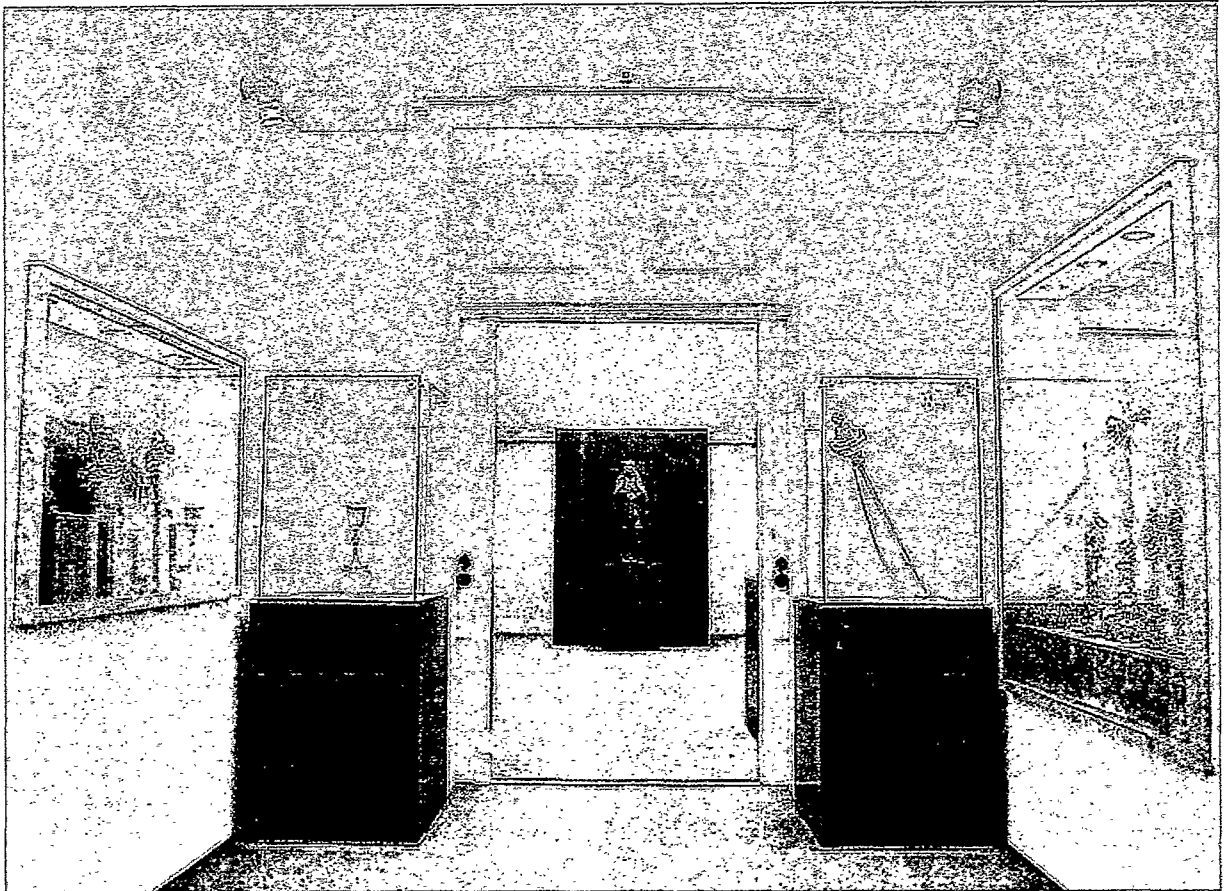


Foto nº 19 e 20 - Aspectos do Museu de S. Roque, após a remodelação de Nuno Vassallo e Silva, em 1993. (em cima - Núcleo da Misericórdia de Lisboa; em baixo - Núcleo da Ermida Manuelina de S. Roque).

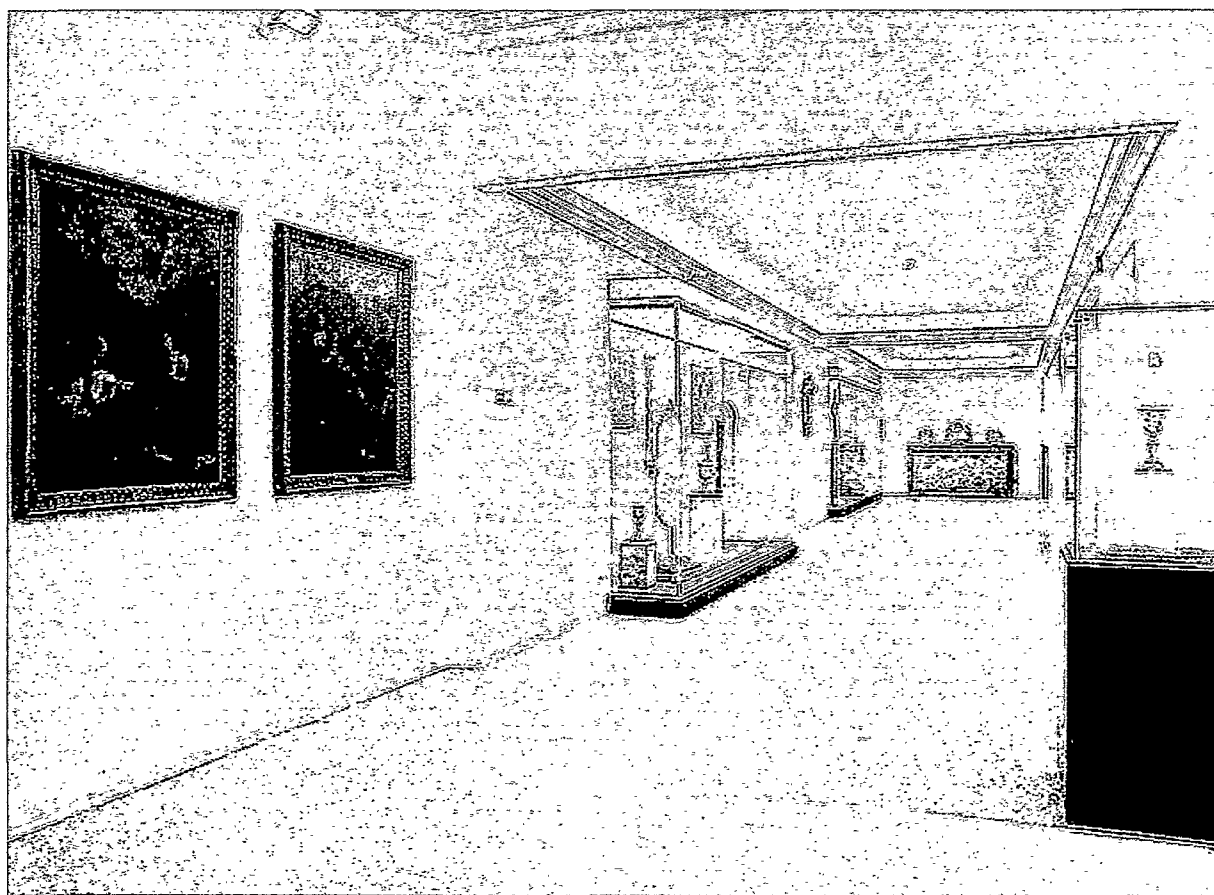


Foto nº 21 - Aspecto do Museu de S. Roque, após a remodelação de Nuno Vassallo e Silva, em 1993. (Núcleo da Capela de S. João Baptista).